



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
DOUTORADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA

**VOZES SOCIAIS E DIMENSÃO ÉTICA DA LINGÜÍSTICA
APLICADA: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA ÁREA NOS CBLAs**

RENATA ARCHANJO

NATAL / RN
2008

RENATA ARCHANJO

**VOZES SOCIAIS E DIMENSÃO ÉTICA DA LINGÜÍSTICA
APLICADA: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA ÁREA NOS CBLAs**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em Lingüística Aplicada.

Profa. Dra. Maria Bernadete F. de Oliveira -
Orientadora

NATAL / RN
2008

Catalogação da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).
NNBSECCHLA

Archanjo, Renata.

Vozes sociais e dimensão ética da lingüística aplicada : a construção discursiva da área nos CBLAs. – Natal, RN, 2008.

213 f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Bernadete Fernandes de Oliveira.

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Área de Concentração: Lingüística Aplicada.

1. Lingüística Aplicada – Tese. 2. Dimensão ética – Tese. 3. Vozes sociais - Tese. I. Oliveira, Maria Bernadete Fernandes de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 81'33

**VOZES SOCIAIS E DIMENSÃO ÉTICA DA LINGÜÍSTICA
APLICADA: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA ÁREA NOS CBLAs**

Por

RENATA ARCHANJO

Tese apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem: área de concentração Lingüística Aplicada, para obtenção do grau de Doutor em Lingüística Aplicada, pela Banca Examinadora, formada por:

Presidente: Prof^a. Maria Bernadete F. de Oliveira. Dra., Orientadora, UFRN

Examinador Externo: Prof. Kanavillil Rajagopalan, Dr., UNICAMP

Examinadora Externa: Prof^a. Rita Maria Diniz Zozzoli, Dra., UFAL

Examinadora Interna: Prof^a. Maria da Penha Casado Alves. Dra., UFRN

Examinadora Interna: Prof^a. Araceli Benevides Sobreira. Dra., UERN

*Dedico este trabalho a meus pais, Julio David
Archanjo e Elza Valadão Leite Archanjo,
doutores, com louvor, na academia e na vida.*

AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese não é uma tarefa fácil! E, embora sejam necessários muita paixão, tempo e disciplina para se dedicar e levar adiante o trabalho, não é a tese, apenas, que recompensa o meu investimento afetivo e ocupacional. As alegrias vêm, além disso, da oportunidade de aprendizado, do crescimento intelectual, da convivência com os colegas, professores e amigos e, ao final, da conquista de mais uma etapa da trajetória profissional. Por essas alegrias e realizações eu devo meus agradecimentos:

À Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ao Departamento de Letras e a meus colegas e amigos da área de Língua Francesa pela liberação das atividades acadêmicas.

Aos colegas de orientação, Luís Freire, Socorro, Janaina, Rosinha, Marília, Zílmair, João Palhano, Aílton e Andréa que comigo dividiram alegrias, frustrações, aprendizados e conquistas nesses últimos quatro anos. Com todos eu aprendi alguma coisa, com todos eu vivi momentos importantes e a todos eu dedico um enorme carinho com a promessa de minha fiel amizade.

Aos colegas do grupo de estudos de Bakhtin: Bernadete, Penha, Jefferson, Araceli, Marília, Rosinha, Zílmair, João Palhano, Aílton, Andréa, Maria do Carmo e Luís, que nas tardes de sexta feira, reúnem-se para estudar, dialogar e compartilhar idéias e pontos de vista, os quais encontram-se disseminados nesta tese como comprovação de todo o aprendizado que esses encontros me têm proporcionado. Para cada um, em especial, eu dedico um pensamento de gratidão e de afeto.

Um agradecimento mais do que especial vai para Sílvia Coutinho Abbott Galvão que, com muita competência e disposição, revisou esta tese e tornou minhas idéias mais claras.

Agradeço ainda a Herta Nunes que, generosamente, abriu espaço na sua agenda ocupadíssima para verter para o inglês o resumo desta tese.

Ao longo desses anos, estudar, pesquisar e escrever teriam sido tarefas penosas se não entrassem em cena os amigos que compartilham da outra face da minha vida. Na minha vida de esportes, de aventura, de desafios e de muita adrenalina é grande a lista de pessoas a agradecer. Sempre teve alguém, em algum momento, que me distraiu e me alegrou, que riu comigo e festejou comigo, que se lamentou ao meu lado e também que me incentivou a continuar e perseverar. Com esses amigos, malhando, correndo, nadando, pedalandando, remando ou escalando eu me diverti, relaxei, renovei as energias e voltei sempre mais disposta para o trabalho. Neste momento, amigos, sintam-se todos nomeados e abraçados. Obrigada por serem amigos!

Chega a hora de falar das pessoas em relação as quais me faltam palavras para agradecer.

À Bernadete, minha querida orientadora, que sempre foi muito mais do que isso para mim. Foi amiga, conselheira, colega de trabalho, de viagem, de quarto, de bar, professora, avaliadora e acima de tudo foi companheira. Agradeço a você, Bernadete, a oportunidade de trabalho que tive e espero que tenha respondido à altura de suas expectativas. Saiba que os acertos deste trabalho são nossos mas que os erros são somente meus.

Agradeço, do fundo do meu coração, àqueles que contribuíram para me fazer o que sou: meu pai e minha mãe. Com vocês aprendi a ser gente, a ser alguém, a ter vontade de encarar os desafios que a vida nos apresenta e a vencê-los. Para vocês, todo o meu amor.

Um carinho especial eu dedico a minha irmã Juliana, que, certo ou errado, segue uma trajetória parecida com a minha. Espero sempre, maninha, que seu sucesso seja maior e melhor do que o meu.

Por fim, agradeço a minha pequena grande família: Neio e Maria Clara. São vocês que me aturam, que agüentam minhas explosões de alegria e de tristeza, que me fortalecem com seu amor. Aos dois, peço desculpas por meus exageros e agradeço por estarem sempre comigo.

RESUMO

Esta pesquisa trata da Lingüística Aplicada e de sua constituição como campo científico, em acordo com o conhecimento produzido no âmbito dos Congressos Brasileiros de Lingüística Aplicada (CBLA). Seu objetivo é compreender os significados revelados pelas vozes que constituem o discurso científico sobre esse campo, descrevendo seu percurso evolutivo, analisando a postura ética que o caracteriza e o modo como esta se faz representar em sua prática científica. O discurso científico que caracteriza a produção do conhecimento da Lingüística Aplicada é entendido como um discurso orientador de práticas que definem a produção desse campo de saber, o qual assenta no homem, e nas suas relações com a linguagem, seu objeto de estudo. Teoricamente, ancora-se nos trabalhos das Ciências Sociais sobre as crises paradigmáticas da ciência e as mudanças sociais decorrentes da modernidade e da pós-modernidade, nas pesquisas em Lingüística Aplicada sobre a identidade do campo de estudos, seus direcionamentos e sua ética e na teoria bakhtiniana, que defende uma concepção de linguagem como prática social constituída sob a égide da ética e da responsabilidade do sujeito. O corpus é composto de dados qualitativos e quantitativos, materializados em textos apresentados e publicados nos CBLAs. A metodologia de pesquisa segue o paradigma interpretativista e tem no conceito de vozes sociais sua categoria de análise. Os resultados evidenciam a evolução da Lingüística Aplicada, que, de disciplina mediadora entre teorias lingüísticas e aplicações práticas, vem assumindo o lugar de um campo de estudos próprio, autônomo e transdisciplinar, que busca, em seus questionamentos e redefinições, aproximar-se da dimensão da vida e, ao fazê-lo, assume a postura ética da responsabilidade por seu agir e por seus discursos.

Palavras-chave: Lingüística Aplicada. Dimensão ética. Vozes sociais.

ABSTRACT

This research deals with Applied Linguistics and its structure as a scientific field, in compliance with knowledge produced within the range of the Brazilian Congresses of Applied Linguistics (CBLA). The purpose of this research is to understand the meanings disclosed by the voices that make up the scientific discourse on this field, pointing toward its course of development, the ethical position that is peculiar to it and how this position is represented in its scientific practice. The scientific discourse typical of the production of knowledge of Applied Linguistics is now construed as leading to practices that define the production of this field of learning whose object is to study man and man's relationship to language. Theoretical groundwork is anchored on the work the Social Sciences have developed on the paradigmatic crises of science and the social changes resulting from modern and post-modern times, on Applied Linguistics researches on the identity of the field of study, its courses and ethics, and on the bakhtinian theory that supports a view of language as a social practice built under the aegis of the subject's ethics and responsibility. The corpus of this work comprises qualitative and quantitative data made into articles presented at the CBLA. The research methodology conforms to the interpretive paradigm and has the concept of social voices as its category of analysis. Results point towards the progress of Applied Linguistics that, from its role as a mediator discipline between linguistic theory and practical applications, is assuming a position in a field of study of its own, independent, with transdisciplinary characteristics, pursuing through its quests and redefinitions to get closer to the dimension of life and assuming the ethical position of taking on responsibility for its doings and sayings.

Keywords: Applied Linguistics. Ethical dimension. Social Voices.

RÉSUMÉ

Cette recherche a pour thème la Linguistique Appliquée et sa constitution comme champ scientifique à partir de la production de savoir présentée dans les Congrès Brésiliens de Linguistique Appliquée (CBLA). Le but de ce travail est de comprendre les sens dévoilés par les voix qui constituent le discours scientifique à propos de ce champ et cela étant, de révéler son parcours évolutif, en analysant les préceptes éthiques qui le caractérisent et la façon dont ces derniers se font représenter dans la pratique de ce domaine de la science. Le discours scientifique qui caractérise la production du savoir de la Linguistique appliquée est compris comme un discours d'orientation de pratiques qui définissent la production de ce champ, lequel assoit dans l'homme et, dans ses relations avec le langage, son objet de recherche. Théoriquement, les références se constituent à partir des travaux des Sciences Sociales à propos des crises paradigmatiques de la science et des transformations sociales issues de la modernité et de la post-modernité; des recherches de la Linguistique Appliquée sur l'identité de son champ d'étude, ses orientations et son éthique et, aussi, de la théorie bakthinéenne qui défend une conception de langage comme pratique sociale constituée sous le principe de l'éthique et de la responsabilité du sujet. Le corpus est constitué de données quantitatives et qualitatives issues de textes présentés et divulgués dans les CBLAs. La méthodologie de recherche s'appuie sur le paradigme interprétatif et définit le concept des voix sociales comme sa catégorie d'analyse. Les résultats mettent en évidence l'évolution de la Linguistique Appliquée qui, de discipline médiatrice entre les théories linguistiques et les applications pratiques, prend la place d'un champ d'études propre, autonome et transdisciplinaire qui vise, dans ses questionnements et redéfinitions, s'approcher de la dimension de la vie et par conséquent, assumer le principe éthique de la responsabilité pour ses actes et ses discours.

Mots-clés : Linguistique Appliquée. Dimension éthique. Voix sociales.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentuais de trabalhos apresentados no I CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa	100
Gráfico 2 – Percentuais de trabalhos apresentados no III CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa	104
Gráfico 3 – Percentuais de trabalhos apresentados no IV CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa	107
Gráfico 4 – Percentuais de trabalhos apresentados no V CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa	112
Gráfico 5 – Percentuais de trabalhos apresentados no VI CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa	115
Gráfico 6 – Percentuais de trabalhos apresentados no VII CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – CBLAs: títulos e temas	120
Quadro 2 – A Lingüística Aplicada como objeto de estudo: percentuais	122
Quadro 3 – Compreensões sobre a natureza da Lingüística Aplicada	129
Quadro 4 – A pesquisa sobre o ensino e seus desdobramentos	179-180

LISTA DE ABREVIATURAS

LA – Lingüística Aplicada;

CBLA – Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada;

ALAB – Associação de Lingüística Aplicada do Brasil;

AILA – Associação Internacional de Lingüística Aplicada;

BAAL – Associação de Lingüística Aplicada Britânica;

LAEL – Programa de Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas;

ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística;

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas;

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais;

PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo;

TLA – Trabalhos em Lingüística Aplicada;

LM – Língua materna;

LE – Língua estrangeira;

L2 – Língua segunda.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 INQUIETAÇÕES	16
1.2 SABERES	18
1.3 RAZÕES	20
1.4 TESE	21
1.5 METAS	22
1.6 QUESTIONAMENTOS	23
1.7 PERCURSO	25
2 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS	27
2.1 A CIÊNCIA CLÁSSICA	28
2.2 A CIÊNCIA E A MODERNIDADE	34
2.3 A CIÊNCIA E OS ESTUDOS DA LINGUAGEM	40
3 A DIMENSÃO ÉTICA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: INSERÇÃO NO MUNDO DA VIDA	50
3.1 A ÉTICA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	51
3.2 A CONCEPÇÃO DE ÉTICA	53
3.3 A ÉTICA NA PESQUISA	56
3.4 A PESQUISA ÉTICA	59
3.5 A ÉTICA NA PESQUISA DA LINGÜÍSTICA APLICADA	68
4 A TRAJETÓRIA DA LINGÜÍSTICA APLICADA	74
4.1 DEFINIÇÕES	75
4.2 SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA LINGÜÍSTICA APLICADA	77
5 OS CBLAs: JANELA DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA LINGÜÍSTICA APLICADA	89
5.1 ANÁLISE	90
5.2 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	92
5.3 A LINGÜÍSTICA APLICADA NOS CBLAs	97
5.3.1 I Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada	99

5.3.2 II Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada	102
5.3.3 III Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada	104
5.3.4 IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada	106
5.3.5 V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada	110
5.3.6 VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada	113
5.3.7 VII Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada	116
5.4 OS TÍTULOS DOS CBLAs	120
5.5 A LINGÜÍSTICA APLICADA COMO OBJETO DE ESTUDO NOS CBLAs	121
5.6 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	124
6 AS MÚLTIPLAS VOZES SOBRE A LINGÜÍSTICA APLICADA NOS CBLAs	126
6.1 O TEXTO E SUAS VOZES	127
6.2 AS VOZES DA LINGÜÍSTICA APLICADA NOS CBLAs	130
6.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VOZES	172
7 UM EXEMPLO DA DIMENSÃO ÉTICA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM LINGÜÍSTICA APLICADA: O CASO DO ENSINO DE LÍNGUAS	176
7.1 A DIMENSÃO ÉTICA NA PESQUISA	177
7.2 AS PESQUISAS SOBRE ENSINO: EXEMPLOS DE TEMÁTICAS	180
7.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA	196
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
REFERÊNCIAS	204

1 INTRODUÇÃO

1.1 INQUIETAÇÕES

Que pesquisa se faz em Lingüística Aplicada? Que práticas discursivas são investigadas na produção do conhecimento da Lingüística Aplicada? Que vozes se fazem presentes na produção científica da Lingüística Aplicada? Qual o significado dessas vozes? A quem essas vozes respondem? A quem elas se dirigem?

Essas questões configuram o pano de fundo sobre o qual se desenvolve esta tese cujo objeto de estudo circunscreve a produção do conhecimento da Lingüística Aplicada na contemporaneidade, por intermédio de textos de pesquisa apresentados nos Congressos Brasileiros de Lingüística Aplicada (CBLAs). É objetivo deste trabalho compreender os significados revelados pelas vozes que constituem o discurso científico sobre o campo da Lingüística Aplicada, descrevendo e analisando o percurso evolutivo desse campo, a postura ética que o caracteriza e o modo como se faz representar em sua prática científica.

O discurso científico sobre a produção do conhecimento da Lingüística Aplicada é aqui entendido como um discurso orientador de práticas que definem a produção desse campo de saber, o qual assenta, no homem e nas suas relações com a linguagem, seu objeto de estudo. Caracterizado dessa forma, o campo da Lingüística Aplicada insere-se no conjunto das Ciências Humanas.

Ocupando-se, contemporaneamente, da linguagem em uso nas práticas sociais, a Lingüística Aplicada tem suas origens situadas no campo dos estudos lingüísticos, os quais, ancorados no âmbito das Ciências Humanas, compartilham com estas, ao longo de seu percurso evolutivo, as mesmas marcas decorrentes das transformações paradigmáticas vivenciadas no campo do conhecimento científico, nos últimos séculos.

Na perspectiva assumida, adotamos uma concepção de linguagem que desloca o pólo dos estudos da língua para o pólo do estudo do discurso. Assumir esse deslocamento significa que, neste estudo, a linguagem não é abordada em seus aspectos estruturais ou formais, porém, em seus aspectos discursivos e enunciativos.

Ao passar para o pólo do enunciado, o estudo de um texto ou de um discurso passa a ser o estudo de um acontecimento, de um evento no qual estão presentes

posições de sujeito, vozes que dialogam entre si e com outros discursos e que fazem emergir sentidos e valores (BAKHTIN, 2003).

Procuramos olhar, assim, para o discurso da Lingüística Aplicada entendendo-o como uma prática discursiva que envolve sujeitos múltiplos e complexos, em interação. Considerando o sujeito como um ser de linguagem, assumimos que ele fala e é falado por meio de seus discursos. Nesse sentido, o sujeito e a linguagem que o constitui, fazem emergir sentidos que definem identidades, apontam comportamentos éticos, refletem ideologias e relações de poder.

Compreender e interpretar o discurso da Lingüística Aplicada adotando tal paradigma interpretativista crítico implica buscar os significados que emergem das vozes que ecoam dessa produção e, ao procurar compreendê-las, identificar a quem a produção de conhecimento desse campo interessa.

Compreender e interpretar o discurso da Lingüística Aplicada nessa perspectiva significa, igualmente, investigar em que medida os conhecimentos que estão sendo produzidos nesse campo do saber tratam de problemas da vida. Buscar trazer a vida para o domínio da conhecimento científico implica, em última instância, realizar, segundo Bakhtin (2003), a unificação, pelo sentido, dos três campos da cultura humana: a vida, a ciência (da qual nos ocuparemos neste trabalho) e a arte na unidade do indivíduo, de modo que nenhuma das três exista no abstrato.

Neste trabalho, essa busca consiste em procurar identificar, na produção do conhecimento da Lingüística Aplicada, uma produção científica que esteja em consonância com as práticas sociais, culturais e artísticas que constituem a vida do ser humano. Significa compreender o campo de investigação da Lingüística Aplicada como um campo que promova uma “re-narração da vida social” (MOITA LOPES, 2006), um campo que escape da “torre de marfim” (RAJAGOPALAN, 2006) teórica em que se enclausurou durante muito tempo, para a vida real, domínio onde reina o sujeito real.

Ao concordarmos com Bakhtin (2003, 1997) que o objeto das Ciências Humanas é o ser, expressivo e falante, único, nunca o mesmo, e, por isso, inesgotável em seu sentido e significado, depreendemos que os estudos lingüísticos devem olhar e interpretar esse sujeito considerando-o em toda a sua inteireza, eximindo-se de reificá-lo, de tratá-lo como coisa, materialidade abstrata e muda. Daí

considerarmos como objeto de reflexão e análise o discurso do sujeito, e não o sistema abstrato da língua que ele usa para constituir seu discurso.

Compreender o sujeito nessa dimensão pressupõe considerar que a investigação deste e de seus discursos não deverá privilegiar, no âmbito da ciência, apenas aquilo que ela é capaz de produzir em termos de fatos objetivos e comprovados e de verdades absolutas. Para Bakhtin (1997), por exemplo, o mundo do conhecimento ou da cultura, reinado dos atos cognitivos, não pode ser dissociado do mundo da vida, reinado dos atos éticos, pois é no mundo da vida que se inscrevem os sujeitos e seus discursos e é na eventicidade e na unicidade de seus atos – cognitivos, estéticos ou éticos – que devem ser, portanto, buscadas as relações de sentido e os valores que lhes dão significado. Dessa forma, estudar o sujeito por meio de seus discursos não pode ser um ato que se abstenha de considerar as relações dele com o mundo da vida.

A criação humana, seja ela teórica ou artística, é perpassada pela ética em uma tripla articulação (AMORIM, 2003). Todo discurso (ou toda obra de arte) é sempre o discurso de um alguém dirigido a outro alguém. Meu discurso é constituído pelos discursos dos outros. Ele é transformado em meu próprio no momento em que eu o enuncio. Nesse momento eu me posiciono valorativamente e, por meio desse posicionamento, eu assumo uma postura ética. A postura ética é a postura da não-indiferença. Um pensamento ético é um pensamento não-indiferente. A pesquisa ética é uma pesquisa que confronta valores e posições singulares, mas não se exime de posicionar-se responsiva e responsavelmente diante de suas questões.

A preocupação deste estudo está, assim, centrada no questionamento do campo de estudos da Lingüística Aplicada, procurando identificar, ao longo de sua evolução e transformação, o traçado e o significado do caminho (ou dos caminhos) que esse campo escolheu trilhar.

1.2 SABERES

O referencial que sustentará as reflexões apresentadas ao longo do trabalho ancora-se nos trabalhos de teóricos das Ciências Sociais que discutem as crises paradigmáticas da ciência e as mudanças sociais decorrentes da modernidade e da

pós-modernidade; nas pesquisas em Lingüística Aplicada que refletem sobre a identidade desse campo de estudos, seus direcionamentos e sua ética, e na teoria bakhtiniana, que defende uma concepção de linguagem como prática social constituída sob a égide da ética e da responsabilidade do sujeito.

No campo discursivo da Ciência, as teorizações sobre o modo de produzir conhecimento e sobre a exaustão dos paradigmas teórico-metodológicos clássicos têm proporcionado uma salutar reflexão, em cascata, sobre os objetos de estudo, as metodologias de pesquisa e as fronteiras disciplinares ou interdisciplinares. Estamos falando não somente das Ciências Físicas ou Naturais como também, e principalmente, das Ciências Humanas e Sociais e, no âmbito destas, dos estudos da linguagem.

Os estudos sobre a produção do conhecimento na área das Ciências Humanas vêm sofrendo modificações decorrentes das crises dos paradigmas científicos que orientam seu modo de produção. Segundo Santos (1989, 2003, 2004), nos dias de hoje, respostas para questões que buscam compreender o que se entende por ciência humana, o discurso que ela produz e as características que a configuram, devem ser buscadas para além do paradigma científico dominante das Ciências Naturais alicerçadas em princípios positivistas de investigação.

As Ciências Humanas são essencialmente sociais e, como tal, necessitam de critérios que balizem o percurso de sua pesquisa levando em consideração a especificidade de seu objeto de estudo: o homem em suas relações sociais.

No campo dos estudos da linguagem, esses questionamentos põem na ordem do dia discussões sobre a tradição positivista da qual a Lingüística é subsidiária. Discute-se, ainda, o lugar que a Lingüística Aplicada ocupa nesse contexto: se produtora de saberes teóricos autônomos ou aplicados dos saberes científicos produzidos pela Lingüística.

Em conseqüência, no âmbito da Lingüística Aplicada, começa a se desenhar um contorno diferente para seu campo de atuação e para seu modo de fazer pesquisa. Esse novo contorno ultrapassa o estudo descritivo e explicativo das manifestações do fenômeno lingüístico que envolvem a língua e o falante, gerando estudos que buscam compreender outros significados para os fatos lingüísticos em estudo, dentre os quais, a constituição de relações éticas.

A própria consideração de que estamos lidando com estudos da linguagem, e não mais ou apenas com estudos da língua, demonstra a redefinição dos objetos de

estudo, das metodologias e das fronteiras disciplinares que orientam a pesquisa e o discurso científico desse campo de atuação (GERALDI, 2005; FARACO, 2001).

Ao trazer para a cena da pesquisa a interação dos sujeitos em contextos institucionais diversos e sua relação com a linguagem usada para mediar essa ação no mundo, a Lingüística Aplicada repensa seu objeto de estudo e os modos de chegar até ele, juntando-se, assim, às áreas das Ciências Humanas que, ao repensarem suas práticas, apontam igualmente nessa direção (MOITA LOPES, 1994, 1996, 2004, 2006).

1.3 RAZÕES

O desejo de estudar a produção do conhecimento na área da Lingüística Aplicada reflete não somente um interesse pessoal sobre o tema, fruto de uma história de vida que sempre transitou em meio à interdisciplinariedade de áreas teóricas diversas, mas também uma convicção de que vivemos em um momento histórico de incertezas e questionamentos sobre os rumos do fazer científico e acadêmico em tempos de uma modernidade de conexões rápidas, valores e verdades relativas e transitórias; de uma modernidade fluida (BAUMAN, 2001) que se defende com uma justificativa de que é seu poder de modificação e adaptação rápida às necessidades urgentes e cambiantes do ser humano e do mundo em que vive que a faz ser adequada.

Assim, em qualquer época, questionar o fazer científico-acadêmico é também questionar nossa prática como pesquisadores, professores e estudiosos. Vivemos em tempos em que é preciso redefinir as bases que sustentam nossa prática, seja em que campo de atuação for.

Para poder acompanhar esse tempo e produzir um conhecimento que seja algo mais do que hipóteses testadas e demonstradas no vácuo ilusório da vida humana, é preciso pensar em um conhecimento que seja compromissado não só com questões sociais, culturais e políticas mas também com as relações sociais que constituem cada indivíduo, cada grupo, nos diferentes momentos históricos da vida. Um conhecimento que não seja totalizante, nem universalizado e padronizado em suas verdades. Um conhecimento que seja produzido em um lugar onde se abra

espaço para as diferenças, para as singularidades, considerando como singular cada ser. Um conhecimento que, em se tratando do mundo da cultura, no sentido bakhtiniano, aproxime-se do mundo da vida incluindo o ser em toda sua dimensão (BAKHTIN, 1997).

Diversos trabalhos na área dos estudos lingüísticos já apontam para essas questões, e pesquisadores como Moita Lopes (1996, 2004, 2006), Cavalcanti (1998, 2006), Rajagopalan (2003, 2004, 2006), Coracini (2003, 2006), Signorini (1998, 2006) e Geraldi (2003, 2005), no Brasil, e Pennycook (1998, 2003, 2006), Rampton (2006) e Kumaravadivelu (2006), no exterior, têm trazido contribuições significativas e esclarecedoras para o debate, corroborando com o sentimento de que essas são questões importantes para a constituição de uma agenda de trabalho atual para a Lingüística Aplicada.

Assim, perpassando os objetivos deste trabalho, busco, igualmente contribuições que possam orientar uma prática que também é a minha. Ao tentar identificar o tom dado pelo discurso da Lingüística Aplicada em suas pesquisas na contemporaneidade, busco perceber o lugar de onde ela fala, para quem ela fala e de que notas seu discurso se compõe para tentar compreender meu próprio tom e orientar o meu discurso e a minha prática.

1.4 TESE

Tendo assumido como pressuposto o fato de que os discursos, em qualquer campo de atuação, significam diferentemente uns dos outros, defendo a tese de que os discursos subjacentes à produção do conhecimento teórico-científico podem fazer emergir significados diversos.

Ao significar diferentemente, cada discurso constrói para si uma face capaz de espelhar quem ele é e para quem ele existe. Significando, os discursos fazem dialogar as vozes sociais neles contidas. Identificando que vozes sociais são iluminadas ou obscurecidas pelo discurso teórico-científico, é possível identificar os valores que circulam nesse discurso e, portanto, a quem a produção desse discurso atende.

1.5 METAS

Ao discutirmos os objetivos deste trabalho, é preciso deixar claro, inicialmente, que as questões aqui levantadas e discutidas não se propõem a polemizar as diferenças e/ou divergências entre Lingüística e Lingüística Aplicada, nem tampouco a traçar paralelos entre uma e outra disciplina quanto ao modo de produção de conhecimento que caracteriza cada uma, seus paradigmas científicos, suas fronteiras teóricas, pendendo para uma avaliação que termine por defender uma em detrimento de outra.

Este é um trabalho de análise que tem por objetivo investigar o discurso científico da Lingüística Aplicada considerando-o um campo de saber legítimo, produtor de conhecimento de ordem diversa daquele produzido no campo da Lingüística, dentro de critérios de cientificidade próprios de um campo de saber que se insere no campo das Ciências Humanas, cujo objeto de investigação é o homem em suas relações.

Nesse intento, procuraremos identificar, com a análise dos trabalhos que vêm sendo produzidos na área, de suas temáticas e de suas orientações metodológicas, o que eles dizem e o que esse dizer significa.

Apontando para o significado do discurso, a análise pretende revelar a quem esses discursos falam ou respondem, buscando, claramente, apontar a dimensão ética e responsável inerente a todo discurso e principalmente ao discurso teórico da ciência.

Ética e responsabilidade são princípios que se supõem inerentes a toda pesquisa e a todo trabalho de cunho científico, porém não podemos considerar uma única ética, assim como não podemos considerar um único modo de fazer ciência.

Buscar a dimensão ética de um discurso implica considerar tudo o que naquele discurso aponta para posicionamentos valorativos assumidos através dos enunciados propostos. Independentemente do sentido e da valoração presente nesses enunciados, atingir uma dimensão ética é responsabilizar-se por seu discurso, e tal responsabilidade é uma necessidade em qualquer ramo de ciência que esteja referendando a produção teórico-científica.

Na busca do significado do discurso científico, deve-se abandonar, ainda, a ilusão de transparência e de neutralidade. Nem o discurso do pesquisador nem o daquele a quem ele se dirige é transparente ou neutro.

No discurso científico confrontam-se múltiplos discursos, sendo preciso trabalhar a diversidade, o que significa respeitar e assumir as diferenças e examinar a relação de forças que os atravessam. Mesmo a declarada e desejada, por vezes, posição de neutralidade de um discurso é um posicionamento que contém uma valoração, ou seja, o sentido do discurso dá-se no confronto de posições valorativas. Ao assumir valores e posições, a singularidade do lugar que ocupa faz do sujeito um indivíduo responsável, faz do seu discurso um pensamento ético (AMORIM, 2003).

1.6 QUESTIONAMENTOS

Considerando o objetivo geral deste trabalho como o de investigar o discurso da produção do conhecimento teórico-científico da Lingüística Aplicada, estabelecemos quatro questões de pesquisa para orientar a reflexão e atender aos objetivos específicos pretendidos no âmbito desta pesquisa.

1. Que tipos de conhecimentos caracterizam o campo de estudos da Lingüística Aplicada representados nos CBLAs?

Essa primeira questão nos levará a situar historicamente o campo da Lingüística Aplicada, descrevendo seu percurso evolutivo, as modificações pelas quais tem passado esse campo, apontando, assim, as diversas formas que compuseram e identificaram o conhecimento produzido por esse campo desde seu surgimento até os dias atuais.

2. Que vozes estão presentes nos discursos sobre a Lingüística Aplicada circulantes nos CBLA's?
3. Que indícios apontam para uma postura ética ao longo das transformações do campo de saber da Lingüística Aplicada?

As segunda e terceira questões da pesquisa remetem diretamente ao *corpus*, constituído de textos apresentados em congressos científicos de Lingüística Aplicada nos quais pretendemos identificar a orientação das diversas vozes que permeiam esses discursos e buscar o tom valorativo que perpassa os discursos da pesquisa em Lingüística Aplicada no Brasil. Ao buscar a manifestação dessas vozes sociais, procuraremos identificar, igualmente, em que direção essas vozes se orientam, que sentidos fazem ecoar e que identidades para a produção do conhecimento em Lingüística Aplicada elas fazem emergir. Nesse sentido buscamos indícios da dimensão ética desse campo de estudos que revelem a orientação de sua produção do conhecimento segundo a ótica da responsabilidade.

4. Como se faz representar, na pesquisa, o discurso orientador do campo de estudos da Lingüística Aplicada, apresentada nos CBLAs?

A quarta questão da pesquisa, por fim, permitirá a apresentação de exemplos de pesquisas representativas da Lingüística Aplicada no que se refere ao contexto do ensino de línguas. Por meio desses exemplos, temos como objetivo verificar em que medida as pesquisas da área acompanham o desenvolvimento do campo de estudos.

Os dados empíricos selecionados para responder às questões de pesquisa acima explicitadas exemplificarão a produção científica veiculada em edições de um congresso científico representativo desse campo de estudo dentro de um recorte temporal e situacional.

No âmbito da produção científica, em qualquer ramo da ciência, são imprescindíveis os meios de divulgação do conhecimento que se produz. Assim, livros, periódicos, teses, dissertações, congressos, simpósios, grupos de estudo são algumas das maneiras necessárias e eficientes de divulgar, conhecer e trocar conhecimento produzido. Por intermédio desses meios de divulgação, temos acesso aos discursos que perpassam os diversos campos do saber, e a análise desses discursos pode nos levar ao significado do conhecimento produzido por cada campo do saber.

Partindo desses pressupostos, elegemos um congresso específico da área da Lingüística Aplicada, o Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (CBLA), como fonte da empiria a ser estudada. Esse congresso tem uma grande importância na

área da Lingüística Aplicada porque sua história se confunde com a história da evolução do próprio campo de estudo, no Brasil, como campo produtor de saber independente e autônomo.

Os trabalhos apresentados nesses eventos refletem os múltiplos direcionamentos e mudanças que caracterizaram e caracterizam, até hoje, a Lingüística Aplicada. Entendemos ainda que o CBLA tem sido um fórum privilegiado não somente de divulgação da produção teórico-científica da Lingüística Aplicada mas, principalmente, um momento, a cada três anos, no qual a comunidade científica dessa área se questiona sobre sua prática e sobre os rumos que segue ou deveria seguir.

É, portanto, muito significativo o olhar para esses eventos científicos que representam o campo da Lingüística Aplicada. Entretanto, em razão de uma escolha metodológica, focalizaremos apenas os textos das conferências de abertura e de fechamento e das sessões plenárias (mesas-redondas e/ou seminários). Consideramos que esses textos são indicadores do estado da arte da produção científica dessa área, como também são reveladores dos tons que marcam esses congressos.

Encontramos registro de realização de 8 CBLAs, desde sua criação até o momento atual¹. São objeto desta pesquisa os sete primeiros congressos, configurando um recorte temporal de 18 anos (1986-2004). Tais dados compõem, assim, a empiria que sustenta as reflexões teóricas desenvolvidas nos capítulos a seguir.

1.7 PERCURSO

As inquietações apresentadas delineiam um percurso que se inicia, na primeira parte, segundo capítulo, com uma discussão sobre a ciência clássica e seus paradigmas, promotora do desenvolvimento das Ciências Humanas e dos

¹ Em julho de 2007, foi realizado, na cidade de Brasília, sob a organização da ALAB (Associação de Lingüística Aplicada do Brasil), o VIII CBLA com o tema: "Contextos brasileiros de pesquisa aplicada no âmbito da linguagem". Considerando que, na época da realização desse evento, os dados empíricos desta pesquisa já haviam sido selecionados e encontravam-se em análise, não julgamos oportuno ampliar a pesquisa incluindo os dados desse último congresso. Esses dados poderão ser considerados no caso de futuros desdobramentos desta pesquisa.

2 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

2.1 A CIÊNCIA CLÁSSICA

“Não há conhecimento em geral, tal como não há ignorância em geral. O que ignoramos é sempre a ignorância de uma certa forma de conhecimento e vice-versa o que conhecemos é sempre o conhecimento em relação a uma certa forma de ignorância. Todo o acto de conhecimento é uma trajectória de um ponto A que designamos por ignorância para um ponto B que designamos por conhecimento”. Boaventura de Sousa Santos, 2007. p. 29

À época do iluminismo, o homem emerge como um ser pensante dotado de razão, como um ser cognoscente cuja produção de conhecimento produz verdades. Esse ser racional, capaz de produzir conhecimentos, é o ser capaz de fazer ciência.

Segundo os critérios dessa época, ser capaz de fazer ciência, de produzir um conhecimento científico, só era possível se o conceito de ciência estivesse revelando um tipo de conhecimento ancorado nos pressupostos epistemológicos do método científico, o qual procurava se distanciar e se diferenciar de outros tipos de conhecimentos provenientes de fontes que não poderiam merecer esse *status*, fossem elas práticas investigativas ou mesmo crenças e costumes estabelecidos no senso comum (SANTOS, 2003; ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

Dentre esses tipos de conhecimentos considerados não-científicos, podemos citar todo conhecimento relativo às humanidades, ou estudos humanísticos, como a filosofia, a história, a teologia, a literatura, entre outros, bem como o conhecimento popular, as superstições, a magia, a bruxaria, tudo o que pudesse transcender a razão prática.

O temor de aceitar um saber que poderia não ter comprovação, de acordo com o método científico, leva à preocupação de submeter todo conhecimento produzido à observação empírica do real antes de interpretá-lo pela mente e, posteriormente, experimentá-lo, validá-lo e dele deduzir leis e previsões, configurando, assim, o que se denomina ciência experimental (LAVILLE & DIONNE, 1999).

A especificidade do discurso científico e a sua diferenciação em relação a outros tipos de discursos, sobretudo o discurso do senso comum, estão na essência

da ciência moderna e da evolução do método científico, e foram traduzidas em princípios e normas a partir, principalmente, do trabalho de filósofos como Bacon, Locke, Hobbes e Descartes (SANTOS, 1989).

Nagel (1974) diferencia as asserções científicas, produto do método científico, das asserções do senso comum. Para ele, enquanto estas, geralmente, são aceitas sem uma avaliação crítica dos elementos que as compõem, aquelas só são aceitas na medida em que suas argumentações forem submetidas a um exame probatório, baseado nos cânones e nas leis científicas, que, por sua vez, poderão atestar da validade e da confiabilidade dos dados nos quais se baseiam as ditas conclusões.

O novo modelo de racionalidade científica configura-se, dessa forma, como um modelo totalitário e excludente. Este modelo descarta a possibilidade de dar valor a outros discursos por considera-los incapazes de atingir o grau de racionalidade e objetividade necessário a um saber que se queira científico.

Na esteira das proposições desses filósofos e dos novos modelos, encontramos as Ciências Humanas, na condição de ciências emergentes, buscando um *status* próprio como campo do saber, procurando adequar seu modo de produzir conhecimento para merecer o selo de garantia de cientificidade. Concomitantemente às evoluções e mudanças que se faziam sentir no campo discursivo da produção científica da época, basicamente nas ciências naturais, também as ciências humanas seguiam assumindo novas características, procurando identificar-se, cada vez mais, com os modelos ditados pelos paradigmas da ciência moderna.

O modelo de racionalidade lógica que caracteriza a chamada ciência moderna surge no século XVI, quando da revolução científica. Representam esse novo paradigma a teoria heliocêntrica do movimento dos planetas de Copérnico, as leis sobre as órbitas dos planetas de Kepler, as leis de Galileu sobre a queda dos corpos, a física newtoniana, o pensamento filosófico de Bacon e o racionalismo de Descartes (SANTOS, 2003). Os pressupostos desse novo paradigma científico não propõem apenas uma observação mais acurada dos fatos, mas uma nova visão de mundo na qual estão opostos o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum, por um lado, e a natureza e a pessoa humana, por outro.

No século XVII, a ciência experimental firma-se e o empirismo lógico alcança seu apogeu. O saber racional constrói-se a partir da observação da realidade. Por sua vez, esta é posta à prova, e o raciocínio indutivo conjuga-se ao raciocínio

dedutivo para formar hipóteses que, se comprovadas, resultarão em novos conhecimentos e, assim, sucessivamente.

A partir desse momento, o simples exercício do pensamento, a especulação, não basta para constituir-se como saber. A produção do conhecimento dessa época postula que todos os enunciados e conceitos referentes a um dado fenômeno devem ser tratados em termos observáveis e testados empiricamente para verificação de sua verdade ou falsidade. Assim deve ser a atividade científica que se constrói dedutivamente, ou seja, teorias permitem hipóteses que, observadas, testadas e confirmadas ou refutadas, geram leis gerais que se propõem a explicar, prever e controlar conjuntos de fenômenos (LAVILLE; DIONNE, 1999; ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998). Por conseguinte, os pressupostos do empirismo lógico que caracterizam a ciência moderna não aceitam as evidências da experiência imediata por considerá-las ilusórias.

O conhecimento científico necessita, diante da inadequação em usar uma linguagem cotidiana passível de interpretações subjetivas, de uma linguagem que traduza sem erros a observação e a análise dos fatos. A solução está na adoção da linguagem matemática que lhe fornecerá não somente “o instrumento privilegiado de análise como a lógica da investigação e o modelo de representação da própria estrutura da matéria” (SANTOS, 2003, p. 27).

A consequência da adoção do modelo matemático como referência para o método científico revela-se nas máximas que determinam seu rigor. A primeira máxima determina que “conhecer significa quantificar” (DESCARTES apud SANTOS, 2003, p. 27), portanto aquilo que não pode ser medido, pesado ou quantificado é cientificamente irrelevante.

A segunda máxima propõe que conhecer significa “reduzir a complexidade” (DESCARTES apud SANTOS, 2003, p. 28); dessa forma, é preciso dividir, classificar e categorizar os fatos em quantas parcelas forem necessárias para que se possam fazer relações sistemáticas entre elas, ou seja, conhecer as partes para chegar ao todo.

Nesse paradigma, privilegia-se o objeto em detrimento do sujeito, e, por isso, o mundo da cientificidade é o mundo do objeto. Como não podem ser apreendidos da mesma forma que os objetos, dada a sua subjetividade, o sujeito e seu mundo são passíveis de serem estudados cientificamente apenas quando os objetos de estudo no sujeito e/ou em seu mundo são passíveis de quantificação e mensuração.

Os estudos envolvendo o imponderável e a subjetividade dos sujeitos somente poderiam realizar-se em termos filosóficos.

Nesse momento histórico, essa é a justificativa da ciência moderna para considerar de menor valor o conhecimento humanístico e o conhecimento originado no senso comum porque privilegia “o como funcionam as coisas em detrimento de qual o agente ou qual o fim das coisas” (SANTOS, 2003, p. 30). Seu modelo paradigmático se exime de considerar racional e, portanto, científico qualquer forma de conhecimento que não se pautar pelos princípios epistemológicos e pelas regras metodológicas que a sustentam. O modelo de ciência que inaugurou a era da ciência moderna clássica era um modelo do qual estavam banidos o sujeito, sua história e sua subjetividade.

No século XVIII, os princípios da ciência experimental desenvolvem-se e, no século XIX, a ciência domina e triunfa, sobretudo, no campo das Ciências Naturais, trazendo grandes modificações e avanços para a humanidade (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Adotando o modelo dominante e profícuo das Ciências Naturais, as Ciências Humanas seguem desenvolvendo-se, mas igualmente encontrando problemas para adequar seu objeto de estudo e o método adotado para estudá-lo. Obviamente, o seu objeto de estudo é o homem em suas relações. Porém, se o sujeito, em tudo e com tudo que lhe diz respeito – sua história, sua linguagem, sua subjetividade –, é banido da esfera da produção de um conhecimento que se deseja científico, como fazer ciência humana?

Embora o problema se colocasse, e ainda se coloque nos dias de hoje, os estudiosos da época empreenderam esforços, mesmo que em direções distintas, para fazer do conhecimento social e humanístico do ser um conhecimento cientificamente reconhecido.

Uma das tentativas para atingir esse objetivo consistiu em propor uma abordagem que aplicasse, nos estudos da sociedade, os mesmos princípios epistemológicos e metodológicos que a ciência moderna aplicava ao estudo da natureza. Seus objetivos consistiam em reduzir os fatos sociais às suas dimensões externas para que pudessem ser observados, classificados, quantificados e mensurados.

Embora os defensores dessa proposta (DURKHEIM, 1980; NAGEL apud SANTOS, 2003) reconhecessem as dificuldades em alcançar tais objetivos e

debitassem em sua conta as razões do atraso das Ciências Sociais face às Ciências Naturais, eles julgavam que as dificuldades não seriam obstáculos insuperáveis.

Para Kuhn (apud SANTOS, 2003), o problema reside no fato de as Ciências Sociais serem pré-paradigmáticas, dado que, em relação a estas, não se consegue alcançar consenso na elaboração de paradigmas a serem seguidos. Pelo contrário, as Ciências Naturais são paradigmáticas, ou seja, são determinadas por modelos e paradigmas que seguem sem desvios, e nesse fato reside, além da grande diferença entre as duas, a causa do atraso da primeira em relação à segunda.

Outra tentativa de fazer do conhecimento social e humano um conhecimento cientificamente reconhecido consistiu em idealizar princípios epistemológicos e metodológicos próprios defendendo a especificidade do ser humano e sua distinção em relação ao estudo da natureza. Seus defensores, na esteira do pensamento filosófico dualista de Kant, criticam o pilar central no qual apóia-se a primeira abordagem, segundo a qual o comportamento humano pode ser explicado com base em seus aspectos externos, observáveis, passíveis de mensuração e comprovação.

Na segunda abordagem, o princípio, que é radicalmente oposto ao da primeira, assenta-se na subjetividade do comportamento humano e na pluralidade de sentidos que podem ser atribuídos às ações humanas, os quais não podem ser explicados a partir de suas manifestações externas, mas a partir de uma compreensão baseada na interpretação dessas ações. Defende-se, nesse segundo caso, a adoção de métodos qualitativos, e não quantitativos, para dar conta da subjetividade e da pluralidade da condição humana. Os fatos sociais e humanos necessitam ser compreendidos e interpretados porque são dotados de sentido. Portanto, nesse caso, a busca por explicações causais, próprias às Ciências Naturais, mostra-se insuficiente uma vez que o sentido não mais é explicado, mas interpretado e compreendido.

Foucault (1985, p. 361), discutindo a origem, a natureza e o lugar das Ciências Humanas na cultura ocidental – definida por ele como um “conjunto de discursos que toma por objeto o homem no que ele tem de empírico” –, explica que a organização desse corpo de conhecimentos não surgiu de alguma questão prática ou de algum problema científico não resolvido. As Ciências Humanas surgiram, como tais, quando o homem passou a ser considerado como um objeto de estudo necessário de se conhecer e sobre o qual é preciso pensar.

Em busca da adequação entre objeto de estudo e método nas Ciências Humanas, Foucault (1985) aponta, pois, um duplo problema epistemológico. Por um lado, há a necessidade de se conhecer o homem em seu escopo científico (o que será da ordem de ciências como a biologia, a economia e a filologia, por exemplo) por meio da racionalidade empírica. Por outro lado, o homem, elemento das coisas empíricas, é o fundamento de todas as positivities, ou seja, ao mesmo tempo em que ele está na base de todo conhecimento, ele necessita ser investigado como ser, advindo daí o desequilíbrio que caracterizará o debate entre a natureza e a diferença entre as ciências.

Para Foucault (1985), a partir do século XIX, a ciência moderna tem seu campo epistemológico fragmentado, e os saberes distribuem-se em dimensões diferentes. Em uma primeira dimensão, encontram-se as ciências matemáticas e físicas estruturadas em encadeamentos dedutivos e lineares de proposições verificáveis. Em uma segunda dimensão, ciências como a economia e as ciências da linguagem seriam capazes de estabelecer relações entre elementos descontínuos, porém análogos, buscando relações estruturais de causa e efeito. Ambas as dimensões citadas agrupam ciências dedutíveis e empíricas que evoluem no campo da aplicação das matemáticas, evidenciando aquilo que é da natureza do materializável. A terceira dimensão, por sua vez, abarca a reflexão filosófica sobre essas ciências.

Essas três dimensões configuram o que Foucault (1985) denomina de “triedo epistemológico dos saberes”, no meio do qual torna-se difícil encaixar as Ciências Humanas por não ser possível situá-las, especificamente, em nenhum desses planos, nem ser possível excluí-las destes. Na verdade, “é no interstício desses saberes, mais exatamente no volume definido por suas três dimensões, que elas encontram seu lugar” (FOUCAULT, 1985, p. 364).

Assim, a dificuldade encontrada no reconhecimento da natureza e da especificidade das Ciências Humanas, diante dos modelos postulados pela tradição da ciência moderna, está, muito mais, na “complexidade da configuração epistemológica onde se acham colocadas as ciências humanas em relação às três dimensões de saberes que lhe asseguram um espaço” (FOUCAULT, 1985, p. 365) do que na complexidade e na subjetividade de seu objeto de estudo, o homem.

2.2 A CIÊNCIA E A MODERNIDADE

O cenário de incertezas sobre como empreender os estudos das ciências humanas e sociais, o questionamento sobre seu caráter de cientificidade ou não cientificidade amplia-se e aparece com mais força ainda, ao final do século XIX, no momento em que emerge a crise paradigmática dos modelos teórico-epistemológicos canônicos da ciência clássica.

Estamos já no período da modernidade e considerando que, mesmo entre as ciências naturais não há uma maneira única de produzir conhecimento, a crise aponta, nas ciências humanas, para a necessidade de se discutir um modelo adequado ao estudo dos fatos humanos e sociais, necessidade ainda mais pertinente dada a variabilidade e subjetividade inerente a esses fatos. A crise do modo hegemônico de produção do conhecimento revela, assim, uma exaustão do modo de pensar e fazer ciência consagrado pelo empirismo lógico e concretizado no paradigma positivista.

Santos (1989) argumenta que a crise da ciência clássica, momento que, segundo o autor, ainda perdura na contemporaneidade, não se configura como uma crise de crescimento, no sentido de corresponder a uma necessidade de ampliar e/ou transformar métodos ou conceitos básicos dentro de um dado ramo da ciência em mutação, visando a seu crescimento e a obtenção de alternativas mais viáveis a seu desenvolvimento. A crise da ciência é, antes, uma “crise de degenerescência”. Crise não de métodos ou conceitos, mas do próprio paradigma que orienta o conhecimento que a ciência produz.

No momento em que se estabelece (SANTOS, 1989), uma crise de degenerescência no seio do paradigma positivista provocando seu colapso, dois campos epistemológicos emergem: um primeiro campo que ao criticar radicalmente a adoção do paradigma positivista nas ciências humanas – sociais – assume plenamente o dualismo epistemológico e a tradição fenomenológica e hermenêutica, e um segundo campo, mais conciliador, que propõe o não rompimento total com o paradigma positivista dominante argumentando que alguns dos princípios por ele defendidos são aplicáveis e até necessários às ciências humanas.

Dentre os seguidores do primeiro campo, os mais radicais questionam a própria possibilidade de se atribuir às ciências humanas um caráter de cientificidade,

enquanto os mais moderados preferem reivindicar um estatuto epistemológico próprio das ciências humanas, oposto àquele das ciências naturais, configurado nas leis do positivismo. Representam esse primeiro campo as correntes da fenomenologia social, da etnometodologia e do interacionismo simbólico (SANTOS, 1989).

O segundo campo epistemológico, designado por construtivismo racionalista, abriga posições bem diversificadas que compartilham a crítica a um modelo rígido de cientificidade positivista, mas que, baseadas neste, desenvolvem modelos alternativos mais abertos em que cabem várias possibilidades metodológicas e vários modelos explicativos. Aqueles que se aliam a esse campo mantêm, em consonância com o paradigma positivista, uma inclinação pelo objetivismo, valorizando uma teoria que construa conhecimento como representação do real em detrimento da observação direta, ingênua e especulativa da ciência (SANTOS, 1989).

Se, por um lado, a crise paradigmática apontada por Santos (2003, 2004) demonstrava os sinais de falência do modelo epistemológico consagrado pelo positivismo, por outro, legitimava as críticas feitas pelas ciências humanas quanto aos efeitos negativos da adoção desse modelo em seu campo de estudos e permitia vislumbrar novas alternativas epistemológicas.

Morin (1996) analisa a crise dos fundamentos do conhecimento científico e apresenta, como ponto central a ser questionado, o conceito de objetividade sobre o qual se assentam os pilares dos enunciados científicos postulados pela ciência clássica. A busca da objetividade na ciência (a partir da observação de dados e verificações empíricas) não prescinde do observador-pesquisador (sujeito) que, membro de uma comunidade (social e científica), possui subjetividade, segue técnicas e procedimentos compatíveis com sua formação (social e científica). Não há, portanto, como pensar os critérios de objetividade sem uma interpenetração da subjetividade do sujeito que conduz a pesquisa. Só esse fato já revela a necessidade de se resgatar o papel do sujeito.

O mundo da ciência é um mundo objetivo, é o mundo dos dados; porém esse mundo não será alcançado sem a atividade do sujeito-observador-pesquisador. Segundo Morin (1996), no mundo das teorias há o indemonstrável; há as atitudes de curiosidade, de perplexidade, de questionamento do real, de imaginação; há, além disso, interesses de muitas naturezas. A ciência não é totalmente científica, e essa é

uma verdade que muitos cientistas ainda vão precisar descobrir. Na ciência encontram-se mobilizados tanto os aspectos objetivos da humanidade quanto os subjetivos. Em suma,

[...] todos os elementos constitutivos do conhecimento científico – uns que têm suas raízes na cultura, na sociedade, outros no modo de organização das idéias, da teoria – obrigam-nos a uma interrogação que excede o quadro da epistemologia clássica (MORIN, 1996, p.18).

Como desconsiderar o sujeito, então? A crise paradigmática parece revelar a necessidade de reintroduzir o sujeito, a cultura e a história nos modos de produzir conhecimento sobre o ser humano.

O ponto crucial da questão é que o modelo racionalista de fazer ciência, hegemônico até então, enxerga apenas um sujeito dotado de razão, o qual, por meio deste e unicamente assim, pode produzir um conhecimento que resultará nas verdades únicas e universais. Esse é o modelo a ser superado. É o lugar que o sujeito sócio-histórico ocupa no processo de produção do conhecimento que parece ser o grande desafio a ser vencido. Considerando-se o sujeito e seu lugar sócio-histórico, abre-se a possibilidade de serem consideradas outras verdades, diferentes das verdades científicas deduzidas e comprovadas pelas leis do método científico.

Na contemporaneidade, o sujeito, a sociedade e a historicidade readquirem um lugar que lhes havia sido negado no seio da ciência clássica. Essa última, ao obedecer ao paradigma cartesiano, necessitou eliminar o mundo do sujeito e a sua subjetividade, que seriam da ordem da filosofia e da reflexão, para assumir o mundo do objeto, único mundo passível de objetividade e racionalidade.

A perspectiva de uma nova ciência apóia-se no pressuposto de que a vida e o sujeito serão pré-condições para sua existência e seu desenvolvimento. “Tanto a ciência como a cultura são processos construtores de e construídos por processos sociais” (SCHNITMAN, 1986, p.13), e, dessa forma, a participação de uma em outra não pode mais ser ignorada no contexto da contemporaneidade.

Uma das propostas de constituição de um novo paradigma para as Ciências Humanas é apresentada por Santos (2004) e é por ele chamada de ciência pós-moderna. Constitui a defesa de um tipo de conhecimento científico que seja racional, que busque a construção de verdades, mas que supere dicotomias como natureza/sociedade, sujeito/objeto.

Nessa proposta, busca-se aproximar os conhecimentos das ciências naturais dos conhecimentos humanísticos e sociais, porém defendendo uma relação ética entre esses conhecimentos, no sentido de trocar uma relação de dominação de um campo teórico sobre outro (ao aplicarem-se, por exemplo, procedimentos técnico-metodológicos típicos de um dado campo do conhecimento sobre outro apenas porque o modelo epistemológico adotado valida e consagra o primeiro sobre o segundo ou vice-versa) por uma relação mais edificante da ciência, na qual o que é da ordem do conhecimento científico se articule com o que é da ordem de conhecimentos de outra natureza, valorizando aquilo que cada um tem de específico mas também de diferente, buscando, no dizer do autor, “transformar a ciência em um novo senso comum” (SANTOS, 2004, p. 2-3).

Porém, em tempos de crise, uma outra crise vai interferir na discussão sobre o fazer científico. A crise da modernidade e de suas grandes narrativas não passa sem afetar a reflexão sobre a produção do conhecimento científico, seus paradigmas, seus objetos de estudo, sua significação e seu direcionamento. As críticas ao *modus vivendi* exaltado na modernidade sob a forma de conceitos como progresso, desenvolvimento, modernização e padronização fazem emergir novas correntes de pensamento que se distinguem por intermédio de um discurso chamado de pós-moderno.

Moderno e pós-moderno são atributos que estão longe de constituir unanimidade em meio à comunidade científica, que busca identificar, num período temporal, histórico e social, com raízes no período iluminista e ramificações e efeitos que chegam até os dias atuais, características que possam representar um e outro períodos e as mudanças que fizeram com que, da modernidade, passássemos à pós-modernidade. O que é passível de questionamento é se tal passagem de fato aconteceu, como duvidam alguns autores (GIDDENS, 1991), e, em caso afirmativo (LYOTARD, 1988), se ela aconteceu, de fato, para todo mundo. Ou seja, questione-se a possibilidade de, tendo vivido os ideais da modernidade, ser possível fazer-lhe a crítica buscando superar suas limitações para adentrar numa pós-modernidade vislumbrada como um período de promessa de um mundo melhor e mais justo para todos (MOITA LOPES, 2006).

Segundo Santos (2004), é ilusório falar em transformações de um período para outro uma vez que a onda pós-moderna que invadiu os meios social, político e epistemológico trouxe consigo uma deriva que fez com que a recusa à modernidade

acabasse se transformando numa celebração à mesma sociedade ocidental moderna que ela estava, em princípio, querendo criticar: “Os pós-modernistas celebraram o fim da modernidade com seus antigos pilares mas criaram outros que não eram mais do que novas formas de opressão social” (SANTOS, 2004, p. 5).

Na modernidade, temos um período da cultura ocidental em que reinam “desejos de completude, verdade, controle, e, portanto, de poder – presentes na sociedade e, portanto, nas instituições e no sujeito” (CORACINI, 2003, p. 99). O sujeito moderno é o sujeito homogêneo, herdeiro do cartesianismo, centrado em si e capaz de realizar, por meio da racionalidade, todas as suas atividades.

As identidades são fixas, estratificadas, inerentes ao indivíduo ou a um grupo social ou étnico, e não há espaço para as diferenças, que são rapidamente naturalizadas. O projeto da modernidade reflete a visão da ciência clássica em busca da objetividade neutra mediada pela racionalidade isenta de conflitos ideológicos e juízos de valores, sob a condição da veracidade e da comprovação.

“As ciências procuram o que permanece imutável em todas as mudanças (as coisas ou as funções)” (BAKHTIN, 2003, p. 395), e o sujeito só pode tornar-se objeto de investigação científica se for trazido ao nível dos objetos, se for reificado e descorporificado de sua subjetividade, se for separado de sua vida social e de suas práticas cotidianas. Ao ato de conhecer interessa a busca da verdade (SANTOS, 2003); porém, “se a verdade nada mais é do que produto de uma construção social, como fica a verdade científica?” (CORACINI, 2003, p. 104).

A pós-modernidade, ou modernidade tardia, por sua vez, caracteriza um período de mudanças conceituais no modo de encarar as grandes narrativas que atravessam o agir e o fazer humanos. Estamos em um período de crises paradigmáticas, sociais, identitárias, que faz alusão a um mundo que não pode mais ser aquele idealizado pela modernidade. Nesse novo cenário, o sujeito aparece fragmentado, e as fronteiras diluem-se, proporcionando o cotejamento das diversidades. Sua identidade, que não é mais fixa, está em constante mutação, desestabilizando o *modus operandi* da ciência que se propõe a investigá-lo.

Na visão da pós-modernidade, tanto o sujeito cognoscente como o objeto de seu conhecimento são influenciados pela temporalidade, pela historicidade, pelo pertencimento social, pelas ideologias e pelos valores que os constituem e que constituem as relações de sentido travadas com o mundo objetivo e com outros

sujeitos. Assim, parece ser esse o momento em que se dá “a restituição do sujeito à ciência e a restituição da ciência aos sujeitos” (SCHNITMAN, 1986, p. 14).

Santos (2004) vai mais além dos conceitos de sujeito pós-moderno e de pós-modernismo ao propor, em razão da crise desencadeada no campo da ciência, um novo paradigma epistemológico, ao mesmo tempo social e político. As crises são importantes não apenas por apontar falhas e deficiências mas, principalmente, por serem oportunidades de, em se propondo mudá-las corrigir as falhas e deficiências apontadas.

Segundo a análise de Santos (2004), as mudanças no modo de fazer ciência, decorrentes das crises paradigmáticas, não foram mudanças estruturais, e sim aparentes, pois o papel de criticar a sociedade ocidental moderna valorizando a liberdade, a igualdade e a solidariedade não se cumpriu: o que se verificou foi a manutenção de velhos hábitos sobre novas roupagens.

Foi preciso, então, reinventar e Santos (2004) o fez propondo uma nova teoria crítica, por ele chamada de pós-modernismo de oposição, na qual postula que se reinvente a emancipação social, critica a ciência moderna e o relativismo epistemológico ou cultural e defende idéias marginalizadas pelas concepções dominantes de modernidade.

Para atingir esse pós-modernismo de oposição, o único caminho possível é aquele que se dispõe a trabalhar a partir das experiências dos grupos sociais que tenham sofrido com o exclusivismo epistemológico da ciência moderna e com a redução das possibilidades emancipatórias da modernidade ocidental.

No dizer de Santos (2004, p. 17-18), seria “ouvir e aprender com as vozes do Sul” –, uma metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo. Ouvir as vozes do Sul seria a reinvenção da emancipação social: uma emancipação que não seria uma “melhoria da vida” assentada nos princípios do capitalismo, da economia de mercado, mas uma “melhoria” em termos de libertação da influência colonialista das culturas dominantes sobre as dominadas.

Essa proposição de um novo paradigma de produção de conhecimento, a que ele chama de pós-modernismo de oposição, implica acompanhar as transformações das sociedades e do mundo em que vivemos, considerando-as em seu contexto particular. Para compreender essas transformações e o que elas significam é preciso, ainda, considerar o lugar de onde elas falam, de que modo falam e para quem elas se dirigem.

Essas posições alinham-se na direção de uma produção do conhecimento nas Ciências Humanas na qual são considerados o sujeito, a história, a descontinuidade, as identidades culturais e sociais que compõem e constituem, inevitavelmente, a vida, o homem, seus discursos e suas relações.

2.3 A CIÊNCIA E OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

O legado epistemológico da ciência clássica, com seu modelo de investigação empírica ancorado nos critérios de objetividade, causalidade, mensurabilidade, previsibilidade e generalização, tão profícuo no campo das ciências naturais e exatas, disseminou-se, fortemente, no campo das ciências humanas dada a busca pelo reconhecimento científico de sua natureza e prática, fato que só poderia ser atestado na medida em que estas últimas fossem submetidas aos mesmos rigores científicos das primeiras.

Considerando essa necessidade, o objeto de estudo é naturalizado o mais possível, e, tanto no campo social quanto no campo dos estudos lingüísticos, desenvolvem-se teorias e modelos investigativos ancorados nesses pressupostos.

No campo dos estudos lingüísticos, é a disciplina Lingüística que, entre fins do século XIX e início do século XX, confirma seu selo de cientificidade desenvolvendo seus estudos dentro dos parâmetros estabelecidos pelo fazer científico da época. Baseados nos marcos estabelecidos pela ciência Lingüística, toda uma tradição de pesquisa em linguagem será consolidada nos anos subseqüentes, fato a que aludiremos mais adiante.

Voltando a esse período histórico, observamos que, para a concretização dessa prática científica, a abordagem do fenômeno lingüístico adota como critério o afastamento das questões de ordem social, cultural e histórica, uma vez que a crença reside no fato de que, sendo o objeto de estudo um fenômeno natural, a interpretação e a compreensão de seus problemas dependerão, unicamente, de leis físicas.

Embora no campo dos estudos lingüísticos admita-se, mais ou menos explicitamente, a existência de uma relação entre linguagem e sociedade, é a maneira como será dirigido o olhar para o fenômeno lingüístico que determinará o

modo de estudá-lo. Assim, surgem diferentes correntes de pensamento que, considerando, em maior ou menor grau, a influência da sociedade, da cultura e da história na constituição do fenômeno lingüístico, se dedicarão ao seu estudo.

A primeira grande corrente de pensamento é a corrente estruturalista, representada classicamente por Ferdinand de Saussure. É a herdeira legítima da abordagem do fenômeno lingüístico como fenômeno natural, e não como fenômeno constituído a partir das relações sociais entre os indivíduos. Esse modo de estudar o fenômeno lingüístico recebe o nome de abordagem imanente da língua, na qual esta última define-se por oposição à fala. A língua, objeto central dos estudos lingüísticos, seria o sistema invariante do qual se podem abstrair as múltiplas variações da fala; a segunda, mera expressão da primeira. Cabe à Lingüística, portanto, a tarefa de descrever esse sistema formal, ou seja, a língua.

Embora Saussure não negue a importância de considerar aspectos de ordem etnológica, histórica e política na constituição do fenômeno lingüístico, ele não os considera imprescindíveis para o estudo da língua, naquilo que realmente importa e a determina, ou seja, seu caráter formal e estrutural (SAUSSURE, 1981).

Saussure ocupa o lugar de um divisor de águas no campo dos estudos lingüísticos uma vez que, em função de sua proposta, instaura-se uma distinção entre os estudos lingüísticos que seguem uma orientação formal, denominados de Lingüística Interna, e os estudos lingüísticos que vão considerar orientações contextuais, denominados de Lingüística Externa (Sociolingüística, Etnolingüística, Psicolingüística etc).

A segunda grande corrente de pensamento a influenciar o rumo dos estudos lingüísticos teve, como representante principal, o lingüista norte-americano Noam Chomsky, que, em 1957, apresenta uma nova proposta para estudar o fenômeno lingüístico. Alinhando-se aos parâmetros norteadores da busca por uma ciência objetiva, preditiva e prospectiva, a Gramática Gerativa Transformacional desenvolve seu modelo fundamentada na crença de que a fala, ou estrutura superficial, deriva de estruturas profundas, inatas aos seres humanos, as quais se transformam por meio de regras constituindo, assim, uma gramática universal capaz, em princípio, de gerar qualquer língua.

Conforme essa abordagem, a questão relevante para o estudo da Lingüística seria a descrição dessa gramática universal, o que permitiria entender como a linguagem surge e forma as diferentes línguas faladas pelos seres humanos. Essa

descrição e essa compreensão somente poderiam acontecer uma vez apoiadas em uma teoria forte da qual pudessem ser deduzidas, para posterior confirmação ou refutação, afirmações resultantes de testes empíricos sobre dados observáveis (CHOMSKY, 1957).

É importante ressaltar que essas abordagens do fenômeno lingüístico e as concepções de linguagem que delas derivam devem ser encaradas segundo sua inserção no momento histórico e social de seu surgimento. Segundo Williams (apud PENNYCOOK, 1998, p. 26), “uma definição de linguagem é sempre, implícita ou explicitamente, uma definição dos seres humanos no mundo”.

Assim, a concepção de linguagem que domina o cenário dos estudos lingüísticos nos séculos XIX e XX surge num determinado momento histórico, social e político da Europa, onde a língua padronizada representa um ideal de unidade, de nacionalismo e, igualmente, de controle social das massas.

Ao adotar tais concepções e transformá-las em conceito científico, a Lingüística passou a trabalhar com esses padrões de linguagem tentando localizar sua origem: como um construto biologicamente determinado, de forma isolada, em cada indivíduo, segundo os gerativistas, ou descrevendo sua estrutura funcional interna e externa, segundo os estruturalistas.

Embora outros teóricos e estudiosos da linguagem (MEILLET, 1977; JAKOBSON, 1970, 1973; BENVENISTE, 1974, 1976; COHEN, 1956)² tenham desenvolvido propostas de estudo para os fenômenos lingüísticos numa concepção em que língua, cultura e sociedade se integram e se interpenetram, elas se processaram nos marcos do paradigma estruturalista saussuriano.

Ao defender a prevalência do sincrônico sobre o diacrônico e das relações estruturais internas da língua sobre as externas além da dicotomia entre o indivíduo e a sociedade, esse modo de pensar a linguagem provocou um desvinculamento do estudo desta e das questões históricas, sociais, culturais e políticas, caracterizando-se, assim, como uma concepção de linguagem apolítica e a-histórica.

Tal paradigma, associado aos paradigmas positivistas que dominavam o saber científico, culminou no isolamento do indivíduo e de sua linguagem das relações sociais, culturais e políticas que os constituem. Uma concepção de linguagem dessa natureza é problemática na medida em que o desenvolvimento dos

² Os autores citados encontram-se referenciados em Alkmim, 2003

modelos de linguagem e o uso da língua que ela celebra refletem uma visão de mundo centrada em si mesma, universalista em seus princípios de racionalidade e verdade, sem espaço para considerar outras realidades lingüísticas e questões de poder e desigualdades.

Em uma concepção assim, a linguagem existe apenas como um sistema para a transmissão de mensagens. Conforme afirma Pennycook,

[...] o que falta a essa concepção de linguagem é a compreensão de que a língua é um sistema de significação de idéias que desempenha um papel central no modo como concebemos o mundo e a nós mesmos (PENNYCOOK, 1998, p.29).

Em muitas áreas das Ciências Humanas, a crise no paradigma científico dominante trouxe mudanças nas bases epistemológicas que ancoravam as respectivas práticas. Como seria de se esperar, também no campo dos estudos da linguagem, os ventos da mudança se fizeram sentir, embora timidamente pois o modelo estruturalista, principalmente, e o gerativista reinavam sobre os modos de pensar e produzir conhecimento nesse campo de estudo, e ainda o fazem, de certa forma, nos dias de hoje.

Crises paradigmáticas, segundo Marcondes (apud FREITAS, 2003), são o resultado de mudanças conceituais mas também são o resultado de mudanças de visão de mundo decorrentes de alguma insatisfação em relação aos modelos vigentes que se propõem a explicá-lo.

Em qualquer campo, a ciência – natural, exata, biológica, social ou lingüística – precisa ter algo a dizer sobre as questões que preocupam o homem, a sociedade e seu tempo. Nesse sentido, Rajagopalan nos lembra que, no que se refere à Lingüística, tanto a obra saussuriana quanto a chomskiana marcaram momentos significativos da evolução do campo dos estudos lingüísticos na medida em que constituíram momentos históricos “em que a lingüística tomou a dianteira das discussões, atendendo a uma certa necessidade preeminente de novos arcabouços em face do esgotamento dos vigentes” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 39).

Posteriormente, os estudos da lingüística avançaram na direção de incorporar críticas aos mesmos modelos (estruturalista e gerativista) que adotaram e seguiram em dado momento histórico, configurando, à época, a ampla natureza das questões tratadas no campo da linguagem em relação a outros campos do saber.

Ainda segundo Rajagopalan (2003), as críticas resultaram em esforços para atualizar o diálogo com outras áreas do saber, o que provocou o surgimento de novas subáreas de estudo (a pragmática, a lingüística textual, a sociolingüística, a psicolingüística, a análise do discurso, dentre outras) que abordavam as questões de linguagem em interface com outros saberes. Ampliavam-se, assim, as possibilidades de compreensão dessas questões, afastando-se, cada vez mais, de uma visão reducionista e unilateral do conceito de língua e das práticas de linguagem. O detalhamento dessas propostas não constitui, no entanto, objeto de reflexão neste trabalho.

É na figura do pensador Mikhail Bakhtin que vamos buscar elementos para apoiar uma reflexão crítica sobre o modo como os estudos lingüísticos desenvolveram-se no campo das Ciências Humanas e as conseqüências de suas escolhas teóricas e metodológicas.

Em toda sua obra, Bakhtin (2003) afirma sua insatisfação em relação aos modelos explicativos das Ciências Humanas e da Lingüística de seu tempo, criticando as visões dicotômicas, fragmentárias e desintegradoras do homem e da linguagem que o constitui e, por ele é constituída. Ao propor uma abordagem diferente do fenômeno lingüístico, uma concepção de linguagem firmemente centrada na atividade, na eventicidade e na dimensão axiológica, ele inaugura um novo paradigma para estudar o homem em suas relações.

Bakhtin e os intelectuais, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev, que integraram seu círculo de estudos³, preocupavam-se com o mundo semiótico, o mundo dos signos e da cultura. Ao dialogar com o pensamento filosófico-científico da época, criticaram tanto as abordagens que defendiam ser a língua uma ato de criação própria de cada indivíduo – o subjetivismo idealista – quanto as abordagens que defendiam a idéia de um sistema lingüístico organizador das estruturas formais da língua – o objetivismo abstrato (VOLOSHINOV, 2002).

O subjetivismo idealista ancora-se em uma filosofia idealista e interessa-se pelo ato de fala como uma criação individual do sujeito. O psiquismo individual constitui-se em fonte criadora e de sentido da língua e como tal é o único passível

³ A denominação de um círculo de estudos ao qual Bakhtin empresta o nome foi atribuída ao conjunto da obra dos três intelectuais acima citados. Essa denominação foi dada, *a posteriori*, por estudiosos dos trabalhos desses autores, considerando seus encontros regulares durante um período de dez anos (1919-1929), o compartilhamento de um conjunto expressivo de idéias e os fortes laços de amizade que os uniam (FARACO, 2003).

de ser estudado uma vez que a língua (o léxico, a gramática e a fonética), seu produto acabado, é apenas uma forma externa desprovida de sentido *per si*.

Ao lingüista interessa estudar as leis da psicologia individual que determinarão o significado do fenômeno lingüístico como criação individual. Sendo assim, a criação lingüística individual é predominantemente ideológica, instável e pessoal tanto quanto qualquer manifestação no campo das artes e da estética (VOLOSHINOV, 2002).

No objetivismo abstrato, concepção de linguagem herdeira direta do iluminismo, do cartesianismo e do estruturalismo de Saussure, ao contrário, a língua é constituída internamente por unidades idênticas articuladas e organizadas formalmente por leis lingüísticas, e não por atos de uma consciência individual. Isso é o que permite garantir a unicidade de uma dada língua e a possibilidade de sua estruturação por parte de todos os falantes daquela comunidade lingüística.

Essa concepção de linguagem tem no conceito de sistema lingüístico organizador (das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua) sua principal característica, e isso a qualifica como objeto de estudo para uma ciência bem definida. As leis que regem e regulam esse sistema não podem ser, como no subjetivismo idealista, leis psicológicas, sociológicas ou estéticas; elas só podem ser leis lingüísticas que vão adotar critérios normativos para a língua. O sentido atribuído à língua não depende, assim, de nenhuma manifestação de tipo ideológico, individual ou artístico; ele é construído no sistema normativo que rege a língua (VOLOSHINOV, 2002).

Para Bakhtin e os estudiosos do Círculo, as duas orientações do pensamento filosófico-lingüístico vigentes à época estavam, ambas, equivocadas em relação a seus objetos de estudo e aos métodos definidos para estudá-los, pois, na verdade, “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante” (BAKHTIN, 2003, p. 395), e não o psiquismo subjetivo do indivíduo, por um lado, ou um sistema invariante, por outro.

Conforme esse mesmo autor, o ponto central está no centro organizador da expressão humana, que não é interno ou produto de uma consciência, mas externo, construído nas relações e práticas sociais. A verdadeira substância da língua está na interação verbal entre sujeitos nas diferentes esferas de produção da linguagem.

Se toda expressão do sujeito é um texto, as Ciências Humanas, para Bakhtin são “ciências do texto” (FARACO, 2003, p.42). Se o texto é a expressão do sujeito

falante, o texto, com sua materialidade s gnica, representa todas as manifesta es do sujeito em suas esferas de atividade e traz consigo toda a carga subjetiva, social, histórica e valorativa impregnada nessas manifesta es. Conforme suas palavras

As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa ou de um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto  , cria texto (ainda que potencial). Onde o homem   estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.) (BAKHTIN, 2003, p. 312).

 , portanto, o texto que deve ser estudado. Se não há texto, não há objeto de estudo. Logo, a abordagem que se deve ter para caracterizar um objeto de estudo dessa natureza, que fala e   falado, deve ser diversa da que se propõe a estudar um objeto mudo.

Bakhtin (2003) esclarece ainda quanto ao que diferencia as Ciências Naturais das Humanas, que o conhecimento da coisa (objeto mudo)   um ato unilateral do indivíduo, sujeito cognoscente, e que esse conhecimento serve apenas a um interesse prático.   um conhecimento monológico porque nele está inserida a a o de apenas uma consciência em rela o a um objeto. O conhecimento do indivíduo, por sua vez,   um ato bilateral uma vez que nele se d  a a o de um indivíduo para um objeto, texto, que expressa um outro sujeito.

Situando dessa forma o objeto de estudo das Ciências Humanas, Bakhtin introduz o outro no processo do conhecimento, pois todo texto busca um interlocutor, que pode não ser real ou único, para o qual se dirigem o texto, a enuncia o, os discursos. Nas correntes clássicas da ciência, as quais estudavam o homem de forma objetiva, a palavra do outro foi de tal forma desprovida de seu caráter enunciativo que tornou-se comportamento, rea o em vez de resposta e, conseqüentemente, privou-se de sentido (AMORIM, 2001).

Nessa rela o entre pesquisador e objeto de estudo, d -se o encontro de pelo menos duas consciências (pesquisador e sujeito pesquisado), ou mais, configurando-se uma rela o dialógica para sua atividade (BAKHTIN, 2003; FREITAS, 2003). O conhecimento do indivíduo pressupõe conhecer o sentido implicado na intera o dessas consciências. Esse sentido não   racional, não   passível de ser dissolvido em conceitos; ele   único em cada evento e assume tons

valorativos que serão igualmente únicos e específicos de cada encontro entre os sujeitos.

Bakhtin (1993, 1997) critica as Ciências Humanas que promovem a desvinculação do ser com sua vida, como se a razão teórica que o estuda pudesse ser desvinculada de sua vida. Em seu pensamento, não há como desvincular o singular, o único, o irrepetível, da ordem do mundo da vida, da reflexão sobre o ser humano, da ordem do mundo da cognição, do mundo da cultura e da ciência e, por isso, não há espaço para concordar com um paradigma de cientificidade que abstraia um mundo do outro.

Em tese, qualquer objeto do saber pode ser percebido e conhecido como coisa, incluindo o homem, e, nesse caso, todas as correntes de pensamento das Ciências Humanas que se aliam aos paradigmas racionalistas e positivistas podem comprovar o que foi feito do homem e de sua subjetividade.

Mas, para conhecer o indivíduo como indivíduo, e não como coisa, é preciso que se revele seu potencial de sentidos, é preciso se entranhar na infinitude dos sentidos para dar conta de um único sentido. Aquilo que se estuda como coisa transforma-se em conceito e conceitos são abstratos e fechados. No estruturalismo, por exemplo, existe apenas um sujeito: o próprio pesquisador. Os objetos de estudo, as coisas, se transformam em conceitos nos mais variados graus de abstração.

Entretanto, o sujeito não pode se tornar conceito porque nele não há um fechamento e uma conclusão. Ele fala, e sua fala antecipa sempre uma resposta. Pergunta e resposta estão imersas em “massas imensas e ilimitadas de sentido esquecidos” que, no movimento dialógico, se renovam e reaparecem em cada novo contexto, deixando sempre diferentes possibilidades de interpretação e de compreensão. “Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico, este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites” (BAKHTIN, 2003, p. 410).

Numa perspectiva como a do pensamento bakhtiniano, a compreensão do objeto de estudo das Ciências Humanas faz com que a pesquisa e os paradigmas que a conformam abram-se para uma compreensão do homem como ser no mundo, imerso na vida e em relação constante com os outros em suas realidades, igualdades e também diferenças.

Da mesma forma, no campo dos estudos lingüísticos, a mudança de perspectiva no modo como olhamos para seu objeto de estudo, a linguagem, tem

grandes conseqüências sobre o modo como procuramos compreendê-lo e explicá-lo. As lentes com as quais olhamos nosso objeto moldam a nossa visão e interferem na interpretação daquilo que estamos tentando compreender.

Ao longo da evolução dos estudos lingüísticos, a Lingüística, disciplina de referência nesse campo de estudos, questionou-se e modificou-se algumas vezes, com reflexos que não somente a fizeram ampliar-se em diversas subáreas de interesse como proporcionaram a emergência de um novo campo de estudos, a Lingüística Aplicada, objeto de interesse deste trabalho.⁴

Os questionamentos que marcaram o campo dos estudos lingüísticos provocaram reflexões que, influenciadas pelas mudanças decorrentes das crises da modernidade e da pós-modernidade – falência de uma, emergência de outra –, tiveram impacto no modo como hoje está se desenvolvendo a produção do conhecimento na área dos estudos da linguagem.

Para que essa área de estudos contribua com um conhecimento que considere o homem em suas relações e práticas sociais, as mudanças no plano social, político, cultural e histórico da época em que se vive devem gerar reflexões e mudanças também no modo de se pesquisar esse homem e nas teorias e métodos que viabilizam essa pesquisa (MOITA LOPES, 2001, 2004).

Mais do que defender a prevalência de uma disciplina e seus métodos sobre outras disciplinas, para o estudo do ser humano, é preciso congregiar conhecimentos produzidos em diferentes campos do saber que se ocupem, de um modo ou de outro, com a questão humana. Se o homem é plural, também devem ser plurais as teorias e os métodos que vão procurar compreendê-lo, promovendo, no dizer de Moita Lopes (2004), um hibridismo teórico-metodológico.

A pesquisa deve mudar porque o mundo também está mudando. Nesse novo mundo contemporâneo, em que as questões sociais e políticas, as questões de raça, gênero e classes estão presentes, enfim, nesse mundo mestiço, o modo de produzir conhecimento também deve assumir esse caráter de mestiçagem.

Mais do que isso, nessa perspectiva, questões políticas, de relações de poder e de ética aparecem como fundamentais para a pesquisa (MOITA LOPES, 2001; RAJAGOPALAN, 2003). A produção do conhecimento deve procurar ir além das idéias que, de alguma forma, queiram conformar o ser humano em situações de

⁴ O percurso evolutivo da Lingüística Aplicada é discutido amplamente no quarto capítulo desta tese.

igualdade a todo custo voltando com isso a se aproximar de conceitos que busquem objetividade, neutralidade e universalidade, conceitos caros aos paradigmas da ciência clássica com os quais se quer romper.

Essa visão de como a pesquisa, as teorias e os métodos devem se comportar em nossos tempos atuais remete, em última instância, a uma idéia de diálogo que é central no pensamento bakhtiniano no sentido de que se deve promover um encontro entre os diferentes pontos de vista, as diferentes visões de mundo, as diferentes áreas teóricas, por que não dizer assim, para se poder atribuir sentido ao homem que vive na multiplicidade de sentidos que configuram a vida.

Considerando este capítulo como uma revisão contextualizadora do cenário no qual surge e desenvolve-se o campo de estudos da Lingüística Aplicada, apresentamos a evolução do paradigma científico nas Ciências Humanas e o modo como os estudos da linguagem foram situados e abordados ao longo de sua evolução.

O capítulo a seguir apresentará a dimensão ética na pesquisa em Ciências Humanas e no campo dos estudos da linguagem.

Estudos da Linguagem no campo do saber científico. Em meio à trajetória de crises e de transformações do saber científico, marcada pelos ideais de tempos modernos e pós-modernos, procuramos situar a perspectiva de abordar o objeto dos estudos lingüísticos, a linguagem, sob uma visão humanista e discursiva.

As primeiras considerações nos levam a questionar os aspectos éticos que envolvem a produção do conhecimento científico. Toda produção científica necessita ser elaborada dentro de padrões éticos. Porém, ética na pesquisa científica e pesquisa científica ética são discussões que seguem caminhos entrecruzados, sem dúvida, porém diferentes. Esses caminhos são discutidos no terceiro capítulo.

Para compreender o percurso da Lingüística Aplicada é preciso, antes, percorrer a história desse campo de estudos fazendo uma reconstituição do seu trajeto evolutivo, desde seu surgimento até a contemporaneidade, e refletindo sobre as condições que levaram a Lingüística Aplicada a, periodicamente, transformar-se. Essa reconstituição histórica compõe o quarto capítulo.

Na segunda parte do trabalho, começando pelo quinto capítulo, apresentamos a base metodológica sobre a qual se assenta este trabalho, bem como as primeiras análises de alguns aspectos relativos aos CBLAs – os números desses congressos, suas divisões em subáreas temáticas e seus títulos – com o objetivo de compreender a contribuição desse espaço de divulgação da produção científica para o desenvolvimento da área.

No sexto capítulo, desenvolvemos a análise de trabalhos científicos apresentados nas sete edições dos CBLAs, cujo objeto de estudo seja a Lingüística Aplicada. Essas análises terão o intuito de apontar um perfil da evolução da produção do conhecimento na Lingüística Aplicada, ancorando uma reflexão sobre os sentidos que emergem desta em meio às mudanças que têm sido vivenciadas pelos indivíduos sociais, em todos os campos da produção humana, na contemporaneidade.

No sétimo capítulo, por fim, analisamos alguns exemplos de pesquisas realizadas nessa área ao longo do período em estudo, os quais constituíram as bases para uma discussão sobre a concretização, ou não, nas pesquisas, das propostas emergentes para a constituição da identidade do campo que estamos estudando.

As considerações finais e as avaliações das idéias apresentadas e discutidas neste trabalho são apresentadas no oitavo capítulo.

**3 A DIMENSÃO ÉTICA NA PRODUÇÃO DO
CONHECIMENTO: INSERÇÃO NO MUNDO DA VIDA**

3.1 A ÉTICA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

“Chama-se mecânico ao todo se alguns de seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. As partes desse todo, ainda que estejam lado a lado e se toquem, em si mesmas são estranhas umas às outras. Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade”. Mikhail Bakhtin, 2003. p. 34

O propósito deste capítulo é discutir a dimensão ética da produção do conhecimento nas Ciências Humanas. Interessam-nos, particularmente, as ciências da linguagem e, dentre elas, a Lingüística Aplicada. Sendo assim, procuramos abordar a questão da ética de um ponto de vista geral, o da pesquisa nas Ciências Humanas, e de um ponto de vista particular, o da pesquisa em Lingüística Aplicada.

Discutimos inicialmente o conceito de ética para, em seguir, procurarmos diferenciar a ética na pesquisa e a pesquisa ética na Lingüística Aplicada, na contemporaneidade.

Ao assumirmos essa proposta, faz-se necessário justificar que procurar identificar a(as) identidades assumidas ou supostas nas pesquisas desenvolvidas na área da Lingüística Aplicada e discutir questões éticas que perpassam esse campo não é uma busca motivada por um ímpeto classificatório ou categórico, puro e simples, no sentido de, ao mapear essas identidades, lhes atribuir conceitos que farão referência a paradigmas e a modelos de pesquisa e que, por conseguinte, identificarão aquelas que serão consideradas mais ou menos atuais, mais ou menos válidas, mais ou menos representativas de um campo de estudo, e, conseqüentemente, mais ou menos éticas.

Por que estamos nos referindo a essas pesquisas com tais atribuições, ou seja, pesquisas atuais, válidas e representativas? Porque na maioria das vezes são essas as maiores preocupações que perpassam a elaboração de uma pesquisa científica em qualquer campo de estudos. A pesquisa necessita ser reconhecidamente inédita; necessita tratar de um tema que seja atual, que tenha algum interesse no sentido de contribuir para o avanço do conhecimento em sua

área e que se identifique com os objetos de estudo característicos do dito campo de estudos, ou seja, que assuma uma identidade condizente com a desejada em sua área de atuação, possível de ser reconhecida e aceita por seus pares. Tudo isso é desejável e exigível, mas não parece ser suficiente quando refletimos sobre as mudanças paradigmáticas que têm caracterizado a pesquisa nas Ciências Humanas na contemporaneidade.

Sem querer defender aqui o anarquismo na pesquisa científica e o relativismo do vale-tudo, recorreremos ao exemplo de uma situação vivida por um reconhecido pesquisador em Lingüística Aplicada para ilustrar o ponto em questão (MOITA LOPES, 2004, 2006). Ao que parece, o título de um trabalho do referido pesquisador – “Como ser homem, heterossexual e branco na escola: posicionamentos múltiplos em narrativas orais” –, apresentado em um congresso internacional no ano de 2000, desencadeou risos e comentários irônicos em um de seus pares.

O fato e a sua reação foram significativos pois constituíam uma crítica (mesmo que indireta à pessoa do pesquisador) ao tipo de trabalho que se apresentava como uma pesquisa lingüística. Para alguns, esse acontecimento poderia significar que o pesquisador se perdera ou, o que é pior, que a Lingüística Aplicada, como campo de estudo, se perdera, uma vez que acolhia pesquisas que poderiam ser tudo, menos pesquisas científicas sobre e da linguagem e seu funcionamento, tal qual se entende linguagem classicamente.

No entanto, sem entrar no mérito da transdisciplinaridade e da hibridização do campo de estudos da Lingüística Aplicada, vale lembrar, conforme caracterizou Freitas (2002, 2003b, 2003c), que, em uma perspectiva de construção do conhecimento humano,

não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas vai-se ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento (FREITAS, 2003c, p. 27).

Essa autora entende que a pesquisa realizada nas Ciências Humanas e, conseqüentemente, na Lingüística Aplicada, é uma pesquisa com sujeitos, e não com objetos, na qual as questões não se orientam para uma análise de variáveis, mas para uma compreensão dos fenômenos da linguagem e das práticas discursivas envolvidos em sua complexidade e em seu momento histórico,

Parece-nos ser esse o caso da pesquisa desenvolvida por Moita Lopes, no exemplo acima citado. Parece-nos também ser essa a dimensão ética que a produção do conhecimento científico no campo das Ciências Humanas tem buscado alcançar após as mudanças desencadeadas pelas crises paradigmáticas vividas pela ciência desde o século passado. São mudanças que apontam para uma práxis que reintegre o homem, sujeito de seu agir, ao fazer científico. Parece-nos, por fim, ser a dimensão ética que alguns teóricos (GOERGEN, 2001; MOITA LOPES, 2006a, 2006b, 2007; PENNYCOOK, 2003, 2006, RAJAGOPALAN, 2003, 2006; SANTOS, 2004a, 2004b, 2007) apresentam como sendo a desejada em um tempo em que a sociedade é cada vez mais heterogênea e cada vez mais plural.

Tal questão encontra respaldo, neste trabalho, no pensamento bakhtiniano que defende um conceito de ética sobre o qual se sustentam a vida e as atividades humanas. Essa perspectiva recusa a dissociação do mundo da cultura e da arte com o mundo da vida no qual está inserido ativamente o indivíduo ético responsável e entende ser a atividade cognitiva – e a produção do conhecimento em qualquer campo é uma atividade cognitiva – uma atividade necessariamente perpassada pela vida, ou seja, pela ética, sem o que ela se reduz a um conjunto de abstrações.

Concordando com esse pensamento, Freitas (2003b, p. 9) defende ser o ato de pesquisar “não um ato solitário e individual, mas antes de tudo um ato responsável”. Dessa forma, a pesquisa que se fizer e se apresentar, independentemente da identidade que assuma, deverá ser ética, responsável e responsiva. Deverá produzir sentido, e esse sentido, para que seja ético, deverá atuar como resposta a questões da vida e da prática dos sujeitos que, por meio de sua expressão e de seus discursos, definem e configuram, entre outros, o objeto de pesquisa das Ciências Humanas e das Ciências da Linguagem, incluindo-se a Lingüística Aplicada, por excelência.

3.2 A CONCEPÇÃO DE ÉTICA

O que é ética? Responder a essa pergunta não é um exercício simples posto que essa é uma palavra que carrega em si uma multiplicidade de sentidos possíveis e muitas vezes de sentidos apenas imaginados ou desejados.

Admitindo o fato de ser a definição do termo ampla, percebemos que sua aplicação parece ser mais ampla ainda, sobretudo nos tempos atuais. Conforme a definição proposta pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), ética é a

1. parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo esp. a respeito da essência das normas, valores, prescrições, e exortações presentes em qualquer realidade social.
2. derivação por extensão de sentido: conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social, ou de uma sociedade.

Considerando essa definição, a ética pode, por exemplo, ser tratada do ponto de vista filosófico moral e, nesse caso, necessitaríamos voltar aos gregos e a seus textos clássicos para uma discussão consistente; porém, esse não será o caminho trilhado nesta pesquisa.

Interessa-nos discutir a ética como um elemento constituinte da pesquisa científica nas Ciências Humanas, em geral, e na Lingüística Aplicada, em particular, e, para isso, vamos tomá-la como um conceito orientador do comportamento humano. Ter como objetivo, portanto, identificar a dimensão ética da pesquisa que se faz no campo de estudos da Lingüística Aplicada na contemporaneidade significa, como pesquisadores dessa área de conhecimento, procurar respostas para duas perguntas:

1. Que práticas discursivas estamos veiculando por meio de nossas pesquisas?
2. Que preocupações com a sociedade, com o mundo que nos cerca e com os outros com quem interagimos revelam-se nelas?

Para alcançar essas respostas, entendemos não ser possível abordar a questão da ética apenas do ponto de vista das normas de conduta e das prescrições que norteiam os rumos de toda e qualquer pesquisa científica e, assim, garantir que ela não esteja ferindo, em sentido largo, ninguém individualmente ou em grupo, quer seja social ou científico.

Neste trabalho, consideramos como um pressuposto a concordância com tudo o que a pesquisa deve ter e seguir para ser considerada ética, ou seja, uma conduta irrepreensível no que se refere à manipulação dos dados, ao consentimento dos informantes, às análises realizadas, ao retorno e à divulgação dos resultados, aos créditos de autoria e co-autoria, ao que é considerado plágio, dentre outros.

Por sua vez, a dimensão ética que buscamos identificar ao olharmos para a produção do conhecimento do campo de estudos da Lingüística Aplicada e para os discursos que a pesquisa científica tem divulgado, refere-se ao modo como o discurso do saber articula o que é específico do campo teórico com o que é específico do campo da vida do sujeito de sua pesquisa, fazendo emergir sentidos e valores que indicarão os lugares, no sentido de posicionamentos, assumidos pela pesquisa e, conseqüentemente, pelo campo de estudos.

Para assegurar o tom que desejamos imprimir neste trabalho e que temos por objetivo buscar e discutir nos dados, recorremos a Bakhtin (2003), em seu texto “Arte e responsabilidade” (publicado em 1919), o qual introduz a questão da ética advertindo-nos sobre a necessidade de superar a clássica dicotomia, defendida em sua época, entre vida e arte e entre vida e ciência. Segundo ele, os “três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade” (BAKHTIN, 2003, p. 33). Defendendo uma interpenetração dos três campos, Bakhtin aponta o homem, o ser humano, como um ser responsável que, ao transitar em cada uma das três esferas, deve integrá-las na unidade da responsabilidade que caracteriza cada uma e todas entre si.

A responsabilidade é, para Bakhtin, a categoria ética fundamental sobre a qual está ancorada a base de toda atividade humana. É possível que, em cada esfera – na cultura, na arte e na vida –, desenvolvam-se conhecimentos e atividades de forma isolada; no entanto, sem a implicação do indivíduo e de sua responsabilidade, não há como atribuir uma qualidade ética a esses conhecimentos e atividades.

Nesse sentido, defendemos que o conhecimento produzido na Lingüística Aplicada, a sua pesquisa (ciência), deve estar diretamente relacionado com o indivíduo, (como vida) não de uma forma mecânica, mas de uma forma responsável de modo que o conhecimento responda pela vida e a vida aponte o rumo do conhecimento.

3.3 A ÉTICA NA PESQUISA

Para refletir sobre a natureza e as características da produção do conhecimento científico, é imprescindível olhar para as questões metodológicas e estruturais que compõem toda pesquisa. Da mesma forma, é imprescindível considerar também as questões éticas que regem o fazer científico.

Celani (2005) discute amplamente essa temática e revela que, no campo da pesquisa científica no Brasil, a preocupação com questões éticas começa na medicina. Baseando-se na compreensão de que o termo ética relaciona-se com os princípios que regem e regulam o comportamento humano em termos de normas, regras, valores e moral de um determinado grupo social ou sociedade (HOUAISS, 2001; HOLANDA, 1999), é a área médica (em 1995, no Brasil) a primeira a sentir a necessidade de determinar padrões de conduta éticos a serem seguidos para regular sua prática. Tais procedimentos se disseminam no campo acadêmico e, em 2002, surgem comitês de ética nas universidades para avaliar todo e qualquer projeto de pesquisa que envolva seres humanos.

Determinar padrões de conduta ética em dada área da pesquisa científica remete diretamente à consideração do paradigma que orienta a área de pesquisa em questão. No campo das Ciências Humanas e das Ciências da Linguagem predominam, até então, o paradigma qualitativo da pesquisa positivista e, neste, verifica-se uma preocupação com códigos de conduta do profissional em relação a si e a seus pares da comunidade científica, a seu objeto de estudo (os sujeitos pesquisados) e à sociedade como um todo.

Esses códigos de conduta referem-se a procedimentos considerados éticos e não-éticos. Paiva (2005) defende que a pesquisa ética deve preocupar-se, de igual modo, com a relação entre pesquisadores e com a relação pesquisador e pesquisado ou participante da pesquisa.

Quanto à relação entre pesquisadores, a autora avalia que uma conduta ética deveria refletir o respeito ao trabalho do colega, destacar os créditos corretos de autoria e co-autoria, cumprir normas que assegurem respeito construtivo e imparcialidade na emissão de pareceres sobre os trabalhos de colegas, utilizar de forma responsável os trabalhos de outros colegas em citações e, por fim, procurar,

sempre que possível, a cooperação com outros pesquisadores, para o bem da pesquisa e do avanço do conhecimento.

No que se refere à relação entre pesquisador e pesquisado, por sua vez, Paiva (2005) defende que a conduta ética deve preocupar-se em não invadir ou alterar a rotina e o planejamento do pesquisado em sua vida ou na instituição pesquisada em nome unicamente do andamento da pesquisa; informar corretamente e completamente os participantes sobre os objetivos da pesquisa; ter cuidado na transcrição dos dados de forma a evitar constrangimentos para o informante da pesquisa; comprometer-se a dar retorno aos informantes sobre a conclusão e os resultados da pesquisa; eximir-se de selecionar informações sobre o pesquisado colhidas durante a pesquisa de forma a ressaltar aspectos em foco de seu trabalho; em caso de pesquisa experimental, observar se as interferências feitas durante a pesquisa, em caso de grupos controle e grupos experimentais, não trazem prejuízo para nenhum deles e, por fim, respeitar as preocupações do informante ao elaborar questionários e entrevistas de modo que as perguntas e respostas possam ser relevantes tanto para o pesquisador quanto para o pesquisado.

Por outro lado, quanto aos procedimentos considerados não-éticos, Celani (2005) os classifica em duas categorias: má conduta e fraude. Exemplos de má conduta na pesquisa seriam: não arquivar dados, não aceitar avaliações, encomendar dados, publicar precocemente para publicar primeiro, explorar subalternos, tratar mal os sujeitos que compõem a amostra, entre outros. Caracterizariam fraude, por sua vez, o plágio, a falsificação de dados e a invenção de resultados.

Como qualquer classificação, essa também não é unanimidade e, para alguns autores, a linha que separa, por exemplo, o que seria má conduta e o que seria fraude pode ser bastante tênue. Em determinados casos, a falsificação de dados é considerada fraude, pura e simplesmente. Em outros casos, essa mesma falsificação pode ser considerada, apenas, má conduta. Ou seja, isso aconteceria se o autor, apenas, forcesse um pouco a margem do que lhe é possível depreender dos dados com o objetivo de confirmar ou refutar uma hipótese de pesquisa. Essa prática é conhecida pela expressão “massagear os dados” (HOWE; MOSES apud CELANI, 2005, p. 108).

Outra questão problemática a ser considerada quando se pensa em regulamentar normas e padrões de conduta para uma determinada atividade, seja

ela de pesquisa ou não, consiste em determinar o que exatamente é considerado um padrão de conduta aceitável ou não em cada sociedade ou grupo social.

Uma vez que juízos, regras e valores são mutáveis e relativos, a determinação de códigos de conduta ética também poderia sê-lo. Na pesquisa científica, considera-se o pressuposto lógico de que os seus paradigmas regem os aspectos éticos da atividade científica. Sendo eles universais, não haveria, então, razão para que qualquer pesquisa realizada em conformidade com seu paradigma escapasse a seus padrões éticos. Porém é necessário levar em conta, também, as especificidades de cada grupo e sociedade.

Mesmo considerando certas dificuldades na classificação já apresentada, é certo que a ética na pesquisa determina parâmetros e, conforme o paradigma adotado, certos procedimentos são exigidos, uma vez que sem estes, torna-se impossível garantir a validade, a fidedignidade e a qualidade de uma pesquisa.

Os dois principais paradigmas adotados na área de estudos lingüísticos, a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa, determinam suas próprias normas e padrões de conduta. Segundo Celani (2005), a pesquisa no campo da linguagem realizada dentro de uma proposta qualitativa (principalmente a crítica, defendida pela autora) assumirá uma postura ética diferente daquela postulada na pesquisa condicionada por métodos quantitativos.

A primeira proposta tenta buscar um equilíbrio entre deveres e obrigações do pesquisador para com sua pesquisa (planejamento, decisões de natureza epistemológica, procedimentos de pesquisa etc.) e para com o sujeito pesquisado (proteção dos participantes, consentimento, liberdade para desistir de participar da pesquisa etc.). O sujeito é, ao mesmo tempo, um informante e um participante ativo da pesquisa, atuando como negociador, ao lado do pesquisador, na construção dos significados da pesquisa.

A segunda busca atuar dentro de rígidos critérios de neutralidade e objetividade e, embora sem desrespeitar o sujeito da pesquisa, preocupa-se muito mais com os procedimentos da pesquisa em si e com a fidedignidade dos resultados.

É preciso ressaltar, e Celani (2005) alerta para o fato, que também os conceitos sobre o que é ético ou não-ético na pesquisa estão sendo revistos e ampliados devido às mudanças nos modos de realizar pesquisa, de se olhar para seu objeto de estudo e de inserir pesquisa e pesquisado na rede social, histórica e

política da contemporaneidade, na qual questões sociais, de relações de poder, diferenças culturais, liberdade e responsabilidade passam a contar na hora de seguir padrões passíveis de serem considerados éticos.

3.4 A PESQUISA ÉTICA

Se considerarmos a hipótese que seguir um código de conduta que prescreve normas e regras para um determinado grupo, social ou científico, determina a ética na pesquisa, por que, então, discutir a pesquisa ética? A pesquisa ética não é a mesma pesquisa realizada conforme normas e regras éticas?

A resposta a essa pergunta é, ao mesmo tempo, afirmativa e negativa: afirmativa porque toda pesquisa deve ser pautada por um código de conduta ético no que se refere a seus procedimentos gerais e particulares, e negativa porque, segundo o conceito de ética que defendemos neste trabalho, não é toda pesquisa que pode ser considerada ética.

Para alguns autores e pesquisadores, falar de pesquisa ética remete muito mais a uma postura em relação ao campo e ao objeto de estudo do que um alinhamento a um modo de pesquisar e fazer pesquisa, postulando ser essa a diferença entre ética na pesquisa e pesquisa ética. Tal questão, por sua vez, tem tornado-se tema freqüente nas discussões sobre a pesquisa no campo das Ciências Humanas na contemporaneidade: tempo de crises paradigmáticas nas ciências, tempo de transição entre os postulados da modernidade e da pós-modernidade, e tempo de crises nas relações interpessoais, institucionais e sociais que têm caracterizado o mundo, os costumes e a época flutuante em que vivemos.

No campo da filosofia, discutir a pesquisa ética significa tocar na questão da reinvenção da vida do sujeito da pesquisa nas Ciências Humanas, ou seja, da recuperação do homem como elemento constituinte da pesquisa que o tem por objeto, que dele se ocupa.

Ribeiro chama a atenção para o modo de pesquisar de muitos pesquisadores, iniciantes ou não, nas Ciências Humanas, apontando para o fato de que “o pesquisador deve expor-se a seu objeto mais do que o faz” (RIBEIRO, 1999, p. 191). Dessa forma, ele sairia um pouco da terra firme que a obediência rígida aos cânones

do método científico e das abordagens teóricas coloca sob seus pés para ousar e poder refletir teoricamente de forma mais livre sobre o objeto de estudo escolhido, trazendo para sua pesquisa tudo aquilo que o sujeito vivencia e que o constitui no campo da cultura, da arte, da literatura, da música e da vida, para que ele possa inovar e se libertar de escolhas, descrições e análises de pesquisas que, muitas vezes, refletem a exterioridade apenas mecanicamente, sem incorporá-la em seu conteúdo.

Na mesma linha de pensamento, Romano (1998), ao argumentar sobre o fato de que a crise dos paradigmas nas Ciências Humanas fez emergir uma reflexão de natureza ética sobre seus modelos de produção do conhecimento, lembra que, desde a Antigüidade, ainda na Grécia antiga, questões éticas, para serem consideradas, não poderiam ser abstraídas de questões estéticas e políticas, não podendo, portanto, ser alijadas de sua ligação com a vida dos indivíduos em sociedade.

Em defesa dessa idéia, o autor considera que a reflexão ética incorpore tanto a dimensão teórica quanto a artística em sua natureza mais íntima, pois que, se os “modelos éticos podem ser muitos [...], urge buscá-los sem renegar a razão, as artes, as técnicas” (ROMANO, 1998, p. 92). Entretanto, é fato que as dificuldades em unir as duas extremidades de uma ponte que tem, de um lado, a ciência e, de outro, a arte, e, por todos os lados, o indivíduo e sua vida, são enormes uma vez que cada campo resiste em misturar-se e deixar-se impregnar do conhecimento do outro campo. A realidade da produção do conhecimento científico em meio às amarras que a própria ciência constrói, no que diz respeito aos paradigmas que adota ou às normas que regem as instituições onde se pesquisa, é diferente daquela realidade construída sobre esses valores éticos globais.

Goergen (2001) ressalta o fato de que, no contexto das transformações que a sociedade tem vivenciado na passagem da modernidade para a pós-modernidade, o conceito de ética ganhou um valor diferenciado. Isso porque, desiludida com as promessas não concretizadas de emancipação social da era da razão moderna, encabeçadas, sobretudo, pela ciência, pela tecnologia e pela economia de mercado, a sociedade busca uma nova consciência, na qual a ética tem papel central.

Essa nova consciência ecoa vozes que sinalizam uma mudança de comportamento de indivíduos, em número crescente, que estão dispostos a “renortear sua existência, a não mais tolerar seu alijamento do processo histórico e a

retomar a pergunta fundamental a respeito do sentido da vida, individual e coletiva” (GOERGEN, 2001, p. 7) na busca de uma sociedade melhor e mais justa.

Porém, a nosso ver, é Bakhtin quem contribui, de forma essencial, para a discussão sobre um olhar mais ampliado do conceito de ética. Para aqueles que se dedicam a estudar seus textos, ele é muito mais do que um grande filólogo; é, simultaneamente, um filósofo, um filósofo da estética e um filósofo da linguagem (ZAVALA, 1997).

Transitando nas fronteiras desses campos do saber, Bakhtin pensava, inicialmente, dedicar toda a sua vida à realização de um grande projeto por ele denominado de “*prima philosophia*”. Em tal projeto – ambicioso, mas, infelizmente inacabado –, é possível identificar um tom que perpassa seus textos apontando para uma superação da clássica dicotomia entre o mundo da vida e o mundo da cultura e da arte. Para Bakhtin, a chave para a superação dessa tríade (vida, cultura e arte) estaria na responsabilidade que caracteriza cada uma e todas entre si, sendo esta uma tarefa do ser responsável que transita em cada uma dessas esferas (BAKHTIN, 1997).

Bakhtin critica as correntes filosóficas e psicológicas e as teorias do conhecimento de sua época explicando a inadequação destas: ora defendiam um teoreticismo ancorado firmemente em bases racionalistas e empiristas, nas quais atribuíam-se autonomia a categorias gerais abstratas, o que apagava a especificidade dos fenômenos singulares, tomando-se o todo pela parte; ora apoiavam-se em soluções essencialistas e subjetivistas, nas quais o psiquismo interior determinava toda relação com o mundo real, tomando-se a parte pelo todo.

Contraopondo-se a essas correntes, Bakhtin propõe uma compreensão do mundo e do sujeito baseada na idéia de um processo contínuo do agir humano, o que é, antes de mais nada, uma proposta relacional e existencial: relacional porque põe em evidência a relação entre os sujeitos e os atos que executa; existencial porque esse sujeito é um sujeito concreto, imerso na vida que o constitui e sem a qual ele não existe nem age. Além disso, sua proposta é situacional porque, para ele, todo agir humano é construído social e historicamente.

Nos primeiros textos escritos por esse pensador – *Arte e responsabilidade*, em 1919; *Para uma filosofia do ato ético*, entre 1920-1924; *Autor e herói na atividade estética*, em 1924 e *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação verbal*, em 1924 –, encontramos as referências a esse projeto grandioso, que

proporcionariam as bases para a construção da proposta de funcionamento dialógico da linguagem à qual se dedicaria Bakhtin ao longo de sua obra subsequente.

Em seu projeto filosófico, Bakhtin desenvolve uma concepção específica da realidade humana cujo alicerce é construído em torno do conceito de ato/atividade do ser humano, considerado um Ser único, individual, singular, que existe não como essência, instância psíquica ou racionalidade apenas, mas como ser atuante na vida. O ato/atividade desse Ser único e singular deve compreender tanto seu conteúdo ou sentido quanto o processo no qual ele se realiza. E, para que esse ato/atividade torne-se um ato responsável e, portanto, ético, unindo conteúdo e processo, devemos encontrar a valoração atribuída por cada sujeito a cada ato/atividade realizado(a).

Compreende-se, assim, que, na realidade humana, a ética como modo de atribuição de valores ocupa um lugar essencial. É por seu intermédio que se mede a atuação do indivíduo em todos os domínios da cultura, ou seja, no campo da ética propriamente dita, no campo da estética e no campo da cognição, ou, em outras palavras, na vida, na arte e na ciência (ZAVALA, 1997; BUBNOVA, 1997).

Na apreciação de Bakhtin (1993; 1997), o pensamento filosófico da época, que, a princípio, buscava ser puramente teórico, era estéril. É claro que é preciso reconhecer que a filosofia moderna teve seus méritos em articular métodos perfeitamente científicos, mas as conseqüências dessa escolha epistemológica e metodológica a transformou em uma filosofia de verdades absolutas, de um grande pragmatismo e de uma estética sem ética. Para Bakhtin, essa filosofia teórica seria não mais do que uma filosofia especializada e dificilmente poderia pretender ser uma filosofia primeira pois esta última

[...] é um ensinamento não sobre a criação cultural unitária, mas sobre o Ser-evento unitário e único. [...] Minha consciência participativa e exigente pode ver que o mundo da filosofia moderna, o mundo teórico e teorizado da cultura, é em certo sentido real, que ele tem validade. Mas o que ela também pode ver é que esse mundo não é o mundo único no qual eu vivo e no qual eu executo responsabilmente meus atos. E esses dois mundos não se intercomunicam; não há um princípio para incluir e envolver ativamente o mundo válido da teoria e da cultura teorizada no Ser-evento único da vida (BAKHTIN, 1993, p.19-20).

O único princípio que pode unir “o mundo válido da teoria e o da cultura teorizada no Ser-evento único da vida”, ou, em outras palavras, o ato realizado e o pensamento teórico sobre esse ato, o dado e o criado, é o princípio da ética responsável do ser participativo que executa responsiva e responsabilmente suas ações, que lhes atribui sentido e valores e que a elas não se mostra indiferente.

Segundo Bakhtin (1993; 1997), todas as tentativas de estabelecer uma filosofia primeira que atribua sentido aos atos-ações no mundo real abstraindo-se o autor que “pensa teoricamente, contempla esteticamente e age eticamente” desses atos-ações serão infundadas. Para ele,

É apenas de dentro do ato realmente executado, que é único, integral e unitário em sua responsabilidade, que nós podemos encontrar uma abordagem ao Ser único e unitário em sua realidade concreta. Uma filosofia primeira só pode orientar-se em relação a esse ato realmente executado (BAKHTIN, 1993, p.28).

O ato assume um papel essencial na filosofia proposta por Bakhtin em razão de a vida ser uma sucessão de atos realizados. A vida do Ser constitui-se por intermédio de seus atos e é somente por meio de seu agir situado, participativo, não-indiferente e avaliativo que se realiza a mediação entre a experiência real e o sujeito.

Para esclarecer o que Bakhtin entende por “ato”, é preciso antes especificar o lugar de onde estamos falando sobre esse “ato”. No domínio da cultura, Bakhtin (1990) distingue três tipos de atos, que, não por acaso, têm relação direta com os três campos que participam na constituição do Ser: o da ética, o da estética e o do conhecimento, ou ainda, o da vida, o da arte e o da cultura. Os três atos são, portanto, o ético, o estético e o cognitivo.

Cada ato é um ponto de vista criador, e ele só encontra justificação para existir se estiver relacionado com outros pontos de vista. O ato vive em eternas fronteiras e, por isso, é somente no relacionamento, no deslizamento de fronteiras dentro da unidade da cultura que ele adquire sentido. Há de se considerar ainda que o ato não existe no vazio, na abstração. Se entendemos que ele existe nas relações, estas se dão sempre com algo preexistente, que já traz em si uma apreciação, uma valoração, e que contribui, portanto, para as suas próprias subseqüentes identificação, apreciação e valoração.

Podemos ter um conhecimento teórico de um ato-ação, de um fenômeno ou de um objeto por meio do ato cognitivo. Podemos ter uma representação estética de

um ato-ação, de um fenômeno ou de um objeto por meio do ato estético. Porém só podemos ter um sentido e uma valoração para um ato-ação, um fenômeno ou um objeto, se este for apreciado e regulamentado por um ato ético.

No ato cognitivo, interessa a busca da verdade. O conhecimento *per se* não aceita avaliações éticas ou formalizações estéticas. Na realidade do conhecimento, só a verdade é soberana, e tudo o que existe para o conhecimento é definido por ele mesmo pelas realidades (conhecimento) preexistentes, que contribuem para dar substancialidade ao novo conhecimento produzido.

No ato estético, encontramos a plenitude da realidade, tanto a real quanto a preexistente. Porém suas relações se dão no plano do conteúdo e do material que são, ambos, transformados, enriquecidos e completados pela atividade estética valorada do autor que lhes atribui uma forma composicional e lhes dá acabamento.

No ato ético, a relação com a realidade preexistente assume a forma de um dever: o dever da consciência ética atuante e participativa do ser único que atribui valores (que, muitas vezes, podem ser conflitantes com os valores de uma “moral universal” sobre certo ou errado, por exemplo) aos atos realmente executados, vividos e experienciados em todos os planos da cultura humana.

O ato realmente executado orienta-se em função do ser único e unitário da vida. Para compreendê-lo, é preciso levar em conta tanto a sua validade como a sua historicidade e individualidade. Por isso ele não pode ser simplesmente contemplado de fora ou pensado teoricamente. Ele não pode ser somente um ato cognitivo ou um ato estético. É preciso que seja também ético. É preciso que seja considerado sob a ótica da responsabilidade que integra todos os momentos que o constituem, ou seja, sua validade teórica, seu caráter histórico e sua apreciação valorativa (momentos que são diferentes em sua significância quando observados separadamente e/ou sob um ponto de vista abstrato).

No ato realmente executado, encontramos simultaneamente a forma e o conteúdo, a elaboração teórica e a materialidade concreta, elementos da ordem do repetível e da ordem do irrepetível, o significado e o tema. Ao realizar-se em uma situação concreta e sob a apreciação valorativa do sujeito desse agir, o ato realmente executado transforma-se em ato responsável e responsivo: responsável, na medida em que traz a assinatura do sujeito que imprime nele suas escolhas, opções, valores e que por eles se responsabiliza diante do mundo e dos outros; mas igualmente responsivo porque o agir humano é sempre uma resposta aos sentidos e

atos executados pelos outros. É também esse caráter de resposta a algo ou alguém que interfere nas decisões do sujeito quanto às suas escolhas éticas.

O ato realizado responsabilmente é, assim, uma decisão, uma conclusão de uma possibilidade para um evento que ocorre uma única e singular vez. No entanto, a relação que se estabelece no momento do ato realizado entre o Ser e o objeto não entende a possibilidade de conclusão do evento como algo dado (concreta ou abstratamente) ou pré-determinado (teórica ou subjetivamente).

Toda relação do Ser com um objeto é uma relação processual com um constante vir-a-ser. Atuando, eu me relaciono com um objeto que me é dado (lembrando que todo objeto já vem falado pelas vozes dos outros), visando ao que está para ser alcançado. E toda essa relação, todas essas possibilidades e todos os momentos constituintes de um evento estão imersos no campo axiológico que determina a atitude valorativa do sujeito não-indiferente que age responsabilmente, ou seja, eticamente.

O eixo axiológico que permeia todas as atividades do Ser é uma atribuição da consciência de cada um que, de forma responsável, transforma uma possibilidade em um ato-ação realizado. É o “tom emocional-volitivo”, ou seja, o valor que a consciência atribui ativamente a um ato-ação que expressa a verdade⁵ de um dado momento.

Essa verdade não é a mesma verdade teórica composta de momentos universais que só reconhece como verdadeiro aquilo que é constante e passível de ser repetido. Ao contrário, a verdade individual está diretamente relacionada com o caráter de eventicidade e de unicidade que caracteriza os atos-ações responsáveis do Ser-único.

Realizar uma ação responsável que assuma um caráter de verdade individual para o Ser significa, para cada um, fazer uma opção de participação efetiva no Ser-evento unitário, cumprindo um dever que é concreto, único e necessário para cada um e que pode ser diferente para todos os outros. Esse dever é uma obrigatoriedade do ser único que vive sua singularidade, que atua na vida de um modo que ninguém, além dele, pode viver.

⁵ Bakhtin (1993, 1997) distingue dois tipos de verdade: “*Pravda*”, que é a verdade individual, única e unitária do Ser e que se realiza no ato; e “*Istina*”, que é a verdade absoluta que vale em um mundo de categorias universais abstratas, no qual se considera que “[...] a verdade de uma situação é precisamente o que é repetível e constante nela” (BAKHTIN, 1993, p.38).

Para compreender esse fato, Bakhtin introduz a explicação do “não álibi do Ser”. Cada um é e ocupa um lugar único. O conhecimento (teórico) da verdade desse fato não obriga ninguém a nada. Mas é no momento em que eu como Ser me proponho a viver minha unicidade participativamente, ou seja, de modo não indiferente, que eu assumo uma posição, que eu me coloco um dever, uma obrigatoriedade frente à vida.

Isso me possibilita a realização de um ato-ação responsável; mas não significa, de modo algum, a aceitação de um relativismo que imponha critérios pessoais de valoração que podem, por exemplo, contradizer noções éticas morais universalizadas no âmbito da cultura humana. O vir-a-ser de cada sujeito no mundo é orientado por suas escolhas, por seus códigos de importância e valoração, mas é submetido à unidade de sua responsabilidade, que é sua e não de outros. Como posição, é sempre uma resposta a alguma coisa. Sendo assim, é sempre como resposta que seu sentido deve ser buscado, que seu valor deve ser analisado, que sua responsabilidade ética deve ser assumida.

O dever e a responsabilidade de cada sujeito não caem no campo do relativismo pois, no momento em que aceitamos o fato de que o sujeito se constitui nas relações sociais, sua verdade e seu dever-ser não vêm apenas de si mas de uma construção perpassada pelas vozes sociais dos outros que participam na constituição de cada um desses sujeitos sociais.

O mundo em que vive o ser concreto é um mundo disposto em torno de valores. Esse mundo é amado, odiado, pensado, sonhado e vivido. A disposição desses valores acontece, impreterivelmente, em torno do sujeito pois é ele que atribui valor e sentido à materialidade. Porém o fato de ser do indivíduo a responsabilidade de atribuir sentido e valoração à realidade por intermédio de seu agir no mundo não é condição para que ele ou seus atos possam ser valorados positivamente ou negativamente ou, ainda, compreendidos dessa forma.

Na visão estética podemos contemplar um ato-ação ou objeto de modo a ver em sua forma o belo ou o feio. No campo teórico, podemos pensar um ato-ação ou objeto apenas quanto a seu conteúdo, abstraindo qualquer aspecto avaliativo valorativo.

Por exemplo, consideremos o ato de matar. O fotógrafo que faz fotos de guerra pode ganhar dinheiro, prêmios e reconhecimento por seu trabalho. O olhar

especial que ele imprime em fotos que retratam a crueldade, a tristeza ou apenas a dura realidade de situações de morte pode ser avaliado apenas como ato estético.

Consideremos, então, as guerras. No campo das discussões políticas (a ciência política encontra-se ancorada no mundo da cultura), o envio de tropas, constituídas de seres humanos que vão matar e morrer, a um determinado local de conflito é legítimo caso se considere que os interesses (os mais diversos) da nação estão em perigo. Neste caso, matar é permitido e é justificável. Porém, se um sujeito, por sentir-se prejudicado em algum de seus interesses, resolve uma contenda com seu vizinho matando-o, ele será julgado e condenado por crime hediondo. Neste caso, então, matar não é permitido.

Por outro lado, considerando o agir responsável no campo do ato ético, a forma que reveste a materialidade e o conteúdo do ato-ação ou objeto não podem ser separados. Matar, em qualquer circunstância, é um ato que tem conseqüências.

Mas, para que forma e conteúdo sejam considerados juntos no ato ético, é preciso que sejam atravessados pelo eixo valorativo do sujeito. Assim, a contemplação e/ou a compreensão do sujeito só se dão em função de seu ponto de vista e este é diferente e único para cada um, da mesma forma que diferentes e únicos são os sujeitos. Isso não significa que um é certo ou que o outro é errado, nem que vale um tipo de apreciação mais do que outro ou qualquer um, mas significa que se compreendem a diferença e a singularidade de cada ponto de vista, de cada voz enunciada por cada sujeito que se posiciona frente ao mundo e no mundo. Sobre isso, afirma Bakhtin:

A vida conhece dois centros de valor que são fundamental e essencialmente diferentes, embora correlacionados um com o outro: eu e o outro; e é em torno desses centros que todos os momentos concretos do Ser se distribuem e se arranjam. Um e o mesmo objeto (idêntico em seu conteúdo) é um momento do Ser que se apresenta diferentemente do ponto de vista valorativo quando correlacionado comigo e quando correlacionado com outro. E o mundo todo que é unitário em conteúdo, quando correlacionado comigo ou com outro, está impregnado com um tom emocional-volitivo completamente diferente, é valorativamente operativo ou válido de uma maneira diferente no sentido mais vital, essencial. Isso não quebra a unidade de significado do mundo, mas antes o eleva ao nível de um evento único (BAKHTIN, 1993, p.75-76).

Esse mundo no qual está situado o Ser humano participativo, responsável e sem álibi torna-se impossível de ser compreendido teórica ou esteticamente. Ao

homem é dado o direito de vir-a-ser, e ao homem é negado o direito moral de ter um álibi frente a seus atos, frente a sua vida porque ele não pode escapar da responsabilidade de assumir o lugar único e irrepitível do Ser, não pode eximir-se de viver a vida como um contínuo e irrepitível atuar ético responsável. Nas palavras de Bakhtin,

Um ato ou ação responsável é precisamente aquele ato realizado sob a base de um reconhecimento da minha obrigatória (dever-ser) unicidade. É essa afirmação do meu não-álibi no Ser que constitui a base da minha vida sendo tanto real e necessariamente dada como também sendo real e necessariamente projetada como algo ainda por ser alcançado. É apenas o meu não-álibi no Ser que transforma uma possibilidade vazia em um ato ou ação responsável e real (BAKHTIN, 1993, p.43).

Para Bakhtin, a marca específica dos seres humanos no mundo encontra-se no agir situado responsabilmente de cada um. Partindo desse pressuposto, o autor, como dissemos anteriormente, critica as teorias filosóficas e epistemológicas de seu tempo que procuram ter o ser humano como objeto de estudo, mas se recusam a vê-lo em toda sua completude: ora olham apenas a sua subjetividade, ora olham apenas a sua materialidade; mas nunca olham forma, conteúdo e material em um conjunto que encontra sua unidade na ética responsável e responsiva.

A vida para Bakhtin é ética. Por isso lhe é inconcebível pretender estudar o sujeito humano dissociado de sua vida: em primeiro lugar porque, fora da vida, ele não seria mais do que um objeto de estudo mecânico e abstrato; em segundo, porque tal estudo deixaria de ser ético, tal como ele concebe as relações éticas no mundo da cultura, no mundo teórico, no mundo da pesquisa.

3.5 A ÉTICA NA PESQUISA DA LINGÜÍSTICA APLICADA

A postura ética, em sentido largo, tem sido objeto de reflexão de pesquisadores que se preocupam com o que seria a dimensão ética da pesquisa científica. Moita Lopes (2006), no campo dos Estudos da Linguagem, discute a relação da Lingüística Aplicada com a vida contemporânea e defende que, em uma agenda de trabalho condizente com os imperativos da vida nesse atual momento

histórico, político, social, cultural, econômico e tecnológico, a Lingüística Aplicada necessita “re-descrever a vida” como ela é para poder compreendê-la. Somente assim, o conhecimento produzido estará situado no mundo e apto a responder às questões desse mundo. Para esse pesquisador, somente um campo de estudo que se preocupasse em agir de tal modo estaria adotando uma agenda ética de investigação.

O fato de se questionar a produção do conhecimento de um campo teórico como a Lingüística Aplicada buscando compreender de que modo a ética se faz presente em sua prática também significa buscar respostas para os sentidos que emergem das relações sociais que se travam em todas as esferas envolvidas na atividade de produção desse conhecimento (esfera teórica e esfera da vida) inserida na contemporaneidade, quer seja ela moderna ou pós-moderna.

Se a Lingüística Aplicada tem-se encaminhado para uma ampliação de suas fronteiras, uma hibridização de seus métodos, uma interdisciplinaridade que a transforma e faz explodir uma produção de conhecimento com identidades múltiplas, variadas e até mestiças (MOITA LOPES, 2006), é sinal também de que ela está buscando responder a esses sentidos que clamam por não mais serem ignorados.

A investigação ética de que fala Moita Lopes (2006) remete, nesse sentido, à preocupação de Bakhtin (2003) em unificar os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – na unidade da responsabilidade que caracteriza cada uma e todas entre si, de forma que o agir concreto dos sujeitos e o pensar sobre o agir concreto dos sujeitos não estejam dissociados. Essa responsabilidade só passa a existir quando entra em cena a ética, pois, se vida de cada um é única e é concebida como um atuar ético permanente, os atos éticos individuais e responsáveis, por sua vez, compõem a vida (BAKHTIN, 1997).

Assim, fazer pesquisa lingüística, produzir conhecimento nesse campo de estudo, significa reconhecer que seu objeto de estudo, a linguagem, é opaca, plural em seus sentidos, e que, para compreendê-la, são necessárias mais do que regras estáticas e preexistentes. Para tanto, cada “pesquisador precisará equipar-se com sua opção (política, é claro) [...] e, nesse lugar de opção, pesquisa e ética se reencontram” (GERALDI, 2005, p. 7).

Nesse sentido, fazer pesquisa lingüística ética é reinventar a vida social. Segundo Moita Lopes (2006), significa ainda que é preciso dar voz a vozes que nunca foram ouvidas: vozes das margens, das minorias, dos excluídos não somente

em termos de classes sociais mas em termos de acesso ao conhecimento, à tecnologia, às benesses do progresso que tão bem caracterizam a sociedade moderna. Ouvir essas vozes, ou seja, assumir que é preciso “aprender com o Sul e ouvir as vozes do Sul” (SANTOS, 2001), implica um tipo de produção de conhecimento que procure seu objeto de estudo além dos discursos hegemônicos que mascaram as diferenças ou, quando muito, as identificam como mesmas e iguais.

Na base da ética da vida que deve perpassar todos os campos da cultura humana, encontra-se o Ser único que atua incessantemente na vida sob o peso de sua responsabilidade que lhe permite escolhas e transformações num eterno vir-a-ser, dado o caráter de inacabamento que lhe é inerente. Como sujeito único, ele é da ordem do irrepetível, portanto diferente de cada um outro que não ele. Como seu atuar também é único em cada evento único, continuamos na ordem do irrepetível. Como, diante dessas constatações, não considerar as diferenças?

“Ouvir as vozes do Sul” é, assim, uma metáfora das desigualdades que explodem em todas as partes do mundo e são causadoras de sofrimento para o ser humano. Nesse momento, é preciso concordar com Geraldini (2003, p. 39) e com seu alerta de que se “as desigualdades deformam, a diferença identifica”. Na desigualdade, temos sofrimento e exclusão; na diferença, temos apenas o outro que não eu mesmo.

Uma investigação ética relaciona-se, assim, com a construção de um conhecimento que assuma uma relação teoria-prática na qual o sujeito da pesquisa tenha sua voz ouvida independentemente do lugar social por ele ocupado, para que sobressaiam os discursos nas suas singularidades, e não apenas nas suas regularidades.

Para fazer face a esses novos desafios, encontramos em Moita Lopes (2006) uma proposta de transformação da Linguística Aplicada em um campo de estudos atuante na contemporaneidade, capaz de assumir-se eticamente e de produzir conhecimentos que estejam realmente situados no mundo tal qual ele se apresenta em todas as suas faces identitárias e em toda a sua dinâmica fluidez (BAUMAN, 2001). Moita Lopes (2006) defende serem necessárias quatro condições para que uma Linguística Aplicada contemporânea com tais características produza um conhecimento responsivo e responsável à vida social.

A primeira condição diz respeito ao caráter híbrido ou mestiço, tanto teórico quanto metodológico, que deve ter uma área de estudos como a Lingüística Aplicada no sentido de que, ao procurar ampliar seu objeto de estudo buscando escutar outras vozes e outros discursos, apóie-se igualmente em outras teorias que possam ajudá-la a compreender seu objeto de estudo dentro da complexidade que o caracteriza.

As escolhas teóricas que fazemos interferem diretamente em nossa práxis e têm sempre implicações éticas. Compreende-se, hoje que dificilmente uma área de atuação única seja capaz de dar conta do Ser complexo que habita em um mundo tanto ou mais complexo do que ele. Nesse sentido, a primeira condição defendida pelo pesquisador aponta para a efetiva interdisciplinaridade entre campos teóricos na forma de “diálogo (ou conversa) entre teorias [...] na qual a lógica de uma teoria é posta a operar dentro de uma outra sem que a última seja reduzida à primeira” (MOITA LOPES, 2006, p.100).

A segunda condição pode ser tomada como uma consequência da primeira, considerando-se o fato de que, ao buscar a contribuição de outras disciplinas, ampliando dessa forma as fronteiras de atuação, apaguem-se, igualmente, os limites entre teoria e prática. Em uma perspectiva de produção do conhecimento que trate seu objeto de estudo como entidade abstrata, separada e isolada da vida (típica do paradigma positivista dominante da ciência moderna), a relação teoria x prática inexistirá dado que o sujeito sai da vida para entrar na teoria que o despe de todos os seus atributos sociais, políticos e éticos e para dele considerar apenas o que pode ser empiricamente estudado.

Tal não deve ser a perspectiva de estudo de uma disciplina como a Lingüística Aplicada contemporânea que pretende superar a dicotomia que sempre a perseguiu. Seu dilema situa-se entre a possibilidade de ser somente a aplicação, na prática, de uma teoria que ela não é capaz de produzir e entre a possibilidade de garantir que, na relação entre o objeto e o estudo do objeto e entre teoria e prática, exista uma interpenetração que supere os ideais de “neutralidade científica” e “racionalidade descorporificada”, de tal forma que um só possa existir se correlacionado com o outro de forma responsável e responsiva, ou seja, de forma ética.

A terceira condição diz respeito ao sujeito da Lingüística Aplicada. Como disciplina que se ocupa das questões de linguagem, dos discursos que emergem

nas relações sociais entre sujeitos, é preciso saber quem é o sujeito desses discursos. Esse sujeito não pode mais ser o sujeito cartesiano, o sujeito do Iluminismo, que pensa e existe apenas em sua racionalidade e objetividade. Esse sujeito é um sujeito social, de identidades múltiplas, complexo, fluído e mutante, que atua na vida dentro da dimensão ética da sua responsabilidade. Dessa forma, ele se constitui incessantemente no seu agir situado (BAKHTIN, 1993; 1997) e, por meio de suas opções e de seus pontos de vista, atribui sentido a si, aos outros e ao mundo. Um sujeito assim, único e diferente de qualquer outro, não pode ser estudado naquilo que ele tem de igual, mas naquilo que ele tem de diferente. Uma perspectiva de estudo tal qual a que busca uma Lingüística Aplicada contemporânea só poderá tornar-se possível se contemplar, necessariamente, a natureza social, política, ideológica e histórica de seu sujeito.

A quarta condição, por fim, reitera a intrínseca relação de constitutividade que a ética e o poder devem ter em um campo de estudos que se configure conforme as características apontadas anteriormente. A posição ética está diretamente relacionada com as escolhas que fazemos.

Não se trata de defender qualquer escolha no sentido de que, sendo sujeito livre em seu pensar e em seu agir, tudo é válido. Os valores que perpassam nossas escolhas no nosso agir, no nosso pensar e no nosso dizer e, além disso, no agir, no pensar e no dizer de qualquer outro, refletem posicionamentos que devemos considerar como válidos independentemente de concordarmos ou não com eles.

No campo da produção do conhecimento, o ideal de neutralidade há muito deixou de ser perseguido. As escolhas que fazemos implicam posições ideológicas, relações de poder, lugares sociais, e, se é legítimo considerarmos todos os modos de produzir conhecimento como modelos válidos de descrever o mundo e os sujeitos inseridos nesse mundo (a polifonia ideal na qual todas as vozes co-existem em pé de igualdade), é igualmente legítimo preferirmos uns modelos e rejeitarmos outros, sinalizando os sentidos que queremos fazer emergir de nossos discursos. Para Moita Lopes (2006, p. 103), a “escolha deve se basear na exclusão de significados que causem sofrimento humano ou significados que façam mal aos outros”. Essa escolha é uma escolha ética, e é ela que deve sustentar uma pesquisa lingüística contemporânea.

Em tempos de mudanças paradigmáticas, crises da ciência e busca de novos rumos para os estudos humanísticos, encontramos opções para transformar, ou

melhor, para humanizar o campo de estudos da Lingüística Aplicada. Fazer escolhas do tipo das propostas por Moita Lopes (2006) faz com que a área se reinvente.

Em tempos de identidades múltiplas, híbridas e mestiças, é salutar perceber que novos ventos sopram no campo da pesquisa em Lingüística Aplicada, confirmando as previsões de pesquisadores, como Rajagopalan (2006), que, atentos às tendências e propostas de estudo da linguagem e de suas representações, estão buscando o confronto da ciência e da teoria com a prática e com a vida. Em última instância, estão buscando não somente fazer uma pesquisa ética mas fazer sobressair a ética na pesquisa e na produção do conhecimento.

As discussões teóricas apresentadas nos capítulos anteriores sinalizam as bases teóricas da discussão a respeito da produção do conhecimento da Lingüística Aplicada. Elas nos orientam para a observação das mudanças sociais epistemológicas e metodológicas desse campo e do modo como o conceito de ética evoluiu ao longo do percurso dessa área, cuja reconstituição é focalizada no capítulo que segue.

4 A TRAJETÓRIA DA LINGÜÍSTICA APLICADA

4.1 DEFINIÇÕES

“Nenhuma corrente científica (nem charlatona) é total, e nenhuma corrente se manteve em sua forma original e imutável. Não houve uma única época na ciência em que tenha existido apenas uma única corrente (embora quase sempre tenha existido uma corrente dominante). Não se pode falar de ecletismo: a fusão de todas as correntes em uma única seria mortal para a ciência (se a ciência fosse mortal). Quanto mais demarcação, melhor, só que demarcações benevolentes. Sem brigas na linha de demarcação. Cooperação. Existência de zonas fronteiriças (nestas costumam surgir novas correntes e disciplinas)”. Mikhail Bakhtin, 2003, p. 372

A Lingüística é uma ciência! A Lingüística Aplicada, não! Estas afirmações podem parecer fortes, categóricas e contraditórias. No entanto, podemos encontrar respaldo para elas nas definições dos termos “Lingüística” e “Lingüística Aplicada” apresentados no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Senão vejamos:

Lingüística: **ciência**⁶ que tem por objeto (1) a linguagem humana em seus aspectos fonéticos, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; (2) as línguas consideradas como estrutura; (3) origem, desenvolvimento e evolução das línguas; (4) as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético (HOUAISS, 2001, p. 1764).

Lingüística Aplicada: **corpo de conhecimentos**⁷ obtido pela lingüística, selecionados para atender aos problemas relacionados com atividades de natureza prática ou profissional (ensino de línguas, tradução, transformação da linguagem humana em outros códigos e vice-versa, transmissão de informações, tratamento de problemas da fala e da linguagem, decodificação mecânica da fala etc.) e para resolver certas questões levantadas por outras disciplinas (psicolingüística, neurolingüística, sociolingüística etc.) (HOUAISS, 2001, p. 1764).

Embora essas definições apareçam dicionarizadas em uma versão relativamente atual (2001), elas reproduzem, em essência, o modo de conceber esses dois campos de estudo tal qual se pensava há mais de cinquenta anos, na

⁶ Ênfase minha.

⁷ Idem.

Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, quando do surgimento da disciplina Lingüística Aplicada.

A Lingüística Aplicada surgiu, de fato, em todo o mundo, como uma subárea da Lingüística, constituindo-se, principalmente, como a aplicação das teorias desenvolvidas pela disciplina-mãe, a Lingüística, à prática de ensino de línguas, principalmente estrangeiras (CAVALCANTI, 1986; GOMES DE MATTOS, 1976; CELANI, 1992; MOITA LOPES, 1994).

Porém, segundo Brumfit (1995/6, p.18), remonta a Platão e aos estudos clássicos da Retórica a distinção entre Lingüística Teórica, ocupada com a descoberta e a formulação de leis lingüísticas, e aplicação da Lingüística, responsável pela explicação das palavras e da gramática. Nada mais coerente, então, que, em seu processo de dicionarização, adote-se essa origem milenar, e a nova disciplina, nomeada Lingüística Aplicada, seja definida como um “corpo de conhecimentos” desenvolvido, a partir das teorias lingüísticas, para atender aos problemas relacionados com atividades envolvendo a linguagem, quer na prática do cotidiano, no âmbito escolar ou profissional.

Na definição do dicionário Houaiss (2001), encontramos explicitado o conceito de uma disciplina que existe para dar visibilidade prática (Lingüística Aplicada) às teorias produzidas pela ciência que lhe deu origem (Lingüística). Por conseguinte, constituindo-se na aplicação de estudos realizados no âmbito de uma ciência em contextos específicos, seu *status* não poderia ser o mesmo de sua disciplina-mãe, nem tampouco poderia se supor um descolamento de uma em relação à outra.

Na verdade, desde 1970, autores como Spolsky, Sharwood-Smith, Stubbs e van Lier (apud RAJAGOPALAN, 1999, p. 100) reclamam da inadequação do nome atribuído a essa nova disciplina: ora é genérico demais, falhando no esclarecimento sobre que lingüística se aplica a quê; ora é simplista demais, sugerindo, com o uso do adjetivo “aplicada”, uma relevância menor se comparada com a ciência teórica que lhe empresta o nome. Em nenhum dos dois casos, essa nomeação é capaz de esclarecer o que de fato é o campo de atividade da Lingüística Aplicada.

Vale salientar um outro aspecto interessante, constante na definição proposta pelo Dicionário Houaiss (2001), acerca do que seja a Lingüística Aplicada: a possibilidade de esta relacionar-se com outras disciplinas (“corpo de conhecimentos selecionado [...] para resolver certas questões levantadas por outras disciplinas”).

Mesmo que a idéia presente nos termos usados reflita, ainda, o aplicacionismo puro e simples de conhecimentos de uma área sobre outras, a possibilidade de se estabelecer um elo entre a Lingüística Aplicada e outras disciplinas será, ao longo da evolução dessa área, uma importante via para a conquista e a construção de sua autonomia e de uma identidade própria.

4.2 SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA LINGÜÍSTICA APLICADA

A Lingüística Aplicada, estruturada como um campo de estudos, é, hoje, uma “senhora” na casa dos sessenta anos de idade. De seu surgimento aos dias atuais, ela sempre esteve em evolução e em expansão, ressaltando uma característica que parece ser inerente a si própria e não apenas circunstancial. Em outras palavras, este parece ser um campo que já nasceu com uma propensão à inquietação sobre sua natureza e à transformação em conseqüência dela.

Ao se observar o percurso da Lingüística Aplicada é fácil perceber o quão defasada está a definição proposta pelo dicionário Houaiss (2001) em relação ao contexto atual dos estudos lingüísticos. De fato, para aqueles que hoje atuam no campo da Lingüística Aplicada, não é mais relevante questionar a sua autonomia e a sua especificidade, uma vez que estas já estão bem estabelecidas (MOITA LOPES, 2006a).

A Lingüística Aplicada caminhou para além das fronteiras da Lingüística e de uma didática para o ensino de línguas, assumindo uma identidade própria em relação àquela que lhe deu origem e aos estudos que iniciaram seu percurso, os quais, verdade seja dita, proporcionaram seu desenvolvimento. Parece haver um ponto de concordância em relação ao fato de ela ser, sim, uma ciência, e não somente um corpo de conhecimentos aplicados. Definir o que caracteriza essa ciência, entretanto, já não é uma questão assim tão simples.

Dados históricos (CAVALCANTI, 1986; MOITA LOPES, 1990; CELANI, 1992) revelam que a denominação “Lingüística Aplicada” começa a circular nos meios acadêmicos somente nos anos 40 do século passado. Em 1946, a disciplina Lingüística Aplicada é oficialmente reconhecida pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.

As primeiras Associações de Lingüística Aplicada surgem na Europa nos anos 60: em 1964, cria-se a Association Internationale de Linguistique Appliquée (AILA) e, em 1966, a British Association of Applied Linguistics (BAAL).

Nos Estados Unidos, entretanto, será apenas nos anos 70 que uma associação específica de Lingüística Aplicada será criada, embora vários autores de renome já estivessem trabalhando nessa área de conhecimento, em diversas universidades do país. A criação da American Association of Applied Linguistics acontece em 1977, em meio a muitos conflitos, uma vez que, até esse momento, muita dúvida ainda existia sobre o tipo de prática que caracterizava aqueles que se intitulavam lingüistas aplicados.

Sem saber exatamente o que caracterizava esse novo campo, muitos estudiosos e pesquisadores pressionavam para que a Lingüística Aplicada continuasse a ser uma subseção ou subárea da Lingüística, com o objetivo de manter os padrões de qualidade e excelência já conquistados e reconhecidos pela disciplina-mãe, bem como a tutela teórica desta nos estudos aplicados.

Foi preciso, por exemplo, muito esforço dos lingüistas aplicados norte-americanos para serem reconhecidos como membros de um grupo produtor de pesquisas independentes, de características próprias, capaz de produzir e teorizar sobre a linguagem de modo autônomo (BOHN, 1988; CELANI, 1992).

Para muitos pesquisadores da época (anos 60 e 70 do século passado), nos Estados Unidos e também na Europa, a Lingüística Aplicada, tal como se desenvolvia, exercia um papel de “mediadora entre descrições teóricas e atividades práticas diversas” (CELANI, 1992, p. 18). Para alguns, essa mediação era feita tomando-se por base as teorias da Lingüística para aplicação ao ensino de línguas estrangeiras, principalmente e, em menor escala, ao ensino de língua materna. Para outros, essa mediação poderia e deveria ser também feita com outras disciplinas (Sociologia, Psicologia, Filosofia, Etnografia etc.) desde que estas compartilhassem interesses e pudessem contribuir para a compreensão dos problemas de linguagem.

A associação da Lingüística Aplicada ao campo do ensino-aprendizagem de línguas, por um lado, foi benéfica para a área uma vez que esse campo vivia uma fase de grande desenvolvimento em meio a todas as mudanças sociais de uma época pós-guerra, na qual se buscava atender às exigências de um mundo cada vez mais globalizado, fato que também serviu para impulsionar o crescimento da Lingüística Aplicada.

Por outro lado, essa associação trouxe igualmente conseqüências que só viriam a atrapalhar o desenvolvimento da Lingüística Aplicada como área autônoma. Para Cavalcanti (1986), eram a trajetória de pesquisa e o foco de ação da Lingüística Aplicada que tomavam um rumo incerto em razão dessa associação. Definindo a tarefa da área como sendo a de pesquisar, entender e propor caminhos para o ensino-aprendizagem de línguas, estava-se selando o destino da Lingüística Aplicada com a tarefa científica de cuidar da aplicação de métodos didáticos elaborados a partir das teorias lingüísticas em voga, dentre as quais as, reconhecidamente, de maior influência: o estruturalismo e o gerativismo.

Nada mais “aplicado”, e, por isso mesmo secundário, do que servir de ponte (de mão única) para o tráfego das consagradas teorias lingüísticas. Como bem lembram Bohn (1988) e Celani (1992), as ciências aplicadas nem sempre foram compreendidas e geralmente são vistas como sendo de menor valor do que as ciências chamadas “puras”.

De fato, as discussões sobre a natureza da Lingüística Aplicada proliferaram entre os anos de 1960 e 1970, momento em que a AILA (Associação Internacional de Lingüística Aplicada) e muitas associações nacionais eram fundadas. Como já salientamos, o pensamento geral sobre a Lingüística Aplicada consistia na visão de que essa área funcionaria como lócus para aplicação de conceitos (leis e princípios) teóricos (lingüísticos ou psicológicos) ao ensino da língua.

Contudo não era essa sua única interpretação, embora tenha sido a mais comum e importante, sobretudo nos Estados Unidos. Na Rússia, por exemplo, a Lingüística Aplicada associava-se à tradução automática e, na França, os estudiosos pareciam dedicar-se igualmente tanto a problemas relacionados com o ensino de línguas estrangeiras quanto com a tradução automática (BOHN, 1988).

Nos anos 70, as opiniões circulam mais e mais, e predominam definições de Lingüística Aplicada defendendo sua função essencialmente mediadora entre o trabalho teórico, próprio da Lingüística, e o campo da prática, local onde ela teria competência para atuar. E, assim, a Lingüística Aplicada foi considerada como

uma tecnologia, teoricamente dependente da Lingüística (POLITZER; CORDER apud BRUMFIT, 1995/6, p. 19).

A aplicação de um conhecimento lingüístico sobre um objeto (de estudo), como se faz na LA, é uma atividade, não é um estudo teórico. É uma atividade que faz uso dos resultados derivados dos

estudos teóricos. A LA é uma consumidora ou usuária, e não uma produtora de teorias (CORDER apud BRUMFIT, 1995/6, p. 19).

Nessa visão, o que deveria ser aplicação de teoria lingüística a uma determinada prática tornou-se lingüística aplicada. Algum tempo depois, outras vozes se levantam defendendo uma linha de pensamento menos restritiva para a compreensão da natureza da Lingüística Aplicada, porém não menos redutora quanto à dependência desta em relação à Lingüística. E elas dizem que

A LA envolve tanto a teoria quanto a prática, tem múltiplas bases, não somente lingüísticas e não se restringe ao ensino / aprendizagem de línguas (STREVENS apud BRUMFIT, 1995/6, p. 19).

A LA é um espectro de possibilidades de investigação que vai dos estudos teóricos sobre a língua até a prática de sala de aula (WIDDOWSON apud BRUMFIT, 1995/6, p. 19-20).

A LA se distingue da Lingüística pela metodologia (CRYSTAL apud BRUMFIT, 1995/6, p. 20)

Nesse ínterim, travam-se interessantes embates teóricos acerca da natureza da Lingüística Aplicada como campo investigativo. A querela mais famosa, ocorrida no exterior, tornou-se pública por meio dos textos veiculados no *International Journal of Applied Linguistics* os quais continham as posições contrastantes de Rampton (1997) e Brumfit (1997), retomadas por Rajagopalan (1999), alguns anos mais tarde, no mesmo periódico.

Nos textos estabelece-se uma discussão entre duas posições. A primeira define a Lingüística Aplicada como uma área de investigação teórica e empírica de problemas nos quais a linguagem exerça um papel central e defende uma interdisciplinaridade entre teorias (lingüísticas ou outras) para a interpretação do objeto de estudo. Essa posição foi denominada por Rampton (1997, p. 3 e 6) de “Widdowson/Brumfit generalist position” e é por ele criticada na medida em que deixa, para a Lingüística Aplicada, a função de servir de ponto de encontro (embora um ponto de encontro independente) de teorias que se juntam para resolver problemas de linguagem, diferenciando-se muito pouco da concepção mediadora que caracterizou a área em seus primeiros anos.

A segunda posição, por outro lado, encabeçada por Rampton (1997) e ratificada por Rajagopalan (1999) mais tarde, defende que, numa perspectiva desafiadora e nada subserviente em relação à Lingüística, a Lingüística Aplicada se

coloque como uma alternativa investigativa crítica dos problemas de linguagem. Propõe-se, ainda, o estabelecimento, com outras disciplinas, de um diálogo sério entre teorias (a sua e as delas), no qual se consideram as implicações éticas, ideológicas e políticas das escolhas que se fazem no campo teórico, relevantes para a prática da pesquisa científica.

Foge dos propósitos deste trabalho a discussão sobre o mérito das posições dos autores acima enunciadas. Entretanto o debate serve de exemplo para mostrar que o desenvolvimento da Lingüística Aplicada tem acontecido sobre bases que denotam uma atitude entusiasticamente questionadora por parte daqueles que fazem a área, com resultados advindos dessa postura (mesmo que a postura questionadora não signifique consenso) que ajudam a compreender as possibilidades abertas para esse novo campo de estudos.

Tais discussões, em âmbito internacional, refletiram-se, naturalmente, no contexto nacional. No Brasil, o percurso da Lingüística Aplicada também não foi sem sobressaltos, embora tenha havido uma melhor aceitação por parte da comunidade acadêmica. Segundo Moita Lopes (1994), três grandes fatos marcaram a trajetória da Lingüística Aplicada no Brasil: a criação do Programa de Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas (LAEL), da PUC-SP, em 1972; a implantação do Projeto de Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Federais, coordenado por Maria Antonieta Alba Celani da PUC-SP, iniciado em 1977; e o aumento do número de estudiosos e pesquisadores na área da Lingüística Aplicada a partir de meados da década de 1980, circunstâncias que culminariam com a criação, em 1990, da Associação de Lingüística Aplicada do Brasil – ALAB.

Desde então, multiplicam-se os Programas de Pós-Graduação nas universidades brasileiras que, mesmo não sendo especificamente Programas de Lingüística Aplicada⁸, trabalham com a perspectiva de estudos definida e reconhecida como Lingüística Aplicada.

No entanto, o que é fazer Lingüística Aplicada? O que é lecionar uma disciplina com esse nome? O que são os estudos e as pesquisas desenvolvidos nessa área do conhecimento? Quem são e o que fazem os lingüistas aplicados?

Nos anos 1980, em meio aos debates sobre a identidade desse campo de estudos e de seus estudiosos, Strevens propõe, de forma bastante provocadora,

⁸ Muitos Programas de Pós-Graduação no país têm a Lingüística Aplicada como área de concentração.

definir a natureza da Lingüística Aplicada, afirmando ser, esta disciplina, o resultado daquilo que os lingüistas aplicados fazem. Por sua vez, segundo ele, os lingüistas aplicados definem-se como aqueles capazes de serem reconhecidos como tais por outros lingüistas aplicados.

A proposta de Strevens (1980) desloca o foco de análise das características atribuídas ao nome – características que podem ser estéreis caso não resultem em ações concretas – para a análise das tarefas e dos trabalhos realizados na área do conhecimento. Ao olhar para o objeto de estudo, para o modo como ele se apresenta e para os modos de estudá-lo e de teorizar sobre ele, pode-se caracterizar a ciência e os cientistas que dele se ocupam. Um movimento assim não se apóia em uma proposta teórica pré-definida e fechada, mas busca, nas necessidades surgidas na pesquisa, as perspectivas teóricas que melhor poderão ajudar a compreender o objeto estudado.

Mas, o consenso sobre quais são as tarefas dos lingüistas aplicados e sobre quem as realiza com propriedade é difícil de alcançar, e, com isso, a identidade desse campo de estudos também fica difícil de se estabelecer, o que reduz a definição de Strevens (1980) a uma idéia provocadora, porém pouco esclarecedora.

Em suma, disciplina mediadora, ciência aplicada, ou qualquer outra definição que guardasse em si a mesma idéia vaga que se tinha sobre a identidade da Lingüística Aplicada nos anos 70, 80 e 90 do século passado, constituíam conceitos que apenas contribuía para alimentar a natureza ambígua que transitava em torno desse novo campo de estudos.

No entanto, é no entrecruzamento das diversas ciências que são chamadas a contribuir para a pesquisa em Lingüística Aplicada – seja no campo do ensino-aprendizagem de línguas, nas questões de tradução ou mesmo nas questões de uso da linguagem nas diversas práticas sociais – que começa a nascer uma visão de Lingüística Aplicada como área de conhecimento de natureza interdisciplinar. Essa área, longe de simplesmente aplicar o conhecimento de outras áreas na resolução de suas questões de pesquisa lingüísticas, associa-se a elas com o objetivo de realizar uma reflexão teórica sobre o fato lingüístico considerando-o em suas diversas faces: política, social, cognitiva e psicológica, dentre outras.

O fato de a Lingüística Aplicada ir, aos poucos, perdendo o caráter “aplicacionista” dos primeiros tempos na busca de interação com outros campos teóricos para explicar os fenômenos de linguagem, amplia claramente seu campo de

visão para além da realidade do ensino/aprendizagem de línguas. É, portanto, por esse caminho que a Lingüística Aplicada, ao expandir suas fronteiras teóricas e seu objeto de estudo, cria um espaço próprio de atuação que lhe confere, cada vez mais, originalidade e legitimidade.

A discussão sobre a natureza da Lingüística Aplicada seguiu em pauta durante os anos 1990 e, em muitos artigos e mesas-redondas em congressos científicos da área, no Brasil e no mundo, debatia-se o tema. Moita Lopes, um dos autores que discutem bastante essa questão, propõe, na mesma direção de Strevens (1980), que a identificação da área deve ser buscada no desenvolvimento de sua pesquisa, através dos paradigmas de pesquisa que as orientam. Assim, define a pesquisa em Lingüística Aplicada como aquela direcionada para “problemas da prática de uso da linguagem” em “contextos institucionais diversos”; uma pesquisa de natureza eminentemente “interdisciplinar e mediadora”, que envolve “formulação teórica” e pode orientar-se tanto por “paradigmas positivistas quanto interpretativistas” (MOITA LOPES, 1996a, p. 19; 1996b, p. 3).

É interessante notar que, nessa definição, encontramos indicações claras das mudanças de rumo trilhadas pela Lingüística Aplicada na sua trajetória pelo reconhecimento de um estatuto disciplinar próprio. Do debate entre ser ou não uma aplicação da Lingüística, percebemos uma primeira mudança de foco que leva a nova ciência a ocupar-se não dos fenômenos da língua isoladamente (como a gramática, a fonologia etc.), mas dos fenômenos da linguagem. Em se tratando de linguagem, a nova ciência ocupar-se-á da linguagem em uso, identificando-se, dessa forma, com o indivíduo que a produz nos diversos contextos institucionais: escola, igreja, política, família e sociedade.

A segunda mudança de foco diz respeito aos modos de estudar a linguagem em uso produzida por indivíduos nos mais diversos contextos. Com a ampliação dos temas, ampliam-se, igualmente, os aspectos a serem estudados bem como as fontes a que se recorre para o estudo. Isso requer da Lingüística Aplicada a cooperação com disciplinas que se propõem a estudar o homem em seus diversos aspectos, confirmando assim a natureza interdisciplinar e mediadora que ela reivindica para si e o real pertencimento dessa nova ciência ao campo das ciências humanas, trazendo de volta à cena da pesquisa a natureza política, as relações de poder, as diferenças culturais, os múltiplos discursos que constituem a linguagem.

A terceira mudança de foco é metodológica e diz respeito aos paradigmas que orientam a pesquisa. Os objetos de pesquisa mudam e multiplicam-se, assim como as disciplinas, as teorias e os métodos que querem explicá-los. Novos métodos procuram compatibilizar-se com os enfoques diversos da nova ciência e de sua pesquisa. A Lingüística Aplicada passa, cada vez mais, de pesquisa de natureza positivista estruturalista voltada para os modelos de ensino/aprendizagem de línguas a uma pesquisa de natureza qualitativa interpretativista, como exemplificam as pesquisas sociointeracionista, etnográfica etc.

É nesse cenário que a Lingüística Aplicada firma-se como uma ciência autônoma que, embora trabalhando nas fronteiras interdisciplinares com a psicologia, a sociologia, a antropologia, a história, a geografia e outras ciências, assume um estatuto disciplinar próprio. Entretanto, a autonomia, por si só, não basta à Lingüística Aplicada que, talvez por carregar consigo a qualificação de “aplicada” (a algo ou a alguém que está sempre em movimento), necessite descobrir e redescobrir o tempo todo sua forma de atuação e, conseqüentemente, reescrever sua definição.

Essa inquietude leva os pesquisadores da área a continuar avançando na discussão sobre o papel da Lingüística Aplicada na contemporaneidade, o que ela faz, a que se dedica e a quem responde. Para muitos, essa também é uma das características de uma Lingüística Aplicada contemporânea, ou seja, a de ser uma disciplina que necessita de uma “reflexão contínua sobre si mesma” (MOITA LOPES, 2006, p. 17), que repensa seu campo a cada vez que se fazem sentir mudanças em torno de seu objeto de estudo.

Por isso, no início do século XXI, não basta à Lingüística Aplicada ser autônoma e interdisciplinar; ela precisa ser, cada vez mais, política, crítica, ética, mestiça, híbrida, transgressora, indisciplinar (PENNYCOOK, 1998, 2003, 2006; MOITA LOPES, 1998, 2004, 2006; KUMARAVADIVELU, 2006; RAJAGOPALAN, 2003, 2006; SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998; ROJO, 2006; OLIVEIRA, 2006). Esses diversos adjetivos, da mesma forma que caracterizam os recentes debates sobre a natureza desse campo do conhecimento, aplicam-se ao mundo e à sociedade em que vivemos nos dias atuais. Uma sociedade que faz apologia do direito, da igualdade, da oportunidade mas que, na verdade, oculta as diferenças, desrespeita os saberes, os costumes e as culturas locais, anulando as

subjetividades e se esforçando para, por meio do saber, manter a hegemonia do poder.

Nessa nova perspectiva para os estudos lingüísticos aplicados, é preciso ter em mente que é a linguagem ou os problemas de linguagem com os quais nos deparamos na sociedade contemporânea, e não os problemas de língua, que estão em foco. No dizer de Moita Lopes (2006, p. 14), a tarefa agora consiste em “criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel central”. Isso significa compreender que, falando de pesquisa aplicada, esta deve tratar dos problemas suscitados por seu objeto de estudo – a linguagem – de forma situada nos contextos onde as pessoas vivem, e, por isso, mudanças sociais, culturais, políticas e históricas que afetam suas vidas também afetam o contexto da pesquisa.

A recente perspectiva cria uma nova dimensão para a disciplina desejada na contemporaneidade. Mais do que autônoma, ela deve ser uma Lingüística Aplicada ideológica na qual o conhecimento produzido assumira sua natureza inerentemente política (PENNYCOOK, 1998, 2006; MOITA LOPES, 2006), no sentido de que refletirá e reproduzirá as visões de mundo, as identidades, os hábitos, os costumes, as diferenças, as igualdades e desigualdades que constituem a vida dos seres humanos e sobre os quais ancora-se sua produção.

Pensar a construção do conhecimento de forma ideológica leva, ou deveria levar, qualquer sujeito e qualquer campo de estudo a questionar a ética na qual se baseia para se constituir. Uma Lingüística Aplicada ideológica deve ser uma Lingüística Aplicada igualmente ética, em sentido amplo. Nesse cenário, as escolhas de cada um, de cada pesquisa e de cada pesquisador, no que diz respeito aos problemas investigados, sua relevância, suas implicações nos contextos social e institucional e sua contribuição para a vida do ser humano no mundo, são escolhas éticas.

No âmbito das discussões sobre a pesquisa nas Ciências Humanas, de um modo geral e, mais particularmente, no campo dos estudos da linguagem, vários pesquisadores preocupam-se com o que seria a dimensão ética da pesquisa. Moita Lopes (2006), ao discutir a relação da Lingüística Aplicada com a vida contemporânea, propõe que, em uma agenda de trabalho condizente com os imperativos da vida nesse atual momento histórico, político, social, cultural, econômico e tecnológico, a Lingüística Aplicada necessita “re-descrever a vida” como ela é para poder compreendê-la. Somente assim, o conhecimento produzido

estará situado no mundo e apto a responder às questões desse mundo. Adotar essa prática seria adotar uma agenda ética de investigação.

A investigação ética de que fala Moita Lopes (2006) remete à preocupação de Bakhtin (2003) em unificar os três campos da cultura humana: a ciência, a arte e a vida na unidade da responsabilidade que caracteriza cada uma e todas entre si, de forma que o agir concreto dos sujeitos e o pensar sobre o agir concreto dos sujeitos não estejam dissociados. Essa responsabilidade, entretanto, só passa a existir quando entra em cena a ética. A vida de cada um é única e é concebida como um atuar ético permanente. Os atos éticos individuais e responsáveis compõem a vida (BAKHTIN, 1997).

Embora Bakhtin não tenha sido um lingüista aplicado, sua tese sobre a ética no campo da atividade humana revela-se atualíssima em tempos em que, muito mais do que resgatar o lugar do sujeito na pesquisa humanística, busca-se trabalhar com questões da vida desse sujeito, questões sobre as quais se possa teorizar e refletir, e contribuir com um conhecimento que ofereça a possibilidade de uma melhoria da vida do próprio sujeito da pesquisa em suas relações. Isso seria uma pesquisa ética. E essa visão é de tal forma atual que pesquisadores contemporâneos assumem a necessidade de que, para fazer face ao mundo e à vida tal qual ela se configura hoje, somente a ética se apresenta como solução: “em um mundo de múltiplos discursos e de novas construções para a vida social [...] a ética é central na vida social e na pesquisa” (MOITA LOPES, 2006, p. 94).

A idéia de compreensão da vida remete também a conceitos como participação, atividade, pluralidade e troca. Como diz Bakhtin (2003, p. 316), “compreender significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo”, ou seja, compreender a vida de forma que o conhecimento produzido sobre ela esteja situado. Assim tratar de um conhecimento produzido de forma ética significa tratar seu objeto de estudo como a expressão de uma ou de mais consciências ativas e responsivas, capazes de falar e expressar todos os sentidos que as constituem como individualidades singulares. Compreensão, para Bakhtin (1990), é sempre ativa e motivada por uma resposta. A compreensão amadurece na resposta; elas estão fundidas dialeticamente, e somente o que carece de sentido carece de resposta.

Essa opção configura a identidade que se deseja assumir, e, em tempos de identidades múltiplas, híbridas e mestiças, é salutar perceber que novos e bons

ventos sopram no campo da pesquisa em Lingüística Aplicada, apontando para algumas tendências e propostas de estudo da linguagem e de suas representações que estão buscando o confronto da ciência e da teoria com a prática e com a vida (RAJAGOPALAN, 2006). Se a Lingüística Aplicada tem-se encaminhado para uma ampliação de suas fronteiras, uma hibridização de seus métodos, uma interdisciplinaridade que a transforma e faz explodir uma produção de conhecimento com identidades múltiplas, variadas e até mestiças (MOITA LOPES, 2006), é sinal, também, de que ela está buscando responder a sentidos que clamam por não mais serem ignorados.

Assim, fazer pesquisa lingüística na contemporaneidade, conseqüentemente produzir conhecimento nesse campo de estudo, significa reconhecer que seu objeto de estudo, a linguagem, é opaca, plural em seus sentidos e que, para compreendê-la, são necessárias mais do que regras estáticas e pré-existentes. Para tanto, “Cada pesquisador precisará equipar-se com sua opção (política, é claro) [...] e nesse lugar de opção, pesquisa e ética se reencontram [...]” (GERALDI, 2005, p. 7).

No campo dos estudos lingüísticos e, principalmente, na Lingüística Aplicada que se faz atualmente, os novos tempos – pós-modernos ou outros – parecem querer olhar e identificar, na linguagem, algo mais do que aquilo que ela tem de material. Isso confirma o que diz Bakhtin sobre a perspectiva de olhar para o indivíduo na completude de sua humanidade:

[...] é preciso que se revele seu potencial de sentidos sem que se reduza o indivíduo àquilo que ele tem de material ou de expressão. O objeto e o indivíduo são limites e não substância absoluta (BAKHTIN, 2003, p. 395).

No entanto, essa mudança de olhar, de perspectiva, somente será possível se a linguagem deixar de ser tratada como sistema e passar a ser tratada como discurso, único meio possível de chegar até o sentido.

É bem verdade que adotar novas perspectivas e novas práticas pode significar mais do que repensar a abordagem de seu objeto de estudo. Pode significar uma mudança completa de perspectiva, no modo como se vê o campo de estudos em que nos situamos, e não somente seu objeto. Ao discorrer sobre as dificuldades para situar o campo dos estudos lingüísticos e a Lingüística Aplicada na era da globalização, afirma Kumaravelu (2006, p. 139) que “é fato histórico de que

o campo começou durante a ascendência do estruturalismo e do modernismo e não abraçou completamente as filosofias pós- estruturalistas e pós-modernistas”.

A Lingüística Aplicada nasceu em um berço em que reinavam o estruturalismo e o modernismo, em que os fenômenos de linguagem que ela se propunha a estudar eram tratados de modo descontextualizado, descorporificado de suas nuances ideológicas, políticas, culturais e históricas. Despojados, enfim, daquilo que constitui sua subjetividade, os fenômenos de linguagem foram reduzidos apenas a uma materialidade lingüística.

Mas a Lingüística Aplicada cresceu, e, junto com ela, cresceram os questionamentos sobre os sentidos aparentes e ocultos da pesquisa e do conhecimento que ela produzia. Se o modernismo se esforçava por manter as macroestruturas da dominação lingüística e cultural, o pós-modernismo vem desafiar as hegemonias, celebrar as diferenças, buscar formas alternativas de expressão e interpretação (KUMARAVADIVELU, 2006).

Assim, a Lingüística Aplicada, a sua prática e a sua produção de conhecimento também se esforçam para superar as fronteiras iniciais. Essa superação só é possível quando se muda a concepção de linguagem, fazendo a passagem do tratamento da linguagem como sistema para a linguagem como discurso. Discurso, não no sentido de uma unidade lingüística constituída de uma sucessão de frases, mas no sentido de um conjunto de enunciados construídos pelo homem que fala em meio às relações sociais, contextualizados no tempo e nas condições de produção.

Os pressupostos que dão sustentação ao período modernista e, por sua vez, ao estruturalismo como paradigma de estudo do fenômeno lingüístico vão de encontro àqueles que sustentam uma visão de linguagem como prática discursiva, e, mesmo nos dias atuais, é preciso ter muito cuidado com as produções acadêmico-científicas que se revestem de um certo verniz discursivo que mascara, muitas vezes, uma abordagem incapaz de ir além da materialidade lingüística.

Reinventar a Lingüística Aplicada, repensar a sua prática, refletir sobre o conhecimento produzido nesse campo teórico, pensar em ética, discutir questões de poder e de ideologia e viver a modernidade ou a pós-modernidade são os muitos desafios que compõem o quadro atual da existência da Lingüística Aplicada. É para essa existência que nos voltamos a seguir, observando o percurso evolutivo da disciplina revelado pelos CBLAs.

**5 OS CBLAs: JANELA DA PRODUÇÃO DO
CONHECIMENTO DA LINGÜÍSTICA APLICADA**

5.1 ANÁLISE

“Chamo sentidos às respostas a perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós”.
Mikhail Bakhtin, 2003, p. 381

Nos primeiros três capítulos deste trabalho, procuramos contextualizar o objeto de estudo, ou seja, a produção do conhecimento da Lingüística Aplicada, no que se refere a seu lugar no campo das Ciências Humanas, a dimensão ética que o caracteriza, e a constituição de sua história e de sua identidade. A importância de compreender o cenário histórico, cultural e epistemológico em torno do qual aparecem e desenvolvem-se os estudos da linguagem e a Lingüística Aplicada, faz-se sentir no momento em que procuramos aprofundar os questionamentos sobre nosso objeto de estudo, compreender suas características e descobrir suas fronteiras.

Esse pano de fundo sustenta e possibilita os questionamentos levantados por esta pesquisa. Entretanto, o modo de olhar para um objeto de pesquisa está diretamente ligado às lentes que usamos para filtrar nosso olhar. Em outras palavras, os aportes teóricos e metodológicos que utilizamos em nosso trabalho de pesquisa constituem as lentes dos óculos que colocamos para olhar o material que nos desperta questionamentos e para os quais buscamos respostas.

Considerando, portanto, a produção de conhecimento da Lingüística Aplicada como a fonte de nossos questionamentos, abordamos os textos teóricos e de pesquisa oriundos do trabalho intelectual desenvolvido nesse campo, entendendo, este último, como “o lugar de produção e de circulação de conhecimentos” (AMORIM, 2002, p.1). Os textos selecionados, circunscritos ao âmbito dos Congressos Brasileiros de Lingüística Aplicada, são analisados em três blocos.

O primeiro bloco é constituído de uma análise da Lingüística Aplicada em sua trajetória evolutiva nos CBLAs, procurando historiar seu surgimento, apontar sua transformação e diversificação de temáticas, remetendo-se, assim, para a primeira pergunta da pesquisa:

1- Que tipos de conhecimentos caracterizam o campo de estudos da Lingüística Aplicada representados nos CBLAs?

O segundo bloco é constituído de textos apresentados nos CBLAs cuja temática principal apresente uma discussão e reflexão sobre o campo de investigação da Lingüística Aplicada, suas características, suas transformações, suas fronteiras e sua identidade. O olhar mais acurado sobre o texto teórico e sobre as vozes que constituem tais discursos remeterá, ademais, para uma reflexão sobre a dimensão ética que sustenta as propostas de existência desse campo de estudos e perpassa a pesquisa realizada no e por esse campo de estudos. Estas reflexões estão relacionadas, respectivamente, com a segunda e a terceira questões da pesquisa:

2- Que vozes estão presentes nos discursos sobre a Lingüística Aplicada circulantes nos CBLA's?

3- Que indícios apontam para uma postura ética ao longo das transformações do campo de saber da Lingüística Aplicada?

O terceiro bloco é constituído de pesquisas em Lingüística Aplicada, apresentadas nos congressos em foco nesse trabalho que são representativas da produção da área no contexto do ensino de línguas. Aqui se procura evidenciar em que medida as discussões sobre o projeto da Lingüística Aplicada concretizam-se nas pesquisas produzidas na área. Tal objetivo buscará responder, assim, à quarta e última questão da pesquisa:

4- Como se faz representar, na pesquisa, o discurso orientador do campo de estudos da Lingüística Aplicada, apresentada nos CBLAs?

Discutimos, a seguir, as orientações metodológicas em que se sustentam as análises das respostas às questões da pesquisa.

5.2 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

A questão do paradigma de estudo, ou seja, o modo de produzir um determinado conhecimento e os métodos usados para fazê-lo, relaciona-se diretamente com a natureza do objeto de estudo e com a concepção desse objeto. Se mudamos o objeto de estudo, devemos mudar igualmente o que procurar e como procurar. No caso desta pesquisa, o campo da Lingüística Aplicada é o seu objeto de estudo. É claro que, como um lugar onde se realiza uma atividade humana, ele é atravessado pela linguagem, entendida como uma prática social realizada por indivíduos em interação, portadora de valores e situada social e historicamente.

Como, então, abordar esse objeto de estudo? Que ancoragem metodológica adotar? A que tradição paradigmática remeter?

Bakhtin (2003) nos oferece várias orientações metodológicas para responder a esses questionamentos, quando se trata de realizar uma investigação científica. Segundo ele,

O texto (escrito ou oral) [...] é o dado (realidade) primário e ponto de partida de qualquer disciplina nas ciências humanas.
Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento
(BAKHTIN, 2003, p. 307, 319).

Assim, partimos do texto, considerando-o como um acontecimento no qual múltiplas vozes sociais se encontram e se enfrentam na tarefa de constituir um discurso.

Por vozes sociais, entendemos os pontos de vista, posicionamentos valorados socialmente, dos autores dos textos que, por meio de seus enunciados, respondem a outras vozes e com elas interagem nos múltiplos discursos que circulam na esfera do campo de conhecimento em que se entrecruzam (BAKHTIN, 1990, 2003).

Nessa perspectiva dialógica, cabe oferecer ao texto mais do que uma interpretação. Cabe oferecer-lhe uma compreensão responsiva, uma réplica ativa, ou seja, uma resposta na qual possamos cotejar posicionamentos e ampliar perspectivas.

No entrecruzamento dos enunciados do texto, estabelece-se uma dinâmica segundo a qual as vozes podem concordar ou discordar parcial ou completamente, iluminar ou obscurecer outro ponto de vista, parodiar outra voz ou fundir-se com outras, polemizar ou complementar pontos de vista diferentes (FARACO, 2003). Essa dinâmica, ou dialogicidade das vozes sociais, define a idéia de diálogo e caracteriza o mundo da cultura no qual intervimos e interagimos pela linguagem que se revela para nossa análise sob a forma de texto e de seus enunciados.

Segundo Bakhtin, esse movimento dialógico é inerente ao funcionamento da linguagem e, por isso, a todo e qualquer tipo de discurso:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio à todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1990, p.8)

Assim, para compreender esse movimento, é preciso compreender que todo discurso ancora-se em discursos já-ditos, ou seja, palavras de outros que antes dele falaram sobre aquele objeto, cobrindo-o de sentidos e de juízos de valor que, ao serem buscados na memória discursiva, são levados em conta e participam da construção do novo discurso . Desta forma, compreendemos que todo discurso é uma resposta a outros discursos (BAKHTIN, 1990).

Mas todo discurso orienta-se, igualmente, para discursos ainda não ditos, ou seja, réplicas que virão de outros sujeitos e de outros discursos que com ele irão interagir e que exercerão profunda influência na constituição do enunciado de um autor sobre dado objeto. Assim, todo discurso também é uma antecipação à réplica de outros discursos (BAKHTIN, 1990).

É, portanto, nesse movimento dialógico e nesse processo interacional com as vozes alheias que o sujeito consegue individualizar seu discurso afirmando sua singularidade. A resposta como princípio ativo, quer seja aos já-ditos ou às possíveis respostas futuras, faz emergir os sentidos dos enunciados como ação e como ato ético, na medida em que as vozes que ecoam nos enunciados constituam-se como pontos de vista nos quais a unidade da responsabilidade e da responsividade de cada sujeito faça-se presente.

Ao adotarmos as orientações do pensamento bakhtiniano, estamos posicionando-nos, epistemológica e metodologicamente, diante de nosso objeto de estudo, em uma perspectiva discursiva, interpretativista e dialógica.

Entretanto, no campo dos estudos da linguagem e da pesquisa científica, perceber o objeto de estudo dessa forma significa realizar o deslocamento, desta vez, do pólo da língua para o pólo do discurso. No pólo do discurso, significa entender, com a ajuda de Bakhtin, que a linguagem e, portanto, os discursos dos falantes, constituem-se nas relações dialógicas que são nada mais do que relações de sentido, ou seja, compreender que os discursos constituem-se como “inter-relações responsivas entre posições sócio-avaliativas” (FARACO, 2006). Não sendo, portanto, neutros, estão sempre remetendo a discursos anteriores, antecipando respostas futuras, sem ter como objetivo último, necessariamente, a concordância de idéias, mesmo que esta possa ser sempre desejada.

Os discursos, ou o conjunto de enunciados que permitem ecoar múltiplas vozes sociais, para usar uma metalinguagem do círculo de Bakhtin, representam posições de sujeito e são, portanto, singulares. E, para estudar esses discursos, buscando dar-lhes visibilidade, iluminar as vozes que os atravessam e os constituem, nenhuma abordagem ou paradigma científico que busque apenas regularidades será suficiente.

Na busca das singularidades apontadas pelas vozes que atravessam e constituem os enunciados discursivos, devemos ir em busca do outro a quem o texto se dirige. Assim, coloca-se, em uma perspectiva metodológica, a importância da alteridade no jogo discursivo. A linguagem, sob a forma de ato comunicativo, de texto, de discurso, instaura o outro.

Um olhar dessa natureza sobre dados lingüísticos empíricos significa que, metodologicamente, estamos propondo a interpretação da palavra enunciada. Por si próprio, o conceito de enunciado implica uma figura de alteridade pois ele é sempre dirigido a alguém, antecipa uma resposta e é resultado de uma interação entre sujeitos. Por outro lado, um olhar dessa natureza sobre dados lingüísticos empíricos significa, epistemologicamente, que tomar a palavra como enunciação implica a busca do sentido (singularidades), e não apenas a busca do significado, que pode ser encontrado na análise da estrutura formal, da forma do texto, da norma que se aplica, ou seja, naquilo que o texto apresenta sob a forma de regularidades.

Nosso trabalho de análise propõe-se a questionar: a quem o enunciado se dirige? Os textos de pesquisa tomados nessa investigação como objeto de análise dirigem-se a quem? Remetem a que outro ou outros? Respondem a que outro ou outros?

Na perspectiva deste estudo, entendemos que somente a compreensão da alteridade e uma abordagem dialógica podem oferecer elementos de resposta para essas questões. A alteridade marca-se pelas vozes sociais do texto, as quais correspondem a toda e qualquer forma de linguagem escolhida por sujeitos que possam, axiologicamente, expressar seus pontos de vista específicos sobre o mundo.

O enunciado como elemento de análise dialógica traz em si o modo de funcionamento da linguagem humana:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). (BAKHTIN, 2003, p.275).

No entanto, segundo Amorim (2001, p.16) “o dialogismo é uma proposta de análise, uma via de investigação, uma maneira de interrogar e não um método de pesquisa”.

A alteridade, o papel do outro no discurso, considerando-se para o propósito deste trabalho o discurso do texto científico, presentifica-se no reconhecimento das vozes do texto de pesquisa sob a forma de outros textos, outras teorias, outros pontos de vista, outras ciências e outras fronteiras. Com esses outros, a pesquisa se encontra, se enriquece, se reconhece ou deles discorda, amplia-se e transforma-se. Uma abordagem dialógica do texto de pesquisa, nesse sentido, pode permitir um olhar metodológico sobre a atividade científica considerando a alteridade presente no texto um elemento constituinte da produção do conhecimento.

Ainda segundo Amorim, buscar o outro a quem o texto se dirige é

[...] buscar as instâncias criadoras. Aqueles que, por oposição ou por acordo, compõem com o autor um diálogo permanente que atravessa o texto e constitui sua tensão de base. É também buscar as escolhas do autor: aqueles a quem ele escolheu responder e

aqueles a quem ele escolheu não responder (AMORIM, 2001, p.16-17).

Em seus trabalhos recentes, a autora tem discutido a temática da alteridade em textos de pesquisa nas Ciências Humanas, ancorando-se nas proposições de dois grandes teóricos que privilegiam o papel da enunciação na compreensão do texto, Benveniste e Bakhtin. Embora esses dois autores percorram caminhos diferentes em suas propostas teóricas, ambos colocam em evidência a importância da alteridade no processo enunciativo. Para Benveniste (apud Amorim, 2002), “A linguagem põe e supõe o outro”, o que é complementado por Bakhtin ao afirmar que

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados [...], é pleno de palavras dos outros [...]. Essas palavras dos outros trazem consigo sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, p.294-295).

Apoiando-se, assim, nas idéias desses dois teóricos, Amorim (2002) propõe uma teoria das vozes como categoria analítica para a leitura crítica e compreensão dos textos nas Ciências Humanas, ressaltando o fato de que, longe de tentar realizar um trabalho de análise lingüística ou literária, seus objetivos configuram uma “tentativa de identificar os limites, os impasses e a riqueza do pensamento e do saber que são postos em cena no texto”.

Essa proposta de identificar as vozes do texto, estabelecendo uma categoria de análise para o trabalho de pesquisa nas Ciências Humanas, segue os princípios do dialogismo da linguagem defendido por Bakhtin ao longo de sua obra teórico-filosófica: o texto como um conjunto de enunciados faz circular inúmeras vozes sociais que tecem uma rede de sentidos múltiplos possíveis de serem compreendidos dentro do contexto social, cultural e histórico no qual ele se inscreve. Em sendo relações de sentido, as relações dialógicas, que, em seu conjunto, identificam o dialogismo da linguagem, acontecem sempre que enunciados são confrontados no plano do sentido, na interação verbal.

Assim, em uma proposta de análise dessa natureza, é preciso seguir os passos que permitam identificar o destinatário do texto, aquele a quem este se dirige, que pode ser tanto o destinatário real, aquele que lê ou que escuta, mas igualmente o destinatário suposto – uma instituição, um grupo ou uma comunidade científica – que remete o texto à dimensão histórica em que se situa.

Outrossim, considerando-se o movimento dialógico, também é preciso identificar as vozes que se fazem presentes no objeto antes mesmo de ele se tornar objeto de estudo. Todo objeto já vem falado e, uma vez confrontado, há de se levar em consideração aqueles que já falaram sobre ele para que se possa contribuir e dizer algo mais.

Esse mecanismo explica o funcionamento das relações dialógicas, porém é preciso não desmerecer o alerta de Bakhtin (1990; 1994) que, em várias ocasiões, reafirma o fato de que a compreensão dos discursos emerge do confronto entre enunciados. Os confrontos devem ser vistos como espaços de tensão nos quais as vozes se enfrentam, o que nem sempre acontece de modo harmônico. Entretanto, mesmo nos confrontos em que a discordância for o único resultado possível, ainda assim estarão atuando as relações dialógicas pois estas são constitutivas do funcionamento da linguagem.

É, portanto, com base nessas orientações que desenvolveremos as análises apresentadas daqui por diante. Iniciamos esse percurso olhando para o espaço de divulgação e circulação de conhecimentos que os CBLAs constituem no que se refere à organização dos congressos, às áreas temáticas privilegiadas em cada evento, aos títulos propostos e, finalmente, para o que representa considerar a área da Lingüística Aplicada como um objeto de estudo.

5.3 A LINGÜÍSTICA APLICADA NOS CBLAs

No âmbito da produção científica, em qualquer ramo da ciência, são imprescindíveis os meios de divulgação do conhecimento que se produz. Assim, livros, periódicos, teses, dissertações, congressos, simpósios e grupos de estudo são algumas das maneiras necessárias e eficientes de divulgar, conhecer e trocar conhecimentos produzidos. Por esses meios de divulgação temos acesso aos discursos que perpassam os diversos campos do saber. Nos discursos podemos buscar o significado do conhecimento produzido por cada campo do saber.

Um exemplo de como é possível compreender um campo de saber pela sua produção de conhecimento é-nos apresentado na pesquisa de Almeida (1992), que discute, no campo da Antropologia, dados sobre a produção do conhecimento desse

campo do saber, opondo duas concepções de fazer ciência: uma, ancorada no paradigma científico das ciências naturais e no cartesianismo, e outra, ancorada em teorias histórico-sociológicas que buscam superar a visão limitante da primeira concepção, podendo assim, abrir-se para a diversidade dos saberes e das visões de mundo. Sua hipótese é a de que o discurso sobre o campo do saber contém e explicita, mesmo que parcialmente, a infra-estrutura tácita de idéias e conceitos que orientam, condicionam e limitam o exercício do pensamento científico.

Por meio dos discursos que circulam nas produções de um dado campo do saber, seria possível atribuir sentido não somente à especificidade do campo bem como a seu passado e seu futuro, ou seja, seu passado como lugar que referencia e orienta sua prática, e seu futuro como lugar (sujeitos, grupos, sociedade) para onde esse discurso se dirige.

Para Almeida (1992), é preciso pensar um novo campo de atuação para sua área (a Antropologia), a partir de um diálogo que integre tanto a especificidade da área quanto um pensamento teórico orientado por um paradigma científico capaz de fazer emergir em uma nova ciência, um novo sujeito, uma nova ética e um novo modo de produzir conhecimento no âmbito das instituições produtoras de saber, como é o caso das universidades. Tal é, por isso mesmo, o lócus de sua empiria: resumos de teses, dissertações, ensaios, resenhas, notas de pesquisa e artigos do campo da Antropologia de quatro universidades brasileiras, produzidos num período de 10 anos. Esse material lhe permitiu observar as possíveis matrizes delimitadoras das naturezas distintas do fazer antropológico.

Pensando em adotar diretrizes de natureza semelhante ao trabalho de Almeida (1992), optamos, como meio de ter acesso a uma amostra do conhecimento que se produz no campo da Lingüística Aplicada, por um dos meios de divulgação científica que consegue reunir em um curto espaço de tempo um escopo relativamente abrangente da produção científica de qualquer área, em um determinado recorte temporal: os congressos científicos.

Elegemos, assim, um congresso específico da área da Lingüística Aplicada, o Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (CBLA), como fonte da empiria a ser analisada nesta tese. Entendemos que o CBLA tem sido não somente um fórum privilegiado de divulgação da produção teórico-científica da Lingüística Aplicada mas, principalmente, um momento em que, a cada três anos, a comunidade científica dessa área se questiona sobre sua prática e sobre os rumos que segue ou

deveria seguir. Não podemos abstrair o fato de que a criação de um evento científico específico de uma área, tal qual um congresso, é, por natureza, uma tentativa de dar visibilidade a um campo do conhecimento que necessita se afirmar e se reafirmar como campo de saber legítimo. Nesse sentido, percebemos esses eventos como possibilidades, também, de expressar posicionamentos políticos, éticos, valorativos frente ao campo de saber no qual nos inserimos.

Para efeito de análise neste trabalho, serão considerados os sete primeiros Congressos Brasileiros de Lingüística Aplicada realizados num recorte temporal de 18 anos, entre 1986 a 2004. Como o evento é trienal, em 2007 realizou-se o VIII CBLA, promovido pela ALAB, em Brasília. No entanto, não serão considerados aqui os dados referentes a esse último congresso devido à anterior constituição do corpus desta pesquisa. Posteriores referências a esse último evento poderão constituir projetos futuros de continuação deste trabalho.

5.3.1 I Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada

O primeiro CBLA, cujo tema geral foi “Pesquisas e perspectivas”, aconteceu em setembro de 1986, na Unicamp, organizado pelo Departamento de Lingüística Aplicada dessa universidade (SIGNORINI, 1998; KLEIMAN, HENRIQUES, CAVALCANTI, 1988, 1989a, 1989b). Numa reunião de diversos especialistas, brasileiros e estrangeiros, de diferentes áreas dos estudos da linguagem, o congresso propôs como objetivo comum a discussão de questões decorrentes da prática dos pesquisadores participantes no sentido de examinar as situações-problema relevantes que cada um verificava em seu campo de atuação.

Constituindo-se como a concretização de uma necessidade sentida há muito tempo pelos lingüistas aplicados, o I CBLA revelou-se um encontro multidisciplinar e multifacetado no qual os pesquisadores puderam expor uma grande variedade de trabalhos de natureza tanto teórica quanto decorrentes de experiências práticas como as questões ligadas especificamente ao ensino. O I CBLA revelou-se igualmente um espaço para discussões sobre o estado da arte da área e suas tendências mais recentes. Segundo a comissão organizadora,

[...] o congresso abriu espaço tanto para a apresentação de quadros gerais sobre o estado da arte de uma determinada área como para a apresentação de enfoques dentro das tendências mais recentes.

[...] o I CBLA [...] significou a reunião de diversos especialistas das áreas da linguagem com o objetivo comum de examinar questões que surgem da prática [...](KLEIMAN; HENRIQUES; CAVALCANTI, TLA nº12, 1988; TLA nº13, 1989a e TLA nº14, 1989b)

Quanto à sua organização, o congresso foi composto de 30 sessões temáticas, sendo 8 conferências, 3 mesas-redondas, 6 painéis e 13 sessões de comunicação. Embora a maioria das pesquisas tenha tratado de temas relacionados com a língua segunda e estrangeira (36,6%) e língua materna (26,6%), 16,6 % das pesquisas apresentadas trataram de questões relacionadas especificamente com a Lingüística Aplicada como disciplina. O percentual restante (20%) referiu-se a temas ligados a questões de tradução e educação bilíngüe.

O gráfico a seguir apresenta essa distribuição.

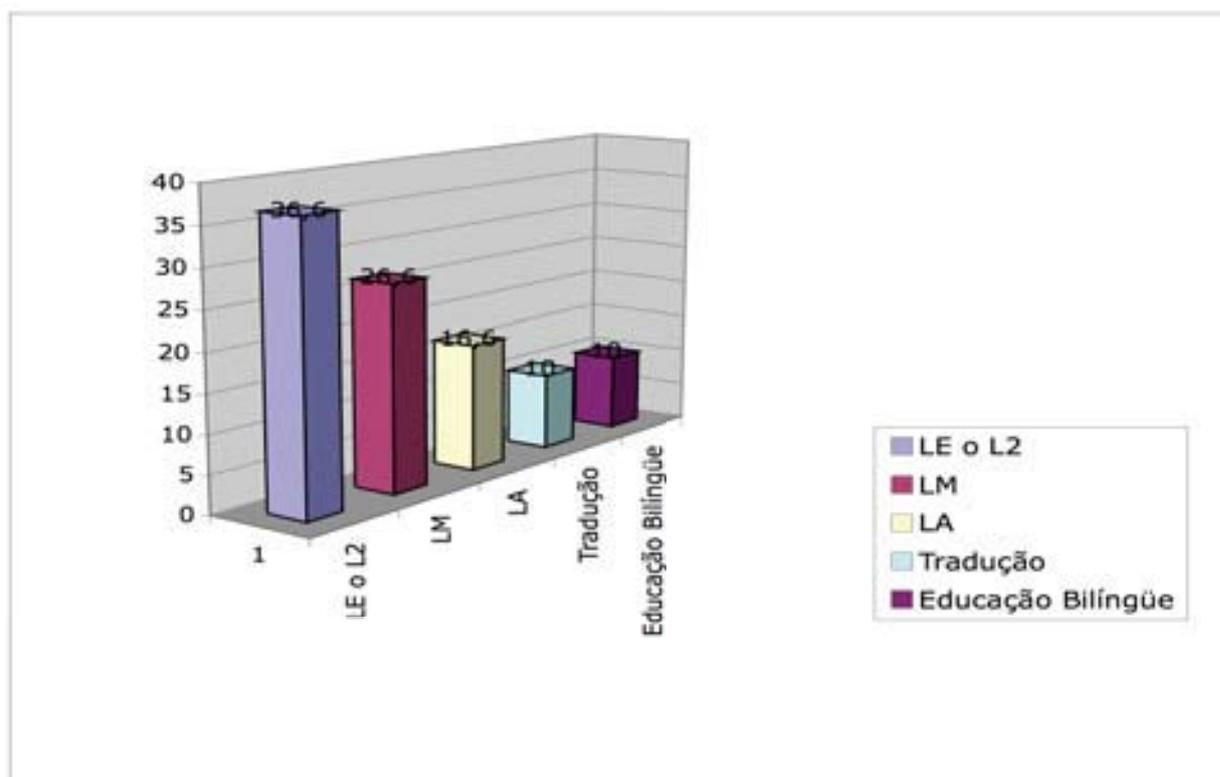


Gráfico 1 - Percentuais de trabalhos apresentados no I CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa

Observando a distribuição dos trabalhos, percebemos que a maioria dos trabalhos reflete as pesquisas realizadas nas tradicionais subáreas de investigação

da Lingüística Aplicada, ou seja, ensino-aprendizagem de língua estrangeira, ensino-aprendizagem de língua materna, tradução, bilingüismo e educação bilingüe, sendo estas três últimas, geralmente, agrupadas em uma só subárea.

O que chama a atenção, à primeira vista, é o fato de que essas três grandes subáreas são aquelas que “cabem” na primeira definição de Lingüística Aplicada e identificam-se com aquilo que o campo de estudo entende ser seu fazer científico até então: aplicar no campo prático (entenda-se a escola) as teorias lingüísticas que se propõem a buscar soluções para os diversos problemas de ensino / aprendizagem encontrados no campo dos estudos da linguagem.

As palavras da comissão organizadora do evento ao fazer a apresentação dos objetivos pretendidos com a realização desse congresso são representativas dessa realidade:

Muitas das questões examinadas decorrem do conjunto e da participação quotidiana em situações que levam em si o germe do problema pois nelas estão instituídas relações de iniquidade e desequilíbrio entre os participantes: o aluno da periferia na sala de aula, o trabalhador na rede burocrática, o índio na sociedade envolvente [...] estratégias de aprendizagem do aluno ou abordagens criativas bem fundamentadas do professor, estratégias discursivas do falante que mal domina um sistema lingüístico [...] (KLEIMAN; HENRIQUES; CAVALCANTI, TLA nº12, 1988; TLA nº13, 1989a e TLA nº14, 1989b)

Quanto à existência de uma subárea específica para agrupar trabalhos nos quais a Lingüística Aplicada consiste no próprio objeto de investigação, parece relevante observar que foi, provavelmente, o fato de o tema geral do congresso versar sobre a pesquisa e suas perspectivas que permitiu uma abertura para discussões dessa natureza. Conforme demonstram os números relativos aos trabalhos apresentados, é grande a importância de um espaço para a discussão de questões epistemológicas e teórico-metodológicas do campo de atuação. Nesse momento parece importante discutir as fronteiras da Lingüística Aplicada como área de investigação e definir seus paradigmas.

As primeiras discussões apresentadas neste congresso e no seguinte vão originar muitos dos artigos de referência consultados no Brasil, em anos subseqüentes, sobre a identidade da Lingüística Aplicada: Cavalcanti, 1986; Bohn, 1988; Serrani, 1990; Almeida Filho, 1991; Kleiman, 1991; Celani, 1992.

5.3.2 II Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada

O segundo CBLA realizou-se no período de 3 a 6 de setembro de 1989, em Campinas, na Unicamp, sob a responsabilidade do Departamento de Lingüística Aplicada dessa mesma universidade. Segundo Kleiman; Cavalcanti (1990), responsáveis pela organização dos anais desse segundo congresso, a dinâmica desse encontro apresentou um formato particular.

Os temas do congresso deram nome aos seminários, que, por sua vez, sinalizavam as áreas que seriam contempladas nos trabalhos apresentados nas sessões de comunicação. Alguns seminários seguiram o formato de mesas-redondas, em que pesquisadores convidados apresentaram trabalhos representativos sobre o tema definido, outros aconteceram sob a forma de minicursos, durante os quais realizaram-se debates sobre questões relevantes acerca do tema e da área representada. Um terceiro formato de seminário proposto foi o de oficina de trabalho, na qual, havendo uma concordância sobre as questões a discutir no âmbito do evento, propunha-se avançar sobre tais questões. Em comum a todos os seminários, estava o sentimento de que tal era o fórum para se levantar questões essenciais para a consolidação, o desenvolvimento e o avanço da Lingüística Aplicada no Brasil.

Ao longo do II CBLA foram apresentadas mais de 50 comunicações, envolvendo participantes de mais de 30 instituições nacionais e internacionais (V CBLA. Caderno de Resumos, 1998). Não foi possível encontrar dados precisos sobre o número total de trabalhos apresentados nesse evento e sua distribuição por áreas, uma vez que os anais foram publicados em um só volume da revista *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Segundo explicação das organizadoras da revista (KLEIMAN; CAVALCANTI, 1990), as dificuldades no recebimento dos trabalhos e a limitação de espaço as obrigou a oferecer apenas um panorama geral dos seminários realizados no evento. Assim, na referida publicação encontravam-se reunidos apenas os trabalhos teóricos recebidos pela comissão pois lamentavelmente, nem todos os trabalhos de pesquisa esperados para representar os seminários nas diversas áreas temáticas haviam sido enviados, tendo inviabilizado a sua publicação.

O congresso não definiu um tema geral, e, na publicação dos anais, nenhuma informação que faça referência a um tema específico é fornecida. Tampouco são apresentadas áreas temáticas gerais, segundo as quais teriam sido organizados os seminários e as sessões de comunicação do congresso. Essa ausência de definição ou de inovação em relação ao congresso anterior deveu-se, provavelmente, ao eco que ainda reverberava na área, como um todo, das discussões sobre as perspectivas para o campo da Lingüística Aplicada, acontecidas no I CBLA. Tais discussões dominaram, por anos, o cenário da área.

Porém é possível perceber que, mesmo seguindo um formato diferente do adotado no I CBLA, no que se refere à organização dos trabalhos em seminários temáticos, esse segundo evento reuniu trabalhos que continuam a enquadrar-se nas grandes áreas temáticas da Lingüística Aplicada (Ensino-aprendizagem de língua materna; Ensino-aprendizagem de língua estrangeira; Tradução, bilingüismo e educação bilíngüe), como podemos observar na denominação de cada seminário:

1. Discursividade e aprendizagem de línguas;
2. Dicionário para aprendizes e ensino de línguas;
3. Tendências no ensino de português para estrangeiros no Brasil;
4. A pesquisa em tradução, a teoria, o ensino e a prática;
5. Ensino e pesquisa em leitura;
6. Folktales, rhythm and poetry in ESL.

Dessa organização, percebemos que a Lingüística Aplicada ainda se constituía como um campo no qual a preocupação com o ensino (quer seja de língua materna ou estrangeira) e a escola é hegemônica. Outrossim, da mesma forma que no primeiro evento, podemos identificar, neste segundo CBLA, a presença do público denominado e reconhecido como pertencente ao campo da Lingüística Aplicada, conforme podemos depreender das palavras das organizadoras da publicação:

Optamos, [...] por espelhar, nestes anais, a realidade mais marcante dos trabalhos desse Congresso, que foi, ao nosso ver, a participação maciça dos lingüistas aplicados nos seminários (KLEIMAN; CAVALCANTI, TLA nº16, 1990).

Esse registro confirma a continuação da busca por uma identidade própria para o campo de estudos e para aqueles que dele participam.

5.3.3 III Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada

O terceiro CBLA aconteceu em 1992, em Campinas, novamente sob a organização do Departamento de Lingüística Aplicada da Unicamp. Notou-se, nesse ano, um grande aumento no número de sessões temáticas do evento totalizando 85 sessões: 5 conferências, 5 mesas-redondas, 17 seminários e 58 sessões de comunicação. O gráfico a seguir apresenta a distribuição das áreas contempladas nesse congresso, segundo seus percentuais.

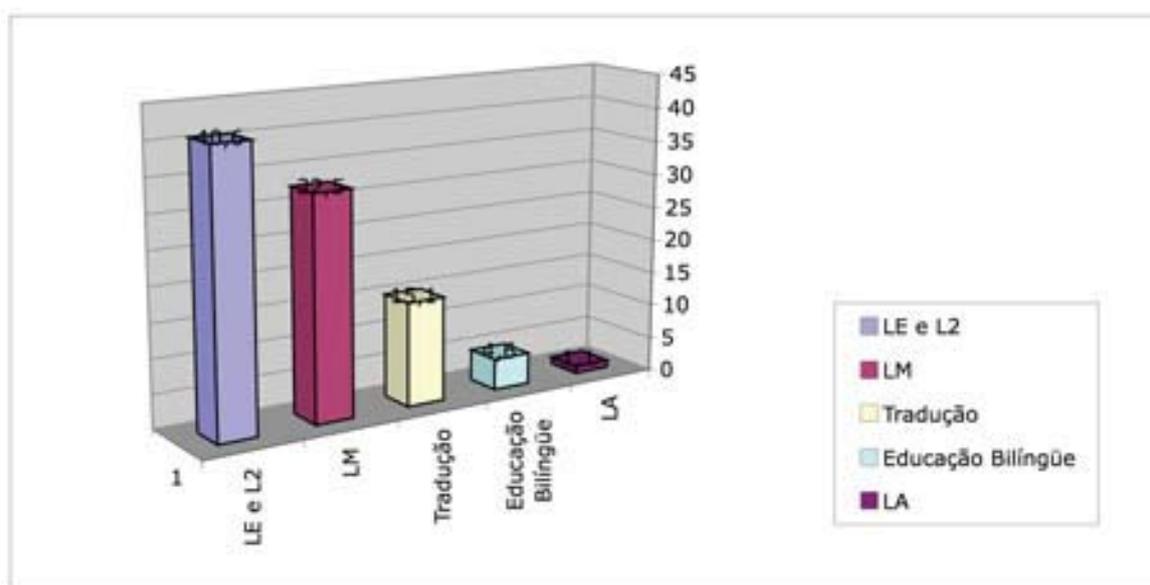


Gráfico 2 - Percentuais de trabalhos apresentados no III CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa

O percentual de trabalhos dedicados a questões relacionadas com a língua segunda e estrangeira (40,6%) e língua materna (32,5%) compreendeu quase a maioria das sessões, demonstrando ainda a dominância das duas áreas no cenário das pesquisas em Lingüística Aplicada. Os trabalhos sobre tradução e educação bilíngüe apresentaram, respectivamente, um aumento e uma diminuição em seus percentuais, 15,1% e 4,6%, comparativamente aos eventos anteriores.

Curiosamente, nesse ano, pareceu, novamente, não haver muitos trabalhos dedicados especificamente a questões relacionadas com a disciplina Lingüística Aplicada, uma vez que somente 1,1% deles trataram desse tema (SIGNORINI, 1998).

Ainda digna de menção, foi a crescente participação dos pesquisadores em Lingüística Aplicada que, representando 59 instituições diferentes, do país e do exterior, fizeram-se presentes no evento (LEFFA, 1998).

A revista *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, em um número especial organizado por Bastos e Bastos de Mattos (1993), apresenta uma coletânea de artigos resultantes de apresentações no III CBLA. No prefácio da publicação, as organizadoras explicam:

[...] desde 1987 estamos pensando no tema da relação entre a Lingüística Aplicada e a Lingüística. Aos poucos, os textos foram ganhando forma e a discussão se consolidou pela primeira vez por ocasião do 3º Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, em 1992. O que ora apresentamos é o resultado dessas discussões [...] (BASTOS; BASTOS DE MATTOS, 1993).

É interessante destacar dessas palavras a alusão à problemática da relação entre a Lingüística Aplicada e a Lingüística, que tem ocupado as reflexões dos pesquisadores da área desde 1987. Essa data corresponde ao ano seguinte da realização do I CBLA quando foram discutidas questões sobre a pesquisa em Lingüística Aplicada e as perspectivas para esse campo de estudo que se preocupava, à época, em definir o campo e suas fronteiras, especificar atribuições e caracterizar seus profissionais.

O fato de tal preocupação ainda ecoar anos depois e por ocasião de um novo evento científico, em sua terceira edição, reflete não somente a importância da temática mas a percepção de que eventos científicos como congressos, simpósios, encontros e similares são momentos necessários de *mise au point*. Ou seja, são momentos em que se abre espaço para fazer um balanço sobre o ponto em que se encontram as reflexões e os trabalhos e o momento de verificar os avanços e/ou mudanças de rumo do campo de estudos. Tal preocupação foi evidenciada nas palavras das autoras que prefaciaram o número especial dessa revista:

Esperamos com essa coletânea de artigos, contribuir para a discussão que se dá em congressos, salas de aula e textos de

periódicos. Cabe ainda observar que os autores de todos estes artigos têm formação lingüística, o que reflete nossa posição de que conferir um estatuto à Lingüística Aplicada não é diferenciá-la forçosamente da Lingüística mas percebê-la como uma disciplina em que há uma postura crítica frente a uma situação de uso da linguagem (BASTOS; BASTOS DE MATTOS, TLA nº22, 1993).

5.3.4 IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada

O IV CBLA ocorreu em 1995, mais uma vez na UNICAMP, e mostrou a expansão (pelo menos numérica) da pesquisa científica nessa grande área do conhecimento. Esse quarto congresso reuniu, em número sempre crescente (577 participantes representando 19 estados brasileiros e alguns países estrangeiros) pesquisadores e pesquisas desenvolvidas no Brasil e no exterior no campo da Lingüística Aplicada em suas principais subáreas temáticas.

Sob o tema geral “Aspectos transdisciplinares da Lingüística Aplicada”, o congresso contou com 106 sessões temáticas apresentadas em 6 conferências, 2 painéis, 14 mesas-redondas e 84 sessões de comunicação.

Apesar de a chamada do tema geral do congresso apontar para uma reflexão sobre a necessidade de entender e estender as fronteiras da área de atuação da Lingüística Aplicada em relação a outras áreas, apenas 1,8% dos trabalhos apresentados focalizaram questões específicas dessa disciplina.

A maioria dos trabalhos continuou a representar as áreas ligadas à língua materna (30,1%) e à língua estrangeira e segunda (7,5%). Somadas a essas duas grandes subáreas já consolidadas, emergiu uma terceira subárea mista, na qual se inserem os trabalhos que relacionam questões de língua materna e língua estrangeira, representando um percentual de 10,5%. Aproximadamente 8% dos trabalhos enfocaram questões de tradução, e apenas 0,9% dos trabalhos, o tema da educação bilíngüe (KLEIMAN; CAVALCANTI; ARROJO, 1994; SIGNORINI, 1998).

O gráfico a seguir apresenta a distribuição dos percentuais de trabalhos apresentados no IV CBLA nas diferentes subáreas.

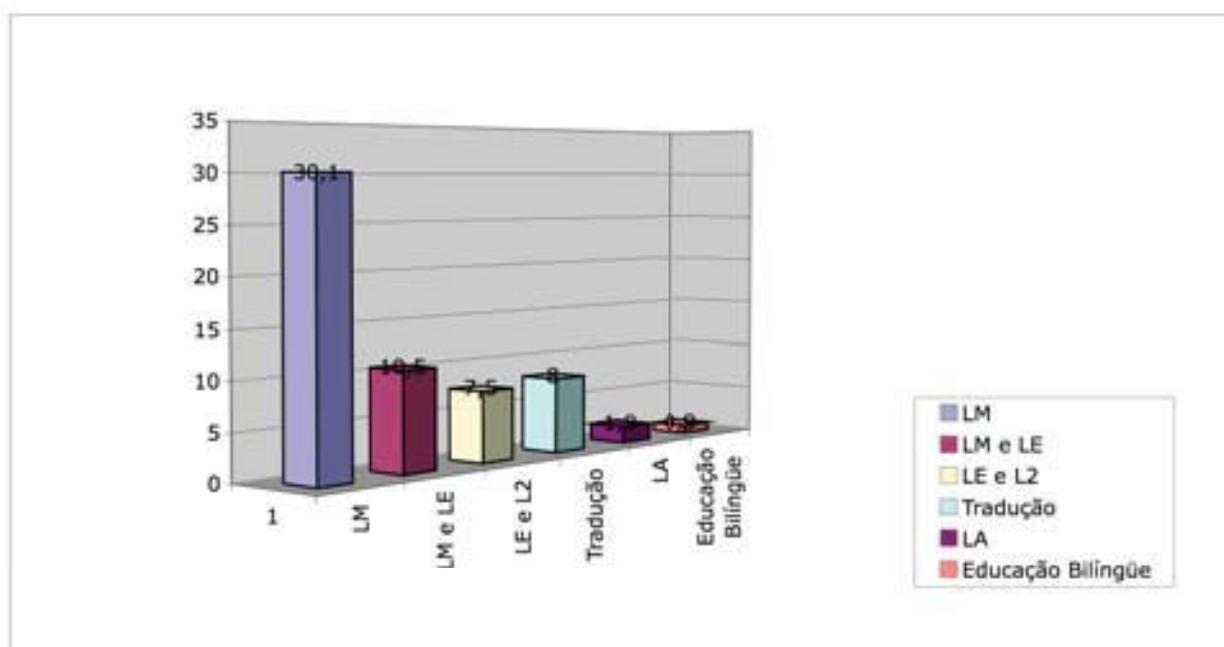


Gráfico 3 - Percentuais de trabalhos apresentados no IV CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa

Embora os números referentes a esse congresso não sejam significativos em termos de pesquisas específicas sobre a natureza da Lingüística Aplicada, seus aspectos disciplinares e transdisciplinares, Signorini (1998) descreveu o IV CBLA como um evento cuja temática geral proposta norteou as atividades desenvolvidas.

Segundo sua análise, o tema fez-se presente tanto em trabalhos específicos – como, por exemplo, na conferência “Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil” e na mesa-redonda “Transdisciplinaridade em Lingüística Aplicada” –, como em trabalhos (conferências, mesas-redondas e comunicações) que procuraram mostrar as interfaces possíveis entre outras teorias e áreas do conhecimento com os estudos da linguagem, fossem elas nas subáreas ligadas a língua materna, língua estrangeira, tradução ou educação bilíngüe.

Ainda segundo essa autora, embora as três grandes subáreas (ensino-aprendizagem de língua materna; ensino-aprendizagem de língua estrangeira; tradução, bilingüismo e educação bilíngüe) tenham sido contempladas com a apresentação de trabalhos de pesquisa, verificou-se, nesse evento, um desequilíbrio, incomum até então, entre o número de trabalhos referentes às áreas temáticas de Língua Estrangeira e Língua Materna, tradicionalmente áreas de maior concentração de apresentação de trabalhos de pesquisa nesses congressos. O desequilíbrio verificado indicou uma significativa diminuição de trabalhos em Língua

Estrangeira e Língua Segunda, separadamente, e o conseqüente aparecimento de um novo grupo de pesquisas mistas nas quais questões relacionadas tanto à língua materna quanto à língua estrangeira eram discutidas.

A definição de um tema central para o congresso teve por objetivo orientar a apresentação dos trabalhos de pesquisa no sentido de imprimir um tom geral às discussões, destacando a importância da transdisciplinaridade não só para o campo da Lingüística Aplicada como um todo mas também para as pesquisas específicas de cada subárea que se propunham a trabalhar em uma perspectiva de intercâmbio com outras teorias significativas para os estudos da linguagem. Ao mesmo tempo, a adoção desse tema sinalizava uma tendência na direção da compreensão do que era a Lingüística Aplicada e dos caminhos para onde se dirigiam suas pesquisas.

Embora tenha havido a percepção de que muitos trabalhos apresentados nas diversas subáreas do congresso tenham contemplado aspectos transdisciplinares, o fato de o tema ser, ao mesmo tempo, norteador do evento e objeto de pesquisa, em se tratando dos questionamentos sobre o campo de estudos da Lingüística Aplicada, não contribuiu para um aumento significativo de trabalhos específicos sobre esse tema.

As discussões referentes a essa temática concentraram-se em dois momentos no congresso: na conferência “Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil” e na mesa-redonda que discutiu a “Transdisciplinaridade em Lingüística Aplicada” (SIGNORINI, 1998). Entretanto, anos mais tarde, essas reflexões compuseram um livro (SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998) considerado referência quando se discute a temática da transdisciplinaridade no Brasil.

A percepção daqueles que abordaram essa problemática nesse congresso aparece em seus trabalhos e falas, conforme nos relata Signorini (1998):

[...] a transdisciplinaridade em Lingüística Aplicada é vista pela maioria dos participantes como uma prática consolidada de apropriação de conceitos e metodologia de diferentes áreas e tradições interessadas no estudo da linguagem, mas que só mais recentemente começou a ser objeto de reflexão dos pesquisadores (CELANI apud SIGNORINI, 1998, p. 177).

De fato não há, no conjunto dos trabalhos e das discussões desenvolvidas no congresso, uma problematização sistemática do conceito de transdisciplinaridade (MOITA LOPES apud SIGNORINI, 1998, p. 177).

[...] como também não há uma problematização da necessidade de se discutir o tema (KLEIMAN apud SIGNORINI, 1998, p. 177).

Nem sempre o momento e a necessidade estão em sintonia, considerando-se a diversidade e a amplitude de um grupo. Parece ser esse o caso. No entanto, as reflexões efetuadas nesse congresso, sobretudo em relação a essa temática, deram visibilidade a algo que viria ser discutido amiúde nos anos e eventos subsequentes.

É importante perceber que o caminho apontado para a Lingüística Aplicada não é isento de implicações. Ou seja, adotar essa ou aquela perspectiva, escolher trilhar esse ou aquele caminho na sua concepção de fazer ciência, não é uma atitude neutra pois implica um posicionamento. Da mesma forma, a discussão da transdisciplinaridade para o campo da Lingüística Aplicada é como um cruzamento onde se possibilitam escolhas e posicionamentos, os quais remetem para uma postura ética no modo como se pensa a teoria e a prática em um campo de estudos.

Em uma dimensão nacional, como é a proporcionada por um congresso científico da natureza do CBLA, as escolhas dos organizadores do evento, que são também presidentes das associações de pesquisa, são escolhas (em relação à temática de destaque, por exemplo) que denotam também a política lingüística defendida por eles. Assim, tais escolhas são valoradas e devem ser consideradas na dimensão de sua responsabilidade.

Não deixa de ser importante considerar, outrossim, que, no momento em que a UNICAMP realizava pela quarta vez o Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, em 1995, já estava fundada, no Brasil a Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (ALAB). Esta, desde 1990, ano de sua criação, reunia docentes e pesquisadores do Brasil na área de Lingüística Aplicada, em busca de um espaço para discutir as questões políticas e acadêmicas de sua área de atuação.

A ALAB filiou-se à Associação Internacional de Lingüística Aplicada (AILA) e passou a ter uma ativa participação tanto em simpósios e congressos brasileiros e mundiais quanto nos comitês internacionais e executivos da AILA (MOITA LOPES, 1999; OLIVEIRA, 2006).

Não sem reconhecer todo o esforço pioneiro dos colegas da UNICAMP pela realização dos quatro primeiros CBLAs, em 1997, a ALAB, cumprindo seu papel de representante da categoria em nível nacional, assume a organização do CBLA mantendo a mesma periodicidade, porém associando o local de realização do evento ao de atuação de seu presidente em exercício (Caderno de resumos do V CBLA, 1998).

5.3.5 V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada

Confirmando as resoluções deliberadas em nível nacional, a realização do V CBLA aconteceu entre os dias 31 de agosto e 4 de setembro de 1998, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, já sob a tutela da ALAB. Em sua quinta edição, o congresso apresentou 349 sessões de trabalho distribuídas, ao longo dos dias, em 5 conferências plenárias, 7 mesas-redondas, 329 simpósios, 8 pôsteres, além de 14 minicursos realizados nos dois dias que antecederam a abertura oficial do evento.

O V CBLA, ao contrário do anterior, não propôs um tema geral como norteador do evento, porém as quatro grandes subáreas consolidadas da pesquisa em Lingüística Aplicada no país, já citadas anteriormente, estiveram representadas no evento.

Na introdução do programa e caderno de resumos, a comissão organizadora explicitou a abrangência do encontro no que se refere às áreas de interesse ali representadas bem como as interfaces com outras disciplinas, conforme transcrito abaixo:

Os tópicos abordados nesse encontro refletem as áreas de interesse da Lingüística Aplicada, incluindo ensino e aprendizagem de língua materna, ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, tradução e educação bilíngüe – com contribuições de outras disciplinas tais como a lingüística, sociologia, informática, estatística, antropologia, psicanálise, psicologia e ciências da educação. (V CBLA, Programas e Resumos, 1998).

É importante destacar nas palavras da comissão organizadora, a clara distinção entre a consolidada área de produção do conhecimento que é a Lingüística Aplicada nesse momento e a Lingüística como área de conhecimento afim, com a qual se pode ter uma interface na busca de entendimento de questões envolvendo a linguagem, sem haver, no entanto, o predomínio da última sobre a primeira.

De certa forma, parece-nos que a quinta edição do CBLA aconteceu em um momento de relativa calma nas discussões sobre os rumos da Lingüística Aplicada e sua natureza. Uma vez consolidada sua posição, parecia igualmente consolidada e aceita a idéia de que a disciplina ganhava com o intercâmbio com

outras disciplinas, sem, entretanto, deixar de ser e fazer estudos lingüísticos, conforme podemos compreender das palavras da comissão organizadora do evento sobre alguns dos objetivos do congresso. Vejamos:

Incentivar o estudo e a pesquisa, promovendo o debate de problemas relativos à linguagem e seu papel na construção do conhecimento; estimular a produção científica na área de lingüística aplicada e domínios conexos. (V CBLA, Programas e Resumos, 1998).

Quanto ao levantamento dos trabalhos apresentados nesse congresso, observou-se uma interessante presença de comunicações e mesas-redondas que abordavam temáticas que ultrapassavam as questões puramente de linguagem, de ensino e de aprendizagem, revelando, assim, interseções com outras áreas das ciências humanas.

A razão para a presença dessas novas temáticas na pesquisa em Lingüística Aplicada e das interseções com outras disciplinas pode ter sua explicação em alguns fatos anteriores e paralelos a esse congresso.

O primeiro deles era o próprio CBLA anterior que, com sua temática geral sobre a transdisciplinaridade da Lingüística Aplicada, sinalizou os rumos para a evolução da pesquisa rumo à expansão de suas fronteiras.

O segundo fato situava-se no âmbito das decisões da ANPOLL (www.anpoll.org.br) que, no ano de 1998, em seu encontro de Campinas, promoveu um reagrupamento do Grupo de Trabalho (GT) de Lingüística Aplicada em torno de quatro subgrupos temáticos:

1. Processos identitários nas práticas de linguagem;
2. Ensino de português L2 e LE;
3. Transculturalidade, linguagem e educação;
4. Linguagem como prática social em contextos específicos.

Esse reagrupamento demonstrava a realidade da pesquisa que vinha sendo desenvolvida pelos lingüistas aplicados no Brasil naquele momento, seus interesses e fronteiras de pesquisa. Apontava para uma ampliação de seu espectro, revelando que os objetos de investigação da Lingüística Aplicada não cabiam mais dentro de uma classificação genérica e ampla de trabalhos que obedecessem apenas ao

critério de abordar macrocampos de estudo como o ensino-aprendizagem de língua materna e de língua estrangeira, a tradução ou a educação bilíngüe.

Um exemplo da necessidade que levou a esse reagrupamento temático dentro do GT de Lingüística Aplicada da Anpoll verifica-se no fato de que, dentro dos diferentes subgrupos, podem constar pesquisas cuja base seja o ensino-aprendizagem da língua materna ou de uma língua estrangeira, porém, em função do foco da referida pesquisa, quer seja nos processos identitários, nos estudos culturais ou nas práticas sociais, o trabalho poderá ser identificado dentro de uma ou outra linha temática.

O gráfico 4 apresenta a distribuição dos trabalhos nas diversas linhas temáticas do congresso.

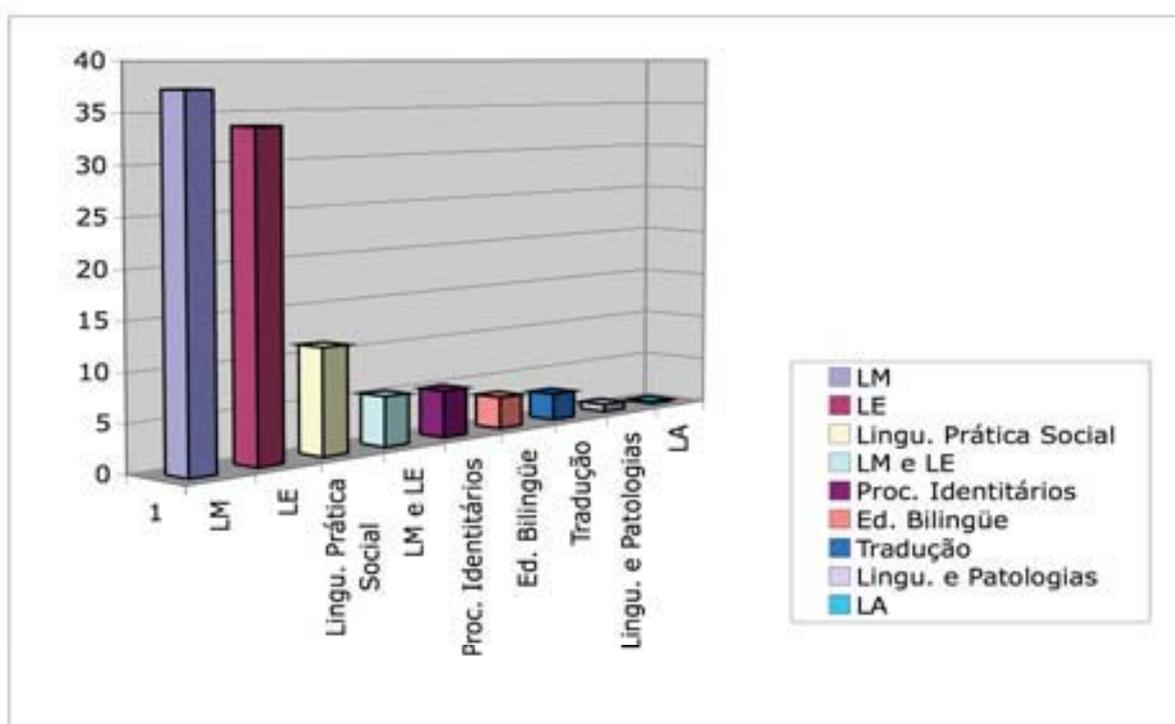


Gráfico 4 - Percentuais de trabalhos apresentados no V CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa

Mesmo considerando os acontecimentos em torno da cena política e organizacional da pesquisa em Lingüística Aplicada à época, no V CBLA verificamos que, em termos percentuais, a distribuição dos trabalhos demonstrou, ainda, uma predominância das pesquisas (considerando-se as diferentes modalidades de apresentação) que tratam especificamente de questões ligadas ao ensino-

aprendizagem de língua materna (37,3%) e de língua estrangeira (33,6%). O terceiro maior percentual de trabalhos apresentados nesse congresso refere-se a pesquisas que abordavam questões de linguagem como prática social (11,2%). Pesquisas que trataram de processos identitários representam 5,0% dos trabalhos; as que relacionaram língua materna e língua estrangeira representam 5,3% e, em percentuais menores, porém marcando presença no evento, encontram-se os trabalhos ligados às áreas de tradução (2,9%), educação bilíngüe (3,4%) e linguagem e patologias (0,8%). Trabalhos abordando questões específicas da Lingüística Aplicada representaram somente 0,2% de todo o congresso.

5.3.6 VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada

A sede da ALAB em Minas Gerais promoveu entre os dias 7 e 11 de outubro de 2001 o VI CBLA, no campus da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse ano, o evento apresentou como temática geral “A linguagem como prática social” e, mais uma vez, viu seus números ampliarem-se. Com a escolha dessa temática, o evento tem por objetivo apontar para “[...] um dos focos que vem se manifestando como norteador das pesquisas no século XXI” (VI CBLA, Programa e Resumos, 2001).

Parece estar implícita nessa escolha a sinalização para a ampla adoção de uma concepção de linguagem que recoloca, definitivamente, o homem, ser de linguagem, em meio a sua história e a sua cultura. Diferentemente da concepção de linguagem dominante no século XX, para a qual o sujeito é o ser da razão, no século XXI não é apenas a razão que define o homem mas também suas características sociais, culturais e históricas. A linguagem, que constitui o homem, é, ao mesmo tempo, constituída nesse processo e só poderá ser estudada se consideradas as práticas sociais nas quais ela acontece.

Entretanto, embora sinalizando para esse foco norteador, parece ficar igualmente clara, na apresentação do evento, a perspectiva de que, no campo da Lingüística Aplicada brasileira, mostrado em seu congresso científico, há espaço para discussão e apresentação de pesquisas nas mais diversas subáreas. Isso pode ser constatado nas palavras da comissão organizadora:

O tema proposto não exclui todavia outras participações e reflexões, uma vez que a filosofia que tem permeado os congressos da ALAB é precisamente a pluralidade de perspectivas e a incorporação de novos enfoques e problemáticas. (VI CBLA, Programa e Resumos, 2001).

A “pluralidade de perspectivas” a que se refere o texto, sugere, certamente, uma referência a toda uma discussão, já consolidada em relação ao campo da Lingüística Aplicada nos congressos anteriores, sobre a multiplicação de pesquisas com interfaces interdisciplinares revelando, dessa forma, os novos “enfoques”, as novas “problemáticas”, ou outras concepções de linguagem, em suma, indicando uma nova face da lingüística aplicada no cenário brasileiro.

Observamos, assim, a apresentação de trabalhos nas áreas de língua materna, língua estrangeira, tradução, educação bilíngüe, mas igualmente a apresentação de trabalhos identificados em áreas como linguagem e prática social, processos identitários e linguagem e patologias.

Ao longo do congresso foram apresentados 610 trabalhos assim distribuídos: 10 sessões plenárias, 13 mesas-redondas, 46 comunicações integradas, 373 comunicações individuais e 21 pôsteres. Nos cinco dias que antecederam a abertura oficial do congresso, oito minicursos foram oferecidos para alunos de graduação e pós-graduação.

Nesse evento aconteceram igualmente o lançamento de livros e o lançamento do primeiro número da Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, consolidando, definitivamente, o CBLA como fórum privilegiado de divulgação das pesquisas em Lingüística Aplicada realizadas no Brasil, principalmente, mas igualmente nos países vizinhos que trazem suas contribuições para o evento (VI CBLA. Caderno de Resumos, 2001).

No gráfico a seguir, encontra-se, em percentuais, a distribuição dos trabalhos apresentados nas diferentes subáreas do evento.

5.3.7 VII Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada

O VII CBLA aconteceu entre os dias 10 e 14 de outubro de 2004, em São Paulo, e foi promovido pela diretoria da ALAB sediada, nesse período, no LAEL, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O tema central, “Lingüística Aplicada e contemporaneidade”, foi escolhido como sinalizador das diretrizes do evento no sentido de promover reflexões críticas sobre a Lingüística Aplicada no Brasil, seus conceitos, suas práticas, suas posturas e suas metodologias num período de mudanças profundas como tem sido marcada a contemporaneidade.

Em diferentes modalidades, os 669 trabalhos apresentados por pesquisadores brasileiros e estrangeiros distribuíram-se no seguinte formato: 2 conferências, 10 plenárias, 12 mesas-redondas, 53 sessões de comunicações temáticas (cada sessão composta pela apresentação de 5 ou 4 trabalhos, totalizando 255 nos quatro dias de congresso), 63 sessões de comunicações individuais (314 trabalhos), 15 pôsteres, 19 painéis interativos e 18 oficinas.

Mantendo a tradição, na semana precedente ao evento também foram oferecidos minicursos, que se mostraram inovadores quanto a seu formato uma vez que foram ministrados na ambientação instrucional digital – on-line (VII CBLA. Caderno de Resumos, 2004).

A estrutura organizacional desse CBLA agrupou o conjunto de trabalhos recebidos em diversas vertentes investigativas, considerando essa classificação como representativa da produção científica da Lingüística Aplicada naquele momento. Por exemplo, trabalhos abordando questões ligadas às grandes subáreas de ensino-aprendizagem de língua materna e língua estrangeira não foram agrupados em uma categoria isolada, mas apareceram disseminados nas diversas vertentes investigativas propostas.

A concentração dos trabalhos nessas vertentes encontram-se representadas no gráfico 6.

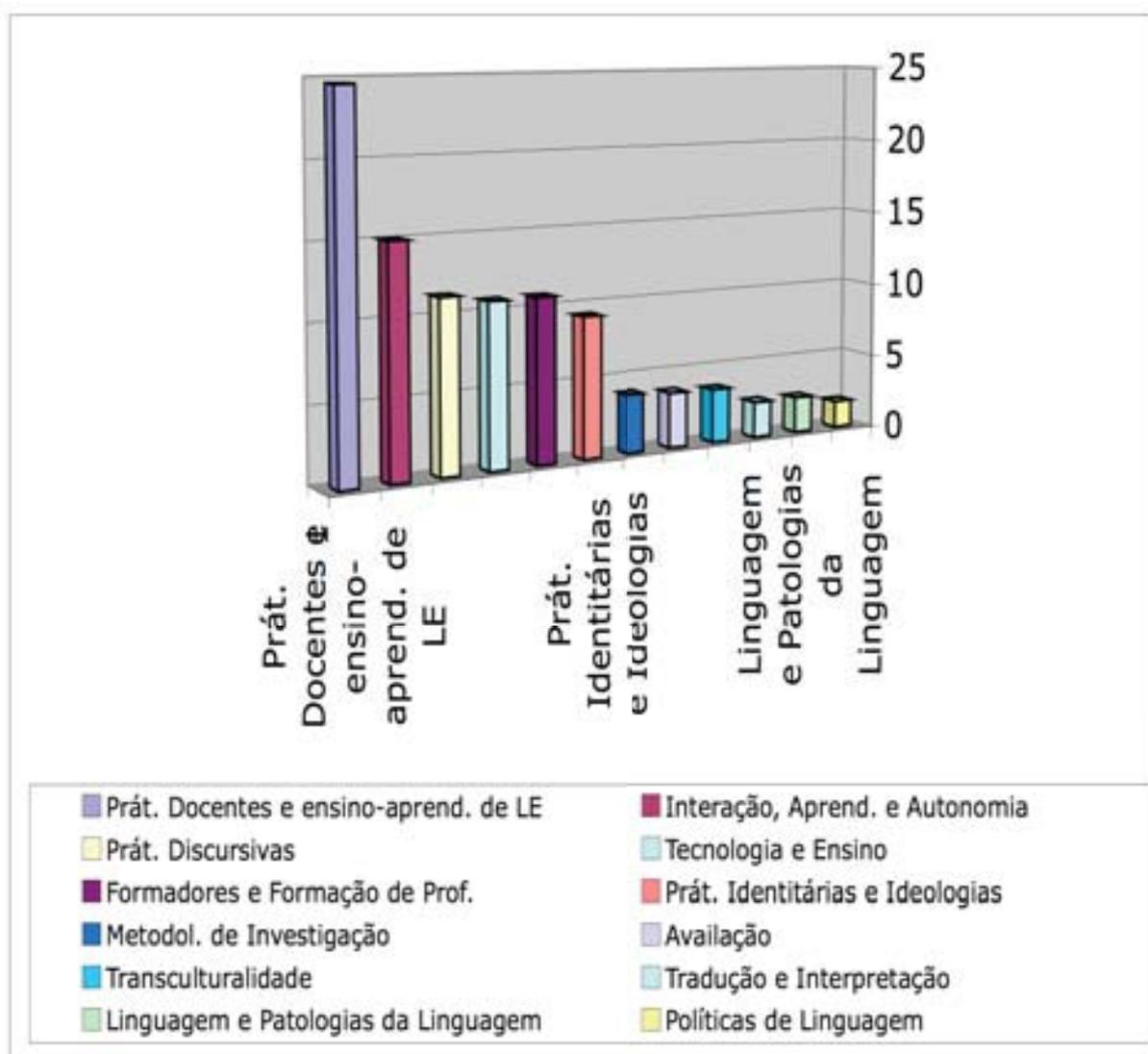


Gráfico 6 - Percentuais de trabalhos apresentados no VII CBLA nas diferentes subáreas de pesquisa

A dominância, em termos de concentração de trabalhos, é da vertente que trata das práticas docentes e do processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (24,6%). A segunda grande concentração é encontrada na área de interação, aprendizagem e autonomia (15%). Algum equilíbrio é verificado entre as vertentes que agrupam os trabalhos sobre práticas discursivas (11,3%), formadores e formação de professores (10,8%), tecnologia e ensino (10,8%) e práticas identitárias e ideologias (9,3%). De forma mais reduzida, o VII CBLA ainda apresenta trabalhos centrados nas questões sobre metodologias de investigação

(3.9%), avaliação (3.7%), transculturalidade (3.6%), tradução e interpretação (2.4%), linguagem e patologias da linguagem (2.4%) e políticas de linguagem (1.8%).

Diferentemente do I CBLA que, em 1986, apresentou seus trabalhos organizados somente em três grandes áreas temáticas, nesse VII CBLA os trabalhos foram divididos nessas 12 áreas de investigação. Diante desses números e da variedade de vertentes investigativas, é interessante perceber que os trabalhos científicos do campo da Lingüística Aplicada conseguiram dialogar e discutir, muitas vezes, sobre a mesma questão (por exemplo, processos identitários) em abordagens diferentes.

O que parece ficar claro, em um olhar retrospectivo, quanto à natureza dos trabalhos apresentados, é que, se as temáticas estudadas no campo da Lingüística Aplicada, em geral, não mudaram – e acreditamos que não há porque mudar uma vez que se trata de estudar o homem em suas relações com a linguagem, nas suas práticas discursivas –, percebe-se um alargamento das fronteiras que, até então, têm tradicional e claramente demarcado cada subárea de estudo dentro da grande área dos estudos lingüísticos.

Ampliadas as fronteiras, estas vão se tornando mais fluidas, mais permeáveis, permitindo maior contato com outras áreas, outros conhecimentos. A tão proclamada transdisciplinaridade passa a ser vivenciada em um contexto de interação dinâmica, e isso introduz novas questões no centro das discussões. Considerando a abertura da disciplina para novos horizontes, para novas trocas, entendemos que dessas trocas ela nunca resulta a mesma.

Nesse sentido, começam a aparecer preocupações explícitas, embora tímidas, em discutir questões ligadas a ideologia, política e linguagem. Novas identidades para a pesquisa e a produção do conhecimento na Lingüística Aplicada se formam, e o contínuo questionamento sobre que área é essa e que conhecimento é esse que produzimos traduz a vitalidade que pulsa nessa área de estudos, na contemporaneidade.

As áreas temáticas do congresso diversificam-se seguindo a tendência dos congressos anteriores e uma especialização e diversificação já adotadas e praticadas nos cursos de pós-graduação quanto a suas áreas de interesse e pesquisa na Lingüística Aplicada. Além do mais, o tema geral do congresso, ao ser definido como “Lingüística Aplicada e contemporaneidade”, chama a atenção para um olhar sobre o campo de estudos considerando-se um momento histórico, social e

político que assume características diferentes daquelas existentes quando do surgimento da disciplina nos anos 40 e 50 do século passado. Nas palavras da diretoria da ALAB à época,

A temática revelada pelo título “Linguística Aplicada e Contemporaneidade” [...] mostra-se oportuna e particularmente pertinente, na medida em que evoca um repensar e uma reflexão crítica sobre conceitos, posturas, práticas e metodologias, (re)descrevendo-os, (re)definindo-os e (re)construindo-os à luz das mudanças profundas que têm marcado a atualidade. O enfoque proposto pela temática escolhida possibilita perceber o sujeito contemporâneo com as peculiaridades, abrangência e importância que lhe são intrínsecas, conceber como sua identidade é constituída e, portanto, entendê-lo enquanto ainda se estrutura como tal (FREIRE; ABRAHÃO; BARCELOS, 2005, p. 7).

Tal é a perspectiva da Linguística Aplicada nesse momento e, portanto, da prática que ela define. Ainda segundo a diretoria da ALAB (FREIRE; ABRAHÃO; BARCELOS, 2005), a perspectiva de olhar para a Linguística Aplicada na ótica da contemporaneidade “reafirma o caráter transdisciplinar” da mesma.

Nas novas identidades afloradas nas recentes transformações do campo de estudos da Linguística Aplicada e confirmadas nas trajetórias de seus congressos, também identificamos a ética que permeia todas as atividades desse campo. O agir é um ato ético. Assim a pesquisa, como um agir do sujeito, também é um ato ético. O discurso que traduz esse agir é a fonte em que vamos buscar o significado e a valoração do agir que identifica a ética de cada um.

Nesse sentido, a identidade de um campo de estudos que revela, cada vez mais, uma preocupação com questões implicadas na vida do sujeito de linguagem, não somente da realidade linguística dele mas das condições, dos contextos, dos valores, dos conceitos e pré-conceitos que estão imbricados em sua vida, é uma identidade que revela uma preocupação ética. Ao trazer a produção do conhecimento (o mundo da cultura) para significar no mundo da vida, e não em um teoreticismo abstrato, cujo significado só faz sentido dentro dos muros da teoria que o reveste, o saber se torna ético.

5.4 OS TÍTULOS DOS CBLAs

Um evento científico começa a se desenvolver quando se estabelece uma proposta temática de estudo que possa agregar pesquisadores e trabalhos que com ela se identifiquem e que possam vir a reunir-se para apresentá-la e discuti-la. A primeira identificação, portanto, acontece em relação ao título ou tema geral do congresso. Nos sete CBLAs, que aconteceram entre 1986 e 2004, identificamos⁹ os seguintes temas gerais:

I CBLA	Pesquisas e perspectivas
II CBLA	Tema não definido
III CBLA	Tema não definido
IV CBLA	Aspectos transdisciplinares da Lingüística Aplicada
V CBLA	Tema não definido
VI CBLA	A linguagem como prática social
VII CBLA	Lingüística Aplicada e contemporaneidade

Quadro 1 – CBLAs: títulos e temas

É interessante observar o fato de que, em alguns congressos, define-se um título para apresentar o evento. Nos casos em que isso ocorre, percebemos que a escolha é, de certa forma, ilustrativa do momento de questionamento e inquietações pelo qual passava o próprio campo da Lingüística Aplicada. A temática geral dos eventos nos mostra o olhar e as lentes da Lingüística Aplicada em relação a seu campo de atuação no momento histórico específico de cada um desses eventos.

Por exemplo, o fato de o título do I CBLA ter sido “Pesquisas e perspectivas” permite a interpretação de que aquele momento, além de ser o momento de realização do primeiro evento científico nacional da área, era um momento em que a preocupação dominante dos pesquisadores da área recaía na busca de caminhos para a legitimação de seu campo de estudos, na definição da natureza deste, na extensão de suas fronteiras e na descoberta de sua identidade.

⁹ As informações gerais sobre os CBLAs podem ser encontradas nas revistas TLA n. 12, 13, 14, 16, 22 e 24 e nos anais dos congressos publicados posteriormente pela ALAB.

O IV CBLA, por sua vez, destacou a questão da transdisciplinaridade em seu título, demonstrando, provavelmente, a grande preocupação com a natureza da pesquisa na área, aspecto discutido amplamente ao longo do evento.

No V CBLA, o título do congresso remete para a concepção de linguagem como prática social. Fazendo um retrospecto das questões que animaram a cena da Lingüística Aplicada nos anos anteriores, esse parecia ser o momento, após os questionamentos estruturais, de olhar e de discutir o tipo de linguagem que subjazia às propostas de atuação desse campo de estudos.

Essas propostas ganharam amplitude, conforme sinalizado no título do congresso seguinte, o VII CBLA, que propôs retomar as grandes questões sobre os rumos da Lingüística Aplicada face aos desafios da sociedade contemporânea.

Por outro lado, a indefinição de um tema geral em alguns congressos nos permite considerar, além disso, que a presença de um determinado tema ou de uma determinada necessidade de atuar num dado campo disciplinar não se resume a períodos definidos espaciotemporalmente, mas segue o critério de transformação da pesquisa, dos objetos de estudo e dos modos de abordá-los. Esses critérios não se esgotam, necessariamente, em um único evento ou espaço de tempo determinado como se fosse um produto com prazo de validade. A validade será dada pelo reconhecimento de um objeto de estudo como questão social e como questão relevante para a vida dos participantes sociais.

5.5 A LINGÜÍSTICA APLICADA COMO OBJETO DE ESTUDO NOS CBLAs

Após observar a organização temática dos sete CBLAs, julgamos necessário particularizar nosso olhar para a Lingüística Aplicada definida não mais como campo de estudos, mas como vertente investigativa. Desde o começo, a preocupação dos lingüistas aplicados em relação à definição de seu campo de estudos e de suas identidades transformou esse fato em uma necessidade.

Assim, vamos encontrar ao longo dos diferentes congressos, em maior ou menor proporção, conforme a ebulição em torno da temática, trabalhos dedicados à tarefa de discutir a Lingüística Aplicada, sua prática, seu estatuto, sua identidade, seus aspectos metodológicos e suas fronteiras teóricas.

Vejamos como isso se apresenta ao longo dos CBLAs focalizados.

I CBLA	16.6%
II CBLA	Não especificado
III CBLA	1.1%
IV CBLA	1.8%
V CBLA	0.2%
VI CBLA	0.6%
VII CBLA	Não especificado

Quadro 2 – A Lingüística Aplicada como objeto de estudo: percentuais¹⁰

No primeiro CBLA, verificamos o maior percentual de trabalhos pois, iniciando a tradição de discutir o campo disciplinar em um espaço próprio, o congresso, com seu tema principal “Pesquisas e perspectivas”, põe em cena todos os debates sobre a definição de uma identidade própria para o lingüista aplicado e para a disciplina. É importante lembrar que esses debates caracterizaram os primeiros anos da pesquisa em Lingüística Aplicada, no Brasil, como campo autônomo.

No segundo CBLA, não encontramos uma clara divisão dos trabalhos apresentados nas tradicionais subáreas temáticas. Nos anais do evento (TLA nº16, 1990), os trabalhos foram organizados segundo o título dos seminários nos quais foram apresentados. É bem verdade que os seminários espelham as principais vertentes investigativas do campo, porém não há menção a um espaço próprio para discutir questões específicas da Lingüística Aplicada. O único trabalho sobre a questão foi apresentado no quadro do seminário intitulado “Discursividade e aprendizagem de línguas”.

No prefácio da revista *Trabalhos em Lingüística Aplicada* número 22 (1993), que publica trabalhos apresentados no âmbito do III CBLA, chama-se a atenção para o fato de que a relação entre a Lingüística Aplicada e a Lingüística tem sido um tema pensado desde 1987. É interessante notar que a referência a este ano aponta para o ano seguinte ao da realização do primeiro CBLA (1986), no qual foram

¹⁰ Os percentuais e as referências a trabalhos apresentados nessa tabela referem-se aos dados e números relativos aos congressos tais como foram publicados e divulgados nos respectivos anais ou em publicações que a eles fazem referência.

discutidas a pesquisa e as perspectivas da Lingüística Aplicada, sobretudo, no Brasil.

Ainda nesse prefácio, há o comentário de que “Aos poucos, os textos foram ganhando forma e a discussão se consolidou, pela primeira vez, por ocasião do 3º Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, em 1992” (BASTOS; BASTOS DE MATTOS, 1993, p. 5). Encontramos, nessa edição da revista, o registro de 3 trabalhos tratando especificamente da questão da disciplina Lingüística Aplicada, no que se refere à sua relação com a Lingüística, à sua prática e à busca por autonomia.

Assim, mesmo com um pequeno percentual de trabalhos, há evidências de que as questões levantadas e fomentadas anos antes, por ocasião do I CBLA, permaneceram de tal forma relevantes e necessárias que somente anos depois puderam ser consideradas “consolidadas”.

O IV CBLA marca uma espécie de nova reviravolta no campo de estudos da Lingüística Aplicada, uma vez que a transdisciplinaridade aparece como elemento central na discussão sobre a natureza da disciplina, de sua prática e de suas fronteiras. Há um ligeiro crescimento no percentual de trabalhos tratando especificamente das questões da Lingüística Aplicada; porém, embora o número em si pareça pouco significativo (1,8%), a repercussão desses trabalhos alcançou grandes proporções, e muito do que foi discutido e apresentado no âmbito desse congresso, sob a forma de conferências e mesas-redondas, transformou-se em artigos que são, até os dias de hoje, referência para o entendimento do percurso evolutivo da Lingüística Aplicada como ciência.

No quinto e no sexto CBLAs, percebeu-se uma nítida diminuição no percentual de trabalhos tratando especificamente da Lingüística Aplicada. Como as temáticas começavam a indicar uma visão do campo de estudos cada vez mais próxima dos aspectos sociais da linguagem e das questões discursivas, dissociando-se, cada vez mais, de uma definição de campo de estudo que se dedica a estudar primordialmente questões lingüísticas para definições como o estudo da linguagem como prática social, as pesquisas vão ganhando novas temáticas e novos enfoques. E, em meio às discussões sobre questões de gênero, de interação, de processos identitários sob enfoques trans- e interdisciplinares, discute-se, igualmente, o papel da Lingüística Aplicada.

Assim, encontramos pesquisadores que apresentam discussões interessantes sobre a situação da Lingüística Aplicada no contexto brasileiro da época, lançando olhares sobre a prática do campo e sobre suas relações com a sociedade.

No sétimo CBLA, explodem as vertentes investigativas e, em meio a elas, dilui-se a especificidade da Lingüística Aplicada. Percebemos, segundo o conteúdo das publicações que fazem referência ao congresso (Anais do VII CBLA, 2004 – CD ROM; FREIRE; ABRAHÃO; BARCELOS; 2005), que o tema norteador do evento “Lingüística Aplicada e contemporaneidade” procura sinalizar para a diversidade de questões e enfoques que, na contemporaneidade, compõe a face do campo de estudos da Lingüística Aplicada.

Os diferentes trabalhos versaram sobre a natureza da pesquisa na Lingüística Aplicada no âmbito da especificidade de sua investigação, como, por exemplo, os trabalhos inseridos nas subáreas de formadores e formação de professores, práticas identitárias e ideologias, práticas discursivas, dentre outras. A Lingüística Aplicada tratada como objeto de estudo foi discutida na subárea intitulada “Enfoques contemporâneos”. Os trabalhos e conferências que se dedicaram a esse assunto abordaram, em geral, as relações da pesquisa em Lingüística Aplicada na pós-modernidade.

5.6 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Da busca pela legitimação de uma disciplina nos primeiros anos da Lingüística Aplicada no Brasil e, anteriormente, em alguns países na Europa e na América do Norte, passamos por reflexões que nos levaram a transitar pela multi-, pluri-, e interdisciplinaridade; posteriormente, pela transdisciplinaridade e, ultimamente, até pela (IN)disciplinaridade.

O crescimento de uma ciência se dá, desta forma, com movimentos que configuram crises de crescimento e/ou crises de degenerescência (Santos, 1989), apontando para a necessidade de ampliar ou transformar conceitos e métodos ou de promover mudanças no paradigma que orienta a produção do conhecimento de um campo como um todo.

A Lingüística Aplicada não somente se transformou em ciência como também definiu seus parceiros. E, ao que parece, continua (re)definindo-se e questionando-se continuamente, o que lhe confere, mais do que nunca, vitalidade e aproximação com a vida e a realidade dos sujeitos lingüísticos.

São as necessidades da vida e dos sujeitos que levam a essas novas percepções. São novos olhares que ampliam, modificam e transformam um campo de estudos. Nesse sentido, é sempre necessária a crítica, pois ir ao encontro da vida significar abandonar o olhar ingênuo sobre o que ela põe e dispõe. É necessário guardar o que é próprio da disciplina e ter indisciplina suficiente para ir além dela.

A indisciplina surge nesse contexto como uma prática problematizadora de questões que pedem interfaces interdisciplinares e posicionamentos críticos para que tanto os conceitos teóricos ou metodológicos ou as práticas cristalizadas em áreas definidas sejam desestabilizados fazendo surgir um outro tipo de prática e de praticantes, por sua vez mais responsáveis e responsabilizados com a ética da vida e com a realidade dos sujeitos de linguagem que compõem a vida.

Após esse olhar panorâmico sobre os Congressos Brasileiros de Lingüística Aplicada, dedicamo-nos, a seguir, a um olhar particular sobre algumas das produções teóricas que caracterizaram o percurso evolutivo desse campo de estudos.

O nosso objetivo é procurar compreender as vozes sociais que constituem os discursos que falam sobre o campo de estudos da Lingüística Aplicada, apontando a dimensão ética que os caracteriza ao longo do recorte temporal delimitado pelos CBLAs.

**6 AS MÚLTIPLAS VOZES SOBRE A LINGÜÍSTICA
APLICADA NOS CBLAs**

6.1 O TEXTO E SUAS VOZES

“Dostoievski tinha o dom genial de auscultar o diálogo de sua época, ou, em termos mais precisos, auscultar a sua época como um grande diálogo, de captar nela não só vozes isoladas mas antes de tudo as relações dialógicas entre as vozes [...] Ele auscultava também as vozes dominantes [...] bem como vozes ainda fracas, idéias ainda não inteiramente manifestadas, idéias latentes ainda não auscultadas por ninguém exceto por ele, e idéias que apenas começavam a amadurecer, embriões de futuras concepções do mundo”. Mikhail Bakhtin, 2002. p. 88-89

O objetivo deste capítulo é apresentar uma reflexão sobre a Lingüística Aplicada como área de conhecimento, a partir da análise de textos teóricos apresentados originalmente em congressos científicos da área. Adotamos como fonte dessa empiria, textos (de conferências, plenárias e mesas-redondas) apresentados nos Congressos Brasileiros de Lingüística Aplicada (CBLA) considerando ser esse um espaço privilegiado de divulgação e fomentação de idéias dessa comunidade, em nível nacional. Nesses textos, buscamos compreender as transformações históricas da área, as fronteiras teóricas que compartilha, o objeto de estudo ao qual ela se dedica, os elementos, enfim, que definem a identidade desse campo em constante transformação, de modo a atribuir, aos discursos que emergem desses textos, uma compreensão responsiva.

Conforme sinalizado nas orientações metodológicas apresentadas no capítulo anterior, procuramos, por meio da identificação e da discussão das vozes sociais que compõem e perpassam os textos de pesquisa selecionados para a análise, discutir a postura ética do campo de conhecimento da Lingüística Aplicada no sentido de relacioná-la com uma ética que aponte para a união do campo da cultura, no qual se produz conhecimento e se faz ciência, com o campo da vida, ressaltando a unidade da responsabilidade que o caracteriza (BAKHTIN, 1993; 1997).

Partindo dessas considerações, neste capítulo tentamos responder às seguintes questões de pesquisa:

2- Que vozes estão presentes nos discursos sobre a Lingüística Aplicada circulantes nos CBLA's?

3- Que indícios apontam para uma postura ética ao longo das transformações do campo de saber da Lingüística Aplicada?

Para a análise, foram selecionados 12 textos apresentados nos diversos CBLAs sob a forma de conferências em sessões de abertura e fechamento de congresso, em sessões plenárias, e textos de pesquisa apresentados em mesas-redondas. Todos os textos foram posteriormente publicados em anais de congresso ou, sob a forma original ou em versão ampliada, em artigos, em livros e revistas científicas da área. Os textos selecionados são de autoria de diversos pesquisadores com nome e produção científica significativos no campo da Lingüística Aplicada, no Brasil e no exterior. O critério para a seleção desses textos obedeceu, sem exceção, a três condições:

1. Com relação ao tema:

a) ter a Lingüística Aplicada como objeto de estudo;¹¹

b) ter como objeto de estudo um tema significativo para a subárea de pesquisa que representa o trabalho dentro do campo da Lingüística Aplicada;¹²

2. Com relação à apresentação:

a) ter sido apresentado em um CBLA;

3. Com relação à publicação:

a) ter referência explícita à sua apresentação e primeira divulgação em um CBLA.

Como dissemos anteriormente, acreditamos que a análise das vozes que constituem e atravessam os textos selecionados nos permitirá atribuir um significado ao discurso que caracteriza o campo de estudos da Lingüística Aplicada. Por meio

¹¹ Textos selecionados para a análise contida no sexto capítulo.

¹² Textos selecionados para a análise contida no sétimo capítulo.

do diálogo com essas vozes sociais, esperamos compreender as relações de fronteiras por onde esse campo de estudos se move, as associações que lhe conferem uma identidade e, principalmente, seu engajamento ético. Pensando no dialogismo da linguagem, perguntamo-nos: a que outros discursos remetem os textos que falam da Lingüística Aplicada? Para onde se orientam esses últimos? E, por fim, qual o seu compromisso com a vida?

O quadro abaixo apresenta o conjunto de textos selecionados para a análise:

I CBLA (1986)	1) COHEN, A.D. (1989) Metodologia de pesquisa em Lingüística Aplicada: mudanças e perspectivas. Sessão Plenária.
II CBLA (1989)	2) SERRANI, S.M. (1990) Transdisciplinaridade e discurso em Lingüística Aplicada. Seminário "Discursividade e aprendizagem de línguas".
III CBLA (1992)	3) CASTRO, V.S. (1993) De que vêm se ocupando os lingüistas ultimamente. Seminário "A Lingüística e a Lingüística Aplicada". 4) BASTOS, L.K.X.; BASTOS DE MATTOS, M.A. (1993) A Lingüística Aplicada e a Lingüística. Seminário "A Lingüística e a Lingüística Aplicada".
IV CBLA (1995)	5) CELANI, M.A.A. (1998) Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil. Conferência de Abertura. 6) MOITA LOPES, L.P. (1998) Transdisciplinaridade é possível em Lingüística Aplicada? Mesa-redonda "Transdisciplinaridade em Lingüística Aplicada". 7) SIGNORINI, I. (1998) Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Lingüística Aplicada. Mesa-redonda "Transdisciplinaridade em Lingüística Aplicada".
V CBLA (1998)	8) SCHERER, A.E. (2003) A história e a memória na constituição do discurso da Lingüística Aplicada no Brasil. Mesa-redonda "Discurso e heterogeneidade da Lingüística Aplicada".
VI CBLA (2001)	9) BOHN, H.I. (2001) Lingüística Aplicada e contexto brasileiro: reflexões e boa prática. Mesa-redonda "Lingüística Aplicada hoje". 10) LEFFA, V.J. (2001) A Lingüística Aplicada e seu compromisso com a sociedade. Mesa-redonda "Discurso e heterogeneidade da Lingüística Aplicada".
VII CBLA (2004)	11) MOITA LOPES, L.P. (2006b) Lingüística Aplicada e vida contemporânea: problematizando os construtos que têm orientado a pesquisa. Conferência de abertura. 12) BOHN, H.I. (2005) As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em Lingüística Aplicada no Brasil. Sessão Plenária.

Quadro 3 – Compreensões sobre a natureza da Lingüística Aplicada

6.2 AS VOZES DA LINGÜÍSTICA APLICADA NOS CBLAs

No contexto desta pesquisa, a trajetória de nossas considerações inicia-se no I CBLA do qual destacamos o texto de Cohen¹³ (1989), intitulado “Metodologia de pesquisa em Lingüística Aplicada: mudanças e perspectivas”. Nele o autor discute a natureza da pesquisa em Lingüística Aplicada esclarecendo que

A pesquisa em Lingüística Aplicada vinte anos atrás era predominantemente quantitativa (p.1).

Ao referir-se à “*pesquisa quantitativa*” do fim da década de 60 e início de 70 do século passado, o autor remete aos primeiros estudos em Lingüística Aplicada que se desenvolviam como uma subárea da Lingüística, ciência que, por sua vez, tendo como principais modelos para o estudo da linguagem os princípios teórico-metodológicos estruturalistas e gerativistas, funcionava segundo os critérios de cientificidade próprios das ciências naturais com seus métodos de mensuração, quantificação e predição das regularidades e generalidades.

Esse é um diagnóstico que faz ecoar vozes que falam não somente do começo da pesquisa em Lingüística Aplicada mas também de todo o percurso evolutivo da Lingüística no campo das Ciências Humanas, realçando o tipo de pesquisa que predominava na Lingüística Aplicada, a qual se configurava nos limites das definições do que fosse fazer pesquisa ou produzir conhecimento no campo das Ciências Humanas à época.

Entretanto, o uso do verbo no passado “*a pesquisa [...] era [...] predominantemente quantitativa*” é sinalizador de uma perspectiva de mudança na concepção metodológica de fazer ciência no âmbito dessa disciplina. Assim, ampliando sua percepção acerca das transformações da Lingüística Aplicada, o autor aponta que

Não é apenas a metodologia de pesquisa que tem apresentado mudanças através dos tempos. O foco das

¹³ Trabalho apresentado originalmente em português em sessão plenária do I CBLA. A versão escrita foi organizada por Marilda do Couto Cavalcanti, auxiliada por Lisete A.G. Marcondes.

pesquisas também varia. Um foco novo em Lingüística Aplicada é a comparação entre língua materna e língua estrangeira em leitura, escrita e conversação. Esse foco se contrapõe ao foco anterior de estudo de aquisição de L1 e LE separadamente. Outro foco novo de pesquisa é a preocupação não apenas com o professor, mas principalmente com os alunos em sala de aula (p.1-2).

A palavra “*mudança*” é bastante significativa para a compreensão do ponto de vista do autor acerca do momento em que ele analisa a situação da Lingüística Aplicada, confirmando o que havia sido sugerido no fragmento anterior. A perspectiva, no momento histórico em que se produz esse texto, é de que há uma busca generalizada por novas práticas ancoradas em diferentes metodologias de pesquisa nas Ciências Humanas, uma vez que se vive uma crise paradigmática acarretada pelo descompasso entre o objeto de estudo e os princípios epistemológicos e metodológicos adotados para estudá-lo.

A falência, principalmente, do modelo positivista de investigação da ciência clássica em relação ao objeto e à produção do conhecimento nas Ciências Humanas, discutida por Foucault (1985), Santos (1989, 2003, 2004a, 2004b), Morin (1996), dentre outros, na modernidade e na pós-modernidade, é uma questão que perpassa toda a história da constituição da Lingüística Aplicada e que traz modificações com efeitos não somente na prática desse campo mas igualmente na constituição de sua identidade.

Confirmando a influência da discussão maior sobre o objeto de estudo das Ciências Humanas e suas relações paradigmáticas, o autor do texto ainda aponta para novas perspectivas de mudança quanto ao objeto de estudo próprio da Lingüística Aplicada, a qual se diversifica e se volta, embora ainda timidamente, para a preocupação com o sujeito que faz uso da linguagem (“*a preocupação não apenas com o professor, mas principalmente com os alunos em sala de aula*”), e não somente para com as manifestações da linguagem (“*estudo de aquisição de L1 e LE separadamente*”), antecipando toda uma discussão sobre subjetividade, ideologia e processos identitários que irão compor o cenário da pesquisa, nesse campo, anos mais tarde.

Destacamos ainda o alerta do autor para o fato de que as mudanças de foco na pesquisa não estão, necessariamente, sendo seguidas por mudanças metodológicas. E, por conseqüência, diz ele:

Para esses focos usamos, muitas vezes, os mesmos métodos de investigação [...]. Muita informação se perde quando instrumentos que não obtiveram êxito no passado voltam a ser usados na investigação com foco novo [...] (p.2).

Percebemos, pois, não somente sua intenção de criticar a adoção de métodos investigativos inapropriados para o trato do objeto de estudo da Lingüística Aplicada, no passado – mas igualmente sua percepção de que tais erros continuam sendo cometidos mesmo quando a palavra de ordem na área é “*mudança*”, conforme verificamos no primeiro fragmento. O paradigma da ciência clássica, com sua pesquisa empírica e seus métodos qualitativos, criou profundas raízes no campo das Ciências Humanas e, conseqüentemente, nas instituições onde se produz o conhecimento e se realizam as pesquisas. Deixar a terra firme da produção de conhecimento científico (RIBEIRO, 1999), que se ancora na segurança das regularidades, para trilhar o campo incerto das singularidades em novos objetos de pesquisa pode, assim, parecer mais difícil de realizar do que de enunciar.

O texto de Serrani (1990), apresentado no II CBLA, discute a questão da transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada. Nele, a autora afirma que

A Lingüística Aplicada (LA) surgiu possuindo nexos muito estreitos com a Lingüística Geral, [...]. Essa situação tem variado entre dois pólos: a afirmação de vassalagem e a reivindicação de autonomia, mas sempre afirmando que seu domínio de reflexão e ação consistia em um lugar terceiro com referência à teoria da língua e ao seu ensino (p.39).

Três afirmações destacam-se nesse enunciado, indicando a condição da Lingüística Aplicada como campo de conhecimento: “*afirmação de vassalagem*”, “*reivindicação de autonomia*” e “*lugar terceiro*”. Que a disciplina Lingüística Aplicada possuiu, e possuía ainda, vínculos com a disciplina Lingüística parece ser um ponto de concordância inquestionável, até então. No entanto, os vínculos podem materializar-se sob a forma de uma subserviência à Lingüística, sob a forma de um grito de independência desta, ou sob a forma de um lugar no qual os vínculos estejam preservados nos objetivos compartilhados e desfeitos no momento em que os objetivos sinalizarem a necessidade de novos e outros vínculos, naquilo com que

a Lingüística não mais puder contribuir (CAVALCANTI, 1986; BOHN, 1988; ALMEIDA FILHO, 1991).

Dando continuidade a seu pensamento, Serrani afirma que

No curso dos anos 70 cresce a tendência a uma maior independência face à Lingüística evidenciando-se nos trabalhos de LA, a preocupação pelo tipo de relação estabelecida com outras disciplinas que também lhe dizem respeito. A configuração da LA enquanto abordagem multidisciplinária para a solução de problemas práticos que envolvem questões de linguagem já é nítida no início da presente década (1980). Essa concepção implicou em uma ampliação do leque de interesses da LA, além dos típicos problemas da área, isto é, ensino / aprendizagem de línguas (p.40).

Na perspectiva de estabelecerem-se novos vínculos com outras disciplinas além da Lingüística, a produção do conhecimento em Lingüística Aplicada amplia, conforme cita a autora, “*seu leque de interesses*”. Novos vínculos e novos interesses confirmam a disposição dessa disciplina de estabelecer mudanças para a sua prática.

Essas ampliações são explicitadas por Serrani:

Em relação à definição do domínio da LA como núcleo de uma abordagem multidisciplinária [...] propomos caracterizar como transdisciplinário o percurso da LA (e não como multi-, pluri-, ou inter-disciplinário), a fim de evidenciar que o objeto de estudo atravessa as fronteiras das disciplinas, as quais não participam aditivamente, como meras fornecedoras de subsídios, mas cujos campos são, por sua vez, problematizados nesse cruzamento. Essas fronteiras não são fixas e seu dinamismo é historicamente determinado (p.40-41).

No entanto, em seu entendimento, as mudanças e os novos compromissos não se concretizam de forma indiscriminada. O fato de a autora preferir o prefixo “*trans-*”, e não os prefixos “*multi-, pluri- ou inter-*”, para definir o “*domínio da LA*” é significativo quanto ao modo como ela percebe os vínculos e os compromissos que se firmam nessa perspectiva de mudança da Lingüística Aplicada. “*Multi- e pluri-*” nos fazem pensar em quantidade e diversidade; “*inter-*”, por sua vez, remete a uma

idéia de troca delimitada, quer seja por espaço, tempo ou interesse. Um percurso “*transdisciplinário*”, por outro lado, remete a uma idéia dinâmica de trânsito por entre lugares (teóricos, nesse caso) que se configurem os melhores caminhos para alcançar um dado objetivo.

A menção ainda ao fato de que “*as fronteiras (disciplinares) não são fixas e têm seu dinamismo historicamente determinado*” nos permite associar o ponto de vista da autora com vozes que tratam da questão de recuperar o objeto de estudo das Ciências Humanas e, conseqüentemente, o objeto da Lingüística Aplicada em sua dimensão histórica, social e cultural (BAKHTIN, 1993, 2003; SANTOS, 2004b; MOITA LOPES, 2004, 2006; FREITAS, 2003) e que tratam, igualmente, da mutabilidade e fluidez da sociedade e dos momentos históricos (BAUMAN, 2001), impedindo-nos de considerarmos nossas pesquisas e as relações que se travam por meio delas como fixas.

No terceiro CBLA, destacamos dois textos: um, de Castro (1993) e outro, de Bastos e Bastos de Mattos (1993) que, além de atenderem aos critérios de seleção da empiria anteriormente apresentados, exemplificam a pluralidade de opiniões circulantes em uma mesma comunidade científica quando esta se propõe a olhar para si e discutir seu campo de atuação. Nesse exercício esperamos poder revelar pontos de contato e de afastamento nas considerações defendidas pelos autores em relação a seus próprios textos e aos de seus pares.

Abordaremos, primeiramente, o texto de Castro (1993) que nos diz:

Assumirei uma concepção “pluralista” do objeto da Lingüística. [...] dos anos 60 para cá houve uma ampliação do campo de interesse dos lingüistas, observando-se também uma mudança quanto à natureza dos fatos observados. [...] E pela complexidade dos fatos observados e pelas perspectivas adotadas em sua consideração, constata-se uma ampla atividade de colaboração interdisciplinar. [...] Se de fato for possível reconhecer no percurso da Lingüística Aplicada um reflexo da trajetória da Lingüística, a produção científica em Lingüística Aplicada deverá revelar isso tanto na bibliografia dos trabalhos da área como na própria escolha dos assuntos ou temas estudados (p.25, 29).

O texto ao qual pertence esse fragmento, diferentemente dos outros textos desta análise, apresenta como tema central de sua discussão a Lingüística, e não a Lingüística Aplicada. O texto é, entretanto, pertinente no contexto deste trabalho, pois está inserido na discussão sobre a relação entre essas duas disciplinas e é esclarecedor para a percepção de um ponto de vista de quem fala a partir da perspectiva de um lingüista, e não de um lingüista aplicado.

Assim, chama-nos a atenção o modo como a autora descreve a Lingüística e seu objeto de estudo: *“pluralista, campo de interesse ampliado, mudança na natureza dos fatos estudados”*. Parecem palavras que temos encontrado nos textos que se referem à trajetória da Lingüística Aplicada em sua busca pela diferenciação e pela autonomia em relação à Lingüística. Ao referir-se, ainda, à Lingüística como uma *“ampla atividade de colaboração interdisciplinar”*, compreendemos o esforço da autora para alinhar esta disciplina junto à corrente dos estudos desenvolvidos no âmbito das Ciências Humanas, contemporaneamente, os quais defendem uma integração e uma interação das diferentes disciplinas que têm por objeto de estudo comum o homem em suas diversas relações.

Entretanto, a opinião da autora deixa transparecer uma dúvida quando questiona, relativamente ao vínculo existente entre a Lingüística e a Lingüística Aplicada, a constituição de uma à imagem e semelhança da outra: *“se de fato for possível reconhecer no percurso da Lingüística Aplicada um reflexo da trajetória da Lingüística”*. Parece-nos que o que está em defesa nesse texto é a trajetória de mudança, de alargamento de fronteiras e de interdisciplinaridade da Lingüística, e não da Lingüística Aplicada, fato que só poderá ser constatado, segundo a autora, se as pesquisas desta última apontarem indícios de que tais mudanças de trajetória também aconteceram com ela.

Discutindo a mesma temática, nesse mesmo congresso, Bastos e Bastos de Mattos (1993) apresentam sua visão acerca das relações entre a Lingüística e a Lingüística Aplicada. Segundo essas autoras,

Tradicionalmente, os lingüistas, ao falar de Lingüística Aplicada, sempre a concebem como aplicação de Lingüística teórica ou pura, seja a ensino das línguas, a documentação, a tradução, seja a ortofonia, tratamento da afasia, criação de línguas artificiais e aperfeiçoamento das técnicas de expressão.[...] Hoje os lingüistas aplicados definem a Lingüística Aplicada tentando distingui-la de

uma lingüística restrita na medida em que ela buscaria subsídios não só na Lingüística mas também em outras áreas, por vezes consideradas mais relevantes, para esse fim, que a própria Lingüística (p.10-11).

Uma das primeiras definições que se conhece de Lingüística Aplicada considera-a como uma subárea da Lingüística, na qual se aplicam conhecimentos produzidos por esta última em problemas de linguagem de ordem prática (GOMES DE MATOS, 1976; CAVALCANTI, 1986; CELANI, 1992). É a essa tradição que se refere o fragmento acima, constatando, no entanto, que a realidade da disciplina Lingüística Aplicada foi aos poucos transformando-se e ampliando-se (“*distinguir a Lingüística Aplicada de uma Lingüística restrita*”), o que marcou uma diferenciação entre as duas disciplinas.

Concordando que essa tenha sido, de fato, a primeira definição da Lingüística Aplicada, as autoras defendem ainda, na esteira das transformações desse campo, a seguinte posição:

*Acreditamos que a Lingüística Aplicada não esteja comprometida com teorizações acerca da língua. Sua preocupação é com situações de uso da língua, seu objeto de estudo é definido pelas situações de um uso que seja metalingüístico. [...] A Lingüística Aplicada é **multidisciplinar** mas seus trabalhos podem ter uma abordagem **única**, que é **prática** mas que seus trabalhos podem ser **teóricos**, e que é **aplicada** porque é **lingüística**¹⁴ (p.13, 18).*

Essa diferenciação entre as duas disciplinas parece localizar-se entre os eixos teórico e prático: “*a Lingüística Aplicada não esteja comprometida com teorizações acerca da língua [...] seus trabalhos podem ter uma abordagem **única**, que é **prática***”. Reflete-se, nesses dois enunciados, uma concepção da natureza dos trabalhos em Lingüística Aplicada que dominou, por muito tempo, a compreensão sobre a produção do conhecimento dessa área, ou seja, um campo prático, onde se explicam fenômenos de uso da língua em situações reais e para os quais não há necessidade de teorização própria, uma vez que esta pode ser

¹⁴ Grifos presentes no texto original.

buscada em outras disciplinas, dentre as quais a Lingüística, essencialmente uma área produtora de teorias.

Nesse sentido, afirmam as autoras:

*Qualquer lingüista pode ser um “lingüista aplicado”. Um lingüista aplicado é, antes de tudo, um lingüista. É dessa maneira que a Lingüística Aplicada segue os passos dados na história da Lingüística; mais do que isso, incorpora seus avanços. [...] **Se a Lingüística Aplicada é hoje a convergência de diversas áreas, isso se dá porque ela acompanha o desenvolvimento da Lingüística na sua trajetória de compreender o fenômeno da Linguagem***¹⁵ (p. 18-19).

Ser um lingüista é pré-condição para ser um lingüista aplicado, pois o primeiro será capaz de, facilmente, fazer o caminho da teoria para a prática, ação que pode não ser totalmente realizável no percurso contrário: “*Qualquer lingüista pode ser um “lingüista aplicado”. Um lingüista aplicado é, antes de tudo, um lingüista*”. Esses enunciados revelam uma compreensão de sentido estrito para a relação entre a Lingüística e a Lingüística Aplicada, uma vez que, mesmo considerando essa última disciplina como um campo para onde convergem diversas outras áreas, de acordo com essa linha de pensamento, é no campo da Lingüística que encontramos a origem de toda a compreensão da linguagem e a origem de todos os estudos lingüísticos. Toda uma tradição de hereditariedade e de dependência encontra-se representada nessas palavras, e todo o desenvolvimento do campo dos estudos lingüísticos firmou-se sobre essas bases.

Enfatizando o que é próprio da Lingüística Aplicada e o que identifica uma pesquisa nesse campo, explicam as autoras:

[...] a Lingüística Aplicada não constrói seu objeto a partir de um conceito determinado de língua estabelecido pela Lingüística [...]. O que determina se um dado estudo vai ser ou não de Lingüística Aplicada é o fato de que a pesquisa tem um fim apriorístico na delimitação de seu objeto. Para ser um estudo em Lingüística Aplicada, é preciso que seja entendido como necessário o fato de que se queira

¹⁵ Grifos presentes no texto original.

interferir, de alguma maneira, na situação de uso metalingüístico enfocada (p. 19).

Esses enunciados nos levam a uma compreensão, recorrente no texto dessas autoras e no texto de Castro (1993), anteriormente analisado, de que, nos pontos de vista evidenciados aqui, a Lingüística Aplicada aparece como uma disciplina que serve para traduzir e demonstrar, de forma prática, na vida real, os problemas que, por sua vez, são estudados e discutidos no campo teórico, no âmbito da Lingüística: “a pesquisa tem um fim aprorístico [...] é necessário o fato que se queira interferir”. São pontos de vista que remetem a todas as vozes que destacam na Lingüística Aplicada a grande função de ser capaz de aplicar tudo aquilo que é pensado e elaborado no campo da teoria sobre a linguagem na realidade prática do seu uso.

Por último, as autoras destacam:

A grande finalidade dos estudos em Lingüística Aplicada é fornecer subsídios para que as pessoas envolvidas na situação de uso lingüístico enfocada reflitam sobre ela criticamente (p.20).

Diante dessas palavras, perguntamo-nos: o que é refletir criticamente sobre a situação de uso lingüístico? Sendo essa a finalidade proposta para a Lingüística Aplicada e considerando os enunciados anteriores que apontam para uma disciplina de natureza essencialmente prática, talhada para a resolução de problemas sem muito ter de pensar nos caminhos teóricos que levaram à conclusão das soluções práticas, como compreender a natureza dessa reflexão crítica?

Entendemos que uma reflexão crítica torna-se possível quando interagimos com outros que nos alimentam com seus pontos de vista e opiniões sobre os fatos, as teorias e a vida e quando somos capazes de pensar autonomamente, concordando com certos pontos de vista e discordando de outros, apoiando-nos em uns e refutando outros, num movimento dialógico que respeita o lugar, a complexidade e a subjetividade dos envolvidos na situação. Se a Lingüística Aplicada estiver funcionando como atravessadora de outra disciplina na análise e compreensão do fenômeno lingüístico, dificilmente ela poderá existir como um lugar de reflexão crítica.

O IV CBLA definiu os aspectos transdisciplinares da Lingüística Aplicada como tema norteador do evento e serviu como palco para uma ampla discussão sobre o assunto, traduzida e apresentada sob a forma de textos publicados posteriormente, muitos até hoje considerados referência quando se discute o campo da Lingüística Aplicada. Apresentaremos em nossa análise, três textos dos autores pesquisados: Celani (1998), Moita Lopes (1998) e Signorini (1998).

O texto de Celani (1998) começa destacando que

Já está de longe ultrapassada a época em que a Lingüística Aplicada era entendida como mero consumo, mera aplicação da Lingüística, ocupando posição subserviente, sem foro próprio para o desenvolvimento da pesquisa e para teorização própria (p.130).

Nesse enunciado marca-se claramente uma posição de discordância (“*ultrapassada a época*”) em relação à visão aplicacionista do campo da Lingüística Aplicada (“*mera aplicação da Lingüística; posição subserviente, sem foro próprio*”), típica dos primeiros anos de desenvolvimento da disciplina (CAVALCANTI, 1986).

Esclarece-nos, ainda, a autora:

A Lingüística Aplicada era entendida essencialmente como disciplina inserida em área necessariamente multi/pluri/interdisciplinar. [...] Mais recentemente, no entanto, uma nova postura diante da pesquisa e da delimitação da área de atuação da Lingüística Aplicada começa a se delinear. [...] É a postura transdisciplinar. [...] Em uma postura multi/pluri/interdisciplinar, disciplinas plurais colaboram no estudo de um objeto, de um campo, de um objetivo [...], em situação de integração. [...] Transdisciplinaridade envolve mais do que a justaposição de ramos do saber. Envolve a coexistência em um estado de interação dinâmica [...] (p. 130-132).

Certamente que as opiniões destacadas nesse enunciado constroem uma nova visão do campo de conhecimento da Lingüística Aplicada, não mais como uma área na qual a pesquisa se desenvolve em colaboração com outras áreas que com ela compartilham o interesse por um mesmo objeto de estudo (“*posturas multi/pluri/ou interdisciplinar*”). O que importa destacar é o modo como se configura o novo modo de conceber esse campo: “*a nova postura transdisciplinar*” defendida para a

Lingüística Aplicada. Pesquisar transdisciplinarmente envolve “*mais do que a justaposição de ramos do saber. Envolve a coexistência em um estado de interação dinâmica*”.

Em nossa concepção, isso significa que estamos lidando com uma área cujo objeto de estudo (por definição, a linguagem em uso em situações reais) só pode pretender ser completamente compreendido se vários tipos de saberes contribuírem para a sua compreensão. No entanto essa contribuição não pode dar-se com cada um olhando e emitindo parecer sobre aquilo que é de sua competência isoladamente, em separado, ou ainda seqüencialmente como se analisássemos partes que, ao final, voltarão a ser um todo.

A postura transdisciplinar defende uma “interação dinâmica” entre os saberes que colaboram para a compreensão do objeto de estudo do campo da Lingüística Aplicada. Entendemos que essa interação supõe um olhar compartilhado entre esses saberes e, ao mesmo tempo, dinâmico, dado que o objeto de estudo ao qual nos dedicamos também é dinâmico.

Assim é que a autora destaca a interação como um elemento definidor da trajetória da Lingüística Aplicada. Conforme suas palavras:

Se eu pudesse traçar uma linha indicativa do percurso da Lingüística Aplicada no Brasil [...] não seria difícil verificar um caminho nitidamente apontando para [...] uma disciplina que se realiza na interação entre outras disciplinas (p.139).

Todo percurso, quando estudado, pode ser indicativo das mudanças ocorridas durante o caminhar. Sendo assim, a alegação de que a Lingüística Aplicada é “*uma disciplina que se realiza na interação entre outras disciplinas*” é um sinal de que, ao longo de seu percurso evolutivo, a compreensão sobre a complexidade de seu objeto de estudo a levou a buscar, em outras áreas, elementos que pudessem contribuir não de forma aditiva, porém de forma compartilhada, para que ela pudesse honestamente alcançar a riqueza e a complexidade de seu objeto de estudo, configurando-se assim como um novo campo de saber.

Tratando da mesma temática, em texto apresentado no quarto congresso, afirma Moita Lopes (1998):

Contemporaneamente, defende-se uma visão interdisciplinar de LA. [...] Elabora-se assim uma compreensão teórica de natureza interdisciplinar ao colocar-se o problema em estudo na “fronteira de duas ou mais ciências [o que] as obriga a somarem seus esforços para, redefinindo o objeto, criarem uma nova perspectiva científica”¹⁶(p. 114).

Observamos, nesses enunciados, um alinhamento às posições defendidas por outros autores, nesse momento histórico da evolução da trajetória da Linguística Aplicada e de sua pesquisa, no Brasil, sobre a postura interdisciplinar, considerada como a que melhor define as atividades desenvolvidas nessa área. É interessante perceber, no entanto, uma posição mais particularizada acerca do lugar específico no qual se situa essa disciplina, ou seja, na *“fronteira de duas ou mais ciências”*.

Esse é um lugar que não é o lugar do outro (colocar-se sob a perspectiva de estudar seu objeto de estudo ancorado nos conhecimentos da ciência A ou B), mas um lugar que necessita do olhar do outro (outros conhecimentos, outras disciplinas) para que se construam o seu próprio lugar e a sua própria maneira de olhar (o que explica igualmente a idéia de interação entre disciplinas). Com a “somatória de esforços” possibilita-se a “redefinição do objeto” e, dessa forma, constrói-se um lugar terceiro (campo de saber disciplinar interdisciplinar), novo, próprio, capaz de se transformar a cada interação, na atitude de ver a si próprio e aos outros.

Porém o próprio autor nos alerta:

Contudo, esse percurso na prática ainda é muito pouco efetivado. Uma análise dos trabalhos em LA revelará que uma grande maioria normalmente ainda tem uma base teórica única: a Linguística em um sentido macro (p. 114).

Uma postura diferente diante da pesquisa e dos modos de se pesquisar envolve igualmente uma mudança em relação ao modo como se aborda o objeto de estudo. A pesquisa que reina absoluta no mundo da ciência ainda traz um nível de conforto muito grande para os envolvidos uma vez que trabalha com variáveis bastante controladas e delimitadas. Quanto mais se expandem o campo investigativo e os modos de abordar esse campo, mais instáveis ficam as variáveis e, portanto, menor o nível de conforto.

¹⁶ Aspas correspondentes à citação (TAVARES D'AMARAL, 1992, p.104), feita por Moita Lopes (1998) no texto original.

Assim, uma das grandes dificuldades de uma área que pretende ser interdisciplinar é o fato de que, adotando essa perspectiva, da mesma forma que se abrem as portas para a diversidade, abrem-se, igualmente, as portas para a complexidade.

Toda essa mudança de perspectiva envolve lidar com certas dificuldades, conforme nos esclarece Moita Lopes:

Em geral, nota-se [...] uma dificuldade em aceitar a integração de idéias de campos variados como sendo compatíveis: um trabalho que requer um grande esforço de abstração teórica e de pensamento crítico, que é barrado pelos limites de uma disciplina. [...] as práticas de pesquisa interdisciplinares, por não constituírem disciplinas, constituem, na verdade, Indisciplina, e suscitam, portanto, problemas institucionais (p. 115).

Pensar a Lingüística Aplicada como uma disciplina de natureza interdisciplinar traz problemas para a sua definição como “*Indisciplina*”, visto que ela precisa ocupar um lugar que seja identificado e marcado como seu, e não um lugar freqüentado por vários outros e que, por isso, passa a idéia de que, se não é só dela, é de todo mundo e, portanto, não é de ninguém. Considerando que esses são problemas de ordem “*institucional*”, é necessário fazer a prova de “*abstração teórica*” e de “*pensamento crítico*”, o que remete a uma postura de total abertura frente aos conhecimentos que coexistem no mundo da cultura e da ciência em suas tentativas de explicar e entender o homem e sua atividade, lingüística, social ou criativa. Ao mesmo tempo, tal postura remete à necessidade de, ao fazer uso desses conhecimentos, ser capaz de interagir criticamente com estes, ouvindo-os, considerando-os, refutando alguns, aceitando outros, transformando palavras outras em palavras próprias (BAKHTIN, 1990).

Ao definir a essência de uma pesquisa de natureza interdisciplinar, diz-nos ainda o autor:

O interdisciplinar envolve interesse e respeito pela voz do outro, isto é, por ouvir o que o outro está dizendo com a finalidade de analisar como suas idéias se coadunam com as perspectivas que se tenha (p. 117).

Segundo ele, adotar uma postura interdisciplinar para o campo da Lingüística Aplicada “*envolve interesse e respeito pela voz do outro*”. Toda uma concepção sobre a prática científica, sobre a linguagem (objeto de estudo), sobre o modo de fazer ciência no campo da Lingüística Aplicada encontra-se resumida nesse enunciado.

Aproximamos as idéias do autor às do pensamento de Bakhtin (1990; 2003), que considera serem nossos enunciados constituídos por enunciados de outros, por outras vozes que vêm se juntar às nossas criando relações de sentido e fazendo significar. Interessar-se pela voz do outro significa reconhecer a alteridade como um elemento constitutivo da linguagem. Respeitar a voz do outro implica, igualmente, uma postura ética segundo a qual, concordando com o ponto de vista com o qual estamos dialogando, ou dele discordando, construímos nossas opiniões baseadas naquilo que nos foi dito e naquilo que ainda nos será dito, em meio a nossa subjetividade e total responsabilidade pelas tomadas de posição que assumimos ou pelos julgamentos de valor que possamos emitir sobre um dado objeto.

Por isso também o movimento é o de “*ouvir a voz do outro*”. Mas isso não quer dizer apropriar-se da voz do outro e tomá-la qual e tal como sua, como se fosse tomada à força; trata-se de fazer um movimento de ida e de volta até o outro, ouvindo-o e voltando ao lugar de sua própria subjetividade para analisar como as idéias desse outro vão interagir “*com as perspectivas que se tenha*”. Tal é o papel da alteridade na dimensão dialógica do discurso.

Completando o panorama sobre a Lingüística Aplicada no IV CBLA, trazemos a seguir o texto de Signorini (1998) que apresenta uma reflexão sobre a natureza e as transformações do objeto de estudo dessa disciplina.

Afirma a autora:

Como área de investigação, a Lingüística Aplicada (LA) tem se configurado [...] como uma espécie de interface que avança por zonas fronteiriças de diferentes disciplinas [...] tem-se também constituído como uma área feita de margens, de zonas limítrofes e bifurcações, onde se tornam móveis as linhas de partilha dos campos disciplinares e são deslocados, reinscritos, reconfigurados, os constructos tomados de diferentes tradições e áreas do conhecimento. [...] A condição de interface em expansão apresentada hoje por muitas das frentes de pesquisa em LA se contrapõe a uma condição, ainda presente em outras frentes, mais

circunscrita, dita de mediação, ou de intermediação entre diferentes subáreas dos estudos lingüísticos (p. 99-101).

No posicionamento da pesquisadora, reconhecemos vozes concordantes em relação às características da Lingüística Aplicada, explicitadas em outros textos correlatos quanto à temática e ao objeto abordado: “*zona fronteira de diferentes disciplinas*”; “*área feita de margens*”; “*linhas móveis de partilha dos campos disciplinares*”, que conta com “*constructos tomados de diferentes tradições e áreas do conhecimento*”.

É interessante, porém, chamar a atenção para o modo como a autora descreve a condição da Lingüística Aplicada hoje, “*interface em expansão*”, e ontem, “*mediação ou intermediação*”. A condição primeira da disciplina Lingüística Aplicada era de fato servir de mediadora ou intermediadora entre as proposições teóricas da Lingüística e as situações de uso prático da língua, sobretudo nas questões de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (CAVALCANTI, 1986; CELANI, 1992). O fato de sua condição, hoje, representar uma disciplina na qual circulam e interagem outras faces (outros campos do conhecimento) em expansão confirma a sua autonomia e a sua liberdade em relação aos primeiros vínculos (teóricos e relativos aos objetos de pesquisa) disciplinares que a definiam.

Por isso, continua Signorini,

[...] a LA tem buscado cada vez mais a referência de uma língua real, ou seja, uma língua falada por falantes reais em suas praticas reais e específicas, numa tentativa [...] de não arrancar o objeto da tessitura de suas raízes. Daí a especificidade do objeto de pesquisa em LA – o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos – objeto esse que a constitui como campo de estudo outro, distinto, não transparente e muito menos neutro (p. 101).

Os muitos elementos que se oferecem para análise nos enunciados destacados apontam, igualmente, para uma compreensão acerca do objeto de estudo da Lingüística Aplicada, e, ao mesmo tempo, o definem e o diferenciam daquilo que ele deixou de ser: no primeiro caso, “*língua real*”, “*língua falada por falantes reais em suas praticas reais*” por oposição, no segundo caso, a uma concepção de língua definida como um sistema de funcionamento autônomo que

independe do falante e das condições de produção da atividade lingüística (língua oral ou escrita). Boa parte da tradição dos estudos lingüísticos esteve e ainda está ancorada nessa segunda concepção de língua.

Entretanto, tem sido uma constante na área da Lingüística Aplicada o esforço para demonstrar que, uma vez decidido que seu objeto de estudo é outro, também é preciso que este seja compreendido como um “*campo de estudo outro*”. Que ele seja “*distinto*” do campo de estudos dos primeiros anos da Lingüística Aplicada, parece ser uma unanimidade, a julgar pelos textos que recontam a trajetória da Lingüística Aplicada ao longo dos anos e aos quais temos nos referido repetidas vezes.

Que ele seja “*não transparente e muito menos neutro*” nos remete, por outro lado, a toda uma corrente de pensamento em voga na contemporaneidade que procura resgatar o lugar do sujeito nas Ciências Humanas. O mesmo acontece, conseqüentemente, no campo dos estudos lingüísticos e, particularmente, no campo da Lingüística Aplicada, que assume, com todas as forças, a defesa do sujeito que fala e significa através da linguagem. Essa atitude dá visibilidade a questões ligadas à subjetividade dos sujeitos, às condições de produção dos discursos e aos juízos de valores impregnados nas palavras enunciadas por “*falantes reais em suas práticas reais*”.

Por não haver necessariamente transparência nem tampouco neutralidade nos discursos desse sujeito resgatado das Ciências Humanas, é que não podemos conceber um campo de estudo que defina a si próprio como transparente e neutro.

De acordo com a visão da autora, existem vantagens em ampliar as concepções de objeto e de campo de estudo pois,

Em suas tentativas de construção de um objeto múltiplo e complexo, grande parte das frentes de pesquisa em LA têm sido atravessadas (ou capturadas) por tradições teórico-metodológicas não só diversas e multifacetadas, como também concorrentes tanto no campo epistemológico quanto institucional acadêmico. [...] A principal vantagem [...] é justamente a inevitável exposição à multiplicidade de paradigmas [...]. Uma outra grande vantagem é que essa exposição à multiplicidade leva a um distanciamento tremendamente salutar do pesquisador em relação ao seu próprio universo de referência, contribuindo para a não reprodução, no âmbito da disciplina, de uma certa ordem

institucionalizada de posições, crenças e valores hierarquizados (p. 107-108).

Considerar seu objeto de estudo “*múltiplo e complexo*” faz surgir uma necessidade de cercar-se de meios, para estudá-lo e compreendê-lo, também “*diversos e multifacetados*”. O que, de fato, é enriquecedor nesse movimento é que lançar mão de vários campos de saber para explicar um fenômeno de linguagem traz implícita a compreensão de que esse olhar múltiplo só pode acontecer porque existe o reconhecimento de que há um sujeito que faz uso da linguagem, de que esse sujeito também é múltiplo, complexo, multifacetado e, ainda, de que é por meio da linguagem que ele interage no mundo.

Assim, compreender a linguagem em uso significa compreender as forças que interagem e interferem na situação de comunicação – as condições sociais de produção, as subjetividades dos sujeitos implicados na situação, as regras e normas explícitas ou implícitas que regulam a vida dos sujeitos –, e não somente compreender as regras e normas de funcionamento da linguagem, território que é, prioritariamente, de domínio da Lingüística. A contribuição que outras disciplinas (“*multiplicidade de paradigmas*”) trazem para a compreensão da linguagem não se resume, apenas, a uma maior quantidade de informação, mas à possibilidade de olhar para seu objeto de estudo com diferentes lentes, estabelecendo relações que permitem alargar os horizontes das análises e compreender as múltiplas facetas de seu objeto de estudo.

No V CBLA, destacamos o texto de Scherer (2003)¹⁷, que vai buscar, na história e na memória discursiva da Lingüística Aplicada, elementos para compreender os discursos que a constituem.

Na reconstrução histórica da disciplina, a autora nos relembra:

A Lingüística Aplicada (LA) nos anos 50/60 se referia quase exclusivamente ao ensino de uma língua não-materna e era entendida como sinônimo de Análise Contrastiva. [...] nos anos 70, passou a associar-se ao ensino da linguagem em geral [...]. Nos anos 80, parece não haver muito consenso sobre o que a recorre. É discutido, por um lado se há uma relação de dependência

¹⁷ O título original desse texto foi “A construção do discurso da Lingüística Aplicada dos anos 90: entre a alternância e a heterogeneidade discursiva”.

ou não em face da Lingüística, dita Geral, por outro, se há uma independência como disciplina do saber acadêmico. Já nos anos 90, a LA pode ser circunscrita a um conjunto de discursos portando em si, sobretudo, o que se passa em uma sala de aula - quando se aprende e se ensina uma língua [...] (p. 61-62).

Nesse breve resumo da trajetória evolutiva do campo da Lingüística Aplicada, a autora revela sua concordância com a visão amplamente compartilhada, a essa altura dos acontecimentos, pela comunidade dos lingüistas aplicados, quanto ao fato de, em meio aos anos 80 do século passado, ser recorrente a discussão sobre as relações de dependência ou de independência existentes entre a Lingüística e a Lingüística Aplicada.

Esclarece-nos ainda que,

No Brasil, a construção discursiva da LA é permeada por uma heterogeneidade de ações e de dizeres na procura, quase sempre, de um novo sentido e de uma autonomia como ordem epistemológica. [...] para dar à Lingüística Aplicada não só uma nova existência, em sua quinta década, mas ainda uma autonomia – outra que não a instituída – é necessário reconstruí-la como discurso constitutivo de uma disciplina [...] (p. 62).

No entanto, o foco interessante do ponto de vista enunciado por essa autora está no modo como podemos identificar a busca por autonomia e independência teórica e prática que marcou fortemente o desenvolvimento da Lingüística Aplicada. Referimo-nos à menção feita à “*construção discursiva da LA*” e à necessidade de, para compreendê-la, “*reconstruí-la como discurso constitutivo de uma disciplina*”.

A idéia de buscar compreensão nos discursos e, mais ainda, de considerar que nossos discursos nos constituem, remete a concepções mais amplas, segundo as quais o homem é um ser de linguagem e, por isso, “*todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem*” (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Todas as atividades do mundo da cultura, e dentre estas a ciência, constituem-se por meio da linguagem. É por meio das muitas linhas que já foram escritas sobre a natureza prática e teórica da Lingüística Aplicada e sobre a definição de seu objeto de estudo e, é ainda, por meio das inúmeras pesquisas

(escritas, divulgadas e publicadas) já realizadas nesse campo do saber que podemos compreendê-la.

Entretanto, uma análise apenas dos elementos lingüísticos, dos componentes estilísticos e dos gêneros discursivos não chega a permitir uma plena compreensão do evento comunicativo, embora não se possa prescindir dessa análise. É preciso ir além e encarar o texto (qualquer comunicação, escrita ou oral) como um conjunto de enunciados e, conseqüentemente, como discurso.

Segundo Bakhtin,

[...] ao compreender o significado (lingüístico) do discurso [o outro que interage com o texto] ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Nesse momento ele ultrapassa a barreira da compreensão lingüística e adentra no patamar da compreensão dos significados na qual prevalecem os valores que marcam as vozes que circulam no discurso.

Scherer confirma a linha de pensamento seguida e as ancoragens teórico-filosóficas às quais prende-se seu trabalho, dizendo ainda que

[...] a compreensão das emergências e das transformações disciplinares mobiliza uma multiplicidade de parâmetros que, algumas vezes, se conjuga em um tempo relativamente curto, em uma dada conjuntura política, social e cultural. [...] “esse percurso [...] abre uma perspectiva de trabalho em que a linguagem não se dá como evidência, oferece-se como lugar de descoberta”¹⁸ [...] como construção do lugar de discurso¹⁹ de uma disciplina, pronto para ser reconhecido, porque sempre sob nossas palavras, outras palavras são ditas [...] (p. 82).

Para compreender o campo da Lingüística Aplicada, é preciso considerar a “heterogeneidade de ações e de dizeres” e as “emergências e as transformações disciplinares” que se vêem representadas nos discursos que circulam nesse campo e que o constituem, significando e motivando sempre uma compreensão ativa e responsiva como elos em uma cadeia discursiva que tende ao inacabamento, pois

¹⁸ Referência no texto de Scherer (2003) a Orlandi, 1999, p.96.

¹⁹ Referência no texto de Scherer (2003) a Authier-Revuz, 1998, e grifos do original.

não há a primeira nem a última palavra. Nessa linha de pensamento, a linguagem é “*lugar de descoberta*”, onde construímos discursos que se abrem para o inesperado uma vez que, ao usarmos as palavras de outros tornando-as próprias, ressignificamo-nas e criamos novas palavras. Tal é o movimento dialógico da linguagem. Assim funciona a linguagem. Assim podemos compreender os discursos e assim podemos agir com e sobre eles.

Posteriormente, por ocasião do VI CBLA, outros dois lingüistas aplicados, Bohn (2001) e Leffa (2001), apresentam, respectivamente, suas reflexões sobre o papel da Lingüística Aplicada no contexto brasileiro e sobre o compromisso desta com a sociedade.

Vejamos o que nos diz Bohn (2001) ao chamar a atenção para as dificuldades que ainda permeiam a tarefa de definir claramente a especificidade da Lingüística Aplicada:

[...] o debate sobre a natureza da Lingüística Aplicada é necessário. [...] os lingüistas aplicados brasileiros têm feito discussões sobre essa problemática em Congressos Nacionais... [...] Hoje os debates continuam especialmente dentro das instituições... [...] A discussão continua sendo feita, talvez com mais rigor e necessidade, quando da constituição de novos programas de pós-graduação na área. [...] a dificuldade da busca da convergência de linhas de pesquisa e de um conjunto de atitudes e de ações investigativas que podem constituir-se e serem reconhecidas pelos colegas como lingüística aplicada. [...] não basta somente constituir um perfil de lingüística aplicada, numa espécie de subjetividade coletiva, é preciso também ser reconhecido como tal pela comunidade de lingüistas aplicados do país. [...] a diversidade de interesses poderia fragmentar aquilo que hoje chamamos de LA [...] (p. 3, 4, 6).

O contexto de análise da trajetória histórica da Lingüística Aplicada, suas características como campo disciplinar, sua busca por uma identidade própria e a redefinição de seu objeto de estudo têm revelado algumas regularidades que circulam em consenso de uma maioria, na comunidade dos lingüistas aplicados: a Lingüística Aplicada hoje é, reconhecidamente, uma ciência autônoma que trata da linguagem em uso em situações reais e é um campo de convergência de diversos saberes que interagem para atribuir sentido ao objeto de estudo numa ampla

concepção em que todas as relações sociais, ideológicas e subjetivas que atuam nas esferas de atividade humana são consideradas.

Esse contexto de análise da trajetória histórica da Lingüística Aplicada mostra, igualmente, que a discussão sobre a disciplina não se esgotou no passado recente quando ela buscava conquistar um espaço próprio e, com isso, libertar-se da posição de subserviência a uma ciência maior, mais antiga e mais consolidada do que ela, a Lingüística. Essa discussão continua até hoje e alimenta debates, por vezes acalorados, nos congressos da área, nacionais e internacionais, nas instituições acadêmicas e de pesquisa e entre os próprios membros dessa comunidade científica.

Entretanto, os enunciados destacados mostram que mesmo a busca por um *“perfil de lingüística aplicada numa espécie de subjetividade coletiva”* pode não ser sinal de consenso se aqueles que assumirem a identidade de lingüistas aplicados não se reconhecerem como tal. Tal fato pode ter raízes no que podemos chamar de conflito de interesses: *“busca de convergência de linhas de pesquisa; conjunto de atitudes; ações investigativas; diversidade de interesses”*. Uma prática que não representa a teoria que se defende; uma atividade que extrapola os limites da interdisciplinaridade, propondo como objeto de estudo para a Lingüística Aplicada um problema que não tem bases em material lingüístico, ou ainda uma prática que gere conflitos entre a atividade de pesquisa real e os limites institucionais a ela impostos.

Sobre as dificuldades enfrentadas pela comunidade da Lingüística Aplicada, continua Bohn:

Devido às atividades conflitantes em que se envolve, o lingüista aplicado, em seu ensino, pesquisa, administração ou consultoria, entra com freqüência em situações conflitantes tanto em termos de interesse quanto de obrigações. Às vezes, o lingüista aplicado apresenta o seu projeto de pesquisa e/ou plano de trabalho e quando os resultados estão prontos a serem disseminados ou os programas a serem implementados entra em conflitos éticos. [...] aborda-se a responsabilidade do lingüista aplicado com sua área de pesquisa, estudo e prática, isto é, com a própria lingüística aplicada (p. 7-8).

O que pode ser tão importante quanto a clara definição das atividades pertinentes de uma ciência e de uma sólida identidade de um campo do saber? Entendemos ser a ética que perpassa todas as atividades desse campo, que lhe cobra uma responsabilidade e que lhe confere credibilidade. Chamamos a atenção para o ponto de vista do autor que assume que o lingüista aplicado em atividade no seu campo de estudos está à mercê de “*conflitos éticos*”, no âmbito dos quais lhe são cobradas as responsabilidades diante da “*área de pesquisa, estudo e prática, isto é, com a própria lingüística aplicada*”.

No entanto de que ética e de que responsabilidade estamos falando? Certamente a ética da pesquisa (códigos de conduta profissional, padrões de comportamento na relação entre pesquisador e pesquisado, créditos de autoria e remissão etc.) é uma condição prévia para a credibilidade de qualquer atividade científica (CELANI, 2005). Porém, a julgar pelas palavras do autor do texto, podemos supor a existência de um outro tipo de ética, além da citada anteriormente, implicada nas relações que se travam nas atividades desenvolvidas nos diversos campos de conhecimento e saber, inclusive no campo da Lingüística Aplicada.

Em sua reflexão, ele revela

[...] a necessidade de uma sólida ancoragem teórica nas pesquisas [...] o cultivo da tolerância, da diferença, da solidariedade e da mente aberta a novas alternativas de pesquisa, a novos paradigmas, a novos sentidos e significados [...] uma lingüística aplicada não cristalizada, não plagiada, mas em movimento, como a vida e os sentidos que diariamente atravessam os nossos passos e os nossos dizeres, sempre ressignificando, numa incompletude prazerosa, mas também constituindo-nos na história da interdiscursividade de nossos pares (p. 12).

Esses enunciados expressam um posicionamento alinhado às vozes defensoras de uma postura ética para a Lingüística Aplicada capaz de orientar o desenvolvimento de um conhecimento que seja responsivo e responsável à vida e aos indivíduos que fazem uso da linguagem.

Nesse tipo de conhecimento, reconhecemos “*a necessidade de uma sólida ancoragem teórica nas pesquisas*”, porém não de qualquer uma, mas daquela que puder considerar a diversidade de forças sociais, políticas, ideológicas e subjetivas que agem na campo da linguagem em uso e na produção dos discursos.

Nesse tipo de conhecimento, reconhecemos também o “*cultivo da tolerância, da diferença, da solidariedade...*”, que faz com que o discurso possa ser compreendido na dimensão da sua alteridade constitutiva, respeitando o lugar do outro, a voz do outro, iluminando-a ou obscurecendo-a, mas reconhecendo seu lugar de constitutividade em uma visão dialógica de funcionamento da linguagem.

Nesse tipo de discurso, por fim, reconhecemos uma Lingüística Aplicada “*em movimento, como a vida [...] sempre ressignificando [...] mas também nos constituindo*”, num movimento em que ciência e teoria se confrontam com vida e prática, unidas na unidade da responsabilidade que caracteriza a ética do ser humano implicado no mundo e nas suas relações sociais.

No mesmo congresso, Leffa (2001) compartilha a oportunidade de pensar e discutir em conjunto os rumos da Lingüística Aplicada e discorre sobre a necessidade de a área assumir seu compromisso com a sociedade.

Como afirma esse autor,

Sabemos que a comunicação não acontece sozinha; tipicamente é um ato coletivo que envolve sempre duas ou mais pessoas, interagindo através da linguagem. [...] A linguagem nunca é usada apenas para consumo individual. [...] Mesmo quando se fala sozinho, fala-se para alguém. [...] Sempre que se reflete, está-se refletindo dialogicamente. [...] Essa perspectiva dialógica mostra que a língua pode ser vista não apenas como um conhecimento abstrato na cabeça das pessoas, não um conhecimento governado por estruturas, restrições ou regras, em nível de hipóteses, mas algo concreto que acontece entre as pessoas no mundo físico e real. Põe-se, portanto, a ênfase, não naquilo que acontece dentro das pessoas, mas naquilo que acontece entre as pessoas. Este é, como sabemos, o campo privilegiado da Lingüística Aplicada: o estudo da língua em uso (p. 3-4).

Definir o campo de atuação da Lingüística Aplicada implica definir o seu objeto de estudo. A opinião, destacada do fragmento acima, de que a Lingüística Aplicada se define por ser um campo em que se estuda a língua em uso vem alinhar-se às definições que têm encontrado consenso entre os que representam essa comunidade disciplinar.

Entretanto, para a Lingüística Aplicada, tão importante quanto tomar como objeto de estudo a língua em uso é explicitar o conceito de língua que subjaz à

aceitação de que estamos estudando seu uso, ou seja, é imprescindível ter clareza sobre de que língua estamos falando: a língua na sua forma e material ou a língua no seu conteúdo enformado por um material (BAKHTIN, 1990)?

Nos posicionamentos de Leffa, identificamos a convicção acerca de uma concepção de língua que desconsidera qualquer hipótese de compreendê-la como um sistema fechado de símbolos, cuja organização e cujo funcionamento seguem regras pré-definidas com existência no abstrato (*“a língua pode ser vista não apenas como um conhecimento abstrato na cabeça das pessoas, não um conhecimento governado por estruturas, restrições ou regras, em nível de hipóteses”*). Contrariamente, o autor defende uma existência concreta, ancorada firmemente na vida real (*“algo concreto que acontece entre as pessoas no mundo físico e real”*) e na interação entre sujeitos (*“Põe-se, portanto, a ênfase, não naquilo que acontece dentro das pessoas, mas naquilo que acontece entre as pessoas”*).

Ao destacar o que acontece *“entre as pessoas”* no uso da linguagem, o autor defende a adoção de um paradigma interacionista em seus estudos. Ao mesmo tempo, ao defender que essa é uma *“perspectiva dialógica”*, alia-se a uma corrente de pensamento que busca compreender a linguagem não apenas na forma como se apresenta sua materialidade lingüística, mas sobretudo no significado que podemos apreender dos conteúdos postos no texto, oriundos das vozes que circulam em seus enunciados.

O autor prossegue trazendo mais elementos para sustentar sua defesa de uma Lingüística Aplicada que assuma claramente a especificidade lingüística de sua área. Diz-nos ele:

[...] temos um rumo que é o da Lingüística Aplicada. Não é por conviver com a diversidade e beber de várias fontes de conhecimento, que deixamos de ter uma especialidade. Nossa especialidade é justamente essa diversidade que é o estudo da língua não como uma entidade abstrata na cabeça do indivíduo, mas como um instrumento de uso para a comunicação entre as pessoas em diferentes contextos (p. 5).

Em seu objetivo de pensar a Lingüística Aplicada e seu compromisso com a sociedade, o autor faz prevalecer sua convicção sobre a existência de um lugar próprio e bem estabelecido para sua disciplina. Essa posição é compartilhada em muitos outros textos sobre essa temática nos quais se assume que a Lingüística

Aplicada é, reconhecidamente, uma ciência que ocupa um lugar próprio (“*um rumo que é o da Lingüística Aplicada*”) porque tem claro e definido seu campo de atuação e objeto de estudo (“*uma especialidade*”; “*o estudo da língua como um instrumento de uso para comunicação entre as pessoas em diferentes contextos*”), o qual não se confunde com outras disciplinas e outros objetos de estudo mesmo que ela compartilhe saberes com outros campos disciplinares (“*conviver com a diversidade e beber de várias fontes de conhecimento*”).

Uma vez definida essa questão, o autor chama a atenção para

A importância que a Lingüística Aplicada assumiu entre as demais áreas de conhecimento deve-se, certamente, a vários fatores [...] como um dos principais, a capacidade da disciplina em responder ao que a sociedade precisa. Na medida em que muitas dessas necessidades se relacionam a questões de linguagem [...]. Qualquer ciência tem obrigação de dar um retorno à sociedade. A Lingüística Aplicada dá esse retorno de duas maneiras: através da prestação de serviços e pela pesquisa (p. 6).

Não negamos, em nenhum momento, a importância da Lingüística Aplicada no cenário das Ciências Humanas. Tendo marcado claramente a sua opção de ocupar-se da linguagem, e não da língua, do discurso e do que ele significa, e não de um sistema de relações internas, ela se diferencia da Lingüística clássica, assume uma identidade própria e vem somar esforços, juntamente com outros saberes humanísticos, na tarefa de compreender o sujeito de linguagem em suas relações sociais.

Principalmente por ter escolhido essa opção é que a questão de saber se, efetivamente, a Lingüística Aplicada responde, com sua produção do conhecimento, às necessidades da sociedade assume tanta importância. De fato, “*Qualquer ciência tem obrigação de dar um retorno à sociedade*”, restando saber se ela o fará em um sentido estrito, produzindo um conhecimento relevante para o campo de saber, para a comunidade científica, para as instituições de pesquisa e para o mundo da cultura, ou em um sentido mais amplo, refletindo sobre os desafios impostos por uma sociedade na qual o tipo de conhecimento produzido preencha necessidades ao mesmo tempo internas (institucionais, científicas etc.) e externas (individuais, sociais, políticas, ideológicas etc.) unindo o mundo da cultura ao mundo da vida.

Afirmar que é com a linguagem em uso de que nos ocupamos (“*prestando serviços ou pesquisando*”) e que, com isso, estamos cumprindo nossa obrigação, não basta para que nos convençamos de que estamos dando conta das necessidades da sociedade, dado o fato, simplesmente, de as relações sociais serem sempre mediadas pela linguagem.

O modo como desenvolvemos o estudo e a pesquisa da linguagem em uso é que vai ditar se estamos atendendo às necessidades da sociedade, partindo do princípio, inclusive, de que compreendemos os tipos de necessidades de nossa sociedade e dos indivíduos que nela vivem.

Vivemos em tempos, parafraseando Bauman (2001), de uma modernidade líquida, na qual as relações sociais se estabelecem sobre bases móveis, instáveis e fluidas; na qual o conhecimento produzido sobre os indivíduos e pelos indivíduos modifica-se conforme modificam-se os interesses pessoais, políticos, ideológicos desse indivíduo que tem corpo, raça, cor, sexo, classe social, valores culturais e éticos – traços, enfim, que o constituem e que influenciam seu modo de existir e de significar no mundo, traduzidos, por ele, no uso da linguagem.

É bastante provável que as necessidades desse indivíduo complexo em uma sociedade igualmente complexa não sejam alcançadas se o conhecimento sobre ele não refletir essa complexidade.

Nesse sentido, Leffa segue dizendo:

[...] considerando todos esses aspectos – a capacidade de trabalhar na diversidade, uma metodologia dinâmica de pesquisa, sensibilidade para responder aos problemas de linguagem – entendo que a Lingüística Aplicada é a área de conhecimento que parece mais bem preparada para dar um retorno à sociedade. Isso faz [...] também gerar uma grande responsabilidade (p. 18).

O conhecimento que se almeja produzir na contemporaneidade, dada a diversidade metodológica, epistemológica e sociológica (“*a capacidade de trabalhar na diversidade, uma metodologia dinâmica de pesquisa, sensibilidade para responder aos problemas de linguagem*”) implicada na pesquisa em Lingüística Aplicada, deve originar textos nos quais os discursos não se eximam de expressar posicionamentos e valores, renunciando à ilusão de uma transparência e neutralidade do discurso científico.

Se muda a pesquisa na Lingüística Aplicada, em relação a seu contexto de produção, à diversidade de temas de pesquisa, de modos de pesquisar, de saberes implicados, mudam, igualmente, os valores e as implicações éticas que atravessam a pesquisa. Novas tensões se criam, novos confrontos e posições valorativas se enfrentam para dar sentido a novos discursos. Busca-se um “*retorno à sociedade*” e consegue-se um “*aumento da responsabilidade*”. Responsabilidade, que entendemos não apenas como a obrigação ética de apresentar à sociedade um produto de reflexão idôneo quanto à sua feitura, quanto ao respeito para com os pesquisados, quanto às regras e normas dos procedimentos institucionais aos quais a pesquisa se vê subordinada; mas responsabilidade como a necessidade de submeter o produto de reflexão da pesquisa ao confronto entre as posições valorativas do Eu e as dos Outros que se interrelacionam no acontecimento dialógico de cada texto, tornando-o produto de um pensamento não-indiferente, um pensamento ético.

Somente nesse movimento é que podemos pretender dar “*retorno à sociedade*”. A questão da diversidade na pesquisa é essencial quando compreendemos que, se não servir de argumento para a celebração de diferenças que ocultam desigualdades (GERALDI, 2003; AMORIM, 2003), ela nos possibilita produzir um conhecimento ético capaz de refletir os valores que perpassam os discursos e, com isso, compreender as singularidades dos envolvidos no evento comunicativo.

Caso a Lingüística Aplicada esteja realmente preparada para produzir um conhecimento dessa natureza, é na ética e na unidade da responsabilidade do discurso de cada um que assume e assina seus pontos de vista (BAKHTIN, 1993, 1997) que ela deverá estabelecer as bases de sua pesquisa, seu olhar sobre o objeto de estudo e sobre seus pressupostos de análise, buscando responder às necessidades da sociedade.

Do VII CBLA – que, mais do que abrir espaço para discutir a Lingüística Aplicada, coloca, com a escolha do tema do congresso, essa temática como norteadora de todo o evento –, trazemos, por fim, dois outros textos (MOITA LOPES, 2006b; BOHN, 2005), com os quais trabalharemos na busca de uma orientação que ajude a apontar os caminhos e/ou descaminhos desse campo de estudos.

No texto de Moita Lopes (2006b) encontramos as seguintes afirmações:

Há em muitos lingüistas aplicados contemporâneos [...] uma preocupação com novas teorizações calcadas em novos modelos de entender a vida social [...] percebe-se nesses lingüistas aplicados o desgaste dos modos tradicionais de teorizar e fazer LA [...] uma LA presa à discussão da diferença entre LA e aplicação de lingüística, não se descolando da lingüística e de seus ideais de ciência moderna (p.86-87).

Nos discursos que falam sobre a Lingüística Aplicada, entendemos como justificada a necessidade de marcar a diferença entre essa disciplina e a Lingüística pois, se, por um lado, essa atitude reflete a dificuldade de alguns em abandonar completamente práticas, mesmo desgastadas, porém arraigadas no tempo e no espaço ao longo da trajetória evolutiva desse campo (“o desgaste dos modos tradicionais de teorizar e fazer LA”), por outro lado, ela reflete também a necessidade de mostrar que outros seguem procurando caminhos para reinventar sua prática (“uma preocupação com novas teorizações calcadas em novos modelos de entender a vida social”).

Buscando trilhar novos caminhos, afirma o autor:

O projeto que vejo como parte de uma agenda ética de investigação para a LA envolve crucialmente um processo de renarração ou redescrição da vida social como se apresenta, o que está diretamente relacionado à necessidade de compreendê-la. Isto é essencial para que o lingüista aplicado possa situar seu trabalho no mundo, em vez de ser tragado por ele ao produzir conhecimento que não responda às questões contemporâneas [...] e que o faz com base nas discussões que estão atravessando outros campos das ciências sociais e das humanidades nas quais se verifica uma mudança paradigmática em virtude da crise da ciência moderna (p. 90, 96).

Este fragmento resume alguns pontos de vista que vinham sendo discutidos separadamente por algumas vozes, já destacadas em textos analisados anteriormente neste trabalho, preocupadas em apontar os caminhos e os desafios da Lingüística Aplicada na contemporaneidade.

Essas vozes se unem no esforço de refletir sobre a produção do conhecimento de um campo que se desafia a encontrar respostas para o que mudar e para como mudar uma prática teórica, metodológica e epistemológica na

conjuntura de uma realidade que alguns chamam de pós-modernidade, outros de modernidade líquida, mas que, independentemente de sua nomenclatura, tem favorecido a reinvenção de problemas antigos e a criação de problemas novos e tem nos apresentado um mundo em constante mutação, no qual as fronteiras estão diluídas, os espaços aproximados, as identidades indiferenciadas na busca por uma uniformização que deforma, que alimenta desigualdades, que precariza os laços e superficializa as relações (SANTOS, 1989; 2003; 2004b; BAUMAN, 2001; KUMARAVADIVELU, 2006).

Essas reflexões que tentam responder aos desafios lançados vão na mesma direção das idéias identificadas no presente texto de Moita Lopes. Conforme ele mesmo afirma, as reflexões passam pelo caminho da ética (*“agenda ética de investigação”*) e pela necessidade de se compreender o mundo da vida onde vivemos e nos constituímos como sujeitos de linguagem (*“renarração ou redescrição da vida social como se apresenta, o que está diretamente relacionado à necessidade de compreendê-la”*). Uma vez indivíduos vivos, situados no mundo real, há de se recorrer a uma ciência que, pretendendo criar inteligibilidade sobre os acontecimentos da vida, seja, igualmente, uma ciência vivida, e não uma ciência abstrata.

Além disso, o fato de que, para vencer os desafios, seja salutar ampliar os horizontes e olhar para o que os outros campos de estudo estejam produzindo (*“com base nas discussões que estão atravessando outros campos das ciências sociais e das humanidades”*), vem apenas ratificar a posição desejada para uma Lingüística Aplicada em consonância com as demandas do mundo contemporâneo. Esta área, mesmo tendo a especificidade de lidar com acontecimentos nos quais a linguagem em uso constitua uma questão de pesquisa, deve evitar abordar a linguagem como um fenômeno isolado. Deve considerar, outrossim, o conjunto de fatores que participam desse acontecimento e, acima de tudo, considerar o sujeito que age no mundo constituindo, pela linguagem, sua cultura, sua história, sua ideologia, e sendo por ela constituído em sua subjetividade.

Nesse sentido, outros saberes que também se vejam implicados nesse contexto participam exercendo uma função aditiva à compreensão não só de problemas da linguagem mas de problemas do homem e da vida, nos quais a linguagem aparece como mediadora, em uma visão ampla do que pode constituir de

fato a prática de um conjunto de ciências que pretende denominar-se Ciências Humanas.

Destacando ser nessa direção que caminha sua proposta para uma Lingüística Aplicada contemporânea, Moita Lopes (2006b) continua pensando nos “*modos de produzir conhecimento*” e defende que,

Para construir conhecimento que seja responsivo à vida social, é necessário que se compreenda a LA não como disciplina, mas como área de estudos (p. 97).

Primeiramente, pensar que um conhecimento deva ser “*responsivo a*” (alguém ou alguma coisa) pode parecer óbvio, mas significa pensar em um conhecimento que surge como uma resposta a alguém ou a alguma coisa que se colocou, anteriormente, como uma questão ou um problema a ser resolvido e com o qual se pressupõe uma interação. Assim o conhecimento que a Lingüística Aplicada contemporânea se propõe a produzir é uma resposta. Mas a quem a produção do conhecimento da Lingüística Aplicada responde? E de que forma ela responde?

Segundo o autor, o conhecimento produzido constitui uma resposta à “*vida social*”. Sendo assim, é nela que ele deve buscar as indagações, lembrando-se que a vida social é constituída por sujeitos que expressam sua consciência por meio da linguagem, que falam palavras já-ditas por outros antecipando respostas futuras em um incessante movimento dialógico. Ir buscar seu objeto de estudo na vida social é ir buscar a linguagem dialogizada, é ir em busca de um objeto não mudo que só pode ser compreendido se essa compreensão se manifestar de forma ativa, como resposta ativa, como tomada de posição, estabelecendo, igualmente uma relação dialógica.

Uma produção de conhecimento que queira ser resposta, que queira ser responsiva, deve revelar um conhecimento construído de modo dialógico pois acontece sempre baseado na interação entre visões de mundo, entre saberes valorados, entre indivíduos que produzem textos nos quais se expressam as consciências tanto do analisado quanto do analista, tanto daquele que é tomado como objeto de estudo quanto daquele que teoriza e compreende o objeto (BAKHTIN, 2003; FARACO, 2001).

Por outro lado, qual a importância de sugerir que, para a produção de um conhecimento responsivo à vida social, a Lingüística Aplicada necessita ser vista

como um campo de estudos, e não como uma disciplina? Não nos parece ser essa uma escolha terminológica simples e ingênua. Muitos sentidos estão implícitos nessa denominação e remetem a juízos de valor que podem mudar o modo de olhar e de compreender essa área.

O conceito de disciplina carrega valores históricos que remetem a uma tradição de saberes institucionalizados cercados de limites, protegidos por suas rígidas leis e normas internas e, talvez, em nome dessa segurança, menos propensos a abrirem-se para o mundo (e para a vida sempre inesperada, imprevisível e, por isso mesmo, nada segura). Em uma figura de imagem, poderíamos pensar os limites disciplinares como muros altos que guardam o castelo e seus belos jardins, permitindo apenas àqueles que vivem dentro de suas cercanias usufruir de suas belezas, benesses e de sua segurança, impedindo ou dificultando o acesso de todo o mundo exterior. Essa é uma imagem que se assemelha àquela proposta por Geraldi (2005; 2007) quando se refere à “cidade das letras”, na qual se encastelaram, no alto de sua *“torre de marfim”*, os lingüistas e seus estudos ancorados nas tradições letradas.

Pensar a Lingüística Aplicada como um campo de estudos, por outro lado, carrega um significado, para usar a mesma figura de imagem, de um lugar sem muros (um campo é geralmente um lugar aberto), sem barreiras, a não ser aquelas (naturais ou artificiais) que delimitem o que pertence a seu domínio e o que pertence ao domínio do outro, que impeçam a circulação daqueles que querem interagir com os habitantes do lugar trocando com estes suas experiências.

É claro que isso é uma interpretação (dentre outras possíveis) e podemos, sobretudo em tempos de crítica a um modo de fazer ciência fechada em si mesma e em seu funcionamento interno, defender um conceito de disciplina transformado, no qual, de um lado, guardam-se como limites apenas aqueles que definem a especificidade da área e, de outro, promovem-se a ampla cooperação e a troca com outras “disciplinas” e saberes. Nesse sentido, pensar a produção de conhecimento de um campo de estudos ou de uma disciplina passaria a ser uma simples questão de nomenclatura.

Porém mais importante do que atribuir peso ao nome que se dá ao lugar de produção do conhecimento é atribuir peso ao que se faz nele e, na perspectiva de abrir suas fronteiras e olhar, acima dos muros ou através deles, para a vida tal qual

ela é, produzir um conhecimento com condições de, efetivamente, “*ser responsivo à vida social*”.

Como diz o autor,

[...] para que a LA seja responsiva à vida social se prende à necessidade de entendê-la como área híbrida/mestiça ou a área da Indisciplina (p. 97).

Um conhecimento que permaneça encastelado entre muros não conseguirá ser responsivo à vida social pois não irá buscar nesta os elementos necessários para lhe atribuir sentido. A defesa em questão é por uma área, campo de estudos ou mesmo disciplina que reconheça, na complexidade de seu objeto de estudo real, a atuação de forças (de ordem subjetiva, social, histórica, racial, sexual, política etc.) que interferem no processo de compreensão. Não há como atribuir a um objeto de estudo múltiplo e complexo (SIGNORINI, 1998) uma explicação prática simples baseada em uma única referência teórica pois essa será apenas uma verdade parcial.

A “*área híbrida/mestiça*” de que nos fala o autor aponta para um lugar onde pensar em teorizar sobre um objeto de estudo não seja teorizar sozinho, ancorado em suas verdades únicas e absolutas, mas teorizar compartilhando olhares, opiniões, pontos de vista, compreendendo que muitas são as narrativas que constituem o ser de linguagem, muitos são os sentidos que o recobrem, muitos são os valores que o qualificam, e todos esses são diferentes em cada acontecimento, uma vez que cada acontecimento é único na vida, nunca repetível, sempre modificado, e porque múltiplas são as formas de compreender a vida.

Assim, múltiplos são os conhecimentos chamados a contribuir para essa compreensão. A utopia da raça pura também é a utopia do conhecimento puro. A mestiçagem está entranhada na constituição das raças nos surpreendendo sempre pela diversidade e riqueza que encontramos no ser humano. Na produção do conhecimento, é hora de a mestiçagem começar a produzir novas opções de resposta aos acontecimentos que revelem a diversidade da vida fazendo-se representar na diversidade das interpretações que querem atribuir significado à vida, aceitando as limitações naturais de se adotar como resposta um só modelo interpretativo e, por isso mesmo, buscando enriquecer-se com outras visões interpretativas. Assim pode funcionar uma perspectiva de trabalho inter- ou

transdisciplinar, no sentido de que não se constrói conhecimento sustentando a primazia de um saber sobre outro, mas adotando a cooperação e a complementaridade de saberes.

É nesse sentido também que compreendemos o conceito de “*Indisciplina*”, proposto pelo autor, uma vez que não se trata de abolir as bases da especificidade de cada disciplina, de cada campo de estudo, mas de possibilitar o trânsito entre esses campos. A contemporaneidade pede um conhecimento que seja suficientemente indisciplinado para escapar dos muros altos que cercam saberes disciplinares fechados em si próprios, defensores de verdades absolutas e de olhares unidirecionais.

Talvez importe constatar que pensar na perspectiva de um conhecimento híbrido, mestiço e indisciplinar seja pensar que não há uma única verdade, mas verdades; não há uma única interpretação, mas interpretações, e que cada olhar nunca verá um objeto como o mesmo, mas como outro, a cada vez, e, por isso, não deve haver a primazia de um saber, mas a pertinência de saberes.

Sobre o modo como concebe o campo de estudos da Lingüística Aplicada, nos diz ainda Moita Lopes (2006b):

[...] considero essencial, na forma como atualmente concebo a LA, um posicionamento que exploda os limites entre teoria e prática. Estou apontando [...] para a inadequação de formular conhecimento que seja responsivo à vida social ignorando as vozes dos que a vivem. [...] A LA precisa construir conhecimento que exploda a relação entre teoria e prática ao contemplar as vozes do Sul (p. 100, 103).

A argumentação do autor sobre a necessária explosão dos “*limites entre teoria e prática*” numa nova perspectiva de estudos para a Lingüística Aplicada encontra eco em todas as vozes que se levantaram, ao longo do percurso histórico dessa área, para defender mudanças quanto à natureza originalmente aplicacionista de teorias que a caracterizavam. Para conquistar espaço e identidade próprios, coube à Lingüística Aplicada a tarefa de romper com a tradição, isso significando o rompimento com os paradigmas do cientificismo nas ciências humanas que alimentavam o campo dos estudos lingüísticos, fomentando a dicotomia entre teoria e prática ressaltando a importância da primeira em relação à segunda e, assim,

garantindo para a Lingüística Aplicada o segundo lugar que lhe havia sido destinado na história dos estudos lingüísticos.

Para transformar sua condição, foi preciso transformar sua prática, buscar alianças com outras teorias, assumir plenamente seu objeto de estudo em toda sua complexidade e demonstrar as limitações em continuar exercendo as funções de seus primeiros anos de existência. Segundo Rajagopalan (2006, p.165), “já se foi o tempo em que se acreditava em larga escala que a teoria seja a precondição para qualquer tipo de prática”, o que nos leva a crer que as primeiras batalhas da Lingüística Aplicada foram ganhas e a vitória é incontestável.

Entretanto, esse próprio pesquisador alerta para o fato de que nem tudo está resolvido uma vez que ainda há “vozes do conservadorismo” (RAJAGOPALAN, 2006, p.165) que insistem em defender uma relação de interdependência entre a Lingüística e a Lingüística Aplicada, mesmo que esteja superada a condição de subserviência de uma em relação à outra. Ou seja, é preciso esforçar-se para uma nova transformação, lutar mais uma batalha, repensar o lugar da teoria e da prática em função das demandas dessa última e das possibilidades que se abrem quando se diversifica a primeira.

Explodir, pois, os limites entre teoria e prática significa compreender que a primeira não determina a segunda. Antes, é por meio da análise da segunda que podemos sair em busca de teorias que nos permitam interpretar e compreender dados que permitirão novas compreensões a cada confronto teórico a que for submetido. Além do mais, ainda não podemos esquecer que, há muito, a realidade, em todo o seu esplendor moderno e pós-moderno de conhecimentos e verdades fugazes e transitórias, tomou a dianteira da teoria (SANTOS, 2004a). Nesse sentido, é interessante pensar na Lingüística Aplicada como uma área prática que vai buscar na vida real os problemas e questões que quer compreender à luz das teorias que melhor puderem responder a seu chamado, produzindo, assim, um conhecimento responsivo.

Nesse modelo de produção de conhecimento responsivo à vida social, não é também cabível pensar a “*vida social ignorando as vozes dos que a vivem*”. Pensar dessa forma significa alinhar-se àqueles que defendem uma pesquisa não somente no campo da Lingüística Aplicada mas nas Ciências Humanas como um todo, que responda pela vida unindo o mundo da cultura e o mundo da vida na unidade da responsabilidade de cada indivíduo (BAKHTIN, 2003). Significa pensar, igualmente,

em uma pesquisa que vá além da análise dos discursos hegemônicos e/ou canônicos, procurando fazer emergir o discurso daqueles que se encontram à margem, em situação de exclusão de qualquer natureza, quer seja social, racial, política, sexual, econômica, cultural, tecnológica ou, no nosso caso, lingüística.

Concordando com as palavras de Santos (2004), uma ciência que se proponha a ser uma ciência da vida e que deseje produzir um tipo de conhecimento responsivo a ela só poderá acontecer também se este se tornar um conhecimento de intervenção, de resgate, um conhecimento que se proponha a desvendar a metáfora do sofrimento humano dando voz às “vozes do Sul”, compreendendo estas como todas as vozes que “sofreram com o exclusivismo epistemológico da ciência moderna e com a redução das possibilidades emancipatórias da modernidade ocidental” (SANTOS, 2004, p.6). O que não se pode esquecer, é que o Sul não existe apenas em contraponto com o Norte, em uma relação dicotômica simples entre dominantes e dominados, ricos e pobres, brancos e negros, certo e errado etc. É preciso levar em consideração o Sul do Norte, o Sul do Sul e todas as forças ideológicas e de poder que perpassam as relações sociais na tentativa de produzir um pensamento não-indiferente, não se deixando levar por um relativismo epistemológico que naturaliza as diferenças ou, o que é pior, eleva-as a um estatuto de “objeto de pesquisa privilegiado” ocultando e mantendo desigualdades (AMORIM, 2003).

Em conseqüência, o autor aponta a ética e o poder como elementos basilares para sua compreensão de Lingüística Aplicada. Por isso, argumenta ele:

Quando se enfatizam o sujeito social e sua relação com a alteridade, assim como sua heterogeneidade na construção do conhecimento, [...] questões relativas a ética e poder são intrínsecas. [...] Minha visão não é a de que “todas as normas e valores sejam iguais”²⁰. Normas e valores refletem posições discursivas específicas, o que, de modo algum, implica relativismo ético. A escolha deve se basear na exclusão de significados que causem sofrimento humano ou significados que façam mal aos outros (p. 103).

Um conhecimento responsivo à vida social, que é, em suma, o que se busca para a Lingüística Aplicada, está atrelado à ética porque todo conhecimento se

²⁰ Referência no texto original de Moita Lopes (2006b) a Rosenau, 1992, p. 115.

resume, no fundo, ao conhecimento do ser humano e de seus atos (e de seus enunciados), e é preciso não perder de vista que cada ser é um ser único, constituído em meio às relações sociais, nas interações com o outro e ocupante de um lugar único no mundo. Devido a essa unicidade, ele é compelido a atuar ativamente no plano da vida, posicionando-se valorativamente, de modo não-indiferente, de modo ético, a tudo o que diz respeito a si e ao outro (BAKHTIN, 1993; 1997). A alteridade é constitutiva do sujeito e as relações de poder atravessam sua atividade e a produção de seus discursos.

O conhecimento sobre esse sujeito, quer seja no âmbito das Ciências Humanas como um todo ou nas ciências linguísticas, será sempre um conhecimento atravessado pela alteridade dada a relação de reciprocidade eu-outro inerente à constituição do sujeito. Somos falados e significados pelos outros desde antes do nosso nascimento. Somos falados e significados pelos outros que constituem nosso grupo social, cultural, histórico, étnico. Somos falados e significados pelos outros que nos dão acabamento em todas as esferas da atividade humana. E a esses outros atribuímos sentido por meio de nossas respostas, sempre.

Como nos diz Bakhtin (2003, p. 410), na pesquisa que considera seu objeto de estudo uma coisa muda, “[...] existe apenas um sujeito: o próprio pesquisador. As coisas se transformam em conceitos (de um grau variado de abstração)”. Mas, na pesquisa dialógica, a que considera o sujeito como um ser social ao qual é dado voz e que, dessa forma, pretende produzir um conhecimento responsivo,

[...] o sujeito nunca pode tornar-se conceito (ele mesmo fala e responde). O sentido é personalista; nele há sempre uma pergunta, um apelo e uma antecipação da resposta, nele há sempre dois (como mínimo dialógico) (BAKHTIN, 2003, p. 410).

Nessa relação de alteridade, “dois” não significa, nunca, “iguais”. Cada sujeito é único e ocupa um lugar igualmente único no contexto da vida. Seus discursos são posições avaliativas, valoradas e singulares, que, no acontecimento dialógico, confrontam sentidos. Para compreender esses discursos, é preciso levar em consideração o contexto no qual ele é produzido, onde relações de força, de poder, ideológicas, políticas, dentre outras, confrontam-se pelos valores que carregam.

Mudam os contextos, muda igualmente o modo como atribuímos sentido aos discursos; por isso, “*normas e valores não são iguais*”, “*normas e valores refletem*

posições discursivas específicas”. E uma postura ética é uma postura que aceita a diversidade das posições discursivas, percebendo, nelas, um encontro de posições avaliativas que marcam, ao mesmo tempo, tanto a individualidade de cada sujeito que assume a responsabilidade pelo seu dizer como o necessário confronto de pontos de vista, do eu e do outro, na tarefa de atribuir significado aos eventos da vida.

A ética, entretanto, não está em admitir apenas a existência da diversidade, mas em considerar que a diversidade permite nada mais nada menos do que o confronto entre pontos de vista (pessoais, teóricos, científicos, culturais, artísticos) que devem ser considerados em igual medida. O “relativismo ético” a que se refere o autor é um perigo que se corre quando, na diversidade, não se percebem diferenças e, por isso, adotam-se métodos, princípios, atitudes e leis que postulam todos como iguais quando diferentes são, por princípio, os sujeitos em sua unicidade, as condições de produção de suas atividades, os contextos em que vivem.

Pensar eticamente e, por conseguinte, pesquisar eticamente remetem a uma postura que não vê na diversidade uma porta para a igualdade; antes, vê nessa diversidade uma porta que se abre para escolhas. Essas escolhas devem, de fato, “*se basear na exclusão de significados que causem sofrimento humano ou significados que façam mal aos outros*”, pois por cada escolha responderá o indivíduo na unidade de sua responsabilidade em sua impossibilidade de requerer para si um álibi frente à vida.

Pensar e pesquisar eticamente evocam, ainda, um pensamento não-indiferente, que é portador de valor e que se constitui na responsabilidade daquele que pensa, que pesquisa em um dado momento histórico (BAKHTIN, 1993; 1997).

Em seu texto, Bohn (2005) também contribui para a discussão sobre a Lingüística Aplicada e a contemporaneidade tratando da pesquisa e de suas adequações aos novos tempos.

Para ele,

Conversar sobre pesquisa é produzir sentidos sobre a visão de mundo, é posicionar-se axiologicamente sobre um conjunto de variáveis que envolvem aspectos da episteme e da metodologia; é procurar o universal na expressão e nos sentidos de palavras localizadas na cultura local [...] é também administrar as tensões criadas entre as utopias da racionalidade universalista, as idealizações iluministas dos

últimos séculos e os pertencimentos das culturas locais [...] é procurar a compreensão através de interações dialógicas²¹ [...] é também construir saberes [...] de compreensão sobre os próprios saberes [...] sobre a condição humana [...] sobre a identidade terrena [...] saberes sobre as incertezas, sobre o inesperado, sobre os novos sentidos [...] saberes sobre a compreensão e [...] sobre as raízes da incompreensão [...] saberes éticos que se expressam na cidadania terrestre, na autonomia individual, na solidariedade comunitária e planetária (p. 11-12).

São muitas as definições que temos encontrado nos textos abordados nessa análise sobre a especificidade do campo da Lingüística Aplicada. Em todos, encontramos, explícita ou implicitamente, um entendimento sobre o que seja a tarefa de pesquisar nesse campo. No fragmento destacado acima, encontramos um resumo de muitos desses entendimentos.

Em primeiro lugar, na definição proposta por esse autor, podemos encontrar a referência ao paradigma científico que orienta seu modo de pesquisar e podemos identificá-lo como sendo, primeiramente, oposto ao paradigma positivista: não identifica seu modo de pesquisar com mensuração e quantificação de variáveis para verificação de hipóteses; mas, ao contrário, posiciona-se como um pesquisador que busca, dentro de um paradigma interpretativista de pesquisa qualitativa, os sentidos que dela emergem.

Podemos identificá-lo, ainda, dentro de uma visão de fazer pesquisa que se preocupa com os valores, com o tom apreciativo que perpassa toda pesquisa e que, com isso, a identifica. A afirmação do autor de que “*Conversar sobre pesquisa é produzir sentidos [...]*” encontra respaldo no pensamento bakhtiniano, ao defender um tipo de ciência (e, conseqüentemente, de pesquisa) dialógica na qual, contrariamente às ciências exatas em que o objeto de estudo é mudo, seu objeto do saber, o sujeito e seu discurso, é um ser “expressivo e falante”, que não é igual a ninguém e que, por isso mesmo, é “inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2003, p. 395).

Ainda em sua afirmação de que “*Conversar sobre pesquisa [...] é posicionar-se axiologicamente [...]*”, percebemos que, ao situar seu fazer científico como uma prática que denota um posicionamento valorativo, o pesquisador está colocando

²¹ Referência no texto original de Bohn (2005) a Soares, 2001.

para si e para sua pesquisa uma preocupação ética pois entende que seu discurso revelará suas escolhas, apontará o lugar de onde ele fala e para quem ele se dirige, fará de seu pensamento um pensamento não-indiferente, assumindo não somente uma responsabilidade para com outros discursos mas igualmente uma responsabilidade para consigo e para com os outros (BAKHTIN, 1993; 1997).

Ao assumir que na pesquisa, devemos “*procurar o universal na expressão e nos sentidos de palavras localizadas na cultura local*”, nos remete para a compreensão de um sujeito de pesquisa eminentemente social, ancorado no mundo da vida, constituído nas relações com os outros, situado historicamente e, para o qual, qualquer compreensão deverá, necessariamente, assumir a forma de uma compreensão global.

Em sua consideração de que a pesquisa em Lingüística Aplicada na contemporaneidade deve “[...] *administrar as tensões criadas entre as utopias da racionalidade universalista, as idealizações iluministas dos últimos séculos e os pertencimentos das culturas locais*”, o autor reflete toda a discussão sobre a crise das ciências humanas na pós-modernidade. Admite os equívocos provocados pelos ideais de igualdade e progresso prometidos pela ciência e pela tecnologia, pilares da modernidade os quais, mais do que aproximar indivíduos, criaram novas categorias de exclusão (além das já conhecidas sociais, de classe, de gênero e de etnias, também as do acesso ao conhecimento, à informação e às novas tecnologias). O autor busca, ainda, “nas vozes do Sul” (SANTOS, 2004), as vozes da exclusão, da diferença, das minorias, o equilíbrio para uma ciência que queira produzir um conhecimento verdadeiramente humano.

Acrescenta, ainda, que pesquisar “[...] *é procurar a compreensão através de interações dialógicas*”, demonstrando que a compreensão é uma via de mão dupla na qual pesquisador e pesquisado estão em interação, na qual o eu e o outro interagem para construir sentido para suas atividades lingüísticas.

E, nesse sentido, pesquisar é “*construir saberes*”, é “*compreender os saberes que construímos*”, é “*compreender a condição humana*”; e o sujeito, sabedor de sua unicidade e eventicidade, abre-se para o inesperado, para os novos sentidos possíveis na medida exata da possibilidade de renovados eventos no mundo da vida. Pesquisar é ainda atribuir sentido ao que se compreende e ao que não se compreende uma vez que ambas as situações são portadoras de valores e que, independentemente da concordância com esses valores ou da discordância deles, o

que acarretará compreensão ou incompreensão, é no respeito pela existência e pela possibilidade de enunciação da voz do outro que estaremos igualmente construindo saberes éticos.

Alerta-nos ainda esse pesquisador para os efeitos que um mundo globalizado, na nova modernidade ou pós-modernidade na qual vivemos, gera sobre a pesquisa e sobre nosso campo de estudos:

A globalização exige que os lingüistas aplicados desenvolvam compreensões e talvez até explicações porque os principais conflitos mundiais e locais não ocorrem por causa de grandes diferenças entre as culturas mais distintas mas [...] entre povos que durante décadas têm convivido nas mesmas escolas, [...] nos mesmos mercados, [...]. Os estudos culturais indicam que é na linguagem que se constroem as diferenças constituintes da identidade humana. [...] precisamos estudar como a linguagem, o discurso, em todas as suas manifestações da vida do ser humano instala a diferença (p. 13).

Considerar a linguagem como lugar “onde se constroem as diferenças constituintes da identidade humana” implica reconhecer que somos seres de linguagem, nascemos em um meio semiotizado no interior do qual somos falados mesmo antes de existirmos de fato. Assim, instrumento poderoso vem a ser a linguagem e o discurso que “em todas as suas manifestações da vida do ser humano instala a diferença”. Essa diferença, que entendemos como a materialização da unicidade de cada um, deveria ser respeitada como tal, e não transformada em motivo para divisões, separações ou exclusões, tantas atitudes que instalam desigualdades.

Nessa perspectiva, produzir conhecimento no campo da Lingüística Aplicada na contemporaneidade é compreender que a linguagem, em todas as suas manifestações, é portadora de sentidos que vão muito além dos sentidos falados, lidos, escritos, enunciados nas linhas que compõem os discursos. São nas entrelinhas que encontramos a possibilidade de compreender o sujeito em sua essência, em seus valores, em suas crenças, naqueles elementos que o constituem como ser único e diferente de qualquer outro. Compreender as diferenças por intermédio da linguagem e dos discursos pressupõe um olhar que seja capaz de mover-se em todas as direções, para que os sentidos aflorem de onde eles

realmente pertencem, e não de onde, muitas vezes na pesquisa, queremos que ele esteja.

Por conseguinte, para compreender a natureza da pesquisa no campo da Lingüística Aplicada, segundo o autor, é necessário, compreender também a natureza da concepção de linguagem que subjaz a essa atividade. Para ele,

*Impõe-se fazer uma leitura [...] tendo em mente uma definição de linguagem [...] como produção de sentidos na interação social, portanto não fixa, mas móvel, não homogênea, mas sempre marcada pela enunciação e portanto afetada pelos traços culturais do entorno social em que se realiza.*²² (p. 19).

Na defesa de uma ciência que produza um conhecimento “responsivo à vida social” (MOITA LOPES, 2006b), Bohn (2005) apóia-se em Bakhtin (2002) para definir a concepção de linguagem que ele entende ser aquela capaz de responder aos anseios da Lingüística Aplicada na contemporaneidade. Assim, construir uma ciência que assuma como objeto de estudo a linguagem como “*produção de sentidos na interação social*” é construir uma ciência que faz mais do que descrever e classificar signos no nível da frase de um indivíduo; é construir uma ciência que vai também procurar interpretar os sentidos que emergem no nível do discurso como atividade humana entre indivíduos, entendendo o signo lingüístico como um produto ideológico, portador de valores sociais.

Uma ciência que deseje produzir um conhecimento ancorado nessa concepção de linguagem não vê mais a linguagem como uma formação de estruturas fixas nem tampouco homogêneas. Antes entende que a linguagem faz emergir uma pluralidade de sentidos nunca neutros, mas diretamente relacionados com os valores que circulam na esfera de produção (histórica, social e cultural) onde ela se realiza.

Ao enfatizar que a linguagem constitui o ser humano e é por ele constituída (BAKHTIN, 2003) no mundo da vida, é preciso considerar que as transformações incessantes da vida e dos sujeitos, entendidos como agentes sociais, refletem na linguagem e nos sentidos que ela carrega, uma vez que estes também estão em

²² Referência no texto original de Bohn (2005) a Bakhtin, 2002.

eterna construção: não são dados, pré-definidos nem absolutos. A linguagem não representa, apenas, a realidade da vida, mas ajuda a construí-la.

Por isso, argumenta Bohn (2005), é chegada a hora de fazer a escolha em prol de uma ciência que assuma discursivamente uma “*textualização inquisitiva*”; que não se contente em descrever, mas em compreender, o que implica um olhar de dentro, participativo, envolvido, posicionado, e, por isso mesmo, ético. É chegada a hora de fazer a escolha por uma ciência que amplie seu olhar para “*culturalidades diferentes, minoritárias, às vezes exóticas, muitas vezes transgressoras, revolucionárias*”, em detrimento de uma ciência que exista apenas na aceitação do “*determinismo da modernidade e de seus universais autoritariamente estabelecidos*”.

Para contemplar todos seus anseios para esse campo de pesquisa, o autor propõe

[...] que a Lingüística Aplicada do Brasil faça um esforço para convidar estas alternativas expulsas a participarem da construção de uma melhor compreensão das relações humanas, dos comportamentos e das aprendizagens (p. 22).

Para Bohn (2005) bem como para Moita Lopes (2006b), Leffa (2001), Geraldi (2003), Rajagopalan (2006), Cavalcanti (2006) e muitos outros lingüistas e lingüistas aplicados que atuam no cenário brasileiro e internacional, o caminho para a Lingüística Aplicada está em investir em uma produção de conhecimento que assuma a vida e as relações humanas constituídas em relação dialógica com a linguagem em meio às práticas sociais, como pressuposto básico de trabalho.

Torna-se elementar para o conhecimento produzido nesse campo entender seu objeto de estudo, a linguagem em uso na vida e nas relações sociais, como a materialização de sentidos que não podem ser apenas descritos e explicados em relações diretas de causa e efeito, sustentados por ideais de objetividade científica e crenças em verdades teóricas abstraídas da história, das visões de mundo, das ideologias, dos valores dos sujeitos discursivos implicados no processo da pesquisa, ou seja, pesquisador e pesquisado. Nessa busca, é preciso, concordando com as palavras de Bohn (2005), “*construir uma compreensão das relações humanas*”, e compreensão se constrói na interação entre sujeitos. Isso porque, conforme nos diz Bakhtin,

Na explicação existe apenas uma consciência, um sujeito; na compreensão, duas consciências, dois sujeitos. Não pode haver relação dialógica com o objeto, por isso a explicação é desprovida de elementos dialógicos [...]. Em certa medida, a compreensão é sempre dialógica (BAKHTIN, 2003, p. 316).

A ciência que busca a compreensão, e não a explicação busca responder, com seu conhecimento, a um outro, sempre. Para responder a esse outro, ela não pode considerá-lo como um objeto mudo; ela necessita considerá-lo como um objeto que fala, como uma consciência que tem, em sua subjetividade, nome, história, ideologia, cultura, raça, corpo e gênero e que expressa valorativamente tudo o que o constitui por meio de seu discurso, no uso da linguagem. A compreensão é, assim, sempre dialógica porque não encerra debate algum. Posiciona-se diante do que existe e existiu, constrói-se na relação entre sujeitos e aponta para o futuro deixando possibilidades para as réplicas que darão continuidade ao processo de compreensão das verdades, que são transitórias, situadas, valoradas social e historicamente porque constituem-se verdades dos sujeitos e de suas vidas, dialógicos por essência.

6.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VOZES

Há um grande desafio posto diante da Lingüística Aplicada contemporânea. As variáveis que contribuem para caracterizar como desafio a tarefa de emancipação desse campo de conhecimento estão presentes nas discussões dos autores que vêm trabalhando nele e com ele, refletindo e criando inteligibilidade sobre suas transformações.

Tivemos como objetivo dar visibilidade às vozes que permeiam e constituem esses discursos enformados nos textos apresentados nos diversos CBLAs. Por meio da compreensão dessas vozes, procuramos, ainda, discutir as transformações desse campo, ressaltando em que medida essas transformações têm aproximado a ética da Lingüística Aplicada de uma ética, conforme o conceito de ética que ancora a perspectiva deste trabalho (BAKHTIN, 1993; 1997), que responda pela vida e pela responsabilidade dos posicionamentos valorativos dos sujeitos que a constituem, na

figura dos pesquisadores que produzem seu conhecimento e na figura dos sujeitos que se constituem como objeto de pesquisa.

Além da clara constatação de que a Lingüística Aplicada dos tempos atuais não é mais a mesma Lingüística Aplicada de trinta anos atrás, já que se transformou e se ampliou ao longo desse tempo, podemos afirmar, segundo a compreensão dos dados analisados, que esse processo de transformação ainda não acabou. Muito pelo contrário, ele tem se renovado e se reinventado, o que é extremamente salutar porque, se entendemos que esse é um campo que tem vitalidade suficiente para se rediscutir periodicamente, é sinal de que nele pulsa a vitalidade da vida e dos sujeitos de linguagem que ele deseja compreender.

As primeiras mudanças foram metodológicas (COHEN, 1989), em função de toda uma discussão sobre a crise dos paradigmas científicos nas Ciências Humanas que se refletem, obviamente nos estudos lingüísticos e na pesquisa aplicada, sobretudo, porque esta última também buscava firmar-se como um campo disciplinar autônomo, defendendo a natureza diversa de sua pesquisa e objeto de estudo.

Tendo marcado sua opção pela linguagem, e não mais pela língua, as mudanças no foco dos objetos de estudo levaram a mudanças na abordagem metodológica destes. Ampliações dos objetos de estudo e diversificação nos modos de olhar para estes levaram à busca por outras contribuições teóricas. Observamos, a esse respeito, que, em 1990, no âmbito do II CBLA, aparece a primeira discussão sobre transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada (SERRANI, 1990).

Os vínculos da Lingüística Aplicada com outras disciplinas e ciências estimula, cada vez mais, o debate sobre sua autonomia, sobre a natureza do trabalho do pesquisador no campo aplicado e sobretudo sobre a identidade deste, de sua prática.

A temática da transdisciplinaridade explode, no ano de 1995, em amplas discussões durante o IV CBLA, com reflexos que nos chegam até os dias atuais. No bojo dessas discussões, mais do que simplesmente defender uma associação ou troca de informações entre teorias para criar inteligibilidade sobre fenômenos da linguagem, intensifica-se a preocupação com a postura ética desse campo do conhecimento que declara ter como propósito o estudo da linguagem em uso por sujeitos nas práticas sociais. Em outras palavras, a linguagem pressupõe não somente o sujeito que fala e que significa em seu discurso mas, igualmente, o fato de que esse sujeito é situado em seu contexto histórico, social e cultural. Assim,

uma ciência que deseje assumir seu lugar na busca pela compreensão das reais questões de linguagem, produzidas por sujeitos reais, necessita livrar-se dos velhos conceitos de objetividade e neutralidade e assumir a subjetividade inerente a seu discurso. Isso leva a uma necessidade de posicionar-se valorativamente diante das escolhas teóricas, metodológicas e paradigmáticas de seu campo de estudo.

Nesse sentido, as discussões sobre a natureza da Lingüística Aplicada aproximam-se das discussões circulantes nas Ciências Humanas, que destacam a necessidade de resgatar, para a pesquisa, o lugar do sujeito social, político, ideológico e cultural, que tem raça, cor, sexualidade, subjetividade – enfim, um sujeito plural nos múltiplos aspectos que o definem, porém único em sua existência.

As Ciências Humanas querem humanizar-se e também a Lingüística Aplicada entende ser esse o caminho para sua prática. Essa humanização passa pela tarefa de buscar produzir um conhecimento da vida e sobre a vida. Se o objeto de estudo da Lingüística Aplicada é a linguagem em uso nas práticas sociais, materializada nos textos e nos discursos, é preciso buscar nestes a dimensão do humano, dando voz às vozes que falam, sem apagamentos, sem desqualificações, mas com respeito às possibilidades de manifestação das opiniões, dos pontos de vista. A busca pela humanização é, nesse sentido, uma busca ética pois abre a possibilidade para que as vozes sejam ouvidas e levadas em consideração.

Essa tem sido a postura que identificamos nos discursos recentes sobre a Lingüística Aplicada. As vozes apontam para a construção de um campo de saber que se oriente pelo rumo da vida, que acompanhe as transformações desta, que escute as vozes que dela emergem – um campo ético o suficiente a ponto de entender que não pode ser neutro, que tudo aquilo que disser e produzir terá de ser feito na dimensão da responsabilidade dos envolvidos por seu discurso.

Apontam ainda para um campo de saber que tenha a capacidade de se redescobrir uma vez mais e sempre e que, ancorado no mundo da vida, manifeste a mesma vitalidade desta. Um campo de conhecimento, porém, que não abra mão de sua especificidade e de seu objeto de estudo, ou seja, da linguagem e dos critérios para estudá-la e compreendê-la como uma ciência, mas que, nem por isso, a isole e a abstraia das relações sociais nas quais ela se constitui.

Em síntese, percebemos que as vozes dos discursos circulantes sobre a Lingüística Aplicada como campo produtor de saber são vozes em plena transformação: umas mais cautelosas, outras mais abertas para o novo, para o

inesperado, até mesmo para o transgressor, mas, sem dúvida, vozes transformadoras. São vozes com as quais uns podem concordar, outros não; mas são vozes que estão se posicionando, assumindo uma responsabilidade por seu dizer e seu fazer científico, assumindo, em suma, uma postura ética.

Na busca pela aproximação da ciência com a vida, percebemos os caminhos abertos para a Lingüística Aplicada: caminhos que não são únicos nem têm a pretensão de serem a única escolha possível, uma vez que é possível fazer Lingüística Aplicada de outra forma; caminhos que são uma questão de escolha, coerência e de responsabilidade.

Os caminhos, entretanto, não se confundem com relativismo e indiferença. Ao assumir a postura ética da responsabilidade e do posicionamento não-indiferente, aqueles que fazem esse tipo de pesquisa lingüística aplicada escolhem o local, as armas e a batalha que desejam travar. Nesse sentido, o caminho a ser trilhado não é qualquer um, mas aquele que se escolheu, com conseqüências e implicações futuras. O desafio é, de fato, grande e está apenas começando.

Estas foram considerações feitas com base nas vozes que falam sobre o campo de estudos da Lingüística Aplicada, porém perguntamo-nos: e suas pesquisas? Em que medida elas se orientam pelas transformações disciplinares apontadas? O modelo de pesquisa postulado pela vertente de pensamento da Lingüística Aplicada que apresentamos terá se transformado, de fato, em realidade ou ainda se configura como um projeto para o futuro? No capítulo a seguir tentamos responder a essas questões.

**7 UM EXEMPLO DA DIMENSÃO ÉTICA NA
PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM LINGÜÍSTICA
APLICADA: O CASO DO ENSINO DE LÍNGUAS**

7.1 A DIMENSÃO ÉTICA NA PESQUISA

“Um ato de nossa atividade, de nossa real experiência, é como um Jano bifronte. Ele olha em duas direções opostas: ele olha para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a unicidade irrepetível da vida realmente vivida e experimentada. [...] Um ato deve adquirir um plano unitário singular para ser capaz de refletir-se em ambas as direções – no seu sentido ou significado e em seu ser; ele deve adquirir a unidade da dupla responsabilidade – tanto pelo seu conteúdo (responsabilidade especial) como pelo seu Ser (responsabilidade moral). [...] Esse é o único meio pelo qual a perniciosa divisão e não interpenetração entre cultura e vida poderia ser superada”.
Mikhail Bakhtin, 1993. p. 2

No capítulo anterior, em um passeio por textos de lingüistas aplicados brasileiros sobre a produção do conhecimento no campo de estudos da Lingüística Aplicada, procuramos identificar as vozes que perpassam os enunciados que tratam desse campo de estudo, ao longo de suas transformações, discutidas e debatidas no cenário dos Congressos Brasileiros de Lingüística Aplicada.

Procuramos igualmente discutir a dimensão ética desse campo de saber evidenciada em algumas vozes representativas do fazer científico dessa área que se pronunciaram ao longo do período selecionado para objeto de análise.

Se, por um lado, tais objetivos pretenderam responder às questões de pesquisa, da forma como explicitado no capítulo anterior, por outro lado, apontaram para a perspectiva de buscar identificar, nas várias faces da pesquisa em Lingüística Aplicada, a concretização dos rumos e transformações desse campo do saber.

Considerando que o enunciado é um elo na cadeia discursiva (BAKHTIN, 2003) e pensando na produção do conhecimento da Lingüística Aplicada como discursos (conjunto de enunciados) responsivos a outros, percebemos a necessidade de identificarmos os elos entre o discurso sobre a área e as pesquisas por esta produzidas. Essa necessidade nos remete à quarta questão da pesquisa:

4- Como se faz representar o discurso orientador do campo de estudos da Lingüística Aplicada, na pesquisa produzida nos CBLAs?

Para dar conta desse último objetivo, procuramos olhar para as pesquisas em uma de suas subáreas temáticas em busca de exemplos que possam, primeiramente, nos apontar os caminhos trilhados pela pesquisa desse campo e, em segundo lugar, nos esclarecer se o percurso da pesquisa em Lingüística Aplicada e as transformações postuladas no campo de estudos têm caminhado juntas, no mesmo passo.

Embora as subáreas da Lingüística Aplicada tenham se ampliado bastante, conforme apontado na discussão sobre as temáticas dos CBLAs²³, ao longo de sua história, é ainda visível o fato de que as subáreas de ensino-aprendizagem de língua materna e ensino-aprendizagem de língua estrangeira continuam a merecer destaque, ainda que não necessariamente se façam apresentar sob o mesmo rótulo de ensino-aprendizagem de línguas.

A opção pelo ensino e a generalização por línguas é interessante para nossa proposta pois não nos limitará às especificidades das questões de linguagem que caracterizam as línguas estrangeiras ou a língua materna, apenas. Nesse sentido, a opção por essa grande área mista nos permitirá obter um panorama mais geral de uma parte da produção do conhecimento da Lingüística Aplicada no Brasil, nos últimos anos, o que garante a concretização dos objetivos que estamos buscando nesse momento.

Nosso propósito, repetimos, é o de observar que tipo de pesquisa a Lingüística Aplicada vem apresentando, quais suas temáticas e como essa prática científica acompanha a discussão teórica sobre o campo, suas características e suas transformações. Além disso, faz-se necessário questionar se o espaço dos CBLAs, no momento em que traz à tona uma discussão nacional sobre a Lingüística Aplicada como área de estudos ou como ciência autônoma, orienta as pesquisas nas diversas subáreas temáticas que dão corpo a essa ciência, no sentido de fazer com que as transformações discutidas reflitam nas escolhas metodológicas, nos objetos de estudo ou nas interfaces teóricas delas.

Em suma, será que as transformações vividas ou ainda almejadas pelo campo da Lingüística Aplicada, em sua busca por uma área que transcenda os limites da disciplinaridade fechada em si mesma, que assuma uma postura ética de unir o mundo da vida ao mundo da cultura resgatando para os indivíduos sua

²³ Ver capítulo quinto desta tese.

humanidade, sua voz e a responsabilidade por seu agir e existir, estão se fazendo representar nas várias faces de sua pesquisa? É o que procuramos responder no decorrer deste capítulo.

O quadro a seguir apresenta o conjunto de textos de pesquisa²⁴, objeto da análise subsequente.

I CBLA	1) BORTONI, S.M. (1988) Situações dialógicas assimétricas: implicações para o ensino.
II CBLA	2) TERZI, S.B. (1990) A interação em sala de aula e sua influência no esquema de perguntas e respostas das crianças.
III CBLA	3) MOITA LOPES, L.P. (2001a) Padrões interacionais em sala de aula de língua materna: conflitos culturais ou resistência. 4) KLEIMAN, A. (1993) Diálogos truncados e papéis trocados: o estudo da interação no ensino de língua materna.
IV CBLA	5) ROJO, R.H.R. (1995) Linguagem e surdez: perspectivas interacionistas. 6) MENDES, P.E. (1995) As teorias discutindo as práticas da alfabetização do surdo: oralidade, gestualidade e escrita. 7) CAVALLIERI, S.R.B. (1995) Algumas considerações sobre aspectos interacionais em sala de aula de crianças surdas.
V CBLA	8) MOITA LOPES, L.P. (1998b) Narrativa como processo de construção da identidade social em uma sala de aula de leitura de língua materna. 9) MAGALHÃES, M.C. (1998) Formação contínua de professores: conscientização e transformação da identidade profissional. 10) BOHN, H. (1998b) A globalização, a interculturalidade e as propostas hegemônicas na política de ensino de línguas. 11) MENEZES, V. (1998) O papel da internet na implementação de uma política de ensino de línguas estrangeiras.
V CBLA	12) CORACINI, M.J. (1998) A questão da heterogeneidade nos discursos da Lingüística Aplicada e da sala de aula (LM e LE). 13) SERRANI-INFANTE, S. (1998) Papel das identificações na produção-compreensão em língua estrangeira.

²⁴ Priorizamos os trabalhos apresentados nas conferências, seminários e mesas-redondas. Quando necessário, recorreremos a trabalhos apresentados em sessões de comunicação; entretanto, esse levantamento não é realizado de modo exaustivo uma vez que o número total de trabalhos dos congressos ultrapassa os limites práticos desta pesquisa.

VI CBLA	14) BARCELOS, A.M.F. (2004) Crenças sobre aprendizagem de línguas, Lingüística Aplicada e ensino de línguas. 15) MOITA LOPES, L.P. (2001b) Discurso, corpo e identidade: masculinidade hegemônica como comunidade imaginada na escola.
VII CBLA	16) COLLINS, H. (2004) Educação à distância, interação e pensamento crítico. 17) GRIGOLETTO, M. (2005) Ideologia e processos identitários: o simbólico em questão.

Quadro 4- A pesquisa sobre o ensino e seus desdobramentos

7.2 AS PESQUISAS SOBRE ENSINO: EXEMPLOS DE TEMÁTICAS

Em consonância com toda a discussão, em âmbito internacional e nacional, sobre o campo de estudos que caracteriza uma visão da Lingüística Aplicada em seus primórdios, a pesquisa que tratava de questões de ensino e aprendizagem de línguas aproximava-se, bastante, de uma abordagem mais caracterizada como uma didática de línguas. Nesse sentido, houve, inicialmente, todo um interesse metodológico pelo ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras; em seguida, o interesse pela língua materna dominou as pesquisas, nas quais realizavam-se aplicações das mais variadas teorias lingüísticas ao ensino. Em ambos os casos, predominavam perspectivas nas quais o foco era a língua, e não a linguagem (CAVALCANTI, 1986; CELANI, 1992).

Entretanto, os exemplos que apresentamos a seguir revelam que, desde o primeiro CBLA, as discussões, bem como os trabalhos de pesquisa sobre a área do ensino, já apontavam para uma área que tentava ultrapassar esse conceito inicial de pesquisas aplicadas, aquelas preocupadas fundamentalmente com o ensino visto do ponto de vista didático e, mais especificamente, com as metodologias de ensino.

Busca-se a concretização de um campo de pesquisa cujas palavras de ordem são mudança e ampliação de fronteiras, em conformidade com as mudanças da Lingüística Aplicada como um todo, em seu status, de disciplina auxiliar para campo de estudos autônomo: mudança nas metodologias, de quantitativas para interpretativas; ampliação de vínculos teóricos com outras disciplinas; adoção de

noção de transdisciplinaridade e ampliação dos objetos de estudo, com novas temáticas e novos enfoques.

Como exemplo de pesquisa que procura abordar um tema em consonância com as perspectivas de mudança e ampliação do campo da Lingüística Aplicada, destacamos o texto de Bortoni (1988) apresentado no I CBLA.

A pesquisa versa sobre os problemas de comunicação entre falantes de diferentes variedades da língua nacional e descreve como as diferenças lingüístico-culturais entre falantes de origem rural e de origem urbana podem acarretar situações dialógicas assimétricas, as quais, em situação de ensino-aprendizagem, perpassadas pelas relações de poder implícitas na situação de comunicação entre professor e aluno, tendem a ser acentuadas. A metodologia de análise adotada no trabalho é interpretativa e seus fundamentos teóricos têm base na sociolingüística interacional. Embora a pesquisa trate de variação lingüística, esta, em si, não é o foco de análise, mas sim as convenções comunicativas organizadas com os recursos decorrentes da variação, uma vez que é na análise dessas últimas que poderão emergir questões de identidade importantes para a compreensão das relações sociais entre os sujeitos da pesquisa, considerando-se que a própria atividade de linguagem é vista como constitutiva da realidade social.

Quanto à pertinência de sua pesquisa para a Lingüística Aplicada, a própria autora esclarece:

[...] a análise que desenvolvemos é também pertinente à área de atuação da lingüística aplicada, entendendo essa última, conforme sugere Candlin (1976, p.237), como um canal de mão dupla entre descrições formais da língua e práticas pedagógicas (BORTONI, 1988, p.02).

Assim, a perspectiva da autora é a de que a pesquisa em Lingüística Aplicada possa ir além das discussões sobre as particularidades da língua, avançando para as questões que identificam e compreendem os sentidos veiculados na linguagem dos indivíduos no contexto do ensino. Considerando sua pesquisa como de caráter exploratório, enfatiza, porém, que, na sua visão de uma Lingüística Aplicada como “um canal de mão dupla”, nada mais salutar do que juntar a experiência da prática pedagógica a referenciais teóricos que possam permitir uma reflexão mais ampla sobre as atividades de linguagem, confirmando essa pesquisa como sinalizadora dos novos horizontes que se descortinam para esse campo de estudos.

O segundo exemplo em destaque, ilustrativo da produção de conhecimento da Lingüística Aplicada quanto ao ensino de línguas, é a pesquisa de Terzi (1990), apresentada no II CBLA. Nela, a temática da interação verbal entre professor e aluno, presente na pesquisa de Bortoni (1988), é explorada em relação ao esquema de perguntas e respostas e sua utilização em situação escolar.

Partindo do pressuposto de que a interação entre sujeitos é fundamental para a transferência de conhecimentos e que perguntas e respostas constituem as manifestações lingüísticas predominantes nesse tipo de atividade, Terzi (1990) investiga como esse recurso lingüístico é utilizado fora e dentro da escola. A autora destaca a diferença existente entre o discurso de sala de aula e o discurso ensino-aprendizagem registrado em situações fora da escola, embora a natureza das interações nos dois casos seja potencialmente a mesma. Ou seja, nos dois casos, existe uma situação em que um sujeito detém um conhecimento e está disposto a passá-lo adiante, e existe outro sujeito que reconhece o conhecimento que lhe falta e está disposto a superar essa desigualdade. Essa situação, ocorrida naturalmente nas situações de ensino-aprendizagem do cotidiano, em situações de sala de aula costuma sofrer restrições.

Os dados da pesquisa apontam para a manutenção das situações restritivas nas interações professor-aluno em sala de aula, as quais, na medida em que constituem padrões interacionais inadequados, afastam a criança, cada vez mais, dos padrões utilizados em situações de troca naturais, levando-as a construir um conceito específico para a sala de aula, o que só faz contribuir para o descompasso entre a realidade da escola e a realidade da vida desses sujeitos.

Com esse exemplo de pesquisa, percebemos como a preocupação com o ensino e a aprendizagem amplia-se trazendo para reflexão e análise elementos não apenas específicos das questões de língua, de seu uso e de sua compreensão, mas também elementos referentes aos papéis sociais dos indivíduos implicados nas situações de troca e interação lingüística, os quais, permitindo uma visão mais ampla do conjunto de fatores que interfere nas situações de ensino e aprendizagem, contribuem para uma melhor compreensão da problemática em questão.

Ainda abordando a temática da interação verbal em sala de aula, no III CBLA, destacamos uma pesquisa de Moita Lopes (2001a) na qual se discute a relação entre práticas interacionais no ensino e cultura, procurando-se evidenciar em que medida as práticas interacionais de aprendizes escolares podem estar associadas

ao seu desempenho escolar. Pressupõem-se, nesse trabalho, as noções de que a cultura pode ser formulada em termos interacionais e de que práticas interacionais nas quais as pessoas se engajam para construir significados revelam sua cultura. Observa-se, ainda, que na medida em que as práticas podem ser diferentes, elas podem, igualmente, estar associadas a mundos culturais diferentes.

A pesquisa expressa uma preocupação com o discurso dos sujeitos, analisados sob uma visão sociointeracionista. Considera discurso e aprendizagem construções contextualizadas sócio-historicamente em relações interacionais. No contexto escolar, os padrões interacionais caracterizam a cultura escolar, representando, quase sempre, a relação assimétrica de poder que perpassa a interação professor-aluno.

Os dados revelam que o grupo de sujeitos analisados, constituído de alunos tidos como fracos, repetentes e, conseqüentemente, marginalizados diante dos padrões esperados de sucesso escolar, apresenta práticas interacionais que representam suas resistências às regras interacionais impostas pela cultura escolar, como modo, talvez, de refletir a atitude que o sistema escolar tem em relação a eles como um grupo social.

Tal comportamento parece demonstrar uma vontade de não adequação aos padrões escolares, o que reflete a consciência desse grupo sobre a falta de justificativa social para a escolarização em suas vidas. Percebe-se que esse comportamento só agrava a situação do ensino e da escola, a qual, longe de promover progresso educacional para todos, reforça, por intermédio de suas práticas interacionais, a exclusão e a diferença. O autor ainda sugere que perspectivas de mudança poderiam ser confirmadas caso atividades de natureza mais cooperativa fossem adotadas na escola como tentativa de minimizar os efeitos das interações assimétricas que caracterizam as salas de aula nas relações professor-aluno.

Outro exemplo de pesquisa, apresentada no III CBLA, que trata da interação no ensino de língua materna é a de Kleiman (1993). Pelo estudo do discurso escolar e do discurso letrado, a autora procura demonstrar que os dois últimos diferem significativamente da linguagem da criança, e que, do confronto entre esses dois modelos de linguagem, resulta uma série de diálogos truncados, conflitos e mal-entendidos com conseqüências para as situações de ensino e aprendizagem.

Assim, por intermédio da análise de trocas interacionais entre alunos e professores, no contexto escolar, observam-se as diferenças entre a linguagem da

criança e a da escola, representadas ora pelo discurso do professor, ora pelo discurso veiculado pelo livro didático. A partir dessas observações, a autora conclui que a comunicação em sala de aula é uma seqüência de diálogos truncados devido ao esvaziamento da função do professor como organizador dos conteúdos de ensino e representante da cultura letrada, a qual é substituída pela autoridade do livro didático. Embora exista interação entre professor e aluno, esta não se realiza de forma plena, resultando em uma transformação da relação social entre os participantes. As controvérsias, as falas incompletas e os diálogos truncados geram situações de conflito pois confrontam não somente modelos de linguagem diferentes (da criança e da cultura letrada, por exemplo) mas também modelos culturais diferentes, os quais, em situação de dissonância, entram o processo de ensino-aprendizagem.

Percebemos, assim, com esses exemplos de pesquisa, mais uma variação de pesquisa lingüística aplicada abordando a relação entre as questões de ensino / aprendizagem, interação e cultura. Quanto mais se aproxima do sujeito e de suas relações constitutivas com sua história, sua cultura e sua subjetividade, tanto mais a linguagem pode ser compreendida como elemento vivo que existe através daquilo que ela significa como discurso, e não apenas como forma.

Cada vez mais as pesquisas vão se preocupando em tratar das questões de linguagem, não mais de língua. Em considerando as questões de linguagem, as pesquisas preocupam-se com os sujeitos que falam, com sua cultura, com sua ideologia, com o contexto social e histórico que molda e imprime suas marcas nos usos e significados dos discursos. Cada vez mais, as pesquisas, ao procurarem compreender outras questões que interferem na compreensão das questões de linguagem, procuram igualmente compartilhar conhecimentos com disciplinas que também buscam compreender o homem em suas relações. Isso nos leva ao contexto do IV CBLA, em cujo âmbito explode o conceito de inter- e transdisciplinaridade no campo da Lingüística Aplicada.

Tendo como tema central os “Aspectos transdisciplinares da Lingüística Aplicada”, o IV CBLA, segundo Signorini (1998), além de promover um importante fórum de debates sobre a questão acima citada, proporcionou a apresentação de trabalhos de pesquisa nas clássicas subáreas de pesquisa em Lingüística Aplicada, a exemplo dos congressos anteriores. Pela primeira vez, entretanto, as áreas de concentração de trabalhos referentes às línguas estrangeiras, por um lado, e à

língua materna, por outro, deram origem a uma terceira área, de caráter misto, na qual concentraram-se trabalhos com interesses comuns a ambas.

Uma vez que as conferências, plenárias e mesas-redondas desse congresso abordaram majoritariamente questões referentes à transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada, fomos buscar nas sessões de comunicação coordenadas exemplos de pesquisas que pudessem nos dar indicações de como o eco das discussões sobre a natureza do campo de estudos poderia estar se refletindo na sua prática. Na verdade, as pesquisas apresentadas nesse congresso ainda eram reflexos das perspectivas apontadas nos três primeiros CBLAs. A primeira vez que uma grande discussão sobre a Lingüística Aplicada, em si, toma a frente dos acontecimentos acontece nesse IV CBLA. Somente nos eventos posteriores é que poderemos, de fato, perceber a amplitude de sua repercussão.

Voltando ao nosso contexto, destacamos, para efeito de nossa análise, uma dessas sessões de comunicação, cuja temática centrava-se nas questões de ensino envolvendo o sujeito surdo. Vamos apresentar rapidamente os três trabalhos que compuseram a referida sessão coordenada: o de Rojo (1995), o de Mendes (1995) e o de Cavallieri (1995).

Em seu texto, Rojo (1995) discute a relação entre linguagem e surdez no contexto educacional, afirmando que historicamente a inserção do surdo no processo educativo sempre foi baseada nas idéias de diferença e falta: diferença porque o surdo é diferente do ouvinte e falta porque a ele falta a fala. Assim, os métodos de ensino desse sujeito “diferente e faltoso” contentar-se-iam em oferecer a ele uma instrução simplificada e desacelerada, ampliando-se, cada vez mais, as “diferenças”.

A autora defende, em seu texto, de cunho mais teórico do que prático, o reconhecimento de linguagens especiais – a linguagem de sinais, por exemplo – como instrumento para ajudar no desenvolvimento cultural de crianças deficientes. Concordando com Vygotsky a respeito da singularidade da educação da criança surda, que esta pode ser definida como um desenvolvimento sob condições de “*poliglossia*”, a autora sustenta que se abrem

[...] novas perspectivas de investigação sobre a gênese da(s) linguagen(s) na surdez e sobre as relações entre essas diferentes modalidades de fala (oral, escrita e gestual) na aculturação e na educação do surdo. [...] a investigação da poliglossia na surdez

deverá ser feita a partir da materialidade das linguagens postas em circulação e é aí que a Lingüística, a Sócio e a Psicolingüística, a Semiologia e a Semiótica podem ser convocadas a intervir, caracterizando uma empresa interdisciplinar (ROJO, 1995, p. 192).

Não menos importante, no texto da autora, é a idéia de que, implicadas nos modelos de ensino da criança surda, subjazem questões sociais e de identidade que interferem na inserção e aceitação dos deficientes nas sociedades padronizadas e normatizadas.

A pesquisa de Mendes (1995) dá continuidade à temática discutida na sessão, abordando, por sua vez, as práticas da alfabetização do surdo. É enfatizado que a premissa de todo estudo que se dedique a questões de letramento desse tipo de sujeito deve ser a de que o surdo necessita ser compreendido como “sujeito de linguagem” e em seu processo peculiar de desenvolvimento. Nesse sentido, faz-se necessário, segundo o autor, rediscutir os métodos pedagógicos/reabilitativos voltados ao surdo com vistas a, por um lado, produzir uma reflexão teórica no campo do estudos sobre bilingüismo e, por outro, promover a língua de sinais atribuindo-lhe o *status* de língua, e não mais de “forma de comunicação deficitária”.

Ao olhar para o surdo como um sujeito de linguagem, a perspectiva dessa pesquisa atribui importância não somente à linguagem mas ao contexto sociocultural que aponta

[...] um novo lugar para se olhar o surdo. Um lugar onde linguagem e cultura constituem-se mutuamente e, assim, constituem o sujeito sócio-histórico, e não mais uma deficiência (MENDES, 1995, p.198).

O autor defende, portanto, a “*normalização da língua de sinais*” como uma prática discursiva que, em vez de tentar “*normalizar*” o surdo nas práticas discursivas e languageiras dos não deficientes, normaliza a língua com a qual ele se comunica de forma que ele possa ser visto em sua diferença, como um sujeito social surdo, e não mais em uma relação de desigualdade, como um deficiente auditivo.

Buscando tecer considerações sobre aspectos interacionais em sala de aula de crianças surdas, Cavallieri (1995) fecha a sessão coordenada apontando a necessidade de se discutir como diferentes modalidades de linguagem aparecem relacionadas nas interações em sala de aula, tendo em vista a existência de diferentes metodologias de ensino para crianças surdas.

Segundo a autora, o mesmo esforço de pesquisa que se faz para descrever padrões interacionais nas salas de aula, de forma a compreender o sujeito-professor e o sujeito-aluno em suas singularidades e em suas relações, na sua condição de elementos interferentes no processo de ensino-aprendizagem da escola regular, deve ser empreendido em relação à escola especial.

A partir de dados coletados em uma escola especial para crianças surdas cujo método propõe-se a lançar mão de diferentes estratégias (tais como a linguagem oral, a linguagem escrita, a língua de sinais, os gestos expressivos, a expressão facial e corporal e outras...) encaradas como diferentes formas de linguagem utilizadas na educação do surdo, a autora percebe que os múltiplos sistemas semióticos são utilizados por essas crianças quanto mais complexo e difuso o objeto em discussão se faz perceber. Nessa construção de um significado que faça sentido para esses sujeitos, a interação em sala de aula e o uso das múltiplas estratégias comunicativas contribuem para a construção da própria linguagem em uso por esses sujeitos e, conseqüentemente, deles próprios.

Os trabalhos que ora escolhemos analisar como ilustrativos da produção apresentada no IV CBLA na área do ensino de língua nos mostram como, cada vez mais, a Lingüística Aplicada abre espaço para diversificar o estudo da linguagem em uso nos diferentes contextos individuais, sociais e históricos em que ela é produzida.

Questões de ensino de línguas passam a ser igualmente questões de identidade, de melhoria de lugar social, de diversidade e de igualdade de oportunidades. A pesquisa que se desloca, definitivamente, do pólo da língua para o pólo da linguagem aproxima-se dos sujeitos e de sua vida e, conseqüentemente, pode contribuir para a compreensão de como a linguagem desempenha papel fundamental na construção e constituição de “realidades sociais”.

Nesse caminhar, chegamos a 1998, ano em que se realiza o V CBLA²⁵, evento que, na esteira das perspectivas levantadas no congresso anterior sobre as interfaces de trabalho entre a Lingüística Aplicada e outras Ciências Humanas, apresenta mais de 300 trabalhos de pesquisa em diferentes subáreas de interesse.

Fazendo jus aos ares transdisciplinares que sopram no campo da Lingüística Aplicada, a comissão organizadora faz questão de salientar que outras disciplinas

²⁵ Os anais completos do V CBLA, contendo programação e resumos de todos os trabalhos submetidos (das conferências às comunicações individuais) são publicados pela ALAB e pela UFRGS, sede do evento.

como a lingüística, a sociologia, a informática, a estatística, a antropologia, a psicanálise, a psicologia e as ciências da educação contribuem para a diversidade de trabalhos de pesquisa e de enfoques abordados no congresso. Se isso, por um lado, não se traduz no surgimento de novas subáreas temáticas, por outro, aponta para a ampliação dos temas e das perspectivas de trabalho no campo da Lingüística Aplicada como um rumo que confirma essa nova visão interdisciplinar, postulada pelo campo em sua trajetória evolutiva.

Mesmo sem uma divisão didática de novas subáreas de interesse, as quais seguem organizadas segundo a clássica divisão em áreas de ensino-aprendizagem de língua materna, línguas estrangeiras, tradução e educação bilíngüe, um olhar cuidadoso para o título dos trabalhos faz ressaltar a diversidade de temas que têm sido tomados como objeto de estudo. Cada vez mais, revela-se, na interface com outras disciplinas e na diversidade dos objetos de estudo, a possibilidade de criação de novas subáreas de pesquisa. A ampliação que, nesse congresso, começa como uma perspectiva, consolidar-se-á nos eventos seguintes, fato que não deixará de ter reflexos sobre o campo de estudos como um todo (V CBLA, Programa e Resumos, 1998).

Relembrando que, no contexto deste capítulo, estamos procurando abordar a pesquisa no campo da Lingüística Aplicada circunscrita à subárea do ensino de línguas, vamos buscar nos anais do V CBLA, nas pesquisas apresentadas sob o formato de mesas-redondas, alguns exemplos representativos, que passamos a descrever.

Moita Lopes (1998b), em uma mesa-redonda intitulada "*Identidade social e práticas de linguagem*", analisa o discurso da narrativa de estudantes do sexto ano do ensino fundamental público, em aula de língua materna, com o objetivo de mostrar como essa estratégia de ensino evidencia a construção das identidades sociais dos sujeitos envolvidos na narrativa por meio do modo como eles se posicionam, posicionam os participantes do discurso no mundo da narrativa e relacionam as culturas da escola e as suas próprias no contexto em que vivem. Em sua pesquisa, o autor aborda o tema da diferença (de classe social, raça, gênero etc) sob uma perspectiva teórica socioconstrucionista, na qual relaciona discurso e identidade, salientando o papel desempenhado pela escola na construção das visões de mundo dos alunos, no modo como eles se representam e representam os outros.

Na mesma mesa-redonda, Magalhães (1998) discute, em sua comunicação, a formação continuada de professores como um meio de conscientização destes e de transformação de sua identidade profissional. Baseada na compreensão de que as atividades sociais mediadas pela linguagem são constitutivas da ação humana e permeadas por juízos de valor, a autora justifica a abordagem de sua pesquisa explicitando que sessões de discussões entre professores e pesquisador podem formar professores reflexivos capazes de questionar sua prática e a si mesmos, seus valores, suas representações sobre o ensinar e o papel do professor no processo do ensino, bem como sobre o processo de aprendizagem dos alunos com os quais interagem em sala de aula.

Na mesa-redonda intitulada “*O papel das línguas estrangeiras na criação de uma política lingüística na América Latina*”, destacamos o trabalho de Bohn (1998b) no qual o autor apresenta uma discussão sobre conceitos como globalização, interculturalidade e capacidade lingüística relacionados ao ensino de línguas e aos discursos políticos e acadêmicos que o definem, identificam e perpassam. Sua proposta é a de discutir criticamente esses conceitos diante de uma proposta educacional brasileira que considere sua diversidade de recursos, necessidades de uso de língua, respeito às diferenças regionais e direitos lingüísticos das comunidades e dos indivíduos.

Na mesma mesa-redonda, destacamos ainda o trabalho de Menezes (1998) no qual são abordadas as mudanças radicais ocorridas no contexto educacional dados os avanços tecnológicos que têm transformado os modos de comunicação, especialmente a internet. Lembrando que por meio da internet (considerando-se as particularidades de seu uso) tornou-se possível o contato oral e escrito com falantes de diversas línguas, a autora registra uma mudança nos paradigmas tradicionais de interação em sala de aula, o que acarreta a necessidade de se repensar não somente a política de ensino das línguas estrangeiras mas de se pensar uma política de educação continuada que atente para as evoluções e transformações tecnológicas atuantes nas sociedades.

A terceira mesa-redonda em destaque intitulou-se “*Discurso e heterogeneidade*” e dela vamos comentar a pesquisa apresentada por Coracini (1998), na qual a autora apresenta resultados parciais de um projeto que objetiva realizar uma análise discursiva do ensino-aprendizagem da linguagem escrita em língua materna e estrangeira. Explica a autora que a relação entre as pesquisas em

Lingüística Aplicada sobre ensino/aprendizagem e a prática efetiva de sala de aula é encarada, costumeiramente de modo simplista, reforçando uma suposta, e muitas vezes desejada, homogeneidade entre o que se teoriza nos estudos e o que ocorre na prática de sala de aula, e camuflando, por sua vez, a heterogeneidade constitutiva dessa relação. No recorte de sua pesquisa, e com o objetivo de analisar a relação teoria-prática entre a Lingüística Aplicada e a sala de aula no que diz respeito ao ideal do sujeito consciente, a autora apresenta textos acadêmicos publicados em revistas especializadas da área, analisa livros didáticos, aulas de língua materna e estrangeira e produções escritas de alunos do ensino fundamental e médio.

Por fim, da mesa-redonda intitulada “*Língua(s), discurso e construção da identidade*”, destacamos o trabalho de pesquisa de Serrani-Infante (1998) que, inserido em um projeto amplo de estudos sobre as representações identitárias no discurso de enunciadores bi/multilíngües, apresenta uma discussão sobre o papel das identificações na produção-compreensão em língua estrangeira. A abordagem da pesquisa pretende ser transdisciplinar na medida em que recebe contribuições da Análise do Discurso e da Psicanálise. A partir de três estudos de caso nos quais os enunciadores de uma dada língua materna falam de sua relação com uma língua estrangeira, a autora mostra de que modo os fatores identitários, responsáveis pelo modo como os indivíduos se relacionam com as línguas estrangeiras, trazem implicações para o processo de ensino-aprendizagem destas.

O V CBLA apresentou seis mesas-redondas, dentre as quais estão incluídas as quatro mesas acima citadas. Percebe-se que os enfoques das pesquisas estão sendo ampliados, e a busca por uma reflexão compartilhada com outras ciências parece tomar força na medida em que conceitos como interação, identidade, papel social, consciência crítica e interculturalidade começam a ser discutidos nas suas relações com a linguagem. Outros enfoques que começam a tomar força e ganhar visibilidade nesse congresso são as temáticas ligadas à relação linguagem x tecnologia nas suas implicações para o ensino-aprendizagem ao lado daquelas relacionadas com as políticas lingüísticas. Na medida em que se adota uma concepção de linguagem como constitutiva da realidade social, nada mais pertinente para a área da Lingüística Aplicada do que posicionar-se frente aos conceitos e argumentos que definem as políticas lingüísticas, no caso das agendas para o campo da Lingüística Aplicada e, sobretudo, no tocante ao ensino. Nos congressos

subseqüentes, tais temáticas terão, cada vez mais, espaço e visibilidade, em razão de sua relevância.

Em 2001, o VI CBLA, evento que propõe como tema norteador dos trabalhos a abordagem da linguagem como prática social, marca, a começar por seu título, a definitiva abertura do campo da Lingüística Aplicada para pesquisas sobre as mais variadas situações e atividades onde a linguagem em uso possa estar sendo problematizada. Ainda identificando pesquisas em língua estrangeira, em língua materna, sobre tradução e sobre bilingüismo, outras questões adquirem relevância e tornam-se objeto de estudo acarretando o surgimento de novas subáreas de pesquisa e enriquecendo a produção do conhecimento da Lingüística Aplicada.

Dessa forma é que encontramos, por exemplo, trabalhos relacionados com a questão do Ensino, que dizem respeito a uma ampla gama de temáticas, tais como:

- Identidade e ensino de línguas;
- Interação e aprendizagem de língua estrangeira: aspectos socio-culturais;
- Aprendizagem de línguas mediada por computador;
- Discursividade e ensino de línguas: dos mecanismos que afetam a subjetividade a propostas de maior espaço para reflexão;
- Do contexto cultural à prática da aprendizagem autônoma;
- Estratégias pedagógicas e de aprendizagem no ensino de línguas nos contextos presencial e virtual;
- Estudos de representações em campos diversos da pedagogia de línguas;
- Linguagem empresarial;
- Subjetividade e construção de sentidos na escrita em línguas materna e estrangeira: desafios para a Lingüística Aplicada;
- Perspectivas de interação e aprendizagem em ambientes virtuais.

Nesses exemplos, é possível perceber em quantas direções tem se disseminado a pesquisa em Lingüística Aplicada: identidade, subjetividade, interação, práticas discursivas, ambientes virtuais, estudos sobre representação, cultura, linguagem e trabalho etc. Tantos e diversos são os enfoques que caracterizam a atividade do lingüista aplicado que este expande seus domínios, circunscritos nos primeiros tempos às questões de ensino e aprendizagem em âmbito escolar, e enfrenta as demandas da vida real buscando criar inteligibilidade sobre os fenômenos de linguagem, onde e em relação a que sujeitos eles acontecem.

Um bom exemplo da produção de conhecimento da Lingüística Aplicada nesse contexto e momento histórico é a pesquisa de Barcelos (2004), apresentada em uma das dez sessões plenárias do evento.

A autora centrou-se na reflexão acerca do conceito de crenças sobre a aprendizagem de línguas dentro da Lingüística Aplicada e suas implicações para o ensino, com foco mais específico nas pesquisas sobre crenças de alunos.

Destacando que a pesquisa sobre crenças só começa a ser realizada no Brasil em meados da década de 90 do século passado, seguindo uma tendência iniciada no exterior dez anos antes, a autora defende seu interesse pelo tema na medida em que concorda com autores que afirmam que “nenhuma instituição ou relacionamento humano pode ser adequadamente entendido, a menos que consideremos as suas expectativas, valores e crenças” (BREEN apud BARCELOS, 2001, p. 125)

Assim sendo, o interesse por pesquisar “crenças” ganha força no campo da Lingüística Aplicada quando ocorre uma mudança de enfoque: há um deslocamento da língua como produto para a linguagem como processo, no interior do qual o sujeito (o aprendiz) passa a ocupar lugar central na medida em que é encarado como um indivíduo múltiplo em suas características subjetivas, cognitivas e emocionais e em seus valores e costumes sociais, étnicos, políticos, de gênero etc. Todas essas mudanças trazem, obviamente, reflexos, para as crenças dos aprendizes em relação ao ensino de línguas e também para as práticas elaboradas para realizar esse ensino.

Considerando que o conceito de “crença” não é próprio do campo da Lingüística Aplicada, a autora revela a dimensão transdisciplinar de sua pesquisa na medida em que vai buscar apoio em outras ciências, como a antropologia, a sociologia, a psicologia, a educação e a filosofia, nas quais esse conceito é estudado há mais tempo.

Segundo a autora, quer o conceito de crenças sobre aprendizagem de línguas esteja associado a noções do que seja a linguagem e do que seja ensinar a linguagem, quer ele esteja associado mais ao aspecto cultural e social significativos para compreender o aluno e o modo como ele interpreta suas experiências, percebe-se uma grande relação entre o conceito de crenças e a cultura de sala de aula.

No contexto do ensino de línguas, isso implica considerar que, primeiramente, há uma relação entre crenças e ações, ou seja, por serem dinâmicas, elas tanto influenciam as ações dos indivíduos como são influenciadas por esse processo.

Em segundo lugar, é preciso considerar a sala de aula como o contexto ideal para o questionamento de alunos e professores a respeito de suas próprias crenças e das que permeiam a literatura e as instituições sobre o ensino, proporcionando, assim, a emergência de indivíduos (professores e alunos) críticos e reflexivos.

Por fim, é preciso estar preparado, no contexto da sala de aula, para lidar com as diferentes crenças e possíveis conflitos que possam surgir das diferenças. Nesse sentido, a compreensão e o estudo das crenças devem fazer parte do arcabouço teórico do futuro professor de línguas.

A segunda plenária em destaque no âmbito desse VI CBLA ajuda a ilustrar a pluralidade de enfoques que tem sido característica da pesquisa no campo da Lingüística Aplicada, dadas as suas transformações. Estamos nos referindo ao trabalho apresentado por Moita Lopes (2001b), que, em uma pesquisa de natureza etnográfica em contexto de letramento escolar, investiga a construção da masculinidade na escola. Na medida em que os discursos de meninos e meninas sobre a masculinidade refletem os discursos de outras instituições às quais pertencem esses sujeitos – como a mídia, a família, a instituição religiosa, entre outras –, a pesquisa procura evidenciar a relação existente entre discurso e corpo como elemento que interfere na tentativa de se construir os homens como membros de uma comunidade imaginada.

As análises apontam para um efeito do discurso sobre o corpo e apontam o corpo como um espaço para a construção das masculinidades, a qual, na instituição na qual se realizou a pesquisa, parece acontecer de modo a revelar apenas a construção da masculinidade hegemônica, contradizendo algumas teorias sociais que indicam que mudanças de natureza social, política, econômica e tecnológica da sociedade afetam o modo como se vive a vida privada, como, por exemplo, no modo como se lida com questões de gênero, de sexualidade, etc.

Identificando o espaço da escola como um contexto de construção da vida social e das identidades, o autor argumenta sobre a necessidade de se refletir sobre as práticas escolares de letramento, para que os discursos possam fazer emergir um sentido de identidade não somente no contexto da história e da cultura como também no contexto institucional.

A tendência da Lingüística Aplicada à ampliação de suas fronteiras investigativas consolida-se, de fato, no âmbito do VII CBLA que, em sua apresentação, já se postula que o evento

[...] está organizado de modo a abarcar uma variedade de olhares e pontos de vista que, por um lado, panoramicamente, permitam perceber que caminhos percorre a Lingüística Aplicada no Brasil e, por outro, prospectivamente, mapear os novos rumos investigativos que se tem delineado, no país.” (FREIRE (Org) VII CBLA. Programa e Resumos, 2004).

Os 669 trabalhos apresentados nesse congresso, distribuídos em diferentes vertentes investigativas, objetivaram apontar os novos caminhos da pesquisa no campo da Lingüística Aplicada no Brasil. Ao buscarmos vertentes que concentrassem trabalhos de pesquisa relacionados ao Ensino de Línguas, observamos a distribuição destes espalhados nas mais variadas subáreas. Algumas delas, clássicas quando se trata do ensino, são, obviamente, contempladas com muitos trabalhos, como é o caso de “Práticas docentes e ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras” e “Formadores e formação de professores”.

Algumas novas perspectivas de estudo para o campo do ensino também concentram pesquisas que aparecem organizadas segundo os títulos “Tecnologia e ensino” e “Interação, aprendizagem e autonomia”.

Mesmo nas áreas com as quais a questão do ensino não parece estar diretamente relacionada, como, por exemplo, no caso das “Práticas identitárias e ideologias”, há trabalhos cujo enfoque é a sala de aula.

É interessante perceber ainda que, de um modo geral, essas vertentes não estão separando a questão do ensino-aprendizagem voltada apenas para a língua materna ou para a língua estrangeira (somente uma das doze vertentes investigativas propostas pela organização do congresso especifica claramente a concentração de trabalhos em língua estrangeira), mas estão abordando aspectos pertinentes à temática, proporcionando uma visão mais ampla das questões que interferem, na contemporaneidade, nas práticas sociais construídas na escola.

Como contribuição para o panorama que estamos apresentando sobre a pesquisa da Lingüística Aplicada, no campo geral do ensino de línguas, vamos comentar dois trabalhos apresentados nesse sétimo CBLA: o primeiro, em uma sessão plenária, e o segundo, em uma mesa-redonda.

Iniciamos com o trabalho de Collins (2004), inserido na vertente que discute a tecnologia em sua interface com a educação. A pesquisa enfoca o contexto do ensino-aprendizagem a distância, realizado em ambiente virtual adotado em um programa de formação continuada de professores de língua. Interessada em abordar a problemática da interação e do desenvolvimento do pensamento crítico no programa de formação desses professores – procedimentos que nas sessões interativas assíncronas via internet raramente acontecem nos níveis esperados pelos formadores –, Collins (2004) apresenta uma proposta de intervenção destinada a transformar sessões assíncronas de discussão e produção conjunta em espaços de contribuições integrativas e resolutivas.

Segundo a pesquisadora, espera-se que as discussões on-line possam permitir o aprofundamento do pensamento crítico, a negociação de significados, o desenvolvimento de argumentação, a integração de informações e a resolução de problemas.

Embora não tenhamos tido acesso aos dados conclusivos da pesquisa, que, segundo Collins (2004, p.37), “tem implicações importantes para a pesquisa sobre interação e desenvolvimento do pensamento crítico em contextos de ensino-aprendizagem na *Web*”, entendemos que a temática abordada é sinalizadora das novas faces da pesquisa em Lingüística Aplicada, encarada em uma dimensão que procura inserir a sua prática científica na realidade dos meios e contextos nos quais a linguagem se faz presente.

Considerando as características da sociedade contemporânea, produtora e consumidora de tecnologias que encurtam distâncias (pelo menos, as físicas) e transformam as interações entre os indivíduos, das profissionais e intelectuais às emocionais e afetivas (BAUMAN, 2004), nada mais pertinente do que questionar as realidades tecnológicas e educativas em suas implicações para o desenvolvimento do indivíduo.

A segunda pesquisa em destaque, inserida na vertente que se propõe a investigar as práticas identitárias e sua relação com a ideologia, corresponde ao trabalho apresentado por Grigoletto (2005) no qual se discute a importância da dimensão simbólica na constituição da identidade do professor e do aluno brasileiro de língua estrangeira. A autora argumenta que a identificação simbólica dos sujeitos com um lugar ideologicamente construído, que delimita determinadas características

identitárias para um indivíduo ou grupo, tem efeitos sobre os discursos desse indivíduo ou grupo e sobre sua constituição identitária.

Para Grigoletto (2005), há, no Brasil, a construção histórico-ideológica de um discurso de comparação (muitas vezes de inferioridade) como mecanismo de subjetivação entre o que é próprio desse país, de sua vida e de seu povo e o que é próprio de outros povos e nações.

Analisando textos políticos-educacionais sobre o ensino de língua estrangeira no Brasil e enunciações de professores e alunos sobre línguas e identidades nacionais, a autora percebe o aparecimento de discursos, tais como: “[...] para ser um bom professor seria necessário falar como um nativo [...] e isso é praticamente impossível” ou “[...]o ensino de línguas estrangeiras deve alcançar o nível de países avançados” (GRIGOLETTO, 2005, p. 59-60). Esses discursos são indicativos do modo como a ideologia da comparação interfere na constituição identitária desses sujeitos em relação a si próprios e ao ensino.

Ainda segundo a autora, a ideologia da comparação leva à emergência de um discurso da falta (falta de competência, falta de aptidão, falta de treino etc.) muito comum em aprendizes e professores de língua estrangeira, com conseqüências problemáticas para o ensino de línguas.

7.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

A pesquisa em Lingüística Aplicada ganhou novas cores desde seu surgimento.

O que começou como uma aplicação de conceitos da Lingüística teórica sobre o ensino-aprendizagem de línguas, inicialmente estrangeiras e, em seguida, materna, aos poucos foi se transformando em campo de estudos preocupado com questões de linguagem, não apenas de língua, em uso nos diversos contextos sociais, e não apenas na escola. Mesmo que mantendo-se inicialmente nos limites dos estudos com a linguagem verbal, aos poucos esse campo de estudos avança em suas fronteiras disciplinares e passa a produzir conhecimentos subsidiados por áreas de conhecimento que compartilham interesses em relação à emergência e à constituição da linguagem nos diversos contextos da vida social. Configura-se,

assim, a natureza interdisciplinar da Lingüística Aplicada, característica que a acompanha até hoje (OLIVEIRA, 2006).

Na contemporaneidade, os discursos sobre o modo de operar da Lingüística Aplicada remetem para um campo, sem dúvida, autônomo (CELANI, 1992; 1998), transdisciplinar (CELANI, 1998; MOITA LOPES, 1998; SIGNORINI, 1998), político (RAJAGOPALAN, 2003; 2006) e, sobretudo ético (MOITA LOPES, 2006; CAVALCANTI, 2006). Alguns desses atributos já são conquistas; outros, acreditamos, ainda estão se concretizando nas pesquisas que alimentam a produção do conhecimento desse campo de estudos, tanto no âmbito teórico quanto no prático.

Há uma voz que ganha força nos discursos que tratam dos modos de produzir conhecimento em Lingüística Aplicada, nos tempos atuais, segundo a qual fazer pesquisa não se separa de fazer política nem tampouco da assunção de um posicionamento ético. Essa voz ecoa tanto na esfera internacional (PENNYCOOK, 2006; RAMPTON, 2006; KUMARAVADIVELU, 2006) quanto na esfera nacional (MOITA LOPES, 2006; RAJAGOPALAN, 2006; CAVALCANTI, 2006), anunciando a necessidade de implicar pesquisa e pesquisador no conhecimento que se produz. A pesquisa no campo da linguagem produzida pela Lingüística Aplicada deve ajudar a compreender a linguagem que constrói a realidade, e não apenas desejar mostrar aquilo que a primeira é capaz de representar da segunda.

A pesquisa, ainda segundo essa perspectiva, é a produção de um conhecimento imerso na vida e na natureza humana do sujeito, que dá voz às subjetividades em quaisquer contextos onde essas vozes possam se fazer ouvir. Essa perspectiva, é claro, é política na medida em que vai requisitar de seus autores um posicionamento, no mínimo, questionador, das verdades e estruturas estabelecidas no campo da ciência. E essa perspectiva é ética porque, nos posicionamentos assumidos, revela-se a responsabilidade da pesquisa e do autor para consigo e para com os outros, para com seu objeto de estudo e para com a comunidade a quem ele responde com seu trabalho.

Sob essa perspectiva de atuação, procuramos, por meio das pesquisas selecionadas neste capítulo, exemplificar a produção do conhecimento recente do campo da Lingüística Aplicada, no Brasil, com o objetivo de avaliar até que ponto as pesquisas de campo retratam a postura teórica que o caracteriza. Ou seja, um campo de estudos que se queira autônomo, transdisciplinar, ou mesmo indisciplinar

(MOITA LOPES, 2006) - no sentido de caracterizar uma prática problematizadora, um posicionamento crítico cujo objetivo seja o de desestabilizar conceitos teóricos ou metodológicos cristalizados e avançar por interfaces interdisciplinares. Um campo de estudos, igualmente, político e ético deve fazer valer esses valores, na pesquisa que ele produz.

Percebemos, no decorrer das análises, que dizer e fazer não estão no mesmo compasso, o que, para nós, é até natural, uma vez que entendemos ser necessário, em todas as transformações, um tempo de maturação cognitiva das idéias e um tempo de concretização das realizações (no caso da pesquisa, por exemplo, há de se contar o tempo de sua execução, bem como o tempo de redação e publicação do texto para a comunidade).

O primeiro indício dessa constatação nos vem das datas de publicação dos trabalhos, que, muitas vezes, são apresentados nos congressos em primeira versão e, posteriormente, reestruturados e revisados para publicação. Observa-se, nesse procedimento, o primeiro descompasso.

O segundo descompasso nos parece ser da ordem da maturação das idéias e dos conceitos orientadores da prática científica em relação ao desenvolvimento do campo de estudos. Nos primeiros três CBLAs, parece ficar marcada a tendência a descrever o campo de estudos da Lingüística Aplicada como um campo que procura desvincular-se da relação umbilical com a Lingüística, deixando para trás, definitivamente, a visão aplicacionista que o caracterizava em suas origens. Começam a surgir as primeiras discussões sobre inter- e transdisciplinaridade, e, no campo do ensino, as pesquisas, até então bastante centradas no ensino da leitura, das práticas textuais, da gramática e da competência comunicativa, ampliam-se com a temática da interação, que vai trazer para a cena o discurso da sala de aula, entre professor-aluno, levantando questões de relação de poder (BORTONI, 1988; MOITA LOPES, 2001a; KLEIMAN, 1993), de formação identitária (MOITA LOPES, 1998b) e de estratégias discursivas dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem (TERZI, 1990), em diversos contextos (ROJO, 1995; MENDES, 1995; CAVALLIERI, 1995).

A partir do IV CBLA, com a explosão da discussão sobre a transdisciplinaridade da Lingüística Aplicada e o conseqüente avanço na posição de um campo de estudos autônomo, a pesquisa no campo do ensino avança na busca de compreensão dos diversos usos sociais que se fazem da língua, dando

visibilidade a uma concepção de linguagem como prática social (VI CBLA) ou apostando na diversificação das vertentes investigativas do campo de estudos na contemporaneidade (VII CBLA).

Pesquisas abordando as políticas lingüísticas no ensino (BOHN, 1988b), a relação tecnologia e ensino (MENEZES, 1988; COLLINS, 2004), a constituição da identidade individual e coletiva na escola (CORACINI, 1998; MAGALHÃES, 1988; SERRANI-INFANTE, 1998) e a ideologia que perpassa o contexto do ensino (BARCELOS, 2004; GRIGOLETTO, 2005) são exemplos dos caminhos por onde a Lingüística amplia sua trajetória.

Reverendo esse levantamento, o descompasso entre a produção do conhecimento da Lingüística Aplicada e o discurso orientador do campo de estudos, levantado anteriormente, não nos parece um elemento negativo. Pelo contrário, o campo de estudos sinaliza para uma determinada prática, e aqueles que aderem a esta transformam a sua própria prática (*a posteriori*, é claro), redescobrem seu fazer, reinterpretam seu modo de teorizar, reinventam a vida.

Acreditamos que uma determinada vertente da Lingüística Aplicada tem procurado reinventar-se e, nesse sentido, entendemos que a busca por um campo de estudos com aquelas características citadas anteriormente, autônomo, transdisciplinar, político e ético, tem, na medida do possível, encontrado seu lugar. Pesquisadores (MOITA LOPES, 2007; CAVALCANTI, 2007) estão aplicando as novas lentes com as quais vêem o campo da Lingüística Aplicada sobre suas pesquisas anteriores, no sentido de reinterpretá-las à luz de um contexto social que se transformou, que transformou os objetos de estudo e para os quais cabe uma nova compreensão.

O projeto de futuro que antevemos para a Lingüística Aplicada passa, conforme diz Moita Lopes (2006, p. 104), por “reinventar a vida social, assim como a LA como forma de compreendê-la, de modo a poder imaginar novas ações políticas”, e, acrescentaríamos, de modo a constituir-se, verdadeiramente, como campo ético.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)”. Mikhail Bakhtin, 2003. p. 410.

Iniciei este trabalho fazendo perguntas sobre a natureza da pesquisa em Lingüística Aplicada, sobre suas práticas discursivas, sobre as vozes que emergem da produção científica desse campo de conhecimento, sobre seus significados e valores. Se considerarmos que as perguntas essenciais da vida do homem são “quem somos?”, “de onde viemos?” e “para onde vamos?”, as perguntas que faço a respeito da Lingüística Aplicada são essenciais para a compreensão de sua vida.

Ao longo deste trabalho foi possível acompanhar a trajetória de vida dessa disciplina que de aplicação da Lingüística tornou-se Lingüística Aplicada. Sua condição autônoma firmou-se e consolidou-se com o decorrer dos anos e com a diversificação de suas pesquisas. A Lingüística Aplicada de hoje é, reconhecidamente, um campo de estudos estruturado em bases próprias.

Essas bases foram construídas a partir das pesquisas sobre o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, inicialmente, e, de língua materna, em seguida. Concomitantemente a estas, pesquisas sobre tradução e estudos bilíngües ocuparam seu espaço. Sobre essas bases, desenvolveram-se e ampliaram-se as perspectivas de estudo, e, principalmente, a partir de uma concepção de linguagem apontando para as práticas discursivas sociais, novos subtemas ocuparam a cena da pesquisa em Lingüística Aplicada.

Com o deslocamento do pólo da língua para o pólo do discurso e com a perspectiva de estudar a linguagem em uso nas práticas sociais, abre-se espaço para o estudo das identidades, dos gêneros, da mídia e das novas tecnologias. O estudo da linguagem expande a realidade da escola, ultrapassa o contexto educacional e ganha o mundo do trabalho, o mundo da mídia, o mundo virtual, o mundo intercultural, apresentando-se como alternativa para a compreensão das questões de linguagem nos diversos contextos da vida.

As metodologias de pesquisa buscam adequar-se às novas perspectivas de estudo, e o paradigma quantitativo da pesquisa experimental passa a conviver com o paradigma qualitativo da pesquisa interpretativista. As teorias de referência para a compreensão do objeto de estudo também se diversificam; a convivência com múltiplos olhares confere à área uma qualidade transdisciplinar.

Assim encontramos a Lingüística Aplicada nos anos 2000. A trajetória de auto-afirmação consolidada não basta (felizmente) para esse fervilhante campo de estudos que continua a reinventar-se. Algumas vozes fazem eco com outras que, de campos científicos diferentes, se preocupam com o estudo do ser humano em suas diferentes realidades. Os tempos são de transição, transição paradigmática entre a modernidade com a figura do paradigma dominante da ciência moderna, e a pós-modernidade com o “paradigma emergente do conhecimento prudente para uma vida decente” (SANTOS, 2007, p. 16).

Essas vozes sinalizam uma aproximação do conhecimento com a vida. Essa aproximação coloca, na ordem do dia, a ética que, por sua vez, só será contemplada se a responsabilidade de cada um para consigo e para com o outro for sua pré-condição de existência. A ciência tem, na produção do conhecimento, o seu dever. Entretanto, todo conhecimento infinito que ela é capaz de produzir pode se dar, apenas no nível da teoria ou igualmente no nível da responsabilidade. A ciência ética é aquela que une os dois níveis pois, fazendo brilhar a luz do valor sobre o conhecimento teórico, ela o transforma em um conhecimento não-indiferente, responsivo e responsável, um conhecimento ético (BAKHTIN, 1993, 1997).

Entendemos que esse é um desafio posto para a Lingüística Aplicada no novo milênio. Um olhar diferenciado para a pesquisa e para o objeto de estudo, entretanto não se constitui em única opção para esse campo de estudos. Podemos, sem dúvida, defender (e, de fato, é o posicionamento deste trabalho) esse modo de operar na pesquisa em Lingüística Aplicada, mas não podemos ignorar outros modos. A defesa de uma única verdade cai na armadilha do monologismo. Nossa perspectiva é dialógica. Em conformidade com ela, podemos discordar de outras visões, mas não podemos ignorá-las: a cada uma, a sua responsabilidade de existir, agir e viver no mundo. Na dimensão ética não há álibi para o ser. Mesmo o ato do conhecimento deve ser vivido e afirmado valorativamente na unidade do ser (BAKHTIN, 1993, 1997).

Na contemporaneidade, o modo de operar da Lingüística Aplicada que emerge dos discursos analisados neste trabalho vai ao encontro de um posicionamento não-indiferente diante de questões políticas e sociais, em busca de uma dimensão ética para o campo de estudos, porque estas são questões implicadas diretamente na vida e na existência dos indivíduos.

Portanto a questão sobre o que se “deve” fazer no campo da pesquisa é uma escolha ética. O dever é uma atitude de consciência que rege os sujeitos, mas não existe no plano puramente teórico. Dizer o que a ciência “deve” fazer, o que a Lingüística Aplicada deve pesquisar e como deve fazê-lo, é uma escolha que implica uma responsabilidade, e para ela não há álibi possível. Pensar em escolhas para esse campo que se baseiem “na exclusão de significados que causem sofrimento humano ou significados que façam mal aos outros” (MOITA LOPES, 2006b, p. 103) ou que se baseiem no oposto disso é também uma escolha.

Dessa forma, na minha prática como lingüista aplicada, posso escolher olhar para a linguagem do alto da “torre de marfim da cidade das letras” (GERALDI, 2005, p. 5) ou posso mergulhar no mundo da vida e procurar compreender a linguagem como constituinte da realidade e da subjetividade humana, humanizando, assim, o meu fazer e o meu dizer.

De acordo com Gomes de Matos (2007), dentre os muitos adjetivos que têm sido usados para nomear o modo de fazer e pensar a Lingüística Aplicada contemporaneamente – híbrida, ideológica, mestiça, sócio-histórica, transgressiva –, falta o adjetivo humanizadora, pois, ao engajar-se nas questões políticas e sociais que perpassam a vida dos sujeitos, o lingüista aplicado humaniza sua prática e qualifica sua ciência como uma ciência humana. Entretanto, também essa é uma escolha.

Como dissemos no início, levantamos questões essenciais para a compreensão da vida: “quem somos?”, “de onde viemos?”, “para onde vamos?”

No que se refere à vida da Lingüística Aplicada, acredito que, nos dias atuais, é possível responder (e este trabalho contribui com essas respostas), com tranqüilidade, quem ela é e de onde ela veio. Em contrapartida, a terceira pergunta: “para onde ela vai?”, ainda tem respostas em aberto. Os caminhos e os desafios estão postos e, na medida da responsabilidade de cada um e de todos, poderão ser concretizados. Mas essa é uma outra conversa. Ousando plagiar Bakhtin, “questão do grande tempo”!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, João Carlos Paes. Maneiras de Compreender Lingüística Aplicada. **Letras** (Lingüística Aplicada). UFSM, n. 2, p. 7-14, jul/dez. 1991.

_____. **Lingüística Aplicada, Aplicação de Lingüística e Ensino de Línguas.** Conferência.

ALMEIDA, Maria da Conceição. **O Saber Antropológico:** complexidades, objetivações, desordens, incertezas. 1992. Tese (Doutorado em Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 1992.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.) **Introdução à lingüística:** domínios e fronteiras. v.1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p.21-47

AMORIM, Marília. **O Pesquisador e seu Outro.** Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2001. 304p.

_____. Vozes e Silêncio no Texto de Pesquisa em Ciências Humanas. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, n.116, p. 7-19, Julho. 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476p.

_____. **Problemas da poética de Dostoievski.** Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 275p.

_____. **Hacia una filosofia del acto ético.** De los borradores: y otros escritos. Rubi (Barcelona): Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997. 249p.

_____. **Para uma Filosofia do Ato.** Tradução inédita de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza de BAKHTIN, Mikhail. Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, 1993. 92p.

_____. **Questões de Literatura e de Estética.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. Discourse in the novel. In: **The Dialogic Imagination.** Four Essays by M.M. Bakhtin. Austin: University of Texas Press, 1994. p. 259-422.

BASTOS, Lúcia K.X.; BASTOS DE MATTOS, Maria Augusta. A Lingüística Aplicada e a Lingüística. **Trabalhos em Lingüística Aplicada.** Campinas, n. 22, p. 7-24, jul/dez. 1993.

BARCELOS, Ana Maria F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Lingüística Aplicada e ensino de línguas. **Linguagem & Ensino.** Pelotas, v. 7, n. 1, p.123-156, jan/jun. 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258p.

_____. **Amor Líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 192p.

BERTOLDO, Ernesto S. O discurso da divulgação científica da L.A. In: CORACINI, Maria José; BERTOLDO, Ernesto Sérgio (Orgs.) **O desejo da teoria e a contingência da prática**: discursos sobre e na sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p.117-144.

BOHN, Hilário I. Lingüística Aplicada. In: BOHN, H.I.; VANDRESEN, P. (Org.) **Tópicos de Lingüística Aplicada**. O Ensino de Línguas Estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

_____. A globalização, a interculturalidade e as propostas hegemônicas na política de ensino de línguas. In: **V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (Programa e Resumos)**. Porto Alegre: UFRGS/ALAB, 1998b. p. 64.

_____. Lingüística Aplicada e contexto brasileiro: reflexões e boa prática. In: **VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada: A Linguagem como Prática Social (Programa e Resumos)** Belo Horizonte: UFMG/ALAB, 2001. 1 CD ROM.

_____. As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em Lingüística Aplicada no Brasil. In: FREIRE, Maximina M.; ABRAHÃO, Maria Helena V.; BARCELOS, Ana Maria F. (Orgs) **Lingüística Aplicada e Contemporaneidade**. São Paulo: ALAB; Campinas: Pontes Editores, 2005. p. 11-23.

BOLOGNINI, Nelson Jr. A tradição etnográfica como regime de verdade na metodologia de pesquisa em L.A. In: CORACINI, Maria José; BERTOLDO, Ernesto S. (Orgs.) **O desejo da teoria e a contingência da prática**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 85-94.

BORTONI, Stela M. Situações dialógicas assimétricas: implicações para o ensino. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, n. 12, p. 1-10, jul/dez. 1988.

BRUMFIT, Christopher. Theoretical Practice: applied linguistics as pure and practical science. **AILA Review**. Applied Linguistics Across Disciplines. UK, n. 12, p. 18-30. 1995/6.

_____. How applied linguistics is the same as any other science. **International Journal of Applied Linguistics**. v. 7, n. 1, p. 120-122. 1997.

_____. Response to Rajagopalan. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 9, n. 1, p. 86-94. 1999.

BUBNOVA, Tatiana. Prefacio de la Traductora. In: BAKHTIN, M. **Hacia una filosofia del acto ético**. De los borradores: Y otros escritos. Rubi (Barcelona): Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997. p. 13-20.

CÂMARA Jr.; J.M. **História da Lingüística**. Rio de Janeiro, Vozes, 1975.

CASTRO, Vandarsi S. De que vêm se ocupando os lingüistas ultimamente. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas, n. 22, p. 25-31, jul/dez. 1993.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. A Propósito de Lingüística Aplicada. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas, v. 7, n. 2, p. 5-12, 1986.

_____. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em lingüística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, Luis Paulo (Org.) **Por uma Lingüística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 233-252.

_____. **Implicações éticas e políticas na pesquisa em Lingüística Aplicada: questões de Indisciplina**. Conferência de Abertura do I CONEL. Natal, RN, 14 a 16/11, 2007.

CAVALLIERI, Simone Regina Blanco. Algumas considerações sobre aspectos interacionais em sala de aula de crianças surdas. **IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (Anais)**. UNICAMP, Campinas, 1995. p. 203-211.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal o que é Lingüística aplicada? In: PASCHOAL, M.S.Z. de; CELANI, M.A.A. **Lingüística aplicada: da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15-23.

_____. Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.) **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Questões e Perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 129-142.

_____. Questões de ética na pesquisa em Lingüística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, v. 8, n. 1, p. 101-122, jan/jun. 2005.

COHEN, Andrew D. Metodologia de pesquisa em Lingüística Aplicada: mudanças e perspectivas. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas, n. 13. p. 1-13, jan/jun. 1989.

COLLINS, Heloísa. Educação à distância, interação e pensamento crítico. Conferência. In: **VII Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada: Lingüística Aplicada e contemporaneidade (Programa e Resumos)**, LAEL/PUC-SP/ALAB, São Paulo, 2004. p. 37.

CORACINI, Maria José. A questão da heterogeneidade nos discursos da Lingüística Aplicada e da sala de aula (LM e LE). In: **V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (Programa e Resumos)**. Porto Alegre: UFRGS/ALAB, 1998. p. 67-68.

CORACINI, Maria José.; BERTOLDO, Ernesto S. (Orgs.) **O desejo da teoria e a contingência da prática**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. 342p.

DOSSE, François. **O império do sentido: a humanização das Ciências Humanas**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

EVENSEN, Lars S. A Lingüística Aplicada a partir de um arcabouço com princípios caracterizadores de disciplinas e transdisciplinas. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.) **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 81-98.

FARACO, Carlos Alberto. Pesquisa Aplicada em Linguagem: alguns desafios para o novo milênio. **DELTA**. São Paulo, v. 17, n. Especial, p. 1-9. 2001.

_____. **Linguagem & Dialogo**. As idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba, PR: Criar Edições, 2003. 136p.

FREIRE, Maximina M.; ABRAHÃO, Maria Helena V.; BARCELOS, Ana Maria F. (Orgs) **Lingüística Aplicada e Contemporaneidade**. São Paulo: ALAB; Campinas: Pontes Editores, 2005. 352p.

FREITAS, Maria Teresa. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, Rio de Janeiro, n. 116. 2002.

_____. A pesquisa nas ciências humanas: um encontro entre sujeitos. In: **XI International Bakhtin Conference**. Curitiba, PR, 2003a.

_____. A Pesquisa na Perspectiva Sócio-Histórica: um dialogo entre paradigmas. In: **26ª Reunião Anual da ANPED**. v.1, p. 1-10. 2003b. 1 CD-Rom.

_____. A Perspectiva Sócio-Histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia. (Orgs.) **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003c. p. 26-38.

FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia. (Orgs.) **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003c.112p.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GERALDI, João Wanderley. A diferença identifica. A desigualdade deforma: percursos bakhtinianos de construção da ética através da estética. In: FREITAS, Maria Teresa; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia. (Orgs.) **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 39-56.

_____. Pesquisa em Linguagem na Contemporaneidade. In: **XI SETA**. IEL, Campinas, SP, 2005.

_____. **Depois do “show”, como encontrar encantamento?** (texto inédito), 2002.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Trad. De Raul Fiker. São Paulo, Ed. Da Unesp, 1991.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. Campinas: Autores Associados, 2001. 96p.

GOMES DE MATOS, Francisco. Nota sobre livro: MOITA LOPES, Luis Paulo. (Org). Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006. 279p. In: **DELTA**. São Paulo, v. 23, n. 1. 2007.

GRIGOLETTO, Marisa. Ideologia e processos identitários: o simbólico em questão. In: FREIRE, Maximina M.; ABRAHÃO, Maria Helena V.; BARCELOS, Ana Maria F. (Orgs) **Lingüística Aplicada e Contemporaneidade**. São Paulo: ALAB; Campinas: Pontes Editores, 2005. p. 53-63.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIMAN, Ângela, B. Introdução. E um início: a pesquisa sobre interação e aprendizagem. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas, n. 18, p. 5-14, jul/dez. 1991.

_____. O estatuto disciplinar da Lingüística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.) **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Questões e Perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 51-77.

_____. Diálogos truncados e papéis trocados: o estudo da interação no ensino de língua materna. **ALFA - Revista de Lingüística**. São Paulo, v. 37, p. 5-14. 1993.

KLEIMAN, Ângela B.; HENRIQUES, Eunice R.; CAVALCANTI, Marilda C. Anais do I Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. v. I – Língua Materna. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas: IEL/UNICAMP, n. 12. 1988.

_____. Anais do I Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. v. II – Língua Estrangeira. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas: IEL/UNICAMP, n. 13. 1989a.

_____. Anais do I Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. v. III – Tradução, Bilingüismo e Educação Bilingüe. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas: IEL/UNICAMP, n. 14. 1989b.

KLEIMAN, Ângela B.; CAVALCANTI, Marilda C. Anais do II Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas: IEL/UNICAMP, n. 16. 1990.

KLEIMAN, Ângela B.; CAVALCANTI, Marilda C.; ARROJO, R. IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas: IEL/UNICAMP, n. 24. 1994.

KUMARADIVELU, B. A Lingüística Aplicada na Era da Globalização. In: MOITA LOPES, Luis Paulo. (Org.) **Por uma Lingüística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.

LEFFA, Vilson J. A Lingüística Aplicada e seu compromisso com a sociedade. In: **VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada: A Linguagem como Prática Social (Programa e Resumos)** Belo Horizonte: UFMG/ALAB, 2001. 1 CD ROM.

LYOTARD, Jean François. **O pós moderno**. Trad. De Ricardo Correa Barbosa. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. Formação contínua de professores: conscientização e transformação da identidade profissional. In: **V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (Programa e Resumos)**. Porto Alegre: UFRGS/ALAB, 1998. p. 62.

MAZZOTTI, Alda Judith A.; GEWANDSZNADJER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Editora Pioneira, 1998. 203p.

MENDES, Paulo Eduardo. As teorias rediscutindo as práticas da alfabetização do surdo: oralidade, gestualidade e escrita. In: **IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (Anais)**. UNICAMP, Campinas, 1995. p.195-202.

MENEZES, Vera. O papel da internet na implementação de uma política de ensino de línguas estrangeiras. In: **V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (Programa e Resumos)**. Porto Alegre: UFRGS/ALAB, 1998. p. 64.

MOITA LOPES, Luis Paulo. Afinal o que é Lingüística Aplicada? **Intercâmbio**. São Paulo: PUC/LAEL, p.17-25. 1990.

_____. A pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**. São Paulo, v. 10, n. 2, p. 329-338. 1994.

_____. Contextos Institucionais em L.A.: novos rumos. **Intercâmbio**. São Paulo: PUC/LAEL, v.5, p. 3-14. 1996.

_____. A transdisciplinaridade é possível e Lingüística Aplicada? In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.) **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 113-128.

_____. Narrativa como processo de construção da identidade social em uma sala de aula de leitura de língua estrangeira. In: **V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (Programa e Resumos)**. Porto Alegre: UFRGS/ALAB, 1998b. p.61.

_____. **Stretching the boundaries of applied linguistics research or interrogating the field from within**. 2002.

_____. Padrões interacionais em sala de aula de língua materna: conflitos culturais ou resistência. In: COX, Maria Inês P.; ASSIS-PETERSON, Ana Antonia. (Orgs.) **Cenas de sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001a. p. 161-179.

_____. Discurso, corpo e identidade: masculinidade hegemônica como comunidade imaginada na escola. Conferência. In: **VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada: A Linguagem como Prática Social (Programa e Resumos)** Belo Horizonte: UFMG/ALAB, 2001b.

_____. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos lingüísticos. **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 159-171. 2004.

_____. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado. In: MOITA LOPES, Luis Paulo. (Org.) **Por uma Lingüística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial 2006a. 279p.

_____. Lingüística aplicada e vida contemporânea: problematizando os construtos que tem orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luis Paulo. (Org.) **Por uma Lingüística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 85-107.

_____. Linguagem como prática social: fazer pesquisa e fazer política. Conferência. **I CONEL**. Natal, RN, 14 a 16/11, 2007.

MORIN, Edgar. Problemas de uma epistemologia complexa. In: **O Problema Epistemológico da Complexidade**. Portugal: Publicações Europa – América, 1996.

MOYSES, M.A.A.; GERALDI, J.W.; COLLARES, C.A.L. As aventuras do conhecer: da transmissão à interlocução. **Educação & Sociedade**. Campinas: CEDES, ano XXIII, n. 78. 2002.

NAGEL, Ernest. **La estrutura de la ciencia**. Problemas de la lógica de la investigación científica. Buenos Aires; Paidós, 1974.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Bakhtin e a cultura contemporânea: sinalizações para a pesquisa em Lingüística Aplicada. **Revista ANPOLL**, n. 13, p. 105-121. 2002.

_____. **A lingüística aplicada hoje e o ensino de língua materna**. Conferência. Currais Novos / RN, 2006.

PAIVA, Vera Lúcia M. de O. Reflexões sobre ética e pesquisa. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, v.5, n.1, p. 43-61. 2005.

PENNYCOOK, Alastair. A Lingüística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.) **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 23-49.

_____. Lingüística Aplicada Pós-Occidental. In: CORACINI, Maria José; BERTOLDO, Ernesto S. (Orgs.) **O desejo da teoria e a contingência da prática**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 21-59.

_____. Uma Lingüística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, Luis Paulo (Org.) **Por uma Lingüística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma Lingüística Crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 143p.

_____. Repensar o papel da Lingüística Aplicada. In: MOITA LOPES, Luis Paulo (Org.) **Por uma Lingüística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.149-168.

_____. Tuning up amidst the din of discordant notes: on a recent bout of identity crisis in applied linguistics. **International Journal of Applied Linguistics**. v. 9, n. 1, p. 99-119. 1999.

RAMOS, Jânia. A Lingüística Aplicada e sua Busca de Autonomia. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas, n. 22, p. 33-39, jul/dez. 1993.

RAMPTON, Ben. Retuning in applied linguistics. **International Journal of Applied Linguistics**. v. 7, n. 1, p. 3-25. 1997.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 189-195. 1999.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Linguagem e surdez: perspectivas interacionistas. In: **IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (Anais)**. UNICAMP, Campinas, 1995. p.189-194.

ROMANO, Roberto. A crise dos paradigmas e a emergência da reflexão ética, hoje. **Educação & Sociedade**. Campinas: CEDES, ano XIX, n. 65, p. 65-100. 1998.

SANTOS, Boaventura Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989. 176p.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003. 92p.

_____. (Org.) **Conhecimento Prudente para uma vida decente**. Um discurso sobre a ciência revisitado. São Paulo: Cortez, 2004a. 821p.

_____. **Do pós-moderno ao pós-colonial**. E para além de um e outro. Conferência de Abertura do VII Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004b.

_____. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007. v. 1, 415p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística geral**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

SCHNITTMAN, Dora Fried. (Org.) **Novos paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 294p.

SCHERER, Amanda. A história e a memória da constituição do discurso da lingüística aplicada no Brasil. In: CORACINI, Maria José; BERTOLDO, Ernesto S. (Orgs.) **O desejo da teoria e a contingência da prática**. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 61-83.

SERRANI, Silvana M. Transdisciplinariedade e Discurso em Lingüística Aplicada. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas, n. 16, p. 39-45, jul/dez. 1990.

SERRANI-INFANTE, Silvana. Papel das identificações na produção-compreensão em Língua Estrangeira. In: **V Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada (Programa e Resumos)**. Porto Alegre: UFRGS/ALAB, 1998. p. 69-70.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Lingüística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.) **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 99-110.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto (Orgs.). **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. 215p.

STREVENS, Peter. What are Applied Linguists and What Do They Do? In: KAPLAN, R.B. (Ed). **On the Scope of Applied Linguistics**. Rowley, MA, N. House, 1980.

TERZI, Sylvia B. A interação em sala de aula e sua influência no esquema de perguntas e respostas das crianças. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas, n. 16, p. 115-125, jul/dez. 1990.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

ZAVALA, Íris M. Prólogo. In: BAJTIN, Mijail M. **Hacia una filosofía del acto ético**. De los borradores: Y otros escritos. Rubi (Barcelona): Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997. p. 7-11.

WIDDOWSON, H.G. Coming to terms with reality: applied linguistics in perspective. **AILA Review**. Applied linguistics for the 21st century. n. 14, p. 2-17. 2003.

WILLIAMS, R. Marxism and literature. In: PENNYCOOK, Alastair. A Lingüística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês;

CAVALCANTI, Marilda C. (Org.) **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade:** questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.